



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO ARTES E LETRAS - FACLE
COORDENADORIA DO MESTRADO EM LETRAS



BIANCA CAVICHIA DESIDÉRIO

**O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO DO MIGRANTE: ALGUNS CASOS DA
CIDADE DE DOURADOS – MS**

DOURADOS – MS

2012



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO ARTES E LETRAS - FACLE
COORDENADORIA DO MESTRADO EM LETRAS



BIANCA CAVICHIA DESIDÉRIO

**O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO DO MIGRANTE: ALGUNS CASOS DA
CIDADE DE DOURADOS – MS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados/Mestrado em Letras – Área de Concentração em Linguística e Transculturalidade –, como requisito parcial para obtenção do título de mestre, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti.

**DOURADOS – MS
2012**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central - UFGD

401.41 Desidério, Bianca Cavichia.
D457s O sentimento de pertencimento do migrante : alguns casos da cidade de Dourados – MS / Bianca Cavichia Desidério. – Dourados, MS : UFGD, 2012.
122 f.

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Grande Dourados.

1. Análise do discurso – Dourados. 2. Semiótica - Linguagem. 3. Discurso de imigrante. I. Título.



Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Letras: Linguística e Transculturalidade

Dissertação intitulada “*O sentimento de pertencimento do migrante: Alguns casos da cidade de Dourados – MS*”, de autoria da mestranda Bianca Cavichia Desidério, a passar pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Presidente e orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rita de Cássia A. Pacheco Limberti – UFGD

1º membro examinador (Titular): Prof. Dr. Geraldo Vicente Martins – UFMS

2º membro examinador (Titular): Prof. Dr. Paulo Sérgio Nolasco dos Santos – UFGD

3º membro examinador (Suplente): Prof^ª. Dr^ª. Maria Ceres Pereira – UFGD

Dedico...

Aos meus pais... Pelo constante suporte e a incondicional crença. Minha gratidão, minha admiração, meu amor. Sempre.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Rita de Cássia A. Pacheco Limberti, que despertou em mim, ainda nos meus anos de graduação, o fascínio e a paixão pelos estudos (e, especialmente, pela Semiótica).

Ao Prof. Dr. Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, por todas as valiosas contribuições oferecidas em minha banca de qualificação. Agradeço, também, por dispor-se a compor a banca de defesa.

À Prof^a. Dr^a. Maria Ceres Pereira, minha gratidão por sua participação em minha banca de qualificação, bem como por suas importantes contribuições e indicações.

Ao Prof. Dr. Geraldo Vicente Martins, por dispor-se a participar da banca de defesa.

À Prof^a. M^a Maria das Dores Capitão Vigário Marchi, que foi minha orientadora de Iniciação Científica. Obrigada por direcionar meus primeiros passos no âmbito acadêmico.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de uma bolsa, incentivando, assim, a pesquisa em questão.

Ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal da Grande Dourados, por permitir-me trabalhar com as narrativas orais que compõem o corpus da pesquisa.

Ao Grupo de Estudos sobre Território e Reprodução Social (TERRHA), por integrar-me, durante meus anos de graduação, às suas discussões e trabalhos.

Aos informantes da pesquisa, por concederem seus tempos e suas histórias.

E aos meus pais, que em momento algum mediram esforços para estimular em mim a paixão pelos estudos e a disciplina para perseguir e concretizar meus planos. Pelo apoio incondicional, minha imensurável gratidão.

[...] como analisar o devir das formas do sentido socialmente vivas sem ser sequer um pouco “sensível”, sem ter, antes mesmo de empreender a análise metódica, ao menos uma certa compreensão intuitiva, sem sentir do interior o que está em jogo “no que se passa”, e sem ser de algum modo, ao mesmo tempo, afetado?

(LANDOWSKI, 2005, p. 53).

RESUMO

DESIDÉRIO, Bianca Cavichia. **O sentimento de pertencimento do migrante: Alguns casos da cidade de Dourados – MS.**

A pesquisa intitulada “O sentimento de pertencimento do migrante: Alguns casos da cidade de Dourados – MS” tem por objetivo analisar os relatos de descendentes de italianos – residentes em bairros da cidade de Dourados – que, vindos de regiões diversas, fixaram raízes na cidade sul-mato-grossense. A análise tem por foco a observação dos processos discursivos que apontam o grau de pertencimento (e/ou não-pertencimento) experimentado por um *estrangeiro*, isto é, por uma pessoa que há anos vive em um local diferente e distante daquele que lhe é de origem. É possível perceber, nos discursos desses informantes, traços de um forte elo que eles mantêm tanto com seus lugares de origem, como com um lugar cristalizado nas histórias de seus antepassados e com o espaço que hoje sustenta suas práticas. Tendo em mente, pois, a heterogeneidade que constitui não somente a base da formação de Dourados, mas que também perpassa o cerne de cada sujeito que fixou suas práticas e raízes nessa cidade, é que o trabalho busca, com o auxílio da semiótica, observar nos discursos dos sujeitos narradores como se dá a contínua (re)organização simbólica de suas identidades. São, portanto, fundamentais à realização da análise das narrativas as contribuições teóricas de autores como Algirdas Julien Greimas, Eric Landowski, Jacques Fontanille, José Luiz Fiorin, Diana Luz Pessoa de Barros, entre outros estudiosos da linguagem. Acredita-se que a pesquisa criará, também, possibilidades de observação das relações de alteridade estabelecidas entre sujeitos, bem como os seus modos de articulação.

Palavras-Chave: Identidade; Manifestações orais; Semiótica; Discurso.

ABSTRACT

DEIDÉRIO, Bianca Cavichia. **The belonging feeling of the migrant: Some cases from Dourados – MS.**

The research entitled “The belonging feeling of the migrant: Some cases from Dourados – MS” has the main purpose of analyzing the narratives from Italian descendents – living at different areas of Dourados – whom, coming from different parts of the country, settled their roots in this southern town of the state of Mato Grosso do Sul. The analyses intends to observe the discursive processes that point to the different levels of belonging (or/and not belonging) experimented by a *foreigner*, that is, a person whom has lived, for several years, in a distant place from where his origin is. It is possible to visualize, through the narrators’ discourses, traces of a strong bond they maintain not only with the places they originally came from, but, also, with a place built and fixed in the stories of their ancestors, as well as with the space that sustains their practices nowadays. Having in mind, therefore, the heterogeneity which constitutes, both, the base of Dourados’ foundation and the innermost of each person who has fixed his roots in here, this paperwork seeks to observe in the narrators’ discourse the continuous symbolic (re)organization of their identities. For such purposes, the analyses will be based on the French semiotics theory. The theoretical contributions from authors such as Julien Algirdas Greimas, Jacques Fontanille, Eric Landowski, José Luiz Fiorin, Diana Luz Pessoa de Barros, will be essential to the analyses ‘development. We believe this research will create the opportunity to contemplate the *otherness* relations established between individuals, as well as their articulation means.

Keywords: Identity; Oral manifestations; Semiotics; Discourse.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1: O aparato teórico-metodológico da teoria semiótica: Algumas considerações	16
1. Introdução aos objetos de interesse da semiótica.....	16
2. Saussure, Hjelmslev e Propp: Antecessores da teoria greimasiana.....	21
2.1. O percurso gerativo do sentido.....	25
2.2. O quadrado semiótico.....	27
3. O surgimento de novas necessidades: O desenvolvimento da semiótica das paixões.....	30
3.1. Um breve parêntese: Ethos e as marcas do sujeito (e do sentimento) no ato enunciativo.....	33
4. As atuais leituras da semiótica de linha francesa: Landowski e a sociossemiótica.....	34
CAPÍTULO 2: Contextualização	38
PARTE I – Uma digressão pertinente: Alguns aspectos históricos, culturais e identitários	39
1. A Itália e a prática migratória.....	41
2. Itália: Um país de emigrantes.....	42
3. A presença dos italianos em terras brasileiras: Dos grandes centros ao interior.....	45
PARTE II – As formas de percepção da alteridade: Uma análise da noção de estrangeiro	48
1. Definições à parte, façamos um outro percurso.....	48
2. A identidade em situação de interação: Um espaço de assimetrias.....	49
3. A diferença como condição de existência.....	51
4. A constituição do <i>estrangeiro</i> pelos caminhos da manipulação.....	52
5. As formas de relação entre identidade e alteridade.....	54
6. Os investimentos axiológicos para o termo <i>estrangeiro</i>	57

CAPÍTULO 3: Um olhar sobre o <i>corpus</i>	62
PARTE I – Mas antes... Alguns esclarecimentos.....	65
1. A identidade do migrante.....	65
2. Os informantes, os métodos de coleta e as narrativas.....	70
2.1. Informante I.....	72
2.2. Informante II.....	78
2.3. Informante III.....	85
2.4. Informante IV.....	91
PARTE II – O lugar das interseções e disjunções: Analisando os depoimentos como um todo.....	99
1. O simulacro do <i>Imigrante</i>	101
2. Lugares, espaços, tempos: Ferramentas para a construção da presença do sujeito para si e para outrem.....	107
2.1. Onde os sujeitos realmente <i>estão</i> ?.....	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS	120
ANEXOS	123

INTRODUÇÃO

Aqui eu constituí a minha família, aqui eu constituí os meus amigos, aqui muitos já me consideram inimigo, aqui a vida flui e aqui eu quero morrer (Trecho retirado da fala do *informante II*)

O advérbio de lugar (aqui) tão reforçado na epígrafe dessa *Introdução* refere-se à cidade de Dourados, estado de Mato Grosso do Sul. Um lugar que, em decorrência de sua rica história de migrações, bem como de sua privilegiada localização geográfica em uma região de fronteira, revela-se um micro-universo no qual se manifestam relações várias entre os diversos grupos étnicos que o compõem. São relações produtoras de sentidos que estão fortemente vinculados ao sentimento de identidade; um sentimento que transborda pelos contornos do discurso e que ganha vida através da linguagem, uma vez que “a identidade de um povo, seja radicado no solo pátrio, seja espalhado num mundo globalizado, foi e continua a ser discursivamente construída em narrativas diversas” (RAMALHO; SOUZA RIBEIRO, 2001, p. 18).

Observando o mosaico étnico que foi historicamente se instaurando no estado de Mato Grosso do Sul (e, em específico, na cidade de Dourados) – e que culminou com a notável presença de paraguaios, japoneses, italianos, libaneses, índios, portugueses, bolivianos – percebe-se uma heterogeneidade que constitui não somente a base do processo de formação deste espaço, mas que também perpassa o cerne, que atravessa a identidade de cada sujeito, nativo ou *estrangeiro*, que aqui fixou suas raízes. Nota-se, pois, a presença de identidades individuais que, postas em oposição em relação a uma alteridade, vão se (re)configurando e assumindo a condição de construções simbólicas.

Tendo esse heterogêneo panorama cultural em mente é que serão analisados os relatos orais de quatro informantes, coletados e transcritos sob o mesmo critério entre os meses de maio e agosto de 2011, e com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O interesse por trabalhar com relatos orais de etnias diversas nasceu ainda na graduação, através de um trabalho de Iniciação Científica (CNPq/PIBIC/UFGD) vinculado, à época, ao *Grupo de Estudos sobre Território e Reprodução Social (TERRHA)*, da Universidade Federal da Grande Dourados. A oportunidade de dialogar com as pesquisas desenvolvidas por um grupo interdisciplinar que esmera-se sobre questões regionais, culturais e interculturais fez aflorar um desejo por continuar a averiguar, através de manifestações orais de descendentes de italianos

que para cá migraram em momentos vários, as maneiras como diversos contextos individuais entrelaçam-se às experiências coletivas da cidade de Dourados. O exame semiótico das marcas enunciativas do sentimento de pertencimento (ou/e não-pertencimento) desses sujeitos surge, assim, como um meio de se apreender a essência simbólica de identidades que são desconstruídas, e reconstruídas, a cada contato com a alteridade.

Quanto à apresentação do *corpus*, os discursos dos quatro sujeitos informantes foram transcritos na íntegra, e estão apresentados (nos anexos) dentro do seguinte padrão de formatação: palavras ou frases que não puderam ser transcritas – por problemas de áudio em algumas partes das gravações – foram representadas por um sinal de interrogação colocado entre parênteses (?); para as pausas momentâneas nas falas dos informantes – ou seja, breves quebras na continuidade de suas construções – foram empregadas as reticências (...); utilizou-se a caixa alta para marcar a ênfase que os sujeitos colocavam em certos momentos de suas falas, seja para indicar tristeza, seja para indicar alegria, saudade, surpresa. E, por fim, com vistas a evitar que as identidades dos sujeitos fossem reveladas, certos nomes citados no decorrer das entrevistas foram elididos. Vale ressaltar, que por esse mesmo motivo, os sujeitos da pesquisa foram referidos como *informantes I, II, III e IV*.

É importante salientar que a proposta aqui colocada de desenvolver um trabalho com descendentes de italianos residentes no município douradense não se baseia sobre um grande *corpus* (isto é, em se tratando de dimensão quantitativa), composto por dezenas de narrativas, afinal, o levantamento quantitativo a respeito da presença desta etnia no estado de Mato Grosso do Sul, e em específico na cidade de Dourados, já fora realizado, apontando para significativos números. Nota-se, ao contrário, que sua presença neste espaço é marcada não somente por números, mas, especialmente, por aquilo que Eric Landowski (2002, p.21) denomina de formas de resistência (de *querer resistir*). Resistir, segundo o autor, às especificidades culturais próprias à identidade coletiva oposta – neste caso, a sul-mato-grossense. Uma resistência que não se refere tanto a uma reação de um grupo minoritário contra uma força opressora, e, sim, a uma demonstração de persistência, de apego. Povo de essência e tradição cultural emigratória, os italianos passaram por um múltiplo processo de intercâmbios, assimilando, segregando, admitindo ou negando as práticas e configurações culturais da alteridade que os circunda, sem nunca deixar, no entanto, de recorrer, de uma forma ou de outra, às suas raízes. É justamente este apego, este sentimento de pertença, que pode ser observado nos discursos e práticas das gerações

subsequentes – como, por exemplo, as gerações presentes no município douradense –, e as quais deixam transparecer o forte elo que ainda mantêm com sua cultura de origem.

Seja na forma de colônias, de festas típicas ou de associações, observa-se que o povo italiano encontrou suas maneiras de resistir à uniformização, à completa laminagem de traços identitários que outrora já compunham a identidade italiana de seus ancestrais – e os quais compõem hoje, em maior ou menor grau, as identidades desta geração de descendentes.

A base teórico-metodológica elegida para dar sustento às análises propostas é a da semiótica de linha francesa (ou, semiótica greimasiana). O aparato teórico da semiótica revela-se pertinente ao desenvolvimento desta pesquisa uma vez que, como afirma Barros (2001, p. 13), ele se revela como uma profícua ferramenta para se tentar “determinar as condições em que um objeto se torna significante para o homem”. A semiótica, deste modo, oferece mais do que técnicas e métodos complexos e rígidos de análise interna do texto; seu aparato transcende seu objeto de análise, e extrapola os contornos que ela própria traça do sujeito e de sua identidade (LIMBERTI, 2009, p. 21).

As contribuições de estudiosos como Eric Landowski e Jacques Fontanille serão também essenciais às discussões, já que suas releituras do conjunto teórico greimasiano possibilitaram à semiótica expandir seus domínios. O trato dos estados patêmicos que atravessam as relações e experiências do sujeito, bem como o exame de uma dimensão sensível do sentido – dimensão apreendida no ato, nas práticas cotidianas –, tornam-se, pois, lentes que moldarão nosso olhar sobre os discursos dos informantes.

Com o objetivo de dar conta das problemáticas aqui elencadas, a presente dissertação foi estruturada de maneira que no primeiro capítulo são abordados alguns dos aspectos teórico-metodológicos da teoria semiótica, os quais servirão de base para as análises das narrativas selecionadas para compor o *corpus* da pesquisa. Neste capítulo buscou-se traçar um panorama diacrônico dos estudos semióticos, tendo por horizonte o enfoque dos conceitos e modelos primordiais da semiótica de linha francesa, bem como a compreensão da herança heurística que os trabalhos de estudiosos como Ferdinand de Saussure, Louis Hjelmslev e Vladimir Propp deixaram para uma geração de pesquisadores que, mais tarde, viria a construir uma sólida base científica para a teoria semiótica.

Seguindo a discussão de cunho teórico exposta no primeiro capítulo, far-se-á uma breve incursão na rica história de migrações – e hibridizações – do povo italiano. O capítulo dois deste

trabalho está dividido em duas partes que se complementam reciprocamente: na primeira parte, é lançado um olhar sobre os itinerários dos imigrantes italianos e sobre seus caminhos em terras brasileiras (chegando ao então sul do estado de Mato Grosso). A intenção é, neste ponto, tentar visualizar a constituição histórica da essência itinerante deste povo, bem como contemplar a delimitação de um lugar tão recorrente nas falas dos sujeitos informantes; um lugar cristalizado em imagens romantizadas que vão sendo engendradas discursivamente. Para alcançar tal propósito, buscar-se-á mesclar essa tentativa de reconstituição histórica a alguns aspectos abordados no âmbito dos Estudos Culturais. Com base, sobretudo, nas discussões de autores como Stuart Hall, Néstor Garcia Canclini, Maura Penna, entre outros, serão examinadas questões como a diáspora – e o conseqüente processo de hibridização que daí se desprende –, a memória, a identidade, a alteridade. Já na segunda parte deste mesmo capítulo é colocado sob enfoque o conceito de *estrangeiro*. O que se buscou explicar com esta discussão de cunho teórico foi a relação entre o conceito de *estrangeiro* e as diferentes formas de articulação possíveis da relação entre um Nós e seu Outro.

Ao fim deste percurso, no capítulo três, são realizadas as análises das narrativas. Neste último capítulo, novamente, as discussões encontram-se estruturadas em dois momentos distintos. Em um primeiro momento é apresentado ao leitor o *corpus* sobre o qual a presente pesquisa baseia-se, seguido por uma descrição detalhada dos procedimentos que nortearam o registro das histórias orais. O que se busca é, pois, a reconstituição de importantes dados do contexto de produção dos discursos dos informantes, uma vez que para a análise que aqui se pretende fazer (semiótica) o exame das condições de produção é tão necessário quanto o exame dos mecanismos internos de funcionamento do texto. Para finalizar o trabalho, portanto, partir-se-á para a análise das narrativas selecionadas, com a qual pretende-se descortinar, através do discurso, um dos vários segmentos, das várias manifestações de alteridade que moldam o multifacetado cenário douradense.

CAPÍTULO I

O APARATO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA SEMIÓTICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

1. Introdução aos objetos de interesse da semiótica

Todo parecer é imperfeito: oculta o ser; é a partir dele que se constroem um querer-ser e um dever-ser, o que já é um desvio do sentido. Somente o parecer, enquanto o que pode ser – a possibilidade –, é, vivível (GREIMAS, 2002)

Parece pertinente iniciar o capítulo desta dissertação dedicado à abordagem dos conceitos e métodos da teoria semiótica, os quais servirão de suporte para a posterior análise do *corpus* selecionado, com uma citação do semioticista lituano Algirdas Julien Greimas, que faz em sua obra, *Da Imperfeição* (2002), uma referência indireta ao interesse maior da Semiótica: o parecer do sentido. Como afirma Lara & Matte (2002, p. 340), “a semiótica, inspirada na fenomenologia, se interessa pelo ‘parecer’ do sentido, que se apreende por meio das formas de linguagem e, mais concretamente, dos discursos que o manifestam”. Assim, o sentido que assume o papel de objeto de interesse da Semiótica não é aquele acabado, apreendido sempre em uma suposta – e inverídica – completude, ou seja, um sentido enquanto produto; ele é, ao contrário, essencialmente incompleto. Segundo Bertrand (2003, p. 21), a semiótica trata de uma “abordagem relativista de um sentido, se não sempre incompleto, pelo menos sempre pendente nas tramas do discurso”. Um sentido que é, afinal, uma matéria amorfa sempre atravessada por tensões¹ e direções, e a qual a semiótica se esforça para organizar e tornar inteligível (FONTANILLE, 2008, p. 31).

Em alguns manuais é possível observar definições um tanto vagas para esta ciência denominada semiótica; tratam-se, em várias ocasiões, de definições que a descrevem simplesmente como a teoria dos signos, ou ainda, a disciplina que estuda os sistemas de signos.

¹ Jacques Fontanille (2008, p. 31) emprega o termo *tensão* no sentido de “tender a algo”, ou seja, no sentido de “potencialidade”. Para o semioticista francês, um objeto ou uma prática qualquer produz um efeito de sentido identificável quando possui o que ele denomina de *morfologia intencional*.

Contudo, como bem aponta Jacques Fontanille (2008, p. 29), “o campo de exercício empírico da semiótica é o discurso, e não o signo: a unidade de análise é um texto, seja ele verbal ou não-verbal”. O signo, descrito pelo genebrino Ferdinand de Saussure como a união entre duas faces, um significado (conceito) e um significante (imagem acústica), não pode ser apreendido fora de sua intrínseca relação com a *significação*. Para o dinamarquês Louis Hjelmslev, por exemplo, o signo não pode ser considerado desprendido de sua significação, a qual – como se verá mais adiante – desenrola-se na articulação entre os planos da expressão e do conteúdo²; fazê-lo implicaria desconsiderar sua *função semiótica*³. Dessa maneira:

Se se deixasse na análise do texto, de considerar a função semiótica, não se poderia delimitar os signos, e não se poderia de modo algum proceder a uma descrição exaustiva do texto - e, por conseguinte, tampouco uma descrição empírica no sentido que aqui lhe atribuímos – respeitando as funções que o estabelecem. Em suma, não teríamos um critério objetivo que pudesse ser utilizado como base para a análise (HJELMSLEV, 2009, p. 54-55).

Surge, neste ponto, a necessidade de investir atenção em três conceitos fundamentais para a real compreensão dos mecanismos de teorização e análise que fundamentam a teoria semiótica, e, conseqüentemente, o estudo proposto para este trabalho. São eles: *texto*, *discurso* e *significação*. Esses conceitos apresentam variações diversas as quais decorrem das variadas vertentes linguísticas que os manuseiam, e, como será exposto a seguir, estão inevitavelmente conectados uns aos outros.

Segundo Barros (2007, p. 7), a semiótica insere-se no quadro das teorias que se ocupam com o texto, e assume o papel de “descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz”. Esse objeto, por sua vez, define-se por duas formas complementares e não-excludentes: ele é definido por ser tanto um *objeto de significação* como um *objeto de comunicação* (*Ibidem*, p. 7). Considerando a primeira definição, o texto é examinado em seus mecanismos e procedimentos de estruturação, os quais o compõem como um todo de sentido. O exame do texto enquanto este objeto de significação encaixa-se em uma descrição denominada de *análise interna* ou *estrutural* do texto, a qual é foco de atenção de várias teorias, entre elas a semiótica. Em contigüidade (e não paralelamente!) a esta primeira definição, o texto, analisado

² Falar em plano da expressão e plano do conteúdo equivale, respectivamente, ao significante e ao significado, da terminologia saussuriana que designa as duas faces do signo linguístico.

³ Hjelmslev chama de *função semiótica* justamente essa relação que existe entre a forma da expressão e a forma do conteúdo, relação esta que, constituível de signos, é criadora de sentido.

como objeto de comunicação – entre sujeitos –, fixa-se nas práticas culturais de uma sociedade, sendo, pois, determinado por formações ideológicas específicas. Esse segundo ponto de vista é denominado de *análise externa* do texto, a qual busca construir seu(s) sentido(s) sempre o relacionando ao contexto sócio-histórico que o circunda.

Vistas separadamente, as duas definições de texto podem cair tanto em um reducionismo excessivo, por não considerar o contexto extra verbal como parte dos mecanismos de organização textual e, conseqüentemente, de produção de sentidos, como em uma subjetividade desmedida. Para o desenvolvimento das análises neste trabalho, no entanto, o texto será examinado na articulação de suas duas faces, afinal:

[...] o texto só existe quando concebido na dualidade que o define – objeto de significação e objeto de comunicação – e, dessa forma, o estudo do texto com vistas à construção de seu ou de seus sentidos só pode ser entrevisto como o exame tanto dos mecanismos internos quanto dos fatores contextuais ou sócio-históricos de fabricação do sentido (BARROS, 2007, p. 8).

O texto deve, afinal, ser inserido no contexto das *esferas da criatividade ideológica*⁴, as quais lhe atribuem sentidos.

A acepção de discurso, por sua vez, não escapa às ambigüidades e confusões geradas tanto pelo número considerável de teorias que dela fazem uso, quanto por algumas questões linguísticas⁵. Observa-se que a linha que separa as noções de *texto* e de *discurso* pode mostrar-se um tanto tênue. Para o viés semiótico sobre o qual este trabalho está baseado, no entanto, o discurso está bem delineado. A semiótica define o discurso como sendo “uma instância de análise na qual a produção, isto é, a enunciação, não poderia ser dissociada de seu produto, o enunciado” (FONTANILLE, 2008, p. 86). Essa acepção caminha em sentido contrário àquela que vê o discurso como um mero conjunto de frases, e que se interessa unicamente pela análise das unidades isoladas, buscando generalizá-las para, então, configurá-las em um sistema.

Vale fazer um breve parêntese para explicitar este outro conceito, tão importante à compreensão da noção de discurso exposta acima: trata-se da *enunciação*. A enunciação deve ser pensada enquanto ato; ela é, aliás, “o ato produtor do enunciado” (FIORIN, 2010, p. 31) e, por esse motivo, não pode ser dissociada deste último. A enunciação é, pois, uma instância linguística, logicamente pressuposta pela própria existência do enunciado, através da qual a

⁴ Expressão empregada pelo pensador soviético Mikhail Bakhtin, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2009).

⁵ Certas línguas européias, por não possuírem equivalente para a palavra franco-inglesa *discurso*, foram levadas a substituí-la por *texto* e a falar de linguística textual (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 144).

língua é posta em funcionamento na forma de atos individuais que irão instaurar o sujeito da enunciação *no* discurso. O discurso, por seu turno, apresenta marcas que permitem recuperar a enunciação e, por conseguinte, o sujeito, afinal, “chega-se ao sujeito pelo caminho do discurso” (BARROS, 2007, p. 82). Dessa maneira, o exame da enunciação enquanto instância pressuposta pelo discurso se dá por meio de duas perspectivas que se complementam mutuamente: por meio de uma análise interna de certos elementos (de pistas) que estão espalhados no texto, denominada de *análise de dentro para fora*; e por meio de um exame que a coloca (a enunciação) em relação estrita com os elementos contextuais, esta, denominada de *análise de fora para dentro*. É importante ressaltar que, independentemente de qualquer perspectiva de exame, a enunciação é sempre a instância de mediação que permite a discursivização da língua, ou, “que converte as estruturas virtuais da língua em discurso” (VOLLI, 2007, p. 138).

Por muito tempo a semiótica foi fortemente criticada pela ausência, em sua abordagem, da enunciação, fato que, por consequência, resultava na ausência do tratamento do já citado sujeito da enunciação. Uma prática que se mostrava recorrente nos trabalhos de alguns semioticistas era um distanciamento do importante – e inevitável – elo que se institui entre o discurso e o seu sujeito. Esse panorama, todavia, não perdurou, já que entre o final da década de 1960 e os primeiros anos de 1970 “a semiótica foi, progressivamente, integrando em seu quadro, as contribuições da lingüística da enunciação” (LARA & MATTE, 2009, p. 344), e somando à análise das articulações internas do texto (até então, foco maior de sua atenção) as operações de discursivização, “[...] que, dessa forma, reintroduz o sujeito do discurso e a dimensão intersubjetiva da interlocução” (*Ibidem*).

Nota-se, deste modo, que as noções de texto e de discurso recobrem, na realidade, os mesmos fenômenos, quais sejam, os processos e mecanismos (internos e externos) de produção de sentidos. Todavia, é possível observar que ambas operam partindo de pontos de vista distintos em relação à *significação*.

Abordadas as acepções de *texto* e *discurso*, passemos, então, ao tratamento do termo *significação*, o qual é o conceito-chave em torno do qual se organiza toda a teoria semiótica (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 458), não devendo ser confundido com o conceito de *sentido*. A significação concretiza-se pelos atos do discurso e:

[...] diz respeito a uma unidade, não importa qual seja seu tamanho – lembremos que para nós a unidade ideal é o discurso –, e repousa na relação entre um elemento da expressão e um elemento do conteúdo [...] Assim como a noção de “direção” é

indissociável do sentido, a noção de articulação é, por definição, relacionada à significação (FONTANILLE, 2008, p. 32).

A significação pode ser definida, portanto, como o sentido articulado. Ela repousa na articulação da relação que acaba por produzir a semiose, ou seja, na relação entre os dois planos da linguagem, o plano da expressão e o plano do conteúdo. Para Greimas & Courtés (2008, p. 447), a semiose concerne à “operação que, ao instaurar uma relação de pressuposição recíproca entre a forma da expressão e a do conteúdo [...] produz signos”; trata-se da própria função semiótica, isto é, do processo de produção do sentido. Assim sendo, a significação – tanto quanto a enunciação – também está diretamente relacionada ao uso, ao sentido vivo, enfim, ao sentido no ato, e pode, inclusive, ser parafraseada como “a produção do sentido” (*Ibidem*, p.459).

Elucidados alguns dos conceitos de base da teoria semiótica, e antes de adentrá-la com maiores minúcias – e os objetos, conceitos e métodos que dela serão de suma importância à análise –, vale delinear um rápido panorama acerca de seu surgimento, consolidação e ramificações. As posteriores análises presentes neste trabalho, como já foi apontado na **Introdução**, basear-se-ão no aparato teórico da semiótica francesa (igualmente conhecida por semiótica greimasiana⁶), a qual encontra suas raízes nos estudos estruturalistas e formalistas da língua, fato que, para muitos, acaba por incluir os estudos semióticos em uma espécie de núcleo duro da linguística. Lucia Teixeira (prelo) procura justificar este *status*, que foi atribuído à semiótica ao afirmar que:

A semiótica, com seu gosto pela terminologia e os conceitos e seu apego à formulação de modelos de análise, acaba por tratar com rigor e minúcia o texto que se apresenta diante do analista e poderia mesmo ser considerada uma espécie de núcleo duro da chamada linguística mole (TEXEIRA, prelo).

Este gosto pela terminologia e pela formulação de modelos de análise, ao qual Teixeira refere-se, é herança dos trabalhos de estudiosos como Ferdinand de Saussure, Louis Hjelmslev e Vladimir Propp, os quais serviram de fio condutor para as posteriores releituras de pesquisadores tais quais Claude Lévi-Strauss, Roland Barthes e, sobretudo, Greimas, que “foi, desde o início de 1960, o verdadeiro continuador de Hjelmslev e de Saussure no estudo das significações” (HÉNAULT, 2006, p. 98). Como o trabalho de análise proposto para esta dissertação estará baseado, sobretudo, em alguns dos modelos de Greimas, bem como nas leituras mais atuais de sua teoria – Eric Landowski, José Luiz Fiorin, Diana Luz Pessoa de Barros –, cabe, aqui, fazer

⁶ Uma alusão ao seu fundador, o lituano Julien Algirdas Greimas.

referência às bases teóricas que impulsionaram a teoria semiótica na direção de suas atuais preocupações e variações.

2. Saussure, Hjelmslev e Propp: Antecessores da teoria greimasiana

A semiótica greimasiana, a qual passou a ganhar projeção a partir do final da década de 1960, é frequentemente associada à rigidez e a um suposto caráter estruturalista e restritivo de alguns de seus modelos de teorização e análise. O *quadrado semiótico* e o *esquema narrativo canônico*, por exemplo, que são os modelos estandartes que dão corpo àquilo que se convencionou denominar de semiótica clássica (LARA & MATTE, 2009, p. 349), são, por vezes, apontados como estruturas de análise estáticas e sem dinamismo. A realidade, no entanto, é outra.

Para compreender esses modelos, tão caros à análise semiótica, é necessário recorrer às fontes das quais Algirdas Julien Greimas bebeu para, então, elaborá-los; é necessário, portanto, retornar a alguns dos apontamentos de estudiosos como Ferdinand de Saussure, Louis Hjelmslev e Vladimir Propp, para, assim, melhor entendermos qual, de fato, foi o projeto científico de Greimas, quem tinha o intuito de:

[...] deslocar o esforço de pesquisa das estruturas superficiais, frásticas e interfrásticas que constituem o objeto da semiótica propriamente dita para as estruturas transfrásticas, que assegurariam, em um nível mais profundo, a coerência do discurso (HÉNAULT, 2006, p. 131).

Nota-se que, ao contrário de Ferdinand de Saussure, Greimas dedicou sua atenção à elaboração de formas de análise que pudessem tomar o significado como objeto de um estudo sistemático. Enquanto, por um lado, o estudioso genebrino ateu-se à observação e sistematização do plano da expressão da linguagem, o semioticista lituano, por outro lado, preocupou-se com o plano do conteúdo (mais especificamente, com a forma do conteúdo), e buscou extrapolar o projeto de análise lingüística saussuriano ao incorporar as “instabilidades dos discursos às sistematizações das descrições” (TEIXEIRA, 2011, p. 1).

Os trabalhos do genebrino Ferdinand de Saussure, apesar de subestimados até, aproximadamente, 1927, deram o impulso inicial a uma série de estudos que resultariam, anos

mais tarde, na consolidação da semiótica como uma teoria pertencente à linguística⁷. Alguns teóricos, dentre os quais estão Hjelmslev e Greimas, percebendo nos enunciados de Saussure uma “potencialidade heurística” (HÉNAULT, 2006, p. 49), foram responsáveis pelo prolongamento e pela passagem ao estado *realizado* do projeto científico saussuriano, o qual ainda estava, por assim dizer, no plano da *virtualidade*. Fundador da cientificidade da língua, Saussure levantou, na forma de enunciados, problemáticas como a sistematicidade da língua, a arbitrariedade e o caráter de dupla face (significado e significante) do signo lingüístico; a noção de valor (tão importante à semiótica); problemáticas estas que, em 1943, seriam retomadas e aprofundadas na obra *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, do dinamarquês Louis Hjelmslev.

Em seu *Prolegômenos*, Hjelmslev faz frequentes referências a Ferdinand de Saussure, na medida em que o dinamarquês tinha uma concepção muito próxima à do genebrino acerca da linguística como ciência sistemática e universal – e não mais como história da língua. Na obra de 1943, que permitiu a Hjelmslev estabelecer uma sólida base epistemológica para a teoria semiótica (e, de modo amplo, para as ciências humanas), encontramos aquilo que, mais adiante, seria retomado por Greimas: a abordagem científica dos fatos do conteúdo, isto é, dos significados.

Das questões levantadas nos *Prolegômenos*, interessa-nos, em especial, as consequências da hierarquização que Hjelmslev fez das categorias *forma*, *substância*, *conteúdo* e *expressão*. O dinamarquês faz referência a esse assunto no decorrer de toda a obra, mas é, entretanto, no capítulo treze, intitulado “expressão e conteúdo”, que ele demonstra sua inquietação com relação à visão de Saussure – para quem essas categorias eram distintas e independentes entre si. Saussure já havia apontado que uma linguagem é a articulação de ao menos duas dimensões, por ele denominadas *significante* e *significado* (respectivamente, planos da *expressão* e do *conteúdo* para Hjelmslev). A questão levantada por Hjelmslev concernia, portanto, não à existência de tais planos, mas sim à maneira pela qual é instituída a fronteira entre eles. Para a teoria hjelmsleviana, a distinção desses dois planos é, na realidade, logicamente anterior à divisão de cada um deles em *forma* e *substância* (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 197).

⁷ Ao contrário de Saussure, para quem a teoria semiótica englobava a linguística, Julien Algirdas Greimas expõe o paradigma semiótico como uma teoria pertencente à linguística.

Na obra *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* Hjelmslev aborda, principalmente, o caráter de reciprocidade que perpassa a relação entre esses dois planos da linguagem e que condiciona a *função semiótica* (semiose). O estudioso explica que:

Não poderá haver função semiótica sem a presença simultânea desses dois fúntivos, do mesmo modo como nem uma expressão e seu conteúdo e nem um conteúdo e sua expressão poderão existir sem a função semiótica que os une. A função semiótica é, em si mesma, uma solidariedade: expressão e conteúdo são solidários e um pressupõe necessariamente o outro (HJELMSLEV, 2009, p. 54).

Uma das maiores críticas do dinamarquês à concepção saussuriana concernia exatamente ao fato de que o genebrino, ao tomar esses planos separadamente, não se ocupou da função semiótica que os conecta, e, conseqüentemente, limitou-se ao nível dos signos, não passando ao domínio das figuras. Entre as várias contribuições da distinção hjelmsleviana está, também, a posterior compreensão de que esses dois planos não passam somente pelo signo; passam, sobretudo, por um sujeito, passam, assim, por um corpo perceptivo que toma posição no mundo do sentido. É com tal fato em mente que Fontanille (2008, p. 43) assevera que “*essa fronteira*⁸ não é nada mais do que a posição que o sujeito da percepção atribui-se no mundo quando ele se põe a apreender seu sentido”.

Da relação de pressuposição recíproca apontada por Hjelmslev ocorre que os planos da expressão e do conteúdo desdobram-se em *forma* da expressão, *substância* da expressão, *forma* do conteúdo e em *substância* do conteúdo. Tais desdobramentos constituem o que se convencionou denominar de dupla articulação, a qual capta a organização real de qualquer sistema comunicativo. No que concerne à distinção desses planos, é importante apontar, enfim, que o plano da expressão está no nível da superfície, enquanto o plano do conteúdo encontra-se no nível profundo, sendo que a distinção entre eles “não é operatória, pois ela é instável, determinada, e não determinante, estando sempre por ser estabelecida e fixada a cada análise” (FONTANILLE, 2008, p. 43).

Antes de passarmos aos modelos de análise da semiótica de linha francesa, é importante ressaltar as contribuições do formalista russo Vladimir Propp. A releitura que autores como Claude Lévi-Strauss, Roland Barthes e Algirdas Julien Greimas fizeram – trinta anos mais tarde – da obra do folclorista russo serviram para situá-lo entre os precursores da semiótica. Foi, sobretudo, com sua obra de 1928, intitulada *Morfologia do Conto*, que Vladimir Propp deixou a

⁸ Fronteira que “separa” os planos da expressão e do conteúdo.

seus sucessores um rigoroso método de análise do esquema narrativo de fábulas de magia pertencentes à tradição russa, nas quais ele observou que:

[...] apesar da extrema diversidade do conjunto de contos submetidos à análise, um certo número de ações figuravam em todos os contos, e, além do mais, a sucessão dessas ações seguia sempre o mesmo esquema. Disso se depreendia que o desenrolar da ação era a constante que se buscava (HÉNAULT, 2006, p. 115).

Uma vez averiguadas certas ações recorrentes em todas as fábulas analisadas, Propp visualizou um método de análise que se concentraria justamente nessas ações constantes, as quais ele chamou de *funções* e que designavam as ações consideradas segundo suas situações no curso da narrativa (*Ibidem*, p. 116). Propp, por meio de comparações, reconheceu trinta e uma funções, que se organizavam em sete esferas de ação distintas, e que juntas formavam o esquema narrativo profundo da fábula russa de magia. Aqui, entretanto, o que nos chama a atenção não é a descrição de cada uma dessas funções, e sim as consequências que este estudo sincrônico e sistemático – o qual se ocupou de tratar de algumas recorrências da forma do conteúdo – teve sobre a teoria semiótica.

Ao reconhecer e sistematizar, nas cem fábulas analisadas, certas ações que se mostravam pré-programadas e recorrentes, Propp percebeu que elas definiam seus protagonistas, isto é, que o agente e a ação formavam um todo indissociável no qual a ação vem primeiro definindo, dessa maneira, o agente (*Ibidem*, p. 120). A tarefa da qual se incumbiu o russo pode ser, pois, descrita como uma análise da narrativa enquanto “um complexo dispositivo sintático e semântico que visa produzir certos efeitos de sentido” (VOLLI, 2007, p. 110); uma análise que o possibilitou enxergar, por meio do reconhecimento de encadeamentos narrativos, alguns níveis de produção de sentido. As funções apresentadas por Propp como definidoras do andamento das ações nas narrativas foram, na década de 1960, retomadas no esquema narrativo canônico elaborado por Greimas, no qual são estabelecidas as regularidades sintagmáticas da organização narrativa. Neste esquema greimasiano, ao contrário do proppiano, surge o reconhecimento dos dispositivos modais da narrativa, o que implicou o reconhecimento da competência e da existência modais de seu sujeito. O esquema narrativo trata-se de uma das instâncias hierárquicas da sintaxe narrativa, a qual, partindo do enunciado, vai do programa ao esquema – passando pelo percurso.

No tópico que segue lançaremos um olhar, em específico, em um dos modelos estandartes da semiótica clássica, conhecido por *Percurso Gerativo do Sentido*; um modelo de apreensão das articulações do sentido.

2.1. O Percurso Gerativo do Sentido

[...] essa representação do percurso de constituição da significação como feito de níveis isótopos se transpondo, segundo um processo contínuo, por suplementos de articulação, do nível mais profundo (e elementar) ao nível mais superficial (e mais complexo), *hauria valor da teoria geral do discurso*⁹ (HÉNAULT, 2006, p. 144).

O *Percurso Gerativo do Sentido* (doravante PGS) de Algirdas Julien Greimas marcou o momento em que a teoria semiótica estabeleceu-se como uma teoria linguística epistemologicamente sólida e instaurada a partir de conceitos e métodos de análise coerentes. Esse modelo, que tem suas raízes, como já se explorou no tópico anterior, na análise dos encadeamentos narrativos observados por Vladimir Propp nas fábulas russas, surgiu com a proposta de, concebendo o plano do conteúdo sob a forma de um percurso gerativo, (re)construir o sentido do texto.

O PGS é um simulacro teórico-metodológico que vai, progressivamente, desfiando os sentidos do texto ao dividi-lo em três “fatias”, articuladas e reciprocamente pressupostas entre si. Essas três “fatias”, chamadas de níveis, organizam-se da mais abstrata e simples a mais concreta e complexa. Barros (2002, p. 15) explica que é dessas diferentes instâncias de abstração – a partir das quais o texto é apreendido – que se determinam etapas entre a imanência e a aparência; lembrando que o nível da imanência é aquele que compreende o PGS, ao passo que no nível da aparência situam-se as estruturas textuais.

O percurso do sentido proposto por Greimas resume-se, assim, em três etapas, “podendo cada uma delas ser descrita e explicada por uma gramática autônoma, muito embora o sentido do texto dependa da relação entre os níveis” (BARROS, 2007, p. 9). O primeiro patamar desse percurso é o mais simples e abstrato, e recebe o nome de *nível fundamental* (ou das *estruturas fundamentais*); aqui a significação surge como uma oposição semântica mínima e as estruturas elementares do discurso são determinadas. No patamar das estruturas fundamentais busca-se depreender o mínimo de sentido que gera o texto e observar as pulsões e timias¹⁰ que o marcam. Ao nível fundamental segue o segundo patamar do percurso, denominado *nível narrativo* (das *estruturas narrativas*), no qual a narrativa organiza-se do ponto de vista de um sujeito. Neste ponto do percurso as estruturas fundamentais convertem-se em estruturas narrativas. A última

⁹ Grifo meu.

¹⁰ “Timias” refere-se à noção de “tímica”, que será abordada mais adiante neste capítulo.

etapa do PGS, por sua vez, recebe o nome de *nível do discurso* (ou das *estruturas discursivas*); neste patamar a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação e a narrativa converte-se em discurso.

Em cada um dos níveis do percurso a articulação do sentido se dá por meio da construção de uma gramática que é formada por dois componentes complementares entre si, isto é, uma sintaxe e uma semântica. O percurso gerativo é, dessa maneira, constituído por uma *gramática fundamental*, uma *gramática narrativa* e por uma *gramática discursiva*, cada qual composta por subcomponentes sintáticos e semânticos, os quais:

[...] complementam-se na gramática semiótica. A sintaxe semiótica deve ser considerada uma sintaxe conceptual, em que as relações, ainda que reconhecidamente abstratas, são significantes, e a semântica, uma semântica gerativa – concebida sob a forma de investimentos sucessivos, dos mais abstratos aos mais concretos e figurativos –, sintagmática, e não apenas taxionômica e geral (BARROS, 2002, p. 15-16).

O PGS compõe uma hierarquia narrativa que vai do programa ao esquema. Trata-se, com efeito, de uma hierarquia que é constituída por unidades narrativas sintáticas que se relacionam entre si de maneira organizada. Dessa maneira, tem-se na base da hierarquia sintática da narrativa o exame do encadeamento lógico de enunciados. Neste ponto é colocada sob exame a organização dos *programas narrativos* (PN). O PN é um sintagma elementar da sintaxe narrativa de superfície (GREIMAS & COURTÉS, 2008, p. 388) e constitui-se de um *enunciado de fazer* que rege um *enunciado de estado*. Considerado a unidade operatória elementar da sintaxe narrativa, os PNs podem ser de vários tipos (de *doação*, de *renúncia*, de *espoliação*, de *apropriação*), havendo, no entanto, dois tipos fundamentais, isto é, os programas de *competência* e os programas de *performance*.

O outro nível dessa hierarquia é o nível denominado *esquema narrativo canônico*, no qual ocorre o encadeamento lógico de percursos narrativos. O esquema narrativo – como vimos no tópico anterior – retoma claramente as contribuições de Propp, desempenhando no contexto de análise narrativa o papel de “ser a organização de referência, a partir da qual são examinadas as expansões e variações e estabelecidas as comparações entre narrativas” (BARROS, 2007, p. 36). Este modelo de organização geral da narrativa compreende três percursos, o percurso da *manipulação* (ou do destinador-manipulador), o da *ação* (ou do sujeito) e o da *sanção* (ou do destinador-julgador). A apreensão da manipulação, da sanção e da competência do sujeito – e de sua existência passional – marca uma das principais mudanças que o esquema greimasiano apresentou em relação à proposta anterior de Propp para a análise da estrutura geral da narrativa;

a releitura que Greimas fez do ponto de vista proppiano acerca dos encadeamentos narrativos possibilitou, assim, a reinterpretação da sintaxe narrativa como uma sintaxe modal.

Voltando ao nível intermediário da hierarquia narrativa, deve-se apontar que utilizar o PGS como uma ferramenta metodológica para a análise da maneira como se dá a articulação da significação em um determinado texto não implica, necessariamente, a abordagem de cada um de seus patamares – de seus níveis – de modo linear, ou seja, não demanda uma análise que parta obrigatoriamente do nível mais abstrato e simples ao mais concreto e complexo. Este simulacro teórico-metodológico permite, com efeito, uma abordagem digressiva. Entrando no nível mais profundo do PGS, ver-se-á, a seguir, um pouco a respeito do *quadrado semiótico*.

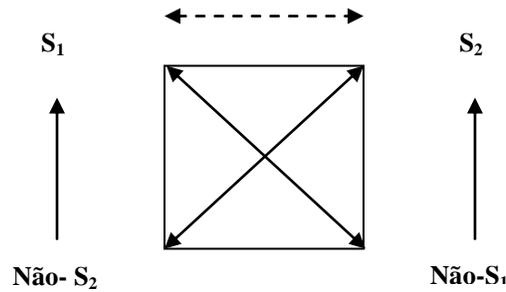
2.2. O Quadrado Semiótico

[...] para Greimas e Courtés, a centralidade do quadrado semiótico provém da posição que se lhe designa no percurso gerativo, isto é, em última análise, no universo de discurso particular cujo simulacro o percurso gerativo tenta estabelecer (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 61).

Como bem colocam Fontanille e Zilberberg, em obra intitulada *Tensão e Significação*, (2001), o quadrado semiótico localiza-se no nível mais profundo do *Percurso Gerativo do Sentido*, isto é, no nível das estruturas fundamentais, onde atua representando de maneira eficaz o funcionamento opositivo dos elementos que se dispõem no eixo paradigmático¹¹. Aliás, mais do que isso, o quadrado semiótico mostra-se uma estrutura capaz de representar as complementaridades e implicações que se dão entre os elementos do eixo do sistema. Usado, principalmente, pela escola de Greimas, o quadrado semiótico serve, afinal, para determinar e desdobrar um conceito em relação aos conceitos que lhe são opostos (VOLLI, 2007, p. 72).

Analisando brevemente o quadrado semiótico vemos o seguinte esquema recorrente:

¹¹ O funcionamento dos elementos da comunicação é estabelecido por meio da relação que estes estabelecem com outros elementos próximos. Esta relação é de natureza negativa, ou seja, é sempre uma forma de oposição – e aqui surge a contribuição de Saussure, com sua noção de *valor*. Cada elemento da comunicação, por sua vez, relaciona-se com seus elementos próximos através de relações sintagmáticas (eixo do processo) e paradigmáticas (eixo do sistema).



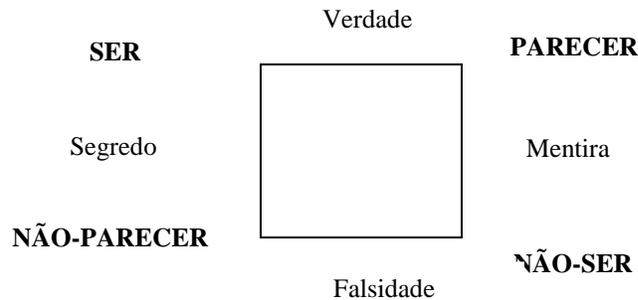
No quadrado semiótico, o qual representa os elementos de uma dada categoria semiótica (por exemplo, *branco e preto*, *luz e sombra*, *fatura e escassez*, *água e fogo*, *estrangeiro e nativo*, etc.) com vistas a desvelar algumas das diversas articulações do sentido, observa-se o estabelecimento, entre seus elementos, de relações de contradição, contraditoriedade e de complementaridade (ou, de implicação). No quadrado acima exposto, S_1 e S_2 são elementos contrários entre si, enquanto os elementos S_1 e $\text{Não } S_1$, e S_2 e $\text{Não-}S_2$, ligam-se através de uma relação de contraditoriedade. A contrariedade trata-se de uma relação de pressuposição, uma vez que a presença de um termo pressupõe a ausência do outro, e vice-versa; ela é, portanto, a relação que existe entre dois termos da categoria binária asserção/negação. Já na relação de contraditoriedade, a presença de um termo pressupõe a do outro, e vice-versa; ela é, pois, uma relação recíproca que existe entre dois termos de um eixo semântico. Outro tipo de relação representada visualmente no quadrado semiótico é a de complementaridade (de implicação), que “se apresenta como um caso particular da relação orientada, que vai do termo pressupponente ao termo pressuposto” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 77). No caso aqui representado, $\text{Não } S_2$ implica S_1 , e da mesma maneira $\text{Não } S_1$ implica S_2 . A complementaridade de dois termos ocorre quando a negação de um deles implica a afirmação, ao menos implícita, do outro.

Temos, dessa maneira, as seguintes legendas para o quadrado semiótico acima representado:

- Relação de implicação
- - - → Relação de contradição
- ←→ Relação de contraditoriedade

É nessa esteira que Algirdas Julien Greimas propôs, ainda, um modelo chamado *quadrado da veridicção* com o propósito de aplicar o quadrado semiótico clássico ao tema do *ser* e do *parecer*. Ugo Volli (2007, p. 75) descreve o quadrado da veridicção como sendo “um esquema largamente aplicado no campo da semiótica greimasiana para descrever a situação de

personagens e também de discursos científicos”. O quadrado da veridicção foi esquematizado pelo semiótico lituano da seguinte forma:



O quadrado da veridicção envolve um conceito crucial à teoria semiótica: o conceito de *veridicção*. No *Dicionário de Semiótica* (2008, p. 530-532), Greimas e Courtés explicam que essa noção está ligada à construção do simulacro de verdade que perpassa inevitavelmente o processo de comunicação, à medida que um enunciador qualquer não produz discursos verdadeiros, mas sim discursos que produzem um efeito de sentido de “verdade”. Os autores elucidam que:

O crer-verdadeiro do enunciador não basta, supomos, à transmissão da verdade: o enunciador pode dizer quanto quiser, a respeito do objeto de saber que está comunicando, que “sabe”, que está “seguro”, que é “evidente”; nem por isso pode ele assegurar-se de ser acreditado pelo enunciatário: um *crer-verdadeiro* deve ser instalado nas duas extremidades do canal da comunicação, e é esse equilíbrio, mais ou menos estável, esse entendimento tácito entre dois cúmplices mais ou menos conscientes que nós denominamos **contrato de veridicção** (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 530).

O quadrado de veridicção representa, assim, esse jogo (esse contrato) da verdade que se instaura entre enunciador e enunciatário ao longo da interação e constitui-se de dois esquemas: o esquema do *parecer/não-parecer* (esquema de manifestação) e o esquema do *ser/não-ser* (esquema de imanência). No quadrado fica esclarecido que a *verdade* é definida como aquilo que *é* o que *parece*, enquanto a *mentira* diz respeito àquilo que *não é* o que *parece*. O *segredo*, por sua vez, *não parece* o que *é*, ao passo que a *falsidade* *não parece* e *não é*.

Por meio dos apontamentos explorados rapidamente neste tópico pretende-se, pois, ilustrar a eficácia do quadrado semiótico enquanto mecanismo de interpretação do sentido, bem como seu papel de ferramenta de descrição da estrutura profunda da narração, o que lhe atribui um caráter dinâmico.

3. O surgimento de novas necessidades: Desenvolvimento da semiótica das paixões

O sentimento não se opõe à razão, pois é uma forma de racionalidade discursiva (FIORIN, 2007, p. 10).

No decorrer de muitos anos, e inclusive ao longo da década de 1960, os estudos desenvolvidos no âmbito da teoria semiótica seguiam (alguns em maior, outros em menor medida) as diretrizes lançadas por estudiosos precursores dessa ciência, como Saussure, Hjelmslev e Propp. A observação dos fenômenos que se manifestam na enunciação, e no enunciado, baseava-se, então, em métodos de análise mais diretos e rígidos, e os efeitos de sentido patêmicos¹² ainda não eram metodologicamente reconhecidos e trabalhados no discurso. A realidade era simples: a análise narrativa ainda ocupava-se da descrição e explicação dos estados de coisas, e não com os estados de alma. O tema das paixões, que tradicionalmente concerne à filosofia e à psicologia, permaneceu na obscuridade durante a década de 1970, momento em que continuava a ser concebida como contraposta à razão e à lógica. Com efeito, a paixão não compunha o cerne das reflexões sobre a natureza humana (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 293). Para Fiorin (2007), contudo, essa maneira de considerar os estados passionais começou a mudar no século XVIII, quando se passa a conceber a paixão como o que impele o homem à ação.

A partir da obra *Semiótica das Paixões*¹³ a noção de paixão, que antes era considerada um complemento da semiótica da ação, adquiriu sistematicidade teórica, e ganhou seu ponto de vista próprio, apresentando agora coerência no conjunto de seu dispositivo teórico. Vale acrescentar que a teoria das paixões, no domínio semiótico, teve de passar por diversos deslocamentos até consolidar-se como o estudo da dimensão passional do discurso – isso já na década de 1990 – e, também, das manifestações passionais não-verbais. Fontanille & Zilberberg (2001, p. 297) resumem essa série de deslocamentos pelos quais passou a teoria das paixões como “uma passagem da sintaxe narrativa à sintaxe tensiva”, culminando com a percepção de que os fenômenos passionais pareciam regular a intensidade no discurso. Isso significa que, no que concerne à análise das estruturas narrativas, a semiótica partiu da ação (relação de produção e

¹² “Patêmico” vem do grego “pathos”, relativo às paixões, e diz respeito aos efeitos emocionais possíveis de serem gerados pelo discurso.

¹³ Obra de Julien Algirdas Greimas e Jacques Fontanille, lançada em 1991.

transformação do sujeito para com um objeto) e chegou à manipulação (relação intersubjetiva entre um destinador e um destinatário), enveredando, depois, pelo caminho da modalização. Para Barros (2007, p. 61) o passo seguinte para este percurso era lógico: se em um primeiro momento foram examinadas as modalidades que se aplicam ao *fazer*, bem como os enunciados modais que regem os enunciados do *fazer*, nada mais natural do que voltar-se agora à abordagem da modalização do *ser*.

É neste ponto que a semiótica passa a trabalhar com a presença do componente patêmico nas atividades e relações humanas; passa, acima de tudo, a apontar que é este componente patêmico que move a ação humana e que “a enunciação discursiviza a subjetividade” (FIORIN, 2007, p. 10). Surgia deste modo a necessidade de se considerar o fato de que as paixões estão sempre presentes nos textos.

Por paixão entende-se qualquer estado de alma. As paixões são, pois, constructos de linguagem que derivam de arranjos provisórios, de intersecções e combinações de diferentes modalidades. Elas devem ser entendidas como efeitos de sentido passionais ou afetivos que resultam de qualificações modais que modificam o sujeito do estado¹⁴, uma vez que este:

[...] é o lugar privilegiado da confluência das duas relações¹⁵: enquanto sujeito, está em conjunção ou em disjunção com o objeto-valor, enquanto destinatário, papel assumido pelo fato de a junção resultar de um fazer comunicativo, relaciona-se com o destinador. O sujeito do estado, por conseguinte, mantém laços afetivos ou passionais com o destinador, que o torna sujeito, e com o objeto, a que está relacionado por conjunção ou por disjunção. O estudo das paixões reabilita, no seio da semiótica, o sujeito do estado, posto de lado durante bom tempo (BARROS, 2002, p. 62).

Os traços patêmicos que marcam as relações do sujeito do estado para com um objeto ou para com um destinador emergem na enunciação e no enunciado por meio de arranjos, e (re)arranjos, sintagmáticos das quatro modalidades básicas: *querer*, *dever*, *saber* e *poder*. A estas se acrescentam as modalidades veridictórias, que, como vimos no quadrado da veridicidade, derivam do jogo entre o *ser* e o *parecer*. Aliás, é importante notar que o quadrado semiótico codifica a complexidade das relações lógicas que se dão entre as paixões.

É imprescindível, no entanto, entender que as paixões envolvem mais do que somente combinações de noções modais; elas possuem o que Volli (2007, p. 131) descreve como uma importante dimensão física que as conectam aos estados de alma do sujeito. Trata-se de uma

¹⁴ O sujeito do estado é o sujeito do *enunciado de estado*, e caracteriza-se pela relação de junção (conjunção ou disjunção) com um determinado objeto-valor.

¹⁵ Referência aos dois tipos de relação entre actantes: a *transitiva* e a *comunicativa*.

dimensão que é expressa em uma categoria semântica fundamental caracterizada por ser uma forma de oposição: é a oposição chamada *tímica* entre a *euforia* e a *disforia*. A euforia é o termo positivo da categoria tímica, ao passo que a disforia é o termo negativo; aos dois soma-se, também, o termo neutro denominado *aforia*. Esses três termos tratam-se, com efeito, daqueles sentimentos positivos ou negativos que atravessam o corpo do sujeito e que agem sobre seus juízos de valor; para semiótica greimasiana, aliás, a oposição entre esses sentimentos é a “raiz somática de nossos juízos de valor” (VOLLI, *Idem*). A categoria tímica, por sua vez, relaciona-se com uma determinada posição do quadrado semiótico por intermédio de um modo chamado *axiologização* daquela categoria. Nas categorias *estrangeiro/nativo*, por exemplo, são os investimentos axiológicos que fazem com que o *ser nativo* assuma um valor eufórico, enquanto o *ser estrangeiro* seja investido de um valor disfórico; ou seja, são os investimentos axiológicos que fazem com que um determinado termo seja colocado em relação com o positivo ou com o negativo. Observa-se, portanto, que a axiologização das categorias é fundamental para a constituição de objetos-valor e, conseqüentemente, para a manifestação dos efeitos passionais.

Os efeitos passionais podem ser *simples* ou *complexos*. Fiorin (2007, *Idem*, p. 13) explica que as *paixões simples* são efeitos de sentido resultantes de uma única relação modal do sujeito para com o objeto; o efeito passional simples não demanda, portanto, nenhum percurso modal anterior. Já as *paixões complexas* procedem do encadeamento de vários percursos anteriores.

É digno de atenção o fato de que, ao abordar a questão da constante presença de traços patêmicos (das paixões) nos textos, a semiótica adentra novamente as correlações entre as dimensões dos diversos níveis do percurso gerativo, porque é na articulação que se dá entre os níveis mais profundos e os níveis mais superficiais que vemos surgir um sujeito tomado por sentimentos vários; um enunciador que para construir seus sentidos se deixa tomar – seja consciente, seja inconscientemente – por paixões que são expressas em seu ato enunciativo; que são expressas, portanto, em um discurso sempre patemizado, o qual possui indícios que revelam a auto-imagem que esse sujeito constrói para si próprio.

3.1. Um breve parêntese: Ethos e as marcas do sujeito (e do sentimento) no ato enunciativo

Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si (AMOSSY, 2008, p. 9).

A imagem que o enunciador constrói de si próprio através de seu discurso recebe – desde a Retórica de Aristóteles – o nome de *ethos*. Parece-nos pertinente levantar nesta dissertação a questão do *ethos* uma vez que estamos lidando, no final das contas, com a construção da auto-imagem que os enunciadores descendentes de italianos vão engendrando discursivamente em seus relatos. É claro que abordamos neste trabalho não apenas a imagem que os enunciadores projetam para (e sobre) si próprios, mas também aquela que eles projetam para seu dessemelhante, e mesmo aquelas imagens que eles constroem para um determinado local (seja para sua terra de origem, seja para o local que hoje os ampara). Discussão que remonta à Antiguidade, a temática do *ethos* ganhou novas leituras, sobretudo através da perspectiva da corrente teórica denominada Análise do Discurso (AD). Mas, sendo a semiótica uma disciplina que faz fronteiras com tantas outras disciplinas – entre elas, a própria AD –, cabe associar brevemente a noção de *ethos* com o panorama semiótico que vimos construindo até este ponto.

Jean-Michel Adam (2008, p. 93), citando Chaïm Perelman, coloca em poucas linhas a definição de *ethos*, como podemos ver a seguir:

De maneira recíproca, as palavras do orador propiciam uma imagem dele cuja importância não pode ser subestimada: Aristóteles a estudava sob o nome de *ethos oratório*, como um dos três componentes da eficácia na persuasão, sendo os outros dois o *logos* e o *pathos*, o apelo à razão mediante argumentos e os procedimentos retóricos que visam a suscitar as paixões do auditório (ADAM, 2008, p. 93 *apud* PERELMAN, 1977, p. 11).

Se a retórica aristotélica concentrou-se em observar o *ethos* enquanto mecanismo de persuasão (persuasão de um auditório), o que nos salta aos olhos na citação de Perelman é a utilização do termo *pathos*. A palavra grega *pathos* – como visto no tópico anterior – diz respeito às paixões, as quais se revelam nos discursos dos sujeitos e participam na tessitura de uma imagem que estes constroem sobre si próprios. O corpo do sujeito enunciador é sempre investido de valores, de paixões e de experiências que entram no jogo de manipulação que constitui todo e qualquer processo de comunicação; valores, paixões e experiências que não são necessariamente ditas, mas que são inevitavelmente reveladas ao Outro (implícita ou explicitamente).

Dominique Maingueneau (2008, p. 71) afirma que o *ethos* está crucialmente ligado ao ato de enunciação e, como bem o sabemos, a enunciação refere-se – mais do que a um ato concreto –

ao modo pelo qual emergem, através das palavras, manifestações da subjetividade do enunciador no texto. E esta reflexão (sobre a enunciação, a qual abarca, por sua vez, o *ethos*) envolve problemas de semiótica geral, uma vez que lida, por exemplo, com a análise das operações pelas quais a subjetividade do enunciador se exterioriza em seu texto, em seu discurso. Tal subjetividade, que delineia a imagem desse enunciador, torna-se nítida especialmente quando é colocada frente à diferença, afinal “o que eu sou é o que você não é” (LANDOWSKI, 2002, p. 25); ou seja, Landowski remete-se ao fato de que a existência de um sujeito é condicionada por aquilo que o distingue do Outro, que o coloca em uma situação de oposição ao Outro, e que o identifica como o Eu.

A referida “relação crucial” com a enunciação – sobre a qual discutimos ainda na introdução deste capítulo – nos permite, dessa forma, buscar na noção de *ethos* um laço que a conecte com os diversificados mecanismos¹⁶ semióticos de articulação com a alteridade, já que o processo de construção e discursivização de uma auto-imagem passa antes pelo reconhecimento da(s) diferença(s); processo este que, como mostra Todorov, está sempre calcado em um ininterrupto diálogo que coloca em jogo posições ideológicas e uma memória interdiscursiva:

É [...] impossível compreender como se constrói um enunciado qualquer, mesmo que ele tenha a aparência da autonomia e do acabamento, se não o considerarmos um momento, uma simples gota no rio da comunicação verbal, cujo movimento incessante é aquele mesmo da vida social e da História (TODOROV, 1981, p. 288 *apud* ADAM, 2008, 97).

4. As atuais leituras da semiótica de linha francesa: Landowski e a sociosemiótica

A semiótica, dizem, não se preocupa com o real: ao contrário, utilizando-a para uma apreensão direta do sensível e do cotidiano – quer o consideremos trivial ou romanesco – , gostaríamos que ela nos ajudasse, reflexivamente, a nos compreendermos melhor (LANDOWSKI, 2002, p. 69).

As posteriores leituras da teoria semiótica de linha francesa foram, progressivamente, desvinculando a semiótica de um estruturalismo *stricto sensu* que por muito tempo insistiu em trabalhar com estruturas formais pré-determinadas. Sobretudo a partir da década de 1990, os estudos de alguns dos colaboradores diretos de Algirdas Julien Greimas, como Fontanille,

¹⁶ Esses mecanismos semióticos de articulação com a alteridade serão tratados mais adiante neste trabalho. Tratam-se dos modos de articulação entre o Um e o Outro, abordados pelo francês Eric Landowski (*assimilação, exclusão, admissão e segregação*).

Zilberberg, Landowski, impulsionaram as pesquisas em semiótica para novos rumos, para novos objetos de interesse. Fontanille & Zilberberg (2001, p. 11) resumem o diferencial desta nova fase da semiótica ao afirmarem que:

[...] a semiótica dos anos 90 não é nem exatamente a mesma, nem completamente outra, quando comparada à dos anos 70. Uma seria mais binarista, logicista, acrônica, mal concedendo um lugar ao sensível; a outra, mais uma semiótica das paixões, da intensidade, preferindo a dependência e a complexidade às diferenças meramente binárias.

A semiótica dos anos 90 abriu, então, espaço para que outros tipos de grandezas semióticas entrassem em cena, como é o caso das *formas de vida*, das *paixões*, das *emoções*¹⁷. Aparecia assim um espaço para a análise da articulação entre o sensível e o inteligível, onde a emergência da significação está ligada à experiência sensível, está ligada ao discurso em ato. É justamente neste contexto – de observação do sensível no discurso – que podemos lançar um olhar sobre a recente abordagem sociosemiótica de Eric Landowski, quem, na esteira da teoria greimasiana, esmerou-se para abarcar o funcionamento dos processos semióticos no seio da vida social. Para isso, ele depositou sua atenção nos discursos que circulam na sociedade.

Dentre as obras de Landowski uma nos chama a atenção em específico. Intitulada *Presenças do Outro*¹⁸ (2002), a obra trata-se de um estudo sociosemiótico sobre o discurso que parte de uma perspectiva que o toma como ato de geração de sentido e, por isso mesmo, como “ato de presentificação” (LANDOWSKI, 2002). A questão da *presença* é também relevante às análises feitas no capítulo três desta dissertação, uma vez que as modalidades da *presença* envolvem “a experiência imediata do sensível, do figurativo ou do passional vinculados ao aqui-agora” (*Idem*, p. XI). Interessa-nos a questão da *presença*, em especial, por ela abranger a dimensão vivida dos relatos, dos discursos, isto é, por tratar as vivências como uma dimensão intrínseca do sentido que deve ser semioticamente averiguada.

Indo um pouco além da obra de Landowski, vemos, a respeito desse assunto, que Greimas & Courtés (2008, p. 382-383) descartam qualquer definição ontológica de *presença*, identificando-a, ao contrário, com a noção de *existência semiótica*, para a qual um sujeito semiótico somente existe enquanto sujeito na medida em que está em relação com um objeto-valor. O porquê de tal identificação pode ser elucidado nas palavras do próprio Landowski (*Idem*,

¹⁷ É importante colocar que a semiótica francesa diferencia *emoção* de *paixão*. Definições a parte, as duas, contudo, se caracterizam por serem unidades elementares do sentido.

¹⁸ Obra publicada em 1997.

p. IX) quando este afirma que “porque a única coisa que, sob uma forma ou outra, poderia realmente nos estar presente, é o sentido. Nunca estamos presentes na insignificância”. Estamos presentes, na realidade, numa figuratividade carregada de sentidos que atribuímos a certos objetos-valor (uma cidade, um período de nossa vida, uma pessoa, um episódio particular, um cheiro que nos remeta a outro lugar ou situação). A *presença* abordada por Landowski concerne justamente a um sentido que é inerente a esse contato imediato entre sujeito e objeto; um sentido sentido, o qual se constitui como tal no momento em que se dá a apreensão sensível dos objetos, um sentido que se constitui, enfim, a partir dos vínculos que o sujeito tece com o mundo que o circunda. Nota-se aqui uma preocupação com uma dimensão mais sensível do sentido, a qual pode ser observada no ato e que culmina com a descrição dessa *presença*.

A análise dessas experiências de união sensorial entre sujeito e objeto (denominadas *estesia*) é um dos legados da última obra de Algirdas Julien Greimas, intitulada *Da Imperfeição*, a qual inovou os estudos semióticos à medida que, nela, o lituano estabelece uma mudança ao observar as relações entre sujeito e objeto não mais somente pelo viés das transformações narrativas – através das quais se estabelecia uma relação de junção (de conjunção ou de disjunção) entre eles. A dedicação greimasiana à lexicologia e à narratologia ia, pois, incorporando cada vez mais a problemática dos contextos intra e intersubjetivos que se manifestam *no e através dos* discursos e das práticas cotidianas (tendência que podia ser observada, inclusive, nos trabalhos de seus colaboradores diretos, como Eric Landowski e Jacques Geninasca¹⁹). É justamente esta nova tendência do fazer ciência em semiótica, ou seja, a de abordar de maneira, agora mais ampliada, uma dimensão sensível do sentido manifestada em significantes diversos, que constituiu a base dos estudos sociossemióticos do pesquisador francês Eric Landowski, quem, dando continuidade a este último trabalho de Greimas, obstinou-se, na obra *Presenças do Outro*, a versar sobre a *presença* sensível de um sentido que se torna perceptível nas experiências rotineiras (individuais ou coletivas) dos sujeitos.

Dentro da perspectiva sociossemiótica de Landowski interessa-nos ainda a análise que o francês faz dos diferentes regimes de interação entre o sujeito e a alteridade. Essa análise volta-se, como já foi apontado, para algumas práticas sociais cotidianas com o intuito de observar (como o próprio título da obra anuncia) as *presenças* do Outro e a maneira como estas

¹⁹ Jacques Geninasca (1930-2010) foi um dos semioticistas da primeira geração que, junto a Landowski, se formou em torno de Julien Algirdas Greimas.

determinam a identidade dos sujeitos. Refletindo sobre os diversos modos de articulação do Um para com o Outro (*assimilação, admissão, segregação e exclusão*) acaba-se por abordar a questão da construção de uma imagem para essa alteridade, bem como da auto-imagem de um sujeito que se coloca como o *Eu*. Afinal, perceber e construir uma imagem para a alteridade (para o dessemelhante, o Outro) é, na realidade, o caminho para a auto-identificação desse sujeito, já que, ao colocar-se frente ao Outro, o sujeito (o *Eu*, ou, o *Um*) reconhece certas diferenças as quais ele usará como base para identificar-se a si mesmo (e, conseqüentemente, para identificar o Outro como seu dessemelhante). O que o autor francês descreve é, portanto, um regime de sentido que é o da ordem do contato.

CAPÍTULO 2

CONTEXTUALIZAÇÃO

Apesar da imagem restritiva que ganhou a teoria semiótica, no que concerne a uma suposta falta de interesse pela abordagem dos mecanismos extra-discursivos envolvidos na geração de sentido em um texto (verbal ou não-verbal), partimos, nesta dissertação, de uma premissa contrária. Uma premissa que, inclusive, justifica a primeira parte deste segundo capítulo, denominada “Uma digressão necessária: Alguns aspectos históricos, culturais e identitários”.

Lara & Matte (2009, p. 341) argumentam que “ao priorizar o estudo dos mecanismos intradiscursivos de constituição do sentido, a semiótica não ignora que o texto é também um objeto histórico, determinado na sua relação com o contexto (tomado em sentido amplo)”. O fato é que a imagem de uma disciplina excessivamente estruturalista e rígida advém de sua maior dedicação, no decorrer da década de 1970, à análise do nível narrativo, a qual acabava por excluir a intertextualidade; isto é, deixava de lado a observação do contexto e da história. Mas a realidade é que a semiótica, e, sobretudo, a semiótica do discurso – a qual optamos por utilizar aqui – trabalha de maneira a equilibrar as várias camadas que envolvem os sistemas de significação (que são sempre multirreferenciais), desde as mais “duras” e estáticas até as mais flexíveis e dinâmicas. Tendo esse argumento como alicerce, verificou-se uma abertura para o tratamento de alguns aspectos contextuais que são de suma importância à compreensão da proposta desta pesquisa e da escolha de seu objeto precípuo de análise.

A reflexão proposta para a pesquisa está centrada, acima de tudo, na contínua (re)organização simbólica de identidades em situação de contato intercultural. Mais especificamente, está centrada nos vários rearranjos de traços identitários que atravessam a constituição do EU do sujeito migrante, e que servem de base para a edificação de imagens que este mesmo sujeito constrói para si e para outrem. Trata-se, desse modo, de uma reflexão que evoca questões intrínsecas ao nível contextual da significação – e não apenas ao nível intradiscursivo –, como a história e a cultura, por exemplo.

A “parte I” deste capítulo reserva um espaço, justamente, para a discussão dessas questões contextuais. O exame dos discursos dos sujeitos narradores revela a forte influência que um sentimento de pertença às raízes italianas de seus antepassados exerce sobre a maneira como se identificam como *sendo*, ou *parecendo*, “italianos”. Acredita-se, portanto, que, para abordar as marcas enunciativas do sentimento de pertencimento presentes nos discursos dos narradores selecionados, é forçoso fazer um breve retorno ao passado, buscando refletir acerca da construção histórica da identidade de um lugar tão recorrente nas falas desses sujeitos; um lugar cristalizado em imagens romantizadas que vão sendo engendradas discursivamente.

PARTE I

UMA DIGRESSÃO PERTINENTE: ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS, CULTURAIS E IDENTITÁRIOS

As identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera. Por todo o globo, os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais dos antigos Estados-nação dominantes, das antigas potências imperiais, e, de fato, do próprio globo (HALL, 2009, p. 43).

Não é nenhuma novidade o fato de que os processos migratórios, independente do tipo de dinâmica²⁰ que os faz funcionar, são responsáveis pela incessante movimentação, e consequente fragmentação, de culturas e de identidades. O panorama dos movimentos migratórios alterna-se entre altos e baixos, mas a realidade é que nunca cessa, em momento algum, de estabelecer profundas marcas – sobretudo ideológicas – nas sociedades que atingem. Esse fenômeno pode ser observado com maior nitidez no caso dos povos colonizadores, cujos empreendimentos resultaram em mudanças radicais para suas colônias.

A presença de colonizadores em um dado território é sempre um prenúncio de mudanças, sejam elas espaciais, ou de caráter cultural e simbólico. As especificidades trazidas, assimiladas e

²⁰ As migrações que Stuart Hall (2009) denomina de *livres* ou *forçadas* são produtos de dinâmicas distintas, ou seja, são estimuladas por situações específicas e diferentes.

rejeitadas por estes aventureiros em terras desconhecidas são inúmeras. Há, nesse processo, um fluxo contínuo e recíproco de influências, as quais agem não somente de forma imediata, mas, sobretudo, a longo prazo. Um exemplo idôneo de como todo e qualquer processo de ocupação tende a perdurar é o de nosso país. Os esforços colonizadores dos pioneiros portugueses, apesar de não decorrerem de um empreendimento metódico e racional, de uma vontade energética e construtora (HOLANDA, 1995), criaram raízes na história brasileira, desempenhando um importante papel na construção de seus valores. É observável, portanto, que os costumes, os valores e as práticas desses estrangeiros entranham-se de tal forma à cultura da sociedade receptora que acabam por influenciar diretamente a construção do imaginário, da história dessa sociedade.

Desde seu descobrimento até os dias atuais, o Brasil tem servido de sociedade receptora a muitos adventícios. Sua estrutura social, política, econômica e cultural foi, e continua a ser, enredada diretamente pela presença de diferentes povos em seu solo, o que se justifica, em parte, pelo fato do estrangeiro ter constituído a imensa maioria de seus colonizadores e, como não poderia deixar de ser, de seus trabalhadores. O resultado disso é que “seus descendentes constituem a maioria de seus cidadãos, embora, hoje, haja novos fluxos, novas nacionalidades” (VÉRAS, 2003, p.29). De qualquer maneira, com diferentes contextos de emigração, esses estrangeiros deixaram suas pátrias e trilharam caminhos em direção à América.

É o caso, entre outros tantos, dos italianos, que colaboraram fortemente à edificação da história e da sociedade brasileira. Com um contexto sociopolítico-econômico em constante transformação, especialmente entre 1830 e 1914, a Itália vislumbrou no processo de emigração a solução para alguns de seus problemas. O movimento de diáspora dos italianos, estimulado por motivos variados (guerras, crises econômicas, perseguições políticas), esteve sempre atravessado por fortes aspectos sensíveis e afetivos que foram passados às suas gerações de descendentes, as quais foram espalhando-se por diversas partes do globo (principalmente, no Brasil); gerações às quais foram repassados certos valores eufóricos depositados na imagem do itinerante, no *ser/parecer* um migrante.

1. A Itália e a prática migratória

Itália bela, mostre-se gentil,
E os filhos seus não a abandonarão.
Senão, vão todos para o Brasil,
E não se lembrarão de retornar.
Aqui mesmo ter-se-ia no que trabalhar;
Sem ser preciso para a América emigrar.
O século presente já nos deixa.
O mil e novecentos se aproxima.
A fome está estampada em nossa cara,
E para curá-la remédio não há.
A todo momento se ouve dizer:
Eu vou lá, onde existe a colheita de café.
(ZULEIKA, 1986, p. 17 *apud* BERTONHA, 2004, p.9).

A construção da romantizada imagem do imigrante italiano – imagem esta que nos interessa, à medida que é, com frequência, engendrada discursivamente pelos sujeitos da pesquisa, indicando um sentimento de pertença à tradição italiana – é traduzida de maneira muito nítida pela canção retratada na epígrafe que inicia este tópico. Nela, vê-se uma representação, um simulacro que é constantemente instaurado para o imigrante, ou seja, o do sofredor, que passou por muitas privações e saudades, forçado pelas circunstâncias a abandonar seu lar, sua profissão, enfim, sua pátria-mãe.

Buscando não perder de vista o foco teórico-metodológico das discussões que se vão colocando nesta dissertação, pode-se fazer um percurso semiótico para tentar explicar essa frequente representação do imigrante italiano. Tem-se, nesse caso, um sujeito que, frente a adversidades várias, viu-se obrigado a estabelecer um novo objeto-valor para si: uma nova vida em um lugar distante e desconhecido. Um sujeito que se torna, dessa maneira, um sujeito *virtual*, isto é, do *dever* e do *querer* (um sujeito que, *devendo* deixar sua pátria em decorrência de certas circunstâncias, *quis* uma nova vida em um novo país). Estabelecido esse novo objeto-valor, esse sujeito converte-se, então, em um sujeito *atualizado*, detentor da *competência* necessária para realizar a *performance* que estabeleceu para si próprio em primeiro lugar: a de entrar em estado de conjunção com seu novo objeto-valor; mesmo que, para tal, precisasse ficar em disjunção com um outro objeto-valor, qual seja, a sua pátria.

Pode-se atentar a uma situação inicial de *privação reflexiva por renúncia*, já que é operada uma disjunção do sujeito imigrante (aqui, simultaneamente, sujeito do estado e do fazer) com seu objeto-valor inicial (a pátria, o seu lugar de origem), desencadeada por fatores como guerra, crise econômica, perseguição política. À medida que é operada a conjunção deste mesmo

sujeito com um novo objeto-valor (uma nova vida, um recomeço em um lugar distinto), observa-se, então, uma situação de *aquisição por apropriação*. Tanto a privação como a aquisição do objeto-valor são conquistadas através da competência e do fazer do mesmo sujeito (o imigrante). Barros (2007, p. 23) explica que “os programas narrativos projetam sempre um programa correlato, isto é, se um sujeito adquire um valor é porque outro sujeito foi dele privado ou dele se privou”. No caso do imigrante italiano reproduzido na canção, observa-se que o mesmo sujeito que adquire um determinado valor é aquele que, em primeira instância, privou-se de outro (de um valor que, talvez, lhe fosse, inclusive, mais intenso e mais caro).

Todo esse difícil percurso de transformações e de junções²¹ que culminam com a renúncia da terra mãe (“mostre-se gentil, e seus *filhos* não a abandonarão”) atribui ao imigrante italiano a imagem do trabalhador humilde e batalhador, a quem foi imputado, pelas circunstâncias, o pesado fardo de separar-se de seu lugar de origem, lançando-se à lida nas colheitas de café em terras brasileiras. Trata-se de um árduo percurso que atribui ao imigrante italiano mesmo uma imagem de herói. Nota-se, portanto, que os valores depositados no *ser* imigrante são positivos, uma vez que estão ligados a noções positivas (luta, superação, conquista).

Pareceu pertinente iniciar as discussões acerca da tradição, da essência migratória que constitui a identidade italiana, com a análise de uma canção que remonta, justamente, a isso. Essa essência, contudo, foi ganhando seus contornos no decorrer de um longo período no qual a Itália, e seus filhos, passaram por profundas mudanças. A seguir, trataremos de alguns momentos cruciais – e de suas repercussões –, compreendidos nesse período.

2. Itália: Um país de emigrantes

“Um país de emigrantes” (BERTONHA, 2004, p. 6) é uma apropriada descrição usada para referir-se à Itália em sua mais pura essência. Esse rótulo atribuído à nação italiana não é por acaso. Sua história de emigrações começou, ao contrário do que alguns pressupõem, antes de seu já conhecido processo de Unificação²², quando, na segunda metade do século XIX, houve a

²¹ Lembrando que a função *junção* articula-se em *conjunção* e em *disjunção*.

²² A unificação da Itália foi finalizada em 1870.

formação de um novo mapa político europeu com a divisão do território italiano em oito estados independentes. A Unificação italiana engendrou um gigantesco processo de exclusão social, levando o país a vivenciar um processo de “expatriação de milhões de italianos” (VÉRAS, 2003, p. 75). Esse marco da história italiana originou profundas transformações sociopolíticas, que fizeram com que as desigualdades econômicas e sociais no país aumentassem vertiginosamente. O Estado, então, por meio da emigração, passou a controlar determinados grupos sociais que não mais lhe interessavam. É nesse sentido que se pode afirmar que a emigração italiana teve um caráter visivelmente excludente. Esses grupos eram tratados com completa indiferença, e, progressivamente, transformaram-se em “mercadorias” que o Estado intercambiava.

Apesar da decisiva influência desse episódio sobre o número expressivo de pessoas que se decidiram por deixar seu país de origem, o fenômeno migratório na Itália já era uma marcante realidade anos antes de 1870.

Levantamentos históricos revelam que, antes mesmo de 1870, os italianos já haviam formado prósperas colônias em alguns países situados ao norte do continente africano. Nessa época, artesãos, intelectuais e comerciantes da península itálica já se deslocavam pela Europa e pelas margens do Mar Mediterrâneo em busca de oportunidades melhores, motivados seja por razões pessoais, seja por razões profissionais. As andanças deste povo itinerante, contudo, não se restringiam somente à Europa. Sua presença também podia ser notada, desde então, na América Latina – sobretudo em países como a Argentina e o Uruguai. A região do rio do Prata em especial, atraía a atenção de povos estrangeiros (entre eles os italianos) para a América do Sul.

É claro, no entanto, que a prática migratória entre os italianos nessa época podia ser considerada até mesmo insignificante, perto dos impressionantes números que ela viria atingir no período compreendido entre o final do século XIX e início do século XX, momento em que ocorreu a *grande emigração*²³ (*Ibidem*, p. 6).

Dentro, pois, de um contexto emigratório que se intensificava mundo afora, o Brasil atraiu muitos estrangeiros com a promessa de trabalhos mais dignos e salários superiores²⁴. Com a abolição da escravatura, em 1888, o governo brasileiro precisava a todo custo atrair mão-de-obra

²³ A *grande emigração* é a expressão que denomina o período em que os italianos começaram a sair em massa de seu país rumo à América, bem como a outras nações européias, em busca de trabalho, por consequência dos efeitos da Revolução Industrial.

²⁴ É exatamente a este aspecto (a busca por melhores condições de trabalho e de vida) que se refere o trecho da canção exposta na epígrafe deste capítulo.

para suas lavouras, especialmente as de café. Os italianos que aqui chegavam, entretanto, em sua grande maioria, não tinham por objetivo maior a vida no campo.

Enquanto o contingente de imigrantes vindos da região setentrional da Itália dirigia-se, em sua grande maioria, para o campo, os meridionais, acostumados com a vida nos grandes centros italianos, preferiam seguir caminho para as cidades. Este é um interessante aspecto da imigração italiana: o imigrante italiano, ao contrário do que alguns fazendeiros paulistas pensavam, era um trabalhador livre, e, por conseguinte, tinha autonomia na escolha de seu trabalho. É claro que nem todos possuíam essa autonomia, na medida em que muitos dos imigrantes apresentavam um baixo nível de instrução, ficando inevitavelmente relegados ao serviço nas fazendas.

A colonização italiana foi, inicialmente, alvo de reservas e suspeitas por parte da população brasileira (POLLINI, 2005, p.69), que se via ameaçada pela rápida adaptação destes ao Brasil. Em decorrência das várias semelhanças entre as duas culturas, os italianos tiveram relativa facilidade a desenvolverem o que Gabriele Pollini (2005) denomina de “pertença à nação brasileira”. As similaridades das duas línguas, a religião, os costumes ocidentais semelhantes, fora a quase inexistência de relações com a nação de origem (em decorrência da forma que foram obrigados a deixarem sua pátria-mãe), foram fatores que contribuíram ao entrosamento desses estrangeiros com a estrutura da sociedade receptora. A classe dominante os acolheu com certo alívio, de modo a tratá-los como “agente civilizador”, como “trabalhadores ideais”, que viriam a “branquear” a população, depois de anos de miscigenação decorrente da escravidão. Por outro lado, os brasileiros de classes menos abastadas lhes atribuíam o papel de ladrões de empregos, de oportunidades.

Por maior que fosse a adesão dos italianos à cultura brasileira, em outra mão eles esforçavam-se por manter sua identidade, preservando, por exemplo, traços de sua língua. A fala mais difusa entre estes imigrantes eram os diversos dialetos de suas respectivas regiões de proveniência, como, por exemplo, o *Koiné*, uma linguística vêneta que misturava dialetos locais italianos com a prevalência do vêneto (POLLINI, 2005, p. 65). Uma outra forma que os italianos utilizavam a fim de manter suas tradições vivas, eram os casamentos. O índice de casamentos entre italianos era considerável, e demonstrava o maior, ou menor nível de adesão, de pertença à sociedade receptora.

3. A presença dos italianos em terras brasileiras: Dos grandes centros ao interior

Durante o auge do processo emigratório que atingiu a Itália, o Brasil acabou assumindo o papel de um dos principais receptores de uma grande leva de italianos que deixou sua pátria em busca de novos horizontes. Uma vez que aqui aportavam, esses imigrantes dirigiam-se a diferentes partes do país. A sua maioria, no entanto, preferia permanecer nos grandes centros urbanos do Brasil, o que foi influenciado, muito provavelmente, pelas regiões de proveniência desses sujeitos, já que uma grande parcela deles residia, antes de partir rumo ao Brasil, em regiões como Vêneto, Campânia, Calábria, Lombardia – regiões essas, que contêm as maiores cidades italianas e os mais populosos centros urbanos do país.

Essa preferência pelos centros urbanos brasileiros, contudo, não impediu que muitos destes estrangeiros optassem por se aventurar no interior do país, no encalço de oportunidades que, muitas vezes, não encontravam nas metrópoles brasileiras.

Ao chegar ao Brasil, um grande contingente da população italiana dirigiu-se para o sul, aonde, além de se depararem com um território muito semelhante em vários aspectos à sua pátria-mãe, encontraram, também, os seus conterrâneos europeus, os alemães – que por sinal já possuíam certa hegemonia territorial sobre a região. Entre 1875 e 1890 a presença italiana concentrou-se, sobretudo, na área geográfica dos atuais municípios de Antônio Prado, Bento Gonçalves, Carlos Barbosa, Caxias do Sul, Farroupilha, Flores de Cunha, Guaporé (POLLINI, 2005, p. 59). Mas, apesar da popularidade da região sul entre esses imigrantes, sua presença no Nordeste brasileiro também foi notável.

É interessante notar que os estímulos que atraíam enormes contingentes populacionais à região nordestina, foram modificando-se na medida em que seu contexto sociopolítico-econômico ia transformando-se. Na época do descobrimento do Brasil, por exemplo, o grande atrativo da região nordestina era a crescente, e promissora, sociedade açucareira. Mais tarde, os adventícios dedicaram-se às atividades comerciais (em decorrência da já citada comunhão da língua). Hoje, em contrapartida, observa-se a marcante presença de muitos adventícios no âmbito das atividades turísticas regionais.

Vale ressaltar que os caminhos dos imigrantes no Brasil vão muito além do estado de São Paulo, da região Sul, ou mesmo da região Nordeste (usualmente, as áreas alvo dos movimentos populacionais no país). Muitos estrangeiros, motivados por estímulos diversos, trilharam rumos

ao desconhecido, a áreas ainda pouco notadas, e escassamente ocupadas, como é o caso do estado de Mato Grosso, e, posteriormente, Mato Grosso do Sul. O sul de Mato Grosso, até meados dos anos 30, caracterizava-se por seu escasso contingente populacional, bem como por seu extenso vácuo territorial, apresentando como principal forma de ocupação a exploração da erva Mate e a pecuária extensiva. Mas esse quadro não perdurou.

Em 1937, Getúlio Vargas anuncia em cadeia de rádio o Estado Novo, iniciando no Brasil o difícil e longo período da ditadura militar. Alegando uma suposta conspiração comunista para a tomada do poder, Vargas impõe ao país uma nova Constituição. Entre as ações do presidente pode-se citar aquela que muito contribuiu à ocupação efetiva do sul de Mato Grosso: a campanha intitulada *Marcha para o Oeste*, a qual tinha por objetivo (ao menos objetivo aparente) doar terras para trabalhadores rurais pobres, sobretudo nas regiões Centro-Oeste e Norte, locais de reduzida ocupação demográfica (SANTOS, 2000, p. 21). Porém, mais do que ocupar as áreas vazias, Vargas vislumbrava a possibilidade de, simultaneamente, deslocar os interesses estrangeiros da região e nacionalizar as fronteiras.

A porção meridional de Mato Grosso era, naquela época, dominada pela companhia Matte Laranjeira, que a partir de 1902 “foi assumida pela Sociedade Comercial Francisco Mendes & Companhia, com sede em Buenos Aires, passando dessa forma a ser controlada por capitais estrangeiros” (SANTOS, 2000, p. 13). Essa companhia exercia uma notável hegemonia na região, o que realmente incomodava Getúlio Vargas, que se utilizou, então, de uma estratégia a qual recobria não somente os interesses da região, mas, sobretudo, os seus interesses políticos.

Com ou sem segundas intenções, vale salientar que essa estratégia constituiu um dos maiores incentivos às migrações para a região. Migrantes vindos de todos os cantos do país foram atraídos para Mato Grosso, especialmente para o sul do estado. Posteriormente, em 1944, Vargas instituiu, ainda, a *Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND)*, responsável direta pela ocupação permanente da cidade sul mato-grossense de Dourados. Muitos dos colonos que aqui se instalaram para fazer suas vidas vieram do Nordeste e da região de São Paulo. Esses colonos deviam, obrigatoriamente, preencher alguns requisitos para que pudessem receber um lote, tais quais: ser pequeno produtor familiar e pobre; possuir família numerosa; comprometer-se a cultivar o lote, de modo a fazer com que este lhe rendesse o próprio sustento; e assumir o compromisso de não exercer funções públicas.

Os estrangeiros não eram os candidatos preferidos a colonos, afinal, Vargas queria afastar qualquer ameaça estrangeira dessa região, que agora se revelava em pleno crescimento populacional e econômico. Porém, a disposição dos estrangeiros ao trabalho, bem como a ineficiência da administração da CAND, que não se preocupava tanto com uma rigorosa verificação dos dados dos candidatos, contribuiu à entrada de muitos imigrantes, especialmente europeus, no sul de Mato Grosso (SANTOS, 2000).

As Colônias Agrícolas Nacionais, entretanto, não foram o único incentivo à chegada de povos provenientes de diversas regiões do Brasil. Muito antes das Colônias Agrícolas (mais de meia década antes), a via platina já exercia forte fascínio sobre os futuros colonizadores do Estado, que visualizavam no rio Prata uma forma de adentrar as regiões, por ele ligadas, com seus investimentos. Mas o fascínio deu lugar às disputas “[...] de interesses imediatos, de conflitos fronteiriços, de luta pelo controle e pela internacionalização das águas do rio Paraguai” (CORRÊA, 1999, p. 30). Essas disputas culminaram com a conhecida Guerra do Paraguai, que se estendeu de 1864 a 1870, e que influenciou intensamente a ocupação de toda a fronteira oeste do estado. Também para Corrêa (1995), a guerra com o Paraguai “imprimiu profundas marcas no desenvolvimento da região, na medida em que sua consequência mais relevante foi a ruptura do seu processo de ocupação iniciado no século anterior”.

Muitas foram as ocasiões que guiaram os povoadores ao Mato Grosso, e em específico ao sul do estado; e muitas foram, também, as influências, as cicatrizes deixadas por eles na região. Foram cicatrizes econômicas, políticas, sociais, culturais. Por consequência da presença de “forasteiros” em seu território, o atual estado de Mato Grosso do Sul constitui-se em área de contato entre diferentes povos, culturas e nacionalidades.

Abordados alguns pontos relevantes à compreensão da composição de um dos inúmeros segmentos da identidade italiana (ou seja, sua essência itinerante), partiremos, agora, para a discussão de outra faceta da identidade. Falaremos a respeito do estreito vínculo que se instaura entre identidade e alteridade. Mais especificamente, serão examinados certos mecanismos a partir dos quais um sujeito constrói uma imagem para si e para outrem em meio a uma verdadeira arena de lutas ideológicas. Para atender tal finalidade, e mesmo fazendo uma progressão do assunto que vem sendo discutido ao longo de todo o presente capítulo, será utilizado novamente o exemplo do sujeito itinerante. Até este ponto, foi abordada a imagem do *imigrante* (ou do *ser/parecer* imigrante), e os valores a ela associados; falemos agora da imagem do *estrangeiro*.

PARTE II

AS FORMAS DE PERCEPÇÃO DA ALTERIDADE: UMA ANÁLISE DA NOÇÃO DE *ESTRANGEIRO*

1. Definições à parte, façamos um outro percurso

No dicionário Houaiss, o conceito de *estrangeiro* é colocado da seguinte maneira: 1. (Adj e subs. masc.) Que ou o que é de outro país, que ou o que é proveniente, característico de outra nação; 2. (Subs. masc.) Indivíduo de nacionalidade diversa daquele país onde se encontra ou vive. Definições à parte, no entanto, o conceito de *estrangeiro*, se contemplado pelo viés da Semiótica, ultrapassa os limites dos dicionários, à medida que estabelece um inevitável vínculo com as relações intrasubjetivas e intersubjetivas que atravessam toda e qualquer interação entre sujeitos.

A proposta para esta segunda parte do capítulo dois é, justamente, fazer um outro percurso de análise para o termo *estrangeiro*, que não o de uma mera definição ontológica. A Semiótica, nesse sentido, surge para traçar esse “outro percurso”. Sobretudo a sociossemiótica de Eric Landowski (bem como outras vertentes da semiótica, como a *das paixões*, de Algirdas Julien Greimas e Jacques Fontanille) oferece meios para que a produção e a apreensão dos sentidos possam ser analisadas sem deixar de ceder um lugar ao sensível. Em Landowski, o sentido é descrito no ato, seja nas experiências individuais, seja nas práticas sociais cotidianas, as quais envolvem inevitavelmente os elementos afetivos e sensíveis.

Aproveitando, portanto, o “gancho” com os aspectos históricos e culturais expostos na primeira parte deste mesmo capítulo, recorrer-se-á novamente à teoria semiótica com vistas a desenvolver uma reflexão centrada na noção de *estrangeiro*, a qual surge como uma possibilidade para a abertura de espaço ao questionamento de um dos inúmeros segmentos da identidade. Mais do que “aquele que é de outro país, que é proveniente, característico de outra nação”, o conceito de *estrangeiro* dá espaço, aqui, a uma discussão mais complexa, a qual envolve uma grande

variedade de práticas identitárias (e, conseqüentemente, discursivas). Com isso em mente é que se buscará trazer ao leitor algumas das questões que são evocadas a partir de uma análise mais atenta – e direcionada – desta noção, tais quais: a relação entre o conceito de *estrangeiro* e as citadas formas de percepção da alteridade; a maneira como este conceito é perpassado pelas relações de poder; o(s) percurso(s) que a Semiótica oferece para o exame da idéia de *estrangeiro*; as assimetrias (sociais, étnicas, políticas) da identidade, provenientes do contato intercultural. Serão, portanto, cruciais ao desenvolvimento de tais reflexões a realização de um gradativo percurso de análise, que passa pelo âmago do sujeito, pela ideologia e, conseqüentemente, pela linguagem e pelo discurso.

2. A Identidade em situação de interação: um espaço de assimetrias

A identidade é sempre negociada (RAMALHO; RIBEIRO, 2001, p. 12)

Antes de adentrar uma análise mais detida da noção de *estrangeiro*, convém delinear um breve panorama a respeito da identidade em situação de contato intercultural, uma vez que “a partir do contato intercultural, a identidade passa a possuir vários tipos de assimetrias: étnicas, sociais, políticas, que se hierarquizam segundo seu grau de legitimidade” (LIMBERTI, 2008, p. 12). É este, precisamente, o nosso foco neste ponto: observar o contexto de surgimento de tais assimetrias, bem como sua relevância para o reconhecimento do Outro, para a construção – pelo *Um*, o *Nós* – da imagem do *estrangeiro*.

Falar sobre a identidade em situação de contato implica abordar um sujeito ideológico, o qual é parte de um determinado *campo de criatividade ideológico* (BAKHTIN, 2009, p. 33). As concepções de sujeito e de identidade passaram por fases diversas – cada qual influenciada pelo pensamento vigente em cada período – caracterizando-se, assim, como *concepções mutantes* (HALL, 2006, p. 23). Desde a visão cartesiana, passando por uma noção mais sociológica, a noção de sujeito, e, por conseguinte, de identidade, chegou a um ponto crucial: ela agora se encontra *deslocada* (*Ibidem*), ou seja, a noção de sujeito está, cada vez mais, fragmentada, descentrada. Tal fragmentação decorreu, sobretudo, das transformações nas configurações das

estruturas sociais e nas novas formas de articulação entre estas e um sujeito que passou a revelar-se atravessado por uma instabilidade que lhe é, reconhecidamente, constitutiva. O sujeito resultante de tais transformações não se constitui de somente uma identidade fixa, unificada e estável; ele é, na realidade, a soma de várias identidades (muitas vezes contraditórias), de diversas vozes, as quais o atravessam e o tornam uma construção simbólica. Cancline (2008, p. XXIII) fala sobre esse caráter simbólico da identidade quando afirma que “[...] não é possível falar das identidades como se se tratasse apenas de um conjunto de traços fixos, nem afirmá-las como a essência de uma etnia ou de uma nação”.

Levando em consideração o que bem afirma Cancline, enxergar a identidade pela lente de uma perspectiva purista significa desconsiderar toda uma história de misturas, todas as combinações que se dão em seu processo de constituição. Combinam-se elementos de diferentes épocas, de diferentes espaços, fato que caracteriza a essência *relativamente* estável da identidade, e que a transforma em algo mais do que somente um conjunto de traços fixos que definiriam um sujeito, mas que a transforma, sobretudo, nessa construção simbólica. A identidade, vista como construção simbólica, é perpassada e constituída por relações de alteridade, nas quais o confronto entre traços característicos, entre vozes diversas, gera relações assimétricas, desmistificando a ideia de identidades “puras” e “autênticas”.

As assimetrias emergentes do contato entre identidades, no entanto, são marcadas por formas diversificadas de percepção desta alteridade, ou seja, da(s) identidade(s) de outrem. Essas formas estão calcadas em posições sociais e ideológicas, e se evidenciam através dos revestimentos semânticos que não cessam de atribuir sentidos ao Outro, ao Ele, e os quais transbordam pelos contornos do discurso.

Para adentrar, agora, a questão da construção semiótica das representações que o Um reserva ao seu dessemelhante, é válido fechar este tópico com uma impressão de Boaventura de Souza Santos (2001, p. 35) acerca da relação de pressuposição recíproca entre identidade e alteridade, isto é, entre o mesmo e o diferente:

O desafio é, em meu entender, o de encontrar uma dosagem equilibrada de homogeneidade e fragmentação, já que não há identidade sem diferença e a diferença pressupõe uma certa homogeneidade que permite identificar o que é diferente nas diferenças.

A diferença, como se pode observar pelo fragmento acima, é a condição de existência da identidade e do próprio sujeito. Tal diferença é um constructo o qual é sempre negociado na

interação, e possui, obviamente, certas marcas que a identificam como tal. As formas de reconhecimento e posicionamento frente essas marcas (frente às diferenças), contudo, nem sempre se desenrolam de maneira equilibrada, uma vez que entram em jogo relações de poder que acabam por criar assimetrias que irão ditar o relacionamento com a alteridade.

3. A diferença como condição de existência

O que eu sou é o que você não é (LANDOWSKI, 2002, p. 25)

A existência de um sujeito é condicionada pela relação que ele estabelece com o Outro. Melhor dizendo, é condicionada por aquilo que o distingue do Outro, isto é, que o coloca em uma situação de oposição ao Outro, e que o identifica como o Eu, ou o Um. No Dicionário de Semiótica (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 251), vê-se que o conceito de identidade opõe-se ao de alteridade, e que “[...] esse par é interdefinível pela relação de pressuposição recíproca, e é indispensável para fundamentar a estrutura elementar da significação”. Ou seja, é no jogo da interação, da comunicação (e, por conseguinte, da manipulação) que os sentidos que atravessam cada sujeito – e que o identificam – emergem, cristalizando-se na linguagem e no discurso.

Nota-se que as diferenças são fundamentais à construção da auto-imagem do sujeito. Ao colocar-se frente ao Outro, o sujeito (o Eu, ou, o Um) reconhece certas diferenças as quais ele usará como base para identificar-se a si mesmo. O Eu constrói sua imagem calcado em uma tensão que nasce das inúmeras diferenças culturais, étnicas, políticas, existentes entre os grupos sociais. Esta parece ser a regra da interação: o *conflito*²⁵. Ora, se o jogo da interação estivesse fundado em uma completa harmonização, as relações entre sujeitos repousariam sobre a neutralidade. Não haveria, assim, a tensão que move todo e qualquer contato, e a qual dá existência semiótica ao sujeito. Assim, “para que o mundo faça sentido e seja analisável enquanto tal, é preciso que ele nos apareça como um universo articulado [...]” (Landowski, 2002, p. 3).

²⁵ A palavra conflito está empregada no sentido de “oposição”, e envolve as lutas de classes que acontecem dentro das esferas ideológicas da atividade humana.

Segundo Landowski (2002, p. 4), “condenado, aparentemente, a só poder construir-se pela diferença, o sujeito tem a necessidade de um ele – dos “outros” (eles) – para chegar à existência semiótica”. Neste ponto, o diálogo com Mikhail Bakhtin fica claro, à medida que o russo já afirmara que “ser significa ser para o outro, e, através dele, para si” (2003, p. 341); ou seja, identificar, perceber o Outro é o caminho para a auto-identificação desse sujeito que (consciente ou inconscientemente) projeta sua própria imagem a partir de uma alteridade a ser construída. A maneira como o sujeito percebe este Outro, no entanto, pode ser marcada por práticas diversas, como, por exemplo, a prática de reduzir o dessemelhante – o *estrangeiro* – a uma posição de pura exterioridade, como se as nuances culturais que os diferem daquilo que é considerado “padrão” não passassem de um exotismo. É, portanto, na intersecção dessa instável relação que emerge a oportunidade de se averiguar as várias percepções, os caminhos segundo os quais o Nós constrói seu mundo em torno do Outro.

Trazendo esta discussão para a análise da noção de *estrangeiro*, é possível observar em Landowski (*Ibidem*) um interessante exame das formas de percepção da alteridade construídas entre sujeitos e seus modos de articulação, que resultam na atribuição desse status ao dessemelhante, isto é, ao Outro. Tais modos de articulação, ainda para este autor, são: a *exclusão*, a *segregação*, a *admissão* e a *assimilação*. É sobre este assunto que recairá nosso olhar no tópico seguinte.

4. A constituição do *estrangeiro* pelos caminhos da manipulação

Retomando o que foi dito, a atribuição do status de *estrangeiro* a um grupo, ou a um indivíduo, depende absolutamente da imagem, da identidade que um outro grupo, ou que um outro indivíduo, constrói para si próprio. É nesse sentido que Landowski (*Ibidem*, p. 4) afirma que “a emergência do sentimento de ‘identidade’ parece passar necessariamente pela intermediação de uma ‘alteridade’ a ser construída”. Essa atribuição é baseada em uma análise (a qual é, muitas vezes, apoiada em preconceitos) dos modos de ser do Outro; modos que, colocados

em oposição com os modos de ser do grupo dominante, explicitarão certas diferenças que servirão de base para a rotulação do dessemelhante como o *estrangeiro*.

O sujeito (seja ele individual, seja ele coletivo) lança mão de algumas estratégias para configurar sua identidade. Estas estratégias consistem basicamente em formas de apreensão e figuratização dos modos de ser do Outro, atribuindo, dessa maneira, certos sentidos – e rótulos – à alteridade. Landowski (2002), em análise dos processos de identificação, discorre acerca do regime de alteridade do não-si, ou seja, do regime segundo o qual os sujeitos se identificam reciprocamente. Trata-se de um regime de sentido da ordem do contato, que se dá somente na co-presença dos actantes em interação; interação que cria, em si mesma, sentidos. É a partir desse contato que surgem diferentes modos de articulação entre o Um e o Outro, tais quais: a *assimilação*, a *admissão*, a *segregação* e a *exclusão*.

A *assimilação*, a *admissão*, a *segregação* e a *exclusão* são formas diferentes de lidar com a presença do Outro, e apresentam distintos graus de instabilidade. Elas dividem uma principal característica comum: são práticas que se cristalizam no discurso, que ganham vida por meio da linguagem. Outra característica compartilhada por estas quatro formas de percepção e convívio com a alteridade é o fato de configurarem-se, acima de tudo, como formas de manipulação. No Dicionário de Semiótica (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 300), a manipulação é explicada da seguinte forma:

Ao contrário da operação (enquanto ação do homem sobre as coisas), a **manipulação** caracteriza-se como uma ação do homem sobre outros homens, visando fazê-los executar um programa dado [...]. Enquanto configuração discursiva, a manipulação é sustentada por uma estrutura contractual e ao mesmo tempo por uma estrutura modal. Trata-se, com efeito, de uma comunicação na qual o destinador-manipulador impele o destinatário-manipulado a uma posição de falta de liberdade, a ponto de ser obrigado a aceitar o contrato proposto.

Através da manipulação, o grupo dominante, ao entrar em contato com seu destinatário (o seu dessemelhante), lhe reconhece suas diferenças e, baseado nestas nuances culturais, étnicas, políticas, o impele, através de um fazer persuasivo, a aceitar uma espécie de contrato, a partir do qual o dessemelhante transformará seus modos de ser, moldando-se – em diferentes graus – às configurações do seu manipulador (o grupo de referência).

5. As formas de relação entre identidade e alteridade

Passando agora às maneiras pelas quais a transformação/modalização dos modos de ser do Outro se dá, tem-se, em um primeiro momento, a *assimilação*, a qual é explicada por Landowski (2002, p. 6):

Assimilador, o grupo dominante não rejeita ninguém, e se pretende, ao contrário, por princípio, generoso, acolhedor, aberto para o que vem de fora. Porém, ao mesmo tempo, toda diferença de comportamento um pouco marcada, pela qual o estrangeiro trai sua proveniência, parece, para ele, extravagância despida de razão.

A postura assimiladora (o discurso assimilador) é uma postura de rejeição, que se esconde por detrás de uma falsa aceitação, do Outro; uma aceitação que impõe ao dessemelhante certas regras para sua conjunção às configurações culturais dominantes e apresentadas como universais. Para o grupo assimilador toda e qualquer diferença de comportamento – por mais sutil que seja – é percebida como “extravagância despida de razão”, como um mero exotismo.

Outra atitude para com o Outro que, até certo ponto, se opõe à assimilação, é a *exclusão*, a qual visa à negação explícita do Outro. Aqui, ao contrário, o Eu (Nós) não recorre a subterfúgios que possam vir a justificar qualquer animosidade, qualquer incômodo com a presença do dessemelhante. A rejeição se despe de qualquer desculpa esfarrapada, e direciona-se à eliminação das diferenças. Trata-se, pois, de “um gesto explicitamente passional que tende à negação do Outro enquanto tal” (*Ibidem*, p. 9). Vale apontar que a exclusão se opõe à assimilação somente até certo ponto, pois ambas procedem do mesmo motivo, sendo assim partes complementares de uma mesma operação: tanto a paixão de excluir quanto a determinação de assimilar, partem do propósito de padronização do Outro, e sua modalização em um Mesmo.

A *admissão*, por outro lado, mostra-se como um regime de interação semiótica que visa os valores da diversidade, os valores divisíveis, à medida que favorece a aproximação de identidades distintas. Tal atitude manifesta-se por meio de um discurso que “busca integrar o Outro ao Nós, sem que ele perca sua identidade” (LIMBERTI, 2009, p. 16). Por fim, tem-se a *segregação*. A segregação é um dispositivo que seria uma espécie de meio-termo da *exclusão*, afinal não possui a finalidade incisiva da exclusão, mas visa, de qualquer forma, à manutenção das diferenças sem que haja contato, sem que haja misturas.

Percebe-se por essa breve explicação que é possível separar estas *quatro tendências*²⁶ da relação do Um para com o Outro (com o Eles), com base tanto na afinidade que se estabelece entre suas respectivas práticas, quanto na semelhança entre seus diferentes projetos (ou, trajetos) de manipulação.

Primeiramente, nota-se que a *assimilação* e a *exclusão* caracterizam-se como atitudes semelhantes, afinal fundam-se sobre os mesmos preconceitos. Na obra *Presenças do Outro*, Eric Landowski (*Ibidem*, p. 10) sintetiza com excelência a maneira como estas duas articulações entre o Um e o Outro se aproximam:

Como se vê, assimilação e exclusão não passam, em definitivo, das duas faces de uma única e mesma resposta à demanda de reconhecimento do dessemelhante: “Tal como se apresenta, você não tem lugar entre nós”.

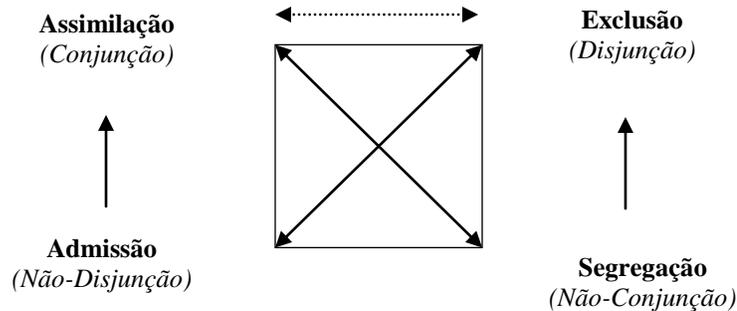
Em ambos os movimentos, observa-se o não reconhecimento da alteridade, pois ou se exclui, ou se transforma o Outro no Mesmo. São posturas que se ancoram no valor de unidade e que, mais fortemente, marcam o dessemelhante como o *estrangeiro*, como uma incômoda alteridade que àquele lugar, e que àquela configuração ideológica e cultural não pertence (a não ser, é claro, que se livre de toda e qualquer “esquisitice”, que venha a o identificar como sendo *diferente*). Aqui, a preservação de uma suposta pureza original do Eu (Nós) é o que move as práticas de assimilação e de exclusão para a constante busca de um condicionamento de inserção e transformação da alteridade em uma mesmidade.

Nos casos da *admissão* e da *segregação*, o laço que as conecta uma à outra é o fato de serem formas menos passionais de reconhecimento e manutenção das diferenças. A *segregação*, por exemplo, por mais que se caracterize como uma maneira de afastamento e administração das diferenças à distância (distância do grupo de referência), não possui aquele objetivo unívoco partilhado pela *assimilação* e a *exclusão*. Ambas – a *admissão* e a *segregação* – são, portanto, práticas que em certa medida resistem a uma completa e passional *laminagem*²⁷ das diferenças.

²⁶ Vale ressaltar que a *alteridade* também apresenta formas específicas de resposta em relação à identidade do *Um*, desse *Eu* que se auto-atribui valores universais. Landowski fala sobre o *esnobe*, o *dândi*, o *camaleão* e o *urso*, que se referem às possíveis figuras que emergem na interação, e as quais dão formas à identidade do Outro. Para nós, no entanto, interessa somente as formas de percepção que o grupo de referência reserva ao seu dessemelhante.

²⁷ Termo utilizado por Landowski (2002, p.21).

Com relação aos projetos (aos trajetos) de manipulação através dos quais cada uma destas quatro práticas operam no que concerne à relação com o Outro, tem-se o seguinte quadro:



A figura acima traçada corresponde a um *quadrado semiótico*, ou seja, “uma representação visual da articulação lógica de uma categoria semântica qualquer” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 400), que representa as condições de existência e de produção da significação. No quadrado aqui traçado, se pode ver uma representação da relação de junção que une o sujeito (neste caso, o dessemelhante, a alteridade, isto é, o *estrangeiro*) ao objeto-valor (o qual, aqui, se trata da identidade da cultura dominante). Assim, nos projetos de *assimilação* e de *exclusão* vemos conjunção e disjunção, respectivamente, totais entre identidade e alteridade, enquanto nos casos da *admissão* e da *segregação* não ocorre nem conjunção nem disjunção totais entre identidade e alteridade.

Na *assimilação* o sujeito, ao modalizar-se suficientemente para que todo o seu exotismo deixe de ser impertinente aos padrões culturais do grupo de referência, entra em *conjunção* com os modos de ser desse grupo, nunca deixando, no entanto, de ser reconhecido como um *estrangeiro*. Nesse caso, são depositados valores positivos sobre o objeto (a identidade de referência). Já nas práticas de *exclusão*, a identidade de referência esforça-se para manter-se perfeitamente (ou, supostamente) homogênea, e, por isso, coloca o dessemelhante em uma posição de completa distância, de *disjunção* total em relação às suas práticas sócio-culturais.

Os dispositivos segregativos, por outro lado, assumem a instável posição de *não-conjunção*. Segundo Landowski (*Ibidem*, p.17) as atitudes segregativas promovem uma relação, entre dessemelhante e identidade dominante, menos *disjuntiva* do que no caso da *exclusão*, mantendo, contudo, as diferenças bem circunscritas para, então, manter uma mesmidade intacta.

E a *admissão*, por fim, depende da *não-disjunção*, uma vez que preza os valores da diversidade, busca a aproximação de identidades distintas sem a intenção cega de tentar modalizar o Outro a ponto dele “perder” aquelas características que o identificam como sendo parte da diferença. Trata-se, pois, de operações ambivalentes, que sucumbem à impossibilidade de assimilar e à recusa de excluir.

6. Os investimentos axiológicos para o termo *estrangeiro*

Até este ponto o processo de projeção da imagem do *estrangeiro* foi relacionado às diferentes formas de percepção e convívio com a alteridade que, segundo Landowski, atravessam os processos de identificação (e de construção da imagem) do Outro. Observou-se, pois, que a atribuição do status de *estrangeiro* ao dessemelhante está calcada em investimentos semânticos que são, muitas vezes inconscientemente, depositados de maneira incessante na figura do dessemelhante, isto é, na figura do Outro.

Vale abrir agora um breve parêntese para o fato de que esses traços semânticos que o sujeito que se coloca como o Eu – como o detentor de configurações culturais supostamente universais – atribui àquele o qual julga ser seu dessemelhante são carregados de juízos de valor que lhe atravessam o corpo (aliás, que atravessam o corpo de qualquer sujeito no momento da comunicação), e que resultam de uma dimensão passional – a dimensão *tímica* – que está ligada ao seu estado de alma, que está ligada, finalmente, ao seu corpo.

A dimensão *tímica*, explanada no capítulo I, relaciona-se com uma determinada posição do quadrado semiótico através da *axiologização* de uma dada categoria semântica do quadrado. Greimas & Courtés (2008, p. 48) explicam essa questão ao afirmarem que:

[...] qualquer categoria semântica, representada no quadrado semiótico [...], é suscetível de ser axiologizada, mercê do investimento das dêixis positiva e negativa pela categoria *tímica euforia/disforia*. Tais axiologias (ou microssistemas de valores) podem ser abstratas (vida/morte) ou figurativas (os quatro elementos da natureza, por exemplo): na medida em que se lida aqui com categorias gerais – que, a título de hipótese de trabalho, se podem considerar como universais semânticos –, articuláveis sobre o quadrado semiótico, podem-se reconhecer **estruturas elementares** (de caráter abstrato) e **estruturas axiológicas figurativas**.

negativas atribuídas às posições do quadrado semiótico – isto é, a axiologização das posições do quadrado – passam, antes de qualquer coisa, por um corpo. Sobre a essência proprioceptiva da categoria tímica, Greimas (1979, p. 9) *apud* Barros (2002, p. 24) esclarece que:

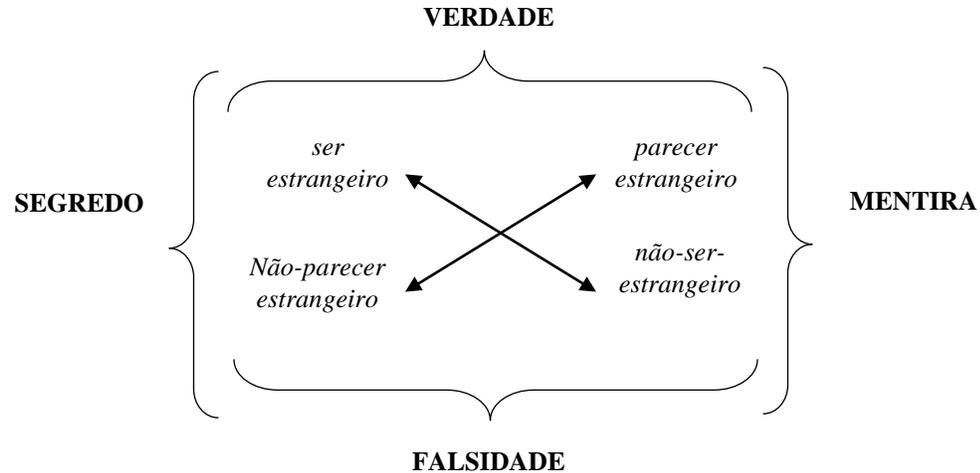
Trata-se de uma categoria “primitiva”, dita também proprioceptiva, com a qual se procura formular, muito sumariamente, o modo como todo ser vivo, inscrito em um contexto, “se sente” e reage a seu meio, considerado o ser vivo como “um sistema de atrações e repulsões”.

A *proprioceptividade* diz respeito, portanto, à posição assumida pelo sujeito da percepção (posição de seu *corpo próprio*) no mundo. Dessa maneira, vê-se que os juízos de valor e as consequentes atribuições semânticas que um sujeito reserva ao seu Outro em momentos de interação estão intimamente ligados à percepção que esse sujeito constrói de seu corpo; uma percepção que é influenciada pelas configurações e práticas que compõem o ambiente que cerca o sujeito, e a qual é expressa na categoria tímica.

Agora, voltando à axiologização das categorias *natural/estrangeiro*, não se trata simplesmente de *ser* natural, ou de *ser* estrangeiro. Afinal, para que seja “permitido” ao dessemelhante entrar em conjunção (seja ela total ou parcial) com as práticas de uma suposta mesmidade, basta que ele *pareça*; basta a ele suprimir – em maior ou menor grau – certas características, certas “esquisitices”, que possam marcá-lo mais fortemente como a alteridade e as quais o levam a ser marcado como um *estrangeiro*. Recorrendo à questão da *veridicção*, tão bem formulada por Algirdas Julien Greimas, pode-se compreender melhor esse ponto, já que, especificamente o *quadrado da veridicção*, oferece as ferramentas para a análise do tema do *ser* e do *parecer*.

O quadrado da veridicção ilustra o(s) contrato(s) que se estabelecem entre sujeitos no decorrer da interação. Trata-se, com efeito, da representação do jogo da verdade que se instaura inevitavelmente entre enunciador e enunciatário: o *crer-verdadeiro* do enunciador (nesse caso do Eu, do Nós) não basta por si só para levar o enunciatário a aceitar o contrato proposto; é preciso que esse *crer-verdadeiro* instaure-se em ambas as extremidades da comunicação. É isso, justamente, o que acontece na relação entre o Um e o Outro, entre o “mesmo” e o dessemelhante. Ao propor um contrato para que seu dessemelhante molde-se, em diferentes escalas, a suas premissas, o Eu busca fazê-lo *crer, querer e/ou dever*: *crer* que a melhor opção é entrar em conjunção com as configurações culturais ditas universais, e *querer* ou *dever* moldar-se a uma mesmidade.

É possível observar esse aspecto no quadrado que segue:



Na ilustração, vê-se que *ser* e, no entanto, *não-parecer estrangeiro* é definido como segredo, ao passo que *parecer* e *não-ser estrangeiro* é considerado uma mentira. Ao mesmo tempo, *ser* e *parecer estrangeiro* encaixa-se na categoria da verdade, enquanto *não-parecer* e *não-ser estrangeiro* é denominado falsidade. Logo, nota-se que tanto as dêixis do eixo dos subcontrários (*não-parecer estrangeiro* e *não-ser estrangeiro*) como as duas dêixis laterais que caracterizam o segredo (*ser-estrangeiro* e *não-parecer-estrangeiro*) assumem um valor positivo aos olhos do grupo de referência, afinal, como foi dito anteriormente, para pertencer a uma mesmidade basta *parecer* natural – ou, ao menos, *não-parecer* estrangeiro.

Nota-se que as diferenças que marcam a alteridade e que constituem a *tão desagradável* heterogeneidade – à qual o grupo dominante, por vezes, se opõe – ganham existência, ironicamente, graças ao próprio grupo dominante. Este *Nós* produz socialmente disparidades de toda ordem, ancorado em uma hierarquização de valores a qual ele próprio constrói e que lhe serve de ancoragem para o reconhecimento do Outro (e, por consequência, de si).

A discussão aqui desenvolvida acerca dos possíveis percursos da relação entre o Um e o Outro serve para ilustrar como a diferença é semioticamente construída a partir da incessante atribuição de valores semânticos ao Outro, uma atribuição que constrói, assim, a figura do dessemelhante, do *estrangeiro*. São estes mesmos valores que organizam o discurso deste sujeito

(o *Nós*, o *Um*) que adere tão fortemente às configurações de seu próprio grupo; um discurso que é, muitas vezes, perpassado por práticas de intolerância e preconceito.

CAPÍTULO 3

UM OLHAR SOBRE O *CORPUS*

Ao trazer do coração para o corpo presente as histórias narradas e suas significações, ativa-se a instância do recordar a si próprio, da experiência vivida (BUSATTO, 2011, p. 14).

Neste capítulo será explorado, agora com maiores minúcias, o *corpus* que dá sustentação a todas as discussões que até aqui se desenvolveram (e àquelas que ainda estão por vir). Lidaremos de maneira mais direta com um *corpus* sensível, constituído por relatos orais que evocam experiências significativas para seus sujeitos narradores. São experiências que, mesmo instaladas no passado, apresentam-se intensamente presentes, tendo como particularidade o fato de envolverem fortes componentes afetivos e sensoriais que transparecem no discurso.

A opção por observar e interpretar segmentos identitários através de narrativas orais justifica-se pela relevância e beleza do simples gesto que é o de contar histórias, de narrar experiências – sejam elas verídicas ou fictícias, tenham elas ocorrido com o próprio narrador ou com outrem. Um gesto, ou melhor, uma prática que, como afirmara Walter Benjamin já em meados da década de 1930, torna-se cada vez mais rara.

[...] torna-se cada vez mais raro o encontro com pessoas que sabem narrar alguma coisa direito. É cada vez mais frequente espalhar-se em volta o embaraço quando se anuncia o desejo de ouvir uma história. É como se uma faculdade que nos parecia inalienável, a mais garantida entre as coisas seguras, nos fosse retirada. Ou seja: a troca de experiências (BENJAMIN, 1983, p. 58).

A rapidez com a qual as coisas acontecem em nossas vidas hoje em dia é um dos fatores responsáveis pela situação descrita por Walter Benjamin. Temos acesso a informações provenientes de todas as partes do mundo em questão de segundos, e, acima de tudo, somos rodeados por inúmeros tipos de suportes de comunicação, o que faz com que a prática de contar histórias se torne cada vez menos comum, causando, assim, uma certa estranheza, um certo desconforto para muitas pessoas quando delas é requisitada uma simples história. Afirmções como “Ah! Eu não me lembro direito” e “Mas aconteceu há muito tempo”, ou mesmo “Mas eu nem sei se aconteceu mesmo”, por exemplo, são comuns quando se aborda uma pessoa com o

desejo de ouvi-la contar uma história, de ouvi-la narrar, algo fictício ou uma experiência pessoal, armazenada em algum lugar de seu passado e, certamente, significativa.

Os informantes desta pesquisa não fugiram à “regra”. Várias pessoas, quando contatadas pela pesquisadora, recusaram-se absolutamente a contar suas histórias; e, mesmo os sujeitos que se disponibilizaram a conversar, não o fizeram completamente livres de qualquer constrangimento, eximidos de qualquer estranheza inicial. Desconfiados dos motivos que levariam qualquer pessoa a procurar-lhes com o propósito de escutar histórias sobre suas vivências e sobre as experiências de seus antepassados, surpreendiam-se, sempre, no instante em que percebiam que a solicitação de suas vozes acabava por lhes despertar fragmentos de memória que por muito tempo permaneceram adormecidos, escondidos por trás de histórias que por muito tempo permaneceram silenciadas. Afinal, como contar histórias quando não há quem ceda alguns instantes de seu corrido tempo para ouvi-las?

Segundo Cléo Busatto, hoje “vive-se os rompantes da pós-modernidade, como a fragmentação, simultaneidade de ações, e assume-se o paradoxo da virtualidade, condição de estar em todos os lugares e não estar em parte alguma” (2011, p. 11). A última afirmação, em especial, nos interessa: estar em todos os lugares e não estar em parte alguma. Essa é uma questão levantada por Eric Landowski, que afirma:

[...] o que é verdadeiro sobre o *agora* o é também sobre o *aqui*. Claro, “estar” é estar necessariamente em “algum lugar”. Estou localizado, e sabem onde me encontrar. Mas estou aí de verdade? A resposta não é dada, pois este aqui poderia ser, para mim, apenas um lugar nenhum, um não-espço, como aqueles lugares vazios observados pelos antropólogos no cerne da modernidade (2002, p. X).

Mais interessantes se tornam as afirmações de Cléo Busatto e Eric Landowski, principalmente pelo fato de que o trabalho de análise proposto por esta pesquisa também envolve uma importante reflexão acerca dos lugares que são significativos aos sujeitos narradores. Ou seja, dos espaços que vão transformando-se em lugares simbólicos – e, por consequência, carregados de sentidos – os quais remontam a esses sujeitos sensações familiares. São, enfim, lugares que marcam nitidamente a configuração de identidades, à medida que, muitas vezes, são parte constituinte do âmago de um sujeito. Eles são o oposto daquilo que Landowski denomina de *não-espço*, ou de *lugar nenhum*, pois, pelo contrário, esses lugares significativos têm cada uma de suas lacunas preenchidas por memórias e repletas de sentidos.

No mundo pós-moderno e fragmentado ao qual se refere Cléo Busatto, no entanto, é comum depararmos-nos com sujeitos cada vez mais desprendidos em relação a tais lugares. Vê-se,

entre outras, a situação de se estar em vários lugares sem, entretanto, estar em lugar algum. Mais uma vez, são percebidos os reflexos da rapidez com a qual funciona esse mundo fragmentado. É possível observar, com uma crescente frequência, sujeitos que nem ao menos têm tempo de atribuir a um espaço essa figuratividade, de atribuir toda uma carga simbólica que o tornará significativo para suas identidades. São espaços apenas. Nada mais.

Contar histórias – contar *suas* histórias – surge, pois, como uma maneira de o sujeito manter vivos em suas palavras o tempo, os lugares, as experiências; enfim, uma maneira de fazer suas identidades significarem realmente.

Seguindo, portanto, os moldes do capítulo dois, o presente capítulo encontra-se dividido em duas partes distintas e reciprocamente complementares. Na primeira delas – intitulada “Mas antes... Alguns esclarecimentos” – é delineada ao leitor uma espécie de introdução, a qual oferecerá as diretrizes necessárias para as posteriores análises dos relatos orais selecionados. Aqui são levantados e elucidados alguns aspectos que se revelam essenciais à compreensão do próprio objeto da pesquisa. Sendo assim, serão exploradas questões como: o processo de seleção dos informantes, os métodos de coleta e registro das narrativas orais, bem como a descrição do percurso científico do qual nasceu a ideia para a pesquisa “O sentimento de Pertencimento do Migrante (ou Estrangeiro) Fora de Seu Espaço: Alguns Casos da Cidade de Dourados – MS”. Esclarecidos tais aspectos, buscar-se-á, então, descrever os sujeitos informantes e seus itinerários com o propósito de reconstituir contextos que venham permitir um olhar mais aprofundado sobre o âmago de cada um dos sujeitos da pesquisa.

Antes, contudo, do exame mais detalhado de tais aspectos, cabe aqui uma breve e imprescindível discussão acerca de nosso objeto maior de interesse: a identidade – e, mais especificamente, a identidade do sujeito migrante.

PARTE I

MAS ANTES... ALGUNS ESCLARECIMENTOS

1. A identidade do migrante

Um olhar retrospectivo sobre os caminhos mostra que não existem histórias apenas individuais. Elas sempre se misturam, se cruzam, se embaralham. Umhas estão alinhavadas nas outras. Desta forma, as diversas histórias de migrantes expressam uma forma de representação da história de um grupo social (PENNA, 1998, p. 106).

Em um local como a cidade de Dourados é transparente a maneira como os contextos individuais dos migrantes que aqui se fixaram em diversos momentos da história se entrecruzam para constituir a identidade coletiva da cidade e da região. Desde a tão numerosa comunidade japonesa²⁹, passando pela comunidade italiana, assim como a paraguaia, a portuguesa, a libanesa – entre outras –, a região mostra-se constituída por uma ampla e complexa rede de relações multi e interculturais das quais nascem sentidos que atravessam não apenas o âmago de um sujeito em sua suposta individualidade, mas que atravessam, sobretudo, as práticas sociais e coletivas deste local. É uma rede de relações interculturais que se reflete nas inúmeras e diversificadas manifestações de alteridade que compõem o cenário douradense: seja por meio de um *Centro de Tradições Gaúchas*³⁰ (CTG), seja por meio de um *Clube Nipônico*, de uma *Casa Paraguaia*, ou ainda de um *Circolo Italiano*³¹, é possível observar variadas formas de *presentificação* espalhadas pela cidade; ou seja, é possível constatar certas maneiras de dar existência e significação às práticas e configurações socioculturais da alteridade.

Observa-se nestas manifestações de alteridade, portanto, um esforço para *estar presente*. Na perspectiva semiótica, a *presença* identifica-se com a noção de *existência*, e isso remete

²⁹ Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Dourados era, no ano de 2000, o segundo maior município em número absoluto e percentual de imigrantes japoneses (36,3% dos estrangeiros) no estado de Mato Grosso do Sul.

³⁰ O *Centro de Tradições Gaúchas* de Dourados é composto, principalmente, por descendentes de italianos e de alemães.

³¹ *Circolo Italiano Buona Gente di Dourados*.

àquela busca de si (um “ir ao encontro de si”) abordada por Eric Landowski (2002). Esse ir ao encontro de si trata-se, com efeito, de tipos de práticas identitárias às quais o Outro recorre para dar sentido à própria alteridade e, a partir daí, gerar sua *presença* (e sua existência) em um dado espaço. Pode-se, inclusive, considerar tais práticas identitárias “formas de resistência” (LANDOWSKI, 2002, p. 21), de *querer resistir*, às especificidades culturais próprias à identidade coletiva oposta – neste caso, a sul-mato-grossense. Uma resistência que não se refere tanto a uma reação de um grupo minoritário contra uma força opressora, que não se refere simplesmente a uma recusa de submissão a outrem; mas que se refere, sim, a uma demonstração de persistência, de apego. Um apego que se sobressai, por exemplo, no caso dos descendentes de italianos residentes no município de Dourados.

Os italianos passaram, sobretudo durante o período de Guerras, por um intenso processo de emigração, fato que desencadeou um processo de múltiplos intercâmbios culturais, a partir dos quais esse povo pôde assimilar, segregar, admitir ou excluir práticas e configurações sócio-ideológicas da alteridade que lhe serviu de receptáculo. Contudo, independentemente da distância de sua terra natal, os italianos nunca deixaram de recorrer, de uma forma ou de outra, às suas raízes. Trata-se, pois, de um apego, de um sentimento de pertença que pode ser observado nos discursos e práticas das gerações subsequentes; um sentimento que evidencia um forte elo que estas gerações ainda mantêm com sua cultura de origem (ou, com a cultura de origem de seus antepassados), denominado por Stuart Hall de *identificação associativa*. Hall (2009, p. 26), ao abordar a questão da migração caribenha na Grã-Bretanha, fala sobre esse elo:

[...] entre as chamadas minorias étnicas na Grã-Bretanha, aquilo que poderíamos denominar “identificação associativa” com as culturas de origem permanece forte, mesmo na segunda ou terceira geração, embora os locais de origem não sejam mais a única fonte de identificação.

Hall afirma que as gerações caribenhas mais recentes identificam-se fortemente com sua cultura original, isto é, com a cultura das gerações passadas, independentemente de terem ou não vivenciado o contato com a terra, com o local de origem (nesse caso, o Caribe). É nesse sentido que o autor sustenta o argumento de que os locais de origem não são mais a única fonte de identificação dessas gerações para com a sua cultura de origem. Mas como, então, sobrevive tal elo? Sobrevive à medida que essas gerações procuram investir valores em outros objetos que remetam, assim como a terra, a esse local de origem, transformando, dessa maneira, esses objetos em uma figuratividade carregada de sentido. A língua, a religião, a culinária, são alguns destes

objetos de valor que servem para que as gerações mais recentes sintam-se familiarizadas com esse espaço com o qual, muitas vezes, nem sequer tiveram contato.

Pode-se deslocar, agora, essa discussão de Stuart Hall para o caso dos descendentes de italianos presentes no Brasil, e, mais especificamente, no estado de Mato Grosso do Sul. Na esteira da rica história de migrações de seus antepassados, nota-se em Dourados a marcante presença de descendentes de italianos que, vindos de várias partes do Brasil (ou seja, migrantes como seus ancestrais), foram progressivamente fixando suas práticas nesta cidade e dialogando de maneira incessante – e, muitas vezes, inconsciente – com as *formações ideológicas*³² das diferentes instâncias de seu itinerário. Um diálogo que culmina com uma troca, com uma apropriação recíproca de traços identitários que é intrínseca e necessária à realização da interação entre sujeitos de culturas distintas (BAKHTIN, 2009).

A partir dessa troca inicia-se um contínuo processo de desconstruções e reconstruções das identidades desses sujeitos itinerantes (desses migrantes), fato que as transforma, conseqüentemente, em construções simbólicas. É exatamente nesse sentido que Canclini (2008, p. XIX) afirma que “não é possível falar das identidades como se se tratasse apenas de um conjunto de traços fixos, nem afirmá-las como a essência de uma etnia ou de uma nação”. Afinal, enxergá-las por essa perspectiva significa desconsiderar toda uma história de misturas, todas as combinações que se dão em seu processo de constituição.

Mikhail Bakhtin (2003, p. 341), em discussão sobre as diversas vozes que atravessam todo e qualquer discurso, elucida as relações de subjetividade e alteridade envolvidas na constituição de sujeitos:

Eu tomo consciência de mim e me torno eu mesmo unicamente me revelando para o outro, através do outro e com o auxílio do outro. [...] Ser significa ser para o outro, e, através dele, para si. O homem não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele olha *o outro nos olhos* ou *com os olhos dos outros*.

Aqui, o dito bakhtiniano é trazido à superfície para reforçar o fato de que é no reconhecimento do Outro que um sujeito delinea seu entorno, que passa a significar. Sua forma de agir e de pensar está inevitavelmente ligada a sua relação com outrem.

As identidades, portanto, não decorrem automaticamente de uma materialidade, ou seja, não são inerentes a um grupo ou a um indivíduo. A identidade não está *na condição* de

³²José Luiz Fiorin (2007, p. 32) explica que uma formação ideológica é um conjunto de representações, de ideias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo.

catarinense, de paulista, de gaúcho, de sul-mato-grossense, mas sim na maneira como essas condições são apreendidas e organizadas simbolicamente. Os sujeitos itinerantes, por exemplo, à medida que se deslocam de seus locais de origem, levam consigo as práticas e configurações que os constituem como pertencentes à determinada nacionalidade, à determinada cultura, ressignificando-as conforme vão estabelecendo contato com outros lugares, com outras culturas. Nada os impede, dessa forma, de continuar a pertencer ao seu local de origem mesmo estando espacialmente distante dele. O que ocorre, no entanto, é a errônea idéia de que deslocar-se implica necessariamente perda da identidade, implica desenraizamento.

A identidade de origem não se perde com a mudança, afinal, como afirma Maura Penna (1998, p. 98), as práticas culturais não dependem da permanência na terra natal. É claro que um sujeito, ao deslocar-se, vai somando e subtraindo traços de cultura, vai sintetizando e rejeitando diferentes estâncias; vai, enfim, adequando-se aos comportamentos típicos de um local que não aquele que lhe é de origem. As misturas que vão ocorrendo não se dão como em um simples processo de *osmose*, mas principalmente por meio da confrontação e do diálogo, que servem para que se reconheçam as diferenças. É nesse ponto, no confronto, na diferença, que o sujeito constrói-se – ou, melhor dizendo, (re)constrói-se. O contato provoca um deslocamento de valores e ideologias dentro da identidade.

Afirmar que as misturas culturais não se dão como em um simples processo de *osmose* significa afirmar que não se trata de um processo automático. Contudo, lançando um olhar mais atento sobre a comparação aqui realizada entre um processo bioquímico (a *osmose*) e um processo sociocultural (as misturas, as hibridizações decorrentes do contato intercultural), percebe-se a possibilidade de se apreender dois sentidos para o termo *osmose*: um bioquímico e um outro que deste se desprende, qual seja, um sentido simbólico – e o qual nos interessa particularmente.

No dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, a *osmose* é definida como um “fluxo de solvente de uma solução pouco concentrada, em direção a outra mais concentrada, que se dá através de uma membrana semipermeável”. Nota-se, pois, que a *osmose* é um processo de essência “automática”, uma vez que seu funcionamento depende apenas de meios puramente mecânicos. É, portanto, um processo que parece evocar a idéia de “potência”, de “tensão”, já que se trata de algo inevitável, que ocorrerá como consequência de fatores naturais, ou seja, que decorrerá normalmente da ordem regular das coisas. Por esta perspectiva poder-se-ia até

comparar a osmose à situação que ocorre no caso das misturas e hibridizações que se instauram inevitavelmente ao longo do itinerário de um sujeito migrante, o qual está em constante contato com culturas diversas. Analisando o sentido simbólico da osmose é possível, assim, observar certas similaridades entre estes dois processos. Os dois são inevitáveis; os dois estão em tensão. Mas, ao contrário do processo bioquímico, as misturas culturais não ocorrem de maneira totalmente mecânica, automática. Apesar de serem inevitáveis, elas acontecem baseadas no diálogo entre configurações socioculturais, e envolvem certos mecanismos de percepção e convívio com a alteridade (uns que se dão de maneira inconsciente, outros que se dão de maneira consciente). Envolvem, assim, formas de seleção, uma vez que os sujeitos vão fazendo certas escolhas, assimilando e/ou rejeitando certas configurações ao longo de seus itinerários.

De qualquer maneira, falar em identidade de origem e em identidade de destino pode dizer respeito a uma referencialidade de espaço, implicando assim a idéia de que deslocar-se, que migrar, significa desvincular-se daquelas práticas que outrora compunham por si só a identidade de um sujeito (ou seja, as práticas que ele internalizou primeiro, de sua terra natal). As identidades de origem e de destino estão, na realidade, em constante diálogo, e em contínua oscilação, fazendo com que o sujeito itinerante fale “com espontaneidade a partir de vários lugares” (CORNEJO POLAR, 1996 apud CANCLINI, 2008), misturando-os – ou não. Esse sujeito *estrangeiro*, espacialmente distante de suas origens, quando disposto a sintetizar diferentes práticas e valores a sua identidade, deixa-se perpassar por vozes diversas que emergem em seu discurso mostrando tanto o “lá” quanto o “cá”; revelando, portanto, uma identidade simultaneamente individual e coletiva.

É claro que, como afirma Cornejo Polar (Ibidem), nem sempre esse sujeito “está especialmente disposto a sintetizar as diferentes estâncias de seu itinerário, embora [...] lhe seja impossível mantê-las encapsuladas e sem comunicação entre si”. Mesmo que inconscientemente, um indivíduo está em constante diálogo com as práticas de outrem. Esse sujeito, no entanto, pode não estar disposto a aderir às diferenças e a situar-se a partir delas, passando a buscar instituir sua identidade pela *negação* do Outro.

O sujeito, de qualquer forma, deixa transparecer em seu discurso vozes diversas que o atravessam e revelam indícios de seu grau de pertencimento a um local distinto – e, por vezes, distante – daquele que lhe é de origem; vozes que mostram o tipo de relação que o sujeito estabelece com esse novo espaço e com outrem, e de que maneira ele lida com as diferenças.

2. Os informantes, os métodos de coleta e as narrativas

Os sujeitos da pesquisa são migrantes, descendentes de italianos, cujos itinerários os trouxeram, em última instância, à cidade de Dourados. São pessoas que aqui chegaram em momentos diversos e por motivos distintos, mas que não deixam de compartilhar um importante aspecto: um forte sentimento de pertença (e/ou não-pertença) seja aos seus lugares de origem, seja a uma Itália discursivamente engendrada nos relatos de seus avós e bisavós, seja ao lugar que hoje os acolhe. Trata-se de um sentimento que está ligado aos estados de alma e, finalmente, ao corpo de cada sujeito, e que influencia a imagem que este constrói para si e para seu entorno.

Foram recobertos, até este ponto, os principais motivos que incitaram a escolha da identidade italiana como o objeto maior de interesse da pesquisa aqui proposta. Resta, no entanto, elucidar os aspectos que influenciaram na seleção do *corpus* sobre o qual se baseiam as análises desenvolvidas ao longo deste trabalho; resta, portanto, discutir acerca dos sujeitos informantes e de suas narrativas.

Antes de prosseguir com as descrições dos sujeitos informantes, é crucial colocar ao leitor o fato de que a pesquisa intitulada “O Sentimento de Pertencimento do Migrante (ou Estrangeiro) fora de seu Espaço: Alguns Casos da Cidade de Dourados – MS” foi inspirada em uma pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida ainda durante os anos de graduação desta pesquisadora, na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), entre 2006 e 2009. A sedução que essa pesquisa exerceu sobre nós pode ser melhor compreendida se recorrermos às palavras de Teixeira (prelo), que afirma que “não se deve desprezar a ideia de que uma análise fala sempre também do analista e que a escolha de um objeto e do modo de descrevê-lo e interpretá-lo filia-se ideologicamente a discursos”.

O primeiro passo para o desenvolvimento da pesquisa foi a seleção dos sujeitos informantes, a qual baseou-se no sistema de *indicação* (já que não havia – e ainda não há – nenhum tipo de mapeamento da população italiana, e de seus descendentes, no município douradense). Na ocasião, o trabalho baseava-se, sobretudo, no viés teórico da Linguística Textual, tendo por foco a observação dos gêneros textuais/discursivos que emergiam a cada contar, que se revelavam a cada história. Algo como um mapeamento, na cidade de Dourados, de histórias pertencentes às tradições italiana e sul-mato-grossense.

A pesquisa, que teve dois anos de duração³³, rendeu um riquíssimo *corpus*, composto por treze relatos orais. E o que, de início, era uma busca por lendas, mitos e causos das tradições italiana e sul-mato-grossense, deu lugar a histórias autobiográficas, as quais chamavam a atenção pelos discursos carregados de alto teor afetivo e sensível. Nas narrativas dos descendentes de italianos, notavam-se fortes traços de um sentimento de pertença a certos lugares (geográficos, mas, principalmente, psicológicos) como, por exemplo, a uma Itália que, provavelmente, nem está mais lá. Uma Itália que, mais que um espaço somente, é uma imagem que se edificou e fixou na memória de cada um dos sujeitos informantes a partir do convívio com as histórias de vida de seus antepassados italianos.

Com isso em mente, decidiu-se filtrar esse *corpus* inicial (de treze narrativas orais) com vistas a desenvolver uma nova pesquisa³⁴, agora em uma diferente área do conhecimento, isto é, a semiótica. Assim, novo suporte teórico, novo foco de interesse, uma vez que a atenção recaí, agora, sobre os traços discursivos de um sentimento de pertencimento que se manifesta a cada contar dos sujeitos informantes; um sentimento que se funde em suas identidades.

Um dos critérios para a realização dessa filtragem do *corpus* inicial para os três sujeitos que contribuíram com seus relatos à pesquisa em questão, além das já citadas variáveis *descendência* (italiana), *proveniência* (de outros estados do Brasil, ou seja, migrantes) e *residência* (Dourados), foi o *grau de proximidade* entre pesquisadora e informantes. Ficou explícito que quanto maior era o grau de proximidade, mais à vontade em relação às gravações os sujeitos mostravam-se, fato que influenciou decisivamente na fluidez e espontaneidade das narrativas orais³⁵. O teor pessoal e afetivo, observado nos relatos desses sujeitos, não emergiria a superfície discursiva com tanta intensidade caso não se tratassem de pessoas do convívio pessoal da pesquisadora.

³³ Entre 2007 e 2008 foi concedida ao projeto de pesquisa, então intitulado *Manifestações orais de descendentes de italianos e de portugueses em Dourados – MS*, uma bolsa de Iniciação Científica (CAPES/CNPq/UFGD). Em 2008 um novo projeto, intitulado *Narrativas orais em Dourados – MS: Um desvelar de histórias e de memórias*, foi novamente agraciado com uma bolsa.

³⁴ Pesquisa vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e subsidiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

³⁵ É imprescindível ressaltar que novas entrevistas foram realizadas com os quatro informantes selecionados. Com a permissão do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Grande Dourados, os sujeitos concederam, então, suas permissões para que utilizássemos seus relatos.

Quanto à transcrição dos relatos orais³⁶, foram utilizados os seguintes parâmetros de formatação: palavras ou frases que não puderam ser transcritas – por problemas de áudio em algumas partes das gravações – foram representadas por um sinal de interrogação colocado entre parênteses (?); para as pausas momentâneas nas falas dos informantes – ou seja, breves quebras na continuidade em suas construções – foram empregadas as reticências (...); com vistas a evitar que as identidades dos sujeitos fossem reveladas, certos nomes citados no decorrer das entrevistas foram elididos. Vale ressaltar, que por esse mesmo motivo, os sujeitos da pesquisa foram referidos como *informantes I, II, III e IV*. Por fim, utilizou-se a caixa alta para marcar a ênfase que os sujeitos colocavam em certos momentos de suas falas, seja para indicar tristeza, seja para indicar alegria, saudade, surpresa, etc.

Feitos os devidos esclarecimentos, buscar-se-á, nos tópicos seguintes, traçar o panorama das histórias de vida de cada um desses sujeitos. Os itinerários, as impressões, sensações e saudades de cada um dos informantes permitirão a visualização do que Landowski (Ibidem, p. XI) denomina de *dimensão vivida* dos relatos e dos processos a serem analisados.

2.1. Informante I

A *informante I* é uma senhora de 70 anos nascida na cidade brasileira de Joaçaba, localizada no interior do estado de Santa Catarina. Sua forte raiz italiana começa por sua mãe, que, nascida na Itália, imigrou com sua família para o Brasil em decorrência da violência e escassez provocadas pela Guerra. No Brasil, sua mãe conheceu e casou-se com um neto de imigrantes italianos, delineando os traços de uma típica família de italianos. Vivendo no sul do país e da agricultura de subsistência, o casal, então, criou seus onze filhos sob a laboriosa rotina da roça, perpetuando através deles o orgulho de serem italianos e trabalhadores.

Os valores *positivos/eufóricos* da árdua vida no campo, bem como do sofrido itinerário do imigrante italiano, foram incutidos na *informante I* por meio da prática, do convívio com esse *modus vivendi*. Criada, boa parte de sua vida, em meio às típicas práticas e costumes de colonos italianos recém chegados ao Brasil, ela assumiu, desde jovem, os valores agregados ao *ser/parecer* imigrante.

³⁶ Para ter acesso aos relatos transcritos na íntegra, ver os Anexos.

TRECHO 1

E daí, então foi que a Itália ficou muito fraca, não tinha ajuda de ninguém, e naquele tempo os países não se ajudavam... Não se ajudavam, né. E talvez ajudavam, um pouquinho que ajudava ajudavam por ajudar, não, assim, por interesse acho que nenhum. Aí, eles tiveram que vender a casa. Tiveram que vender tudo lá que eles tinham, e a turma vinha para o Brasil. VINHA TODO MUNDO PARA O BRASIL. E daí, então foi que o nono vendeu a casa, e vieram de navio.

Demoraram TRINTA E DOIS DIAS DE ÁGUA. E nesses trinta... E estava, o navio, CHEIO, CHEIO. Ali não tinha onde... Tinha, assim, naqueles navios, parte mais, melhor para... Era tudo igual, porque ali não tinha escolha. O navio pegava e trazia.

E nesses trinta e dois dias, jogaram uma mulher, que morreu – ali não tinha onde –, jogaram uma mulher, e uma nenezinha também (p. 6-7).

A *informante I* vai, ao longo de seu discurso, buscando construir certas figuras, pessoas, lugares, situações; enfim, ela busca construir certos objetos que representem seu sentimento de pertença às tradições e costumes ligados ao *modus vivendi* do imigrante italiano. Observa-se, no **trecho 1**, acima transcrito, a discursivização de um dos momentos cruciais, e difíceis, na vida de um imigrante italiano: a partida. A viagem de partida da pátria-mãe rumo a um novo destino é um tema frequente nos discursos dos descendentes de italianos, à medida que ela é um dos fatores que melhor retratam o valor da *superação*, que atravessa a trajetória de seus antepassados. No **trecho 1**, a informante em questão representa as dificuldades da viagem de seus avós e de sua mãe em direção ao Brasil ao enfatizar as noções da *perda* (relacionada às dificuldades econômicas que assolavam uma Itália do pós-guerra) e da *morte* (quando refere-se às doenças que se espalhavam pelo navio, causando a morte de muitos imigrantes).

Outro objeto do sentimento de pertencimento à tradição italiana, que compõe, em grande escala, a identidade da *informante I* é a língua. Tal fato pode ser observado no **trecho 2**.

TRECHO 2

[...] a mãe já veio grávida do Rio Grande –, aí, no dia que ele nasceu, a mãe não entendia a parteira, e a parteira não entendia a mãe. Mas o nenê nasceu igual (risos).

ENTREVISTADORA: Elas falavam línguas diferentes.

INFORMANTE: É, porque A MÃE ERA SÓ ITALIANO, só italiano. E elas não se entendiam (p. 9).

O contato íntimo com uma determinada língua é uma das formas mais eficazes de se vivenciar uma cultura em todos os seus aspectos sociais e ideológicos. Nesse caso, um dos aspectos intensificadores da conexão sentimental que a *informante I* mantém com a cultura italiana é, justamente, a língua. Nascida e criada na região sul do Brasil, em um âmbito onde as línguas portuguesa e italiana dialogavam constantemente, ela apresenta em sua pronúncia³⁷ os

³⁷ A *informante I* apresenta um sotaque “pesado”, no qual mistura traços fonéticos dos sotaques catarinense e italiano. Essa característica de sua fala, contudo, não é retratada nas transcrições dos depoimentos, uma vez que não é parte da proposta da pesquisa trabalhar com uma transcrição fonética, ou, canônica.

vestígios de tal contato. É interessante observar, aqui, a maneira como a informante, mesmo após tantos anos de residência no estado de Mato Grosso do Sul, esforça-se por manter os traços (fonéticos) da língua de seus pais e avós. Esse apego se justifica uma vez que a língua é a mais sólida base para a projeção da auto-imagem de um sujeito, para a forma como ele assume o papel de pertencente a esta ou àquela cultura.

A intensa ligação sentimental que a *informante I* mantém com as experiências e os lugares que constituíram, primordialmente, o panorama das vidas de seus pais e avós fica em evidência nos momentos em que a destinadora busca projetar para seu destinatário uma imagem romantizada desse outro lugar, e de outros tempos.

TRECHO 3

Olha, lá na Itália, que... Que ela... Ela... Eles moravam tudo que nem fosse uma comunidade, né. Mas eles tinham que, no tempo que era quente, que... Não tinha neve... Então lá tinha aquelas montanhas que subiam, né... Então cada família lá ia ganhar, colher o sustento do... Inverno (p. 1).

No **trecho 3**, sobressai-se a delineação das noções de *comunidade* e de *trabalho*, tão caras à *informante I*. A enunciação da destinadora discursiviza uma subjetividade que lhe permite demonstrar ao seu destinatário certas paixões presentes em seu texto oral, fazendo-o, dessa forma, aceitar o contrato fiduciário por ela proposto (ou seja, fazendo-o *crer verdadeiros* os valores desse outro lugar e dessa outra época). A noção de *comunidade*, em específico, possui, para ela, uma dimensão sensível carregada de significados, à medida que se trata de um *modus vivendi* reproduzido por ela durante muitos anos – no período em que viveu na região sul do Brasil, em uma pequena comunidade de imigrantes italianos. E à noção de comunidade une-se, em seu discurso, a concepção que a *informante I* tem do trabalho, e dos valores a ele inerentes. Ao construir sua representação do trabalho, a informante relaciona-a com os valores – para ela positivos – da terra, e da vida no campo.

TRECHO 4

Mas eles já estavam estabilizados quando a mãe casou e tudo. Eles já tinham tudo, porque eles tinham em casa, fruta eles tinham em casa, leite eles tinham em casa, e tudo é leite. Era pouca coisa que comprava, porque a terra naquele tempo era boa. E hoje, mesmo no Rio Grande, a terra é melhor que a daqui (p. 10).

Os valores positivos que ela atribui à terra foram, também, herdados de seus familiares italianos, os quais, assim como a maioria dos imigrantes italianos que aqui chegaram para fixar-se após a Segunda Guerra, vieram em busca desse mesmo objeto-valor. Em seu âmago, a terra esteve sempre ligada à ideia de autonomia, de fartura, de união familiar.

Observando o depoimento da *informante I* em sua totalidade, percebemos como a discursivização de seus sentimentos, impressões e sensações a revelam ainda “presa” a um

passado que parece significar mais intensamente que o seu presente; um passado no qual ainda deposita muitas de suas referências mais significativas.

TRECHO 5

INFORMANTE: Não. Sabe, na verdade, na verdade... A gente fica porque tem que ficar. Na verdade mesmo, por que... Eu passei por Santa Catarina, Paraná... E TANTO FAZ... Paraná ou Santa Catarina. Passou das onze e meia... Você não acha mais lugar aberto para você comprar uma caixa de fósforo... O comércio... O mercado fecha e todo mundo vai almoçar. Então, até hoje, a turma se reúne e almoçam todos juntos.

ENTREVISTADORA: Isso lá em...

INFORMANTE: Santa Catarina e Paraná.

Só que... EU GOSTARIA MAIS... Por causa desse horário... SÓ.

ENTREVISTADORA: Mas como assim?

INFORMANTE: POR CAUSA DO HORÁRIO. Porque fecha tudo, a gente põe o almoço lá na mesa e está todo mundo almoçando junto...

ENTREVISTADORA: Ah, e aqui não tem isso...

INFORMANTE: E AQUI NÃO TEM. Não tem horário para almoço, não tem horário para... É ISSO... EU GOSTO SÓ DISSO AÍ (p. 19).

O **trecho 5** exemplifica bem esse apego a certos costumes do passado. Questionada sobre seu pertencimento ao estado de Mato Grosso do Sul, e à cidade de Dourados, a *informante I* reconstrói um antigo cenário, que muito lhe marcou, (*O mercado fecha e todo mundo vai almoçar*) tentando, com isso, justificar ao seu destinatário sua maior afinidade para com seu lugar de origem. É factível averiguar como ela vai manipulando figuras fragmentárias mas sensíveis, manejando experiências e tempos passados, e, articulando-os uns aos outros, tentando reconstituir a totalidade que compõe, para ela, a imagem daquele lugar que ela quer presente para si.

Quanto aos caminhos desta senhora até o estado de Mato Grosso do Sul, eles foram delineados quando um de seus irmãos ouvira sobre a oportunidade de obtenção de um lote de terra no estado, no qual poderia perpetuar as tradições rurais que outrora seus pais lhe transmitiram. Instalando-se em um primeiro momento na cidade de Naviraí, onde viveu por muitos anos, a *informante I*, já casada e com filhos, mudou-se para Dourados em 1974.

TRECHO 6

Ele resolveu sair de Porto, comprou umas terras, e lá foi. E de lá veio para cá.

Analisando os itinerários que a trouxeram para a cidade de Dourados, observa-se que a *informante I* veio de tradições, de configurações culturais distintas das configurações sul-mato-grossenses, deslocando-se de seu local de origem motivada pelo ideal da ascensão sócio-econômica. Com o sonho da busca de um pedaço de terra, a contadora buscou fixar raízes em um local distante daquele que outrora lhe constituía a identidade por si só. Os narradores em geral, apesar de mostrarem grande apego às suas raízes (italiana, paulista, catarinense), não se

revelaram resistentes à absorção das diferentes instâncias de seu itinerário, mostrando em seus discursos o constante diálogo com o diferente, com experiências e práticas diversificadas, revelando suas identidades híbridas.

Uma das formas de sustentação da identidade é a *memória*. A memória se constrói por meio de rearranjos, de reconstruções que se dão na relação com a alteridade. É justamente na interação, no contato com o Outro, que os elementos de que nossa capacidade de leitura e de interpretação não dispõe nos são fornecidos, outros reconstruídos, ampliando nossa acessibilidade aos sentidos. O contato com as experiências de outrem, de outro povo, de outra cultura, não anula a bagagem sociocognitiva acumulada por um sujeito no decorrer de sua vida; não invalida de forma alguma as vivências desse indivíduo, “[...] porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem” (HALBWACHS, 2006, p. 30), e que estão armazenadas em uma memória. Essa memória não somente reaviva fatos; ela os traz à tona com maior intensidade, especialmente em momentos de interação, já que os fatos passados assumem importância maior e acreditamos revivê-los com maior intensidade, porque não estamos mais sós ao representá-los para nós. Agora os vemos com os olhos de um outro (*Ibidem*, p. 30).

No discurso da *informante I*, por exemplo, nota-se o constante resgate de memórias, de experiências que revelavam seu apego tanto às raízes italianas - que seus pais lhe transmitiram -, como às suas raízes catarinenses.

TRECHO 7

A mãe falava... a mãe... sempre... que de tudo o que ela viveu... os alemães são a raça MAIS TEIMOSA que tem (risos). Que tem que ir ALI, do jeito deles... porque... depois dessas guerras que ela passou... a raça MAIS TEIMOSA QUE EXISTE... que quer da maneira deles... ela disse que é a raça alemã.

TRECHO 8

É, os arvoredos assim, as coisas... NÃO FALTAVAM... mas era tudo lá da terra. A única coisa que...que... não dava lá em Santa Catarina, onde nós morávamos, era a banana. Aí, quando o pai ia, assim, fazer compra e tudo, ele trazia o cacho assim (mostrando que era grande). Ai, quando não estava ainda bem madurinho, aí, então, cada um comia. Era... de manhã... e... e a tarde... ATÉ QUANDO TERMINASSE.

No **trecho 7**, acima transcrito, a informante I conta a respeito de situações relacionadas à guerra, e sobre a maneira como ela influenciou na forma como os italianos viam os alemães, ou seja, como um povo intransigente. Apesar de não ter vivenciado a experiência da guerra, a contadora fala com grande riqueza de detalhes (e mesmo com certo saudosismo) sobre uma época passada e sobre um lugar onde nunca esteve presente. Nunca esteve *fisicamente*, pois está sim presente em toda uma “figuratividade carregada de sentido” (LANDOWSKI, 2002, p. X) que

criou para esse lugar, e que o transforma em algo que lhe é familiar. A contadora criou, portanto, um sentido para esse lugar, e é nesse sentido que ela está presente.

No **trecho 8**, ela fala sobre a laboriosa vida em Santa Catarina, onde a terra “era melhor” e provia o sustento necessário a sua família. Nota-se que no decorrer de todo seu discurso, tanto a Itália quanto o estado de Santa Catarina constituem o seu “Lá”, isto é, sua origem; um espaço fisicamente distante, mas sempre presente, sempre significativo, que marca fortemente sua identidade. O afincamento pelas raízes campestres e o sentimento de pertencimento à cultura italiana são traços culturais intrínsecos à sua constituição, e que, mesmo com toda sua história de deslocamentos (Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul) permaneceram intensos em seu âmago e vivos em seu discurso.

A *informante I*, em seus caminhos rumo ao estado de Mato Grosso do Sul, teve contato com distintas configurações de cultura, passando por um processo de hibridação, no qual suas características culturais de origem confrontaram-se – ou dialogaram – com as de outrem para formar sua atual identidade. Deslocar-se, em seu caso, não significou desenraizar-se. Apesar do fato de que o “Lá” (Santa Catarina, Itália) é o lugar onde a contadora parece estar *presente*, o “Cá” (Mato Grosso do Sul, Dourados) também aparece como parte importante de sua identidade à medida que as práticas absorvidas no decorrer de seus percursos não se distanciam daquelas que lhes são de origem.

No processo de “interculturalidade migratória”³⁸ que vivenciou, a contadora revela a preservação de suas características italianas/catarinenses; ela as preserva sem, no entanto, negar as tradições do lugar onde veio a instalar-se. As diferenças entre o “Lá” e o “Cá” são tratadas por ela de forma a não se anularem, e sim a somarem-se, com maior manifestação de seu local de origem (“Lá”) em seu discurso.

TRECHO 9

E daí, então, a gente trabalhava o dia inteiro. Porque desde... cada um tinha a tarefinha dele, por isso não precisava mandar todo dia. Quando era de noite, a mãe e o pai sempre tiveram... quando não era colheita de... de... grão... que... que perdia... então era o café. Mas almoço e janta, ERAM TODOS NA MESA.

Depois, então, a mãe e... duas maiorzinhas – que desde Santa Catarina já ficavam comigo – a mãe lavava tudo a louça, nós secávamos, e guardávamos tudo lá no lugar. Depois, era o terço, TODO MUNDO DE JOELHO. TODA NOITE o terço.

No **trecho 9**, a contadora fala sobre a sua rotina de trabalho na roça em Santa Catarina, onde ela e seus dez irmãos auxiliavam seus pais “o dia inteiro” para, depois, reunirem-se à mesa para a refeição. Ela conta ainda que era costume que a mãe e as filhas mais velhas da família

³⁸ Termo utilizado por Néstor García Canclini (2008, p. XXVI).

cuidassem da louça, para que, então, o terço pudesse ser rezado. O desenraizamento, às vezes, está vinculado a mudanças sociais, econômicas e políticas, que podem vir a enfraquecer os antigos modos de produção, de vida do migrante (BOSI, 1987 apud PENNA, 1998). No caso da *informante I*, no entanto, o deslocamento ocorreu em direção a uma realidade não tão distante daquela que vivenciara em Santa Catarina. Em Mato Grosso do Sul – seja em Naviraí, seja em Dourados – ela pôde perpetuar suas tradições campestres (já que viveu um bom tempo em uma fazenda) e religiosas, por meio do reconhecimento de pontos de referência, de suas marcas de origem nesse local de destino.

2.2. Informante II

O informante aqui denominado de *informante II* é natural do município paulista de Borborema. Nascido em um pequeno sítio localizado na zona rural da cidade, ele, assim como a *informante I*, nasceu e criou-se em meio a uma numerosa família, aprendendo, ainda jovem, a depositar valores positivos na laboriosa vida no campo. Sua forte relação com as raízes italianas, herdadas de seus antepassados, transborda os contornos de um discurso que se revela atravessado – como não poderia deixar de ser – por traços patêmicos e sensíveis, os quais apontam para um intenso pertencimento à tradição italiana.

TRECHO 1

[...] Freud já explica que os... os LAÇOS, né, são culturais. Então eu penso que essa identificação é muito profunda. Inclusive, HOJE, eu me surpreendo com os meus filhos falando alguma expressão italiana, porque eu uso em casa. NÃO que eu converse com eles em italiano... ABSOLUTAMENTE... Não tem nada disso. Mas, por exemplo: “Salutti palanqui a tutti a quanti”. Saúde e prosperidade... Saúde e dinheiro... Palanqui era uma moeda que existia na Itália. Saúde e prosperidade a todos... É uma expressão que ATÉ HOJE os meus filhos falam. O (expressão em italiano)³⁹... E outras expressões que os meus avós falavam e que eu vou repassando para os meus filhos... E os meus filhos vão perguntando. FÁBULAS italianas... As fábulas italianas são LINDAS. Quer dizer, todas as fábulas acabam sendo lindas (risos), mas... Mas essa TRADIÇÃO ORAL que me foi passada pela minha família, muitas delas eu escrevi e, inclusive, passei para os meus filhos. Então esses laços têm tudo a ver... Tem tudo a ver com a origem, né (p. 13).

Sobretudo por meio da tradição oral, a qual se refere o *informante II* no **trecho 1**, é que lhe foram transmitidos os juízos de valor (positivos/eufóricos) em relação a sua herança, a sua

³⁹ A expressão – pronunciada em italiano – que está entre parênteses não pôde ser transcrita pela pesquisadora.

“origem” italiana. Foi através da tradição oral, do costume de contar histórias, que o *informante II* teve acesso às experiências de vida de seus ancestrais (e, principalmente, aos trajetos deles), a partir das quais ele foi projetando uma imagem para a figura do imigrante italiano e, inevitavelmente, para si próprio.

TRECHO 2

Mas o que eu quero dizer é o seguinte, da mesma forma que os nossos ancestrais conseguiram grandes quantidades de terra, com o tempo eles dividiram entre os filhos, e os filhos viraram pequenos sítiantes. Então, de imigrantes, né, de imigrantes sofridos, como todo imigrante, com a adaptação à vida, com todas as dificuldades do imigrante, eles passaram a ser proprietários e, mas também... Também, assim, com as dificuldades, né. O trabalho... O trabalho era... Eu me lembro que, ainda quando criança, que eu vivi até os sete anos na roça, eu morei até os sete anos – só os meus pais saíam da roça, para levar para estudar na cidade –, mas eu me lembro bem que a vida era do nascer do sol ao pôr do sol (p. 2).

Observa-se que o *informante II*, ao narrar as experiências de seus familiares imigrantes, e as qualidades a elas vinculadas (como, por exemplo, a maneira com que o árduo trabalho e a difícil adaptação aos campos brasileiros foram recompensados com a posterior posse de terras e consequente estabilidade financeira), vai construindo progressivamente, em seu depoimento, sua própria existência semântica. Enumerando os trajetos, as dificuldades e as virtudes da vida “sofrida” do imigrante, ele então busca fazer uma analogia desta com o seu próprio trajeto – do campo para a cidade. Trata-se, assim, de redes de relações significativas que o informante em questão vai tecendo discursivamente e que apontam para a configuração, para a projeção de sua identidade. A relação é concebida pela semiótica como “uma atividade cognitiva que estabelece, de maneira concomitante, tanto a identidade quanto a alteridade de duas ou várias grandezas (ou objetos de saber) – ou então como o resultado desse ato” (GREIMAS & COURTÉS, 2008, p. 418).

O *informante II*, o qual assume o papel de destinador no contexto da entrevista, tenta convencer seu destinatário – a entrevistadora/pesquisadora – dos valores positivos e das recompensas daquilo que ele denomina de “vida dura”, ou ainda, “vida sofrida” do imigrante (expressões que surgem com relativa frequência ao longo de seu discurso). Ele busca estabelecer uma *relação fiduciária*; ou seja, tenta estabelecer um contrato com seu destinatário, no qual ele põe em jogo um fazer persuasivo visando à adesão deste último. Aqui, o fazer persuasivo é o da veridicção (o *dizer-verdadeiro*) do enunciador, o qual espera, por consequência, o *crer-verdadeiro* de seu enunciatário. É importante lembrar que “tanto a persuasão do enunciador quanto a interpretação do enunciatário se realizam no e pelo discurso” (BARROS, 2007, p. 62).

O contrato fiduciário, que se estabelece entre destinador (informante) e destinatário (pesquisadora), é, vale ressaltar, um panorama recorrente em todos os depoimentos, apresentando, é claro, certas nuances.

Nesse caso, o destinador tenta fazer com que o contrato fiduciário cumpra-se (que o destinatário *creia*) fazendo uma descrição da dura vida de seus antepassados italianos, a qual se estendeu para a geração de seus pais, e posteriormente para sua própria geração; uma descrição que permite ao seu destinatário a visualização das românticas imagens as quais ele edifica para a “vida da roça”, bem como para os valores positivos a ela agregados. Esse aspecto pode ser verificado nos **trechos 3 e 4**, transcritos a seguir.

TRECHO 3

Então era uma vida muito dura, uma vida muito... Uma vida de FARTURA, né... Uma vida de fartura, mas uma vida muito dura. Fartura como? Você tinha o arroz, você tinha o feijão, você tinha o milho, você tinha o porco, você tinha o leite, você tinha o queijo, você tinha a horta, você tinha... **VOCÊ TINHA o... VOCÊ TINHA UMA FARTURA** (p. 3).

TRECHO 4

ESSA É A DUREZA DA VIDA DA ROÇA. MAS TUDO ISSO TINHA LÁ A SUA DIVISÃO. Tinha um tio, (risos) e sempre a família numerosa, então tinha um tio que tirava o leite, tinha um tio que... Que lidava com o carro de bois, né... Porque o café era assim, você guardava o café na (), e aí, quando você vendia o café, você levava o café no carro de boi para fazenda. Raramente se usava o caminhão, só quando era muito café mesmo, mas levava o café no carro de boi. E trazia a palha do café, porque a palha do café servia de adubo para o cafezal, para os cafezais.

OLHA, era... era... Tinha as suas durezas, mas tinha as suas belezas. Aqueles cafezais em flor, por exemplo, eram a coisa mais linda, a coisa mais linda do mundo, aqueles cafezais BRANCOS, pareciam, assim, **UMA COISA MUITO LINDA. MUITO LINDA**, a florada dos cafezais (p. 5).

Nota-se que o *informante II* instaura redes de oposições em seu discurso, como *durezas/belezas*, ou mesmo *dureza/fartura*, que são, por sua vez, responsáveis pelo tecer das redes de sentidos e das relações sintagmáticas. Trata-se, com efeito, dos meios, empregados pelo enunciador em questão, na persuasão de seu enunciatário. O enunciador constrói aqui todo um dispositivo veridictório visando que seu enunciatário *creia ser verdadeira* a imagem que possui acerca da tradição, do trabalho e das paisagens campestres que marcaram a vida de seus familiares, e a sua própria vida, e as quais são parte fundamental de sua identidade.

Voltando à trajetória percorrida pelo *informante II* até sua chegada à cidade de Dourados, é possível traçar um paralelo desta com aquela trajetória de seus antepassados itinerantes. Aos sete anos de idade ele deslocou-se para Itápolis, aonde residiu até os quinze anos, com o intuito de dar início aos seus estudos. Passados oito anos, resolveu, então, estabelecer-se

temporariamente na cidade de Catanduva, aonde permaneceu até os vinte anos de idade. Foi então que uma oportunidade de emprego na cidade de Dourados surgiu de uma inusitada situação, como o próprio informante conta:

TRECHO 5

Mas eu vou te contar uma coisa que talvez você não conheça, Bianca. Hoje, a UFGD, onde você está fazendo o seu mestrado, é uma universidade já reconhecida por todo país e tal. Agora, quando eu cheguei aqui... VOCÊ SABE POR QUE EU CHEGUEI AQUI? Porque, antes de mim, foi chamado um outro professor... Toninho, se chamava.... Da mesma cidade minha e tal. E esse Toninho pôs a mudança em cima de um caminhão... Ele era casado e tinha um filho... Ele pôs a mudança em cima de um caminhão e veio para Dourados com a mudança e veio de carro. Ele de carro e a mudança no caminhão. Hora que ele chegou aqui em Dourados, Dourados era TÃO FEIA, TÃO HORROROSA, TÃO ESBURACADA, TÃO POEIRENTA, que a mulher dele falou assim: “Não! Vamos dormir aqui e amanhã cedo a gente volta com a mudança”. Não descarregaram a mudança. Dourados era ainda uma cidade nova em setenta e quatro, quando eu cheguei... E ainda com muitos problemas de urbanização. Então, depois, naquela ÂNSIA de procurar professor é que eu vim. Por isso que eu vim a Dourados.... Porque a pessoa que veio antes de mim achou a cidade horrorosa. Agora, é INTERESSANTE, né... Como a VISÃO de mundo é diferente para as pessoas. Eu, quando cheguei aqui, ao contrário desse meu conhecido... tinha se formado na mesma faculdade que eu... Quando eu cheguei aqui eu falei: “Nossa! Essa é a Ribeirão Preto do Centro-Oeste”... Porque Ribeirão Preto era considerada a Califórnia brasileira. E eu dizia: “Nossa, Dourados é a Ribeirão Preto do Centro-Oeste” (p. 14).

Um detalhe que sobressai ao longo de todo o depoimento do *informante II* – e ao qual vale a pena atentar – é o seu grau de instrução, o qual se reflete, especialmente, nas escolhas (lexicais, fraseológicas, estilísticas) que ele faz ao construir sua narrativa. Seu discurso (aliás, o discurso de qualquer sujeito) não nega sua formação ideológica. Professor da então Universidade Federal de Mato Grosso do Sul por mais de vinte e cinco anos, ele demonstra qualidade na escolha de procedimentos discursivos que evidenciam certas determinações axiológicas, certos valores que ele assume, certas paixões que o acometem.

No **trecho 5** o informante explicita sua impressão ao chegar à cidade douradense, ainda na década de 1970, fazendo uma associação com um outro lugar que lhe era significativo de alguma forma (*Nossa! Essa é a Ribeirão Preto do Centro-Oeste*). Isso ocorre porque as mesmas características da cidade que em um primeiro momento causaram aversão em seu colega de trabalho, para ele estavam carregadas de significado. Nascido e criado no interior do estado de São Paulo nas décadas de cinquenta e sessenta, ele logo reconheceu certos pontos de referência nesse lugar que talvez para outrem fosse tão distinto. Landowski (2002, p. X) levanta a questão do estar *realmente* presente em um dado lugar quando afirma que “minha localidade não é *a priori* senão um lugar de passagem que não poderia por si só ter sentido”. Quer dizer que um lugar somente significará para um sujeito quando ele criar para ele determinadas marcas, ou

referências, que o tornem significativo. Um perfume, a disposição das ruas, uma sensação, um aspecto da paisagem – o clima, por exemplo –, uma cor; enfim, aspectos que transformem um simples espaço em um lugar significativo, familiar. O *informante II* parece entender essa diferença que há entre aquilo que caracteriza um *espaço* apenas e aquilo que caracteriza um *lugar*, e compreende mesmo o modo como essa diferença é condicionada pela percepção de cada sujeito (*Como a VISÃO de mundo é diferente para as pessoas*).

Ao contrário do que alguns possam pensar, a presença não conhece fronteiras físicas. Ela, aliás, as ultrapassa. Como já foi colocado ao logo desta dissertação, um sujeito está presente, antes de tudo, na significância. E é com tal fato em mente que se pode observar alguns *lugares* que atravessam o discurso e a identidade do *informante II*. O relacionamento que ele – bem como todos os outros informantes – estabelece com estes lugares apresenta diferentes graus de intensidade, revelando, ulteriormente, um forte sentimento de pertença.

Observe-se a forma pela qual o *informante II* se refere à Itália em seu depoimento. Ao contrário do que se pôde extrair da narrativa da *informante I*, nesse caso o informante tem total consciência de que a Itália que um dia acolheu seus bisavós – com as tradições, hábitos e valores que um dia compuseram as práticas ordinárias destes – não está mais lá. Trata-se de uma Itália que o informante carrega consigo e que influencia o seu *ser*, mas que não mais existe.

TRECHO 6

Não... Já tenho uma outra imagem construída. Não não. Quando os meus avós vieram para cá... Meus BISAVÓS, aliás... Quando meus BISAVÓS vieram para cá eles ainda ensinavam meus avós e meus pais: “Olha, um dia o carro ainda vai ser puxado sem os bois. Ele vai se mover por conta própria”. Então, ESSA é a Itália que eles deixaram, né. Uma Itália empobrecida pelas guerras, uma Itália em dificuldade e tal. E... Não... A imagem que eu tenho da Itália é uma imagem atual... Uma imagem de um país unificado... Naquela época NEM ERA, quando eles vieram. Um país unificado, um país próspero. Mas assim, sabe... Eu até me relaciono com um (**sobrenome da família**) ou outro... Que a gente se encontra nos e-mails da vida... MAS NÃO EXISTE COM ELES... Não existe um LAÇO afetivo muito forte. Existe um sobrenome... Sabemos que um dia a gente possa até encontrar uma origem em comum na nossa árvore genealógica, mas não tem um LAÇO como o que eu tenho com os (**sobrenome da família**) aqui do Brasil, por exemplo. Mas a imagem que eu tenho da Itália é uma imagem atual... Não é uma imagem dos antigos não (p. 13-14).

Quando indagado a respeito da imagem que mantém, hoje, da Itália, o *informante II* demonstra que a visualiza de maneira bem pragmática (*Um país unificado, um país próspero*) e distinta daquela Itália de seus antepassados, a qual lhe foi transmitida outrora (*a imagem que eu tenho da Itália é uma imagem atual... Não é uma imagem dos antigos não*). Entretanto, será essa a Itália que compõe seus traços identitários? Aparentemente, não. Essa Itália atual, à qual se

refere o informante em questão, não passa de um *não-lugar*, com o qual, ele próprio afirma, não mantém nenhum laço afetivo.

Outro *lugar* que emerge em seu discurso é a sua cidade de origem, isto é no município paulista de Borborema. É curioso o momento em que o *informante II* afirma:

TRECHO 7

Bom, é claro que... Que... Eu nem sei exatamente porque, mas a gente tem um sentimento de pertencimento à terra aonde a gente nasceu. Mas eu... Eu nasci em um sítio em Borborema, não era na zona urbana. Saí desse sítio para ir para a cidade estudar quando eu tinha sete anos de idade. Portanto, a minha ligação com Borborema é apenas uma ligação de... De... Registro civil... E os meus parentes que estão lá, né... Essa é a ligação (p. 13).

É curiosa a maneira como ele constrói a representação da relação, da ligação que estabelece com sua cidade de origem. Ele afirma, inicialmente, que há, sim, um vínculo afetivo para com a cidade onde nasceu (*a gente tem um sentimento de pertencimento à terra aonde a gente nasceu*), mas, simultaneamente, declara que trata-se de um vínculo que não ultrapassa o mero valor de *registro civil*. Mais uma vez, percebe-se o tecer das redes de oposições que moldam a linguagem e o discurso. Apesar de asseverar que sua ligação com sua cidade natal concerne somente ao seu assentamento de nascimento⁴⁰, o *informante II* tem consciência de que certos valores, que lhes são caros ainda hoje e que lhe compõem o *ser*, a sua identidade, nasceram nesse – e proliferaram a partir desse – lugar.

TRECHO 8

Nós almoçávamos, por exemplo, todos juntos, quando... Quando não era na roça, quando não usava o caldeirãozinho. NÃO ERA MARMITA TÉRMICA, NÃO, era um caldeirãozinho, né. Então, nós almoçávamos todos juntos, e aí, por exemplo, tinha aquela MESONA, ENORME, e aí sentavam todos os tios, as tias, as avós, todo mundo sentava-se à mesa, sentava-se à mesa, e aí chegava a avó, por exemplo, aí punha o arroz, punha o feijão, punha O QUE TIVESSE, né – mas a base mesmo era o arroz e o feijão. Aí chegava a avó, e, por exemplo, se tivesse... SE TIVESSE OVO FRITO, TODO MUNDO SABIA QUE ERA UM OVO PARA CADA UM, não precisava nem perguntar.

[...]

TODA ÉPOCA, toda época tinha as suas... tinha o seu divertimento, tinha as suas coisas para as crianças, por exemplo, andar no carro de boi ERA UMA COISA MARAVILHOSA, né. Eu andei em carro de boi, e eu achava GOSTOSO andar em carro de boi. ANDAR À CAVALO, né... Andar à cavalo era gostoso. TREPAP em todas as árvores que havia, né, CORRER FEITO UM DESESPERADO (p. 8-9).

As durezas da roça, as brincadeiras de criança, os hábitos dos mais velhos, as reuniões familiares, os objetos de uma vida simples (o *caldeirãozinho*, o *carro de boi*) são, todos, pontos de referência “que dão sentido ao que, a princípio, é apenas da ordem da substância perceptível,

⁴⁰ Essa é a própria definição de *registro civil*.

que transforma o ambiente geográfico e referencial num meio vivo e articulado, sensível e significante” (LANDOWSKI, *Ibidem*, p. 70).

A esses dois lugares significativos soma-se aquele que, hoje, serve de receptáculo para as práticas e configurações identitárias do *informante II*: a cidade de Dourados. De toda a extensão de seu depoimento, o momento em que ele se refere ao município douradense é, provavelmente, o qual apresenta marcas mais nítidas e intensas de suas impressões, de suas sensações e paixões, assim como os **trechos 9 e 10** evidenciam.

TRECHO 9

E embora eu tenha estudado em Itápolis, tenha estudado em Catanduva... Quer dizer... Eu passei a maior parte da minha vida aqui. Então eu me identifico muito com essa cidade de Dourados. Dourados é uma cidade de imigrantes, EU SOU migrante, e, consequentemente essa identificação é muito maior (p. 13).

TRECHO 10

Aqui eu constitui a minha família, aqui eu constitui os meus amigos, aqui muitos já me consideram inimigo, aqui a vida flui e aqui eu quero morrer (p. 16).

A verbalização de seu sentimento para com o município douradense – essa sua última morada – é mais concisa. Os mecanismos fraseológicos e lexicais que o informante utiliza para manifestar suas impressões transbordam a superfície de um *discurso apaixonado*. Lembrando que o *discurso apaixonado* “conduz-nos à depreensão *éthos* do enunciador (um ator da enunciação), que está tomado pelo sentimento que imprime ao produto de seu ato enunciativo (FIORIN, 2007, p. 11), vê-se, nos **trechos 9 e 10**, a presença de elementos linguísticos a partir dos quais se pode inferir um tom passional presente no próprio ato do enunciador (nesse caso, o nosso informante) de tecer seu texto oral. A ênfase (*EU SOU MIGRANTE*), a repetição do advérbio de lugar (*aqui*), as reticências (que geralmente indicam pausas dramáticas), a linguagem forte (*aqui eu quero morrer*), tudo isso leva à depreensão do sentimento de pertença que constrói esse discurso apaixonado.

O discurso apaixonado do *informante II*, sempre repleto de traços patêmicos (ora implícitos, ora explícitos), apresenta, pois, inúmeros elementos que apontam para um sentimento de pertença que compõe os seus traços identitários. Sobretudo o modo como ele constrói os simulacros para a relação que estabelece com os três *lugares* (e não *espaços*!) que lhe atravessam o âmago, revela muito sobre as suas formas de percepção e convívio com a alteridade, a qual foi surgindo e instaurando-se ao longo de seu itinerário. Revela, por fim, o ser e o sentir desse sujeito.

2.3. Informante III

O *informante III*, ao contrário dos outros sujeitos da pesquisa, possui uma identidade que talvez pudéssemos dizê-la “mais explicitamente” híbrida. É sabido que os hibridismos ocorrem, frequentemente, de maneira silenciosa; os sujeitos, em situação de contato intercultural vão operando certos mecanismos de compartilhamento, de absorção, de negação de traços identitários, sem, necessariamente, percebê-los. Contudo, as misturas que se dão ainda na base genealógica da identidade do sujeito, isto é, aqueles encontros entre ascendências, que resultarão, ulteriormente, em sua *identidade primeira*⁴¹ são mais evidentes. Até aqui, foram descritos sujeitos cujas *identidades primeiras* eram, essencialmente, italianas. O *informante III*, no entanto, possui uma base genealógica identitária um tanto heteróclita, uma vez que sua ascendência italiana encontra-se, ainda, com as raízes portuguesa e indígena.

TRECHO 1

Eu conheci o avô materno, e a avó materna, né. Os dois vindos da Itália, um com treze e o outro com dezesseis anos (p. 1).

TRECHO 2

E tinha... A parte do meu pai é portuguesa, (**sobrenome da família**). Mineiro, vem de Minas. Minha avó era ÍNDIA, minha bisavó por parte de pai (p. 3).

Nascido na pequena cidade paulista de Presidente Bernardes, o *informante III* teve sempre um íntimo contato com as práticas e costumes italianos. Neto de italianos que, assim como um enorme contingente populacional à época, imigraram ainda jovens para o Brasil, em decorrência da escassez que, então, acometia uma Itália pós-unificada, ele foi criado de modo a *crer verdadeiros* os valores de uma vida de andanças, saudades, sofrimento e trabalho árduo. O *informante III* não tardou a tomar para si os valores da vida do imigrante.

TRECHO 3

E aí, diz que revistavam todo mundo, e que um primo do meu avô estava com febre – criancinha. Aí minha avó o pôs dentro de um baú e tampou, para não jogar no mar, porque eles atiravam no mar – meu avô dizia – os doentes, velhos, crianças.

[...]

E quando chegou à casa dos imigrantes aqui – ele contou –, ficou QUARENTA dias esperando para ver se tinha alguma doença, para poder mandar para os cafezais. Eles iam trabalhar nos cafezais em São Carlos, onde minha mãe nasceu (p. 2).

O excerto de texto transcrito no **trecho 3** ilustra uma situação recorrente, e significativa, na vida do imigrante italiano: a viagem, o longo trajeto de navio percorrido da Itália rumo ao Brasil. O ato de viajar não é um ato de *estar de passagem* apenas. Desse ato, ficam incrustados na

⁴¹ Expressão criada com a finalidade de ilustrar a origem identitária de um sujeito (aquele momento antes mesmo de qualquer contato com as formações ideológicas que, mais tarde, irão se misturar, fundindo-se em sua identidade).

memória certos momentos, pessoas, paladares, odores; fixam-se no âmago do sujeito certas sensações inesquecíveis (seja por serem boas, seja por serem ruins). De qualquer maneira, nota-se que o tema da viagem em si, do difícil deslocamento de seus antepassados italianos, é recorrente nos depoimentos dos informantes da pesquisa⁴². Talvez o seja, porque é um fator que ressalta uma paixão intensamente presente na vida do imigrante: a *superação*, que advém, nesse caso, do *sofrimento* causado pela penúria de um lugar politicamente conturbado, retratado no **trecho 4**.

TRECHO 4

Meu avô, diz que comia polenta com pato lá. Meu avô ia caçar, que ele era soldado, então tinha a espingarda, tinha a arma de fogo, né. Ia ao mato e “Vamos, Antônio, comigo caçar uns patos para comer”. Comia PATO, do mato, com polenta.

Estava ruim, a escassez de comida na Itália.

[...]

Tinha que caçar para poder sobreviver. Aí ele pegou e falou assim “Eu vou embora para o Brasil”, “Vou pegar um navio...”. Ou Argentina ou Brasil (p. 4).

Os laços que o *informante III* mantém com sua herança italiana foram intensificados, num primeiro momento (o momento de sua infância), através do costume de contar histórias, o qual seus pais e avós sempre mantiveram vivo no âmbito familiar. Os quatro informantes possuem, aliás, esse ponto em comum: a manutenção de práticas e tradições de outrora – e de outrem – por meio da contação de histórias. Novamente, percebe-se que os valores (positivos/eufóricos) que o *informante III* imputa aos modos de vida do imigrante italiano, e às virtudes a ela vinculados, lhes foram incutidos, mormente, por meio da prática da tradição oral.

O trajeto de seus avós e de seus pais não foge à típica experiência do sujeito itinerante cujos passos foram sendo guiados pelo sonho da ascensão socioeconômica, pelo desejo da propriedade de terras, pela ânsia de prover sua numerosa prole. É o que se observa por aquilo que relata o *informante III* no **trecho 5**.

TRECHO 5

ENTREVISTADORA: E porque eles resolveram vir para o Brasil? O senhor sabe?

INFORMANTE: FUGIR DA GUERRA. Fugir da Guerra.

Mas meu avô dizia que andava sempre endividado na venda da fazenda. Não sobrava quase. Mas ele foi economizando, juntando, juntando dinheiro, até que vieram para Sorocabano. Aí ele comprou um sítio de vinte e um alqueires indo embora para Prudente, ali em Machado, Álvares Machado. TRINTA E DOIS, em mil novecentos e trinta e dois. Aí veio trabalhar no que era dele já.

ENTREVISTADORA: Aí ele já era proprietário.

INFORMANTE: Já era proprietário de terras. Conseguiu comprar um pedaço de terra.

Trinta e um, ou vinte e um, alqueires, não sei se era vinte e um ou trinta e um.

E teve NOVE FILHOS. Minha mãe é a mais velha de NOVE filhos (p. 5).

⁴² Com a exceção do *informante II*, que não aborda essa questão em seu relato.

A posse de terras é um tema que aparece com regularidade nos depoimentos dos descendentes de italianos entrevistados. As histórias de vida de seus pais e avós apresentam a recorrência de um *querer ser* proprietário que se materializa em um sentimento de anseio veemente de alcançar tal objetivo, ou seja, a *ambição*. Lembrando que *querer ser* faz aparecer o desejo, o anseio, a ambição, a cobiça, a cupidez, a avidez e a curiosidade, ao passo que *não querer ser* faz surgir o desprendimento, a generosidade, a liberalidade, a prodigalidade, etc. (BARROS, 1995). De acordo com Barros (*Ibidem*), as paixões podem ser entendidas como efeitos de sentido de qualificações modais, que modificam o sujeito. Nesse caso, temos um sujeito virtual (do *querer* e do *dever*) que, modalizado pela paixão da *ambição*, transforma-se em um sujeito atualizado (do *saber* e do *poder*), à medida que passou a utilizar sua competência (*foi economizando, juntando, juntando dinheiro*) para tentar entrar em conjunção com o objeto-valor em foco, ou seja, a propriedade da terra.

Esse percurso do imigrante italiano em busca de um objeto-valor (percurso marcado por dificuldades, perdas, superação) é, como foi abordado no capítulo anterior, um dos fatores que sustentam uma imagem positiva em relação ao imigrante; uma representação que é construída mantida, também, pelo *informante III*.

O *informante III*, assumindo o papel de destinador/enunciador no jogo da comunicação, procura persuadir seu destinatário/enunciatário (a pesquisadora) para que *creia verdadeiro* seu sentimento de pertença à tradição italiana – e às práticas e valores a ela intrínsecos. Para tal, ele utiliza-se do recurso de construção de certos objetos que representem tal sentimento. Nos trechos que seguem, podemos perceber o engendrar discursivo de alguns desses objetos.

TRECHO 6

Gostávamos. Ele contava, e sentava a molecada “Conta tio, conta”. Aí ele começava a contar dos reis da França, que teve um rei que implantou o catolicismo e... É muito católica a família (**sobrenome**), muito católica.

É os italianos também são muito católicos (p. 10).

TRECHO 7

Iii... Ela contava que meu bisavô era um... Ficou viúvo – ela não conheceu a bisavó dela. E ela ensinava as cantigas italianas para ela. Tem uma que ela me ensinou, ela passou para mim:

“Cicerenella teneva nu gallo

e tutta la notte nce jéva a cavallo...

Essa nce jéva po' senza la sella...

E chisto è lo gallo de Cicerenella”...⁴³ (p.7).

⁴³ Típica canção popular napolitana, intitulada “Cicerenella”.

Nos **trechos 6 e 7**, o *informante III* traz à superfície de seu discurso dois objetos que dão suporte ao sentimento de pertencimento de um sujeito a uma determinada tradição: a religião e a língua. Seu contato com esses dois importantes componentes da cultura italiana (componentes essenciais em qualquer cultura, diga-se de passagem) sustenta, com um alto grau de intensidade, o seu *eu italiano*, isto é, aquele segmento de sua identidade que o mantém conectado afetivamente a essa tradição.

A maneira como o *informante III* descreve o *modus vivendi* de seus avós, e de seus pais, quando estes ainda residiam em uma colônias italiana erigidas no interior de uma fazenda de café situada no estado de São Paulo, contém uma alta carga sentimental que influencia o seu *ser*. É interessante notar que o discurso do destinador flui involuntariamente como um ato saudosista; como se ele tivesse, de fato, vivenciado as práticas ordinárias que se desenrolavam nessa colônia. Abaixo, o **trecho 8** ilustra bem essa situação.

TRECHO 8

A fazenda em que meu pai e minha mãe moravam – meu pai nasceu em Santa Lúcia, São Paulo, e minha mãe em Santa Eudóxia, né – tinha colônia, EU FUI VER quando estudei em São Carlos. Eu fui ver. Levei minha mãe para relembrar o passado, para ver se ela contava alguma história – depois vou contar para você. É uma rua de casas dos dois lados assim. Uma colônia portuguesa. Ainda está conservadinha, a italiana eles derrubaram, que era mais para o fundo da fazenda, né. Aí recebia uma vaca, um casal de galinhas, um casal de porcos, e a casa para morar. E tinha um pastinho que era reservado, assim, por tiras. Cada casa tinha seu pastinho em tira, com uma vaca de leite, né, que o fazendeiro dava. E o café pagava em dinheiro, uma porcentagem, né (p. 5).

Num determinado momento de seu relato, o *informante* utiliza a construção *Levei minha mãe para relembrar o passado*. Se pensarmos naquele velho ditado o qual diz que recordar é viver, então entenderemos o tom saudosista de seu discurso. O contato com as histórias sobre a época em que sua mãe viveu em uma colônia de italianos (*para ver se ela contava alguma história*) o leva para um lugar que lhe é significativo, colocando-o em interação com valores que assumem uma dimensão sensível para ele. É essa dimensão sensível da significação que o permite viver momentos dos quais nem participou (fisicamente). É essa dimensão que desperta no sujeito uma espécie de “acidente patêmico” (LANDOWSKI, 2005, p. 97), caracterizado por um sentir que transborda irresistivelmente o seu perceber, quebrando, assim, qualquer fronteira – psicológica ou física – existente entre ele e um lugar que lhe é significativo.

O tom saudoso, e carinhoso, com que o enunciador refere-se à colônia em que sua mãe vivia, é traduzido pela descrição de uma forma de vida que lhe é cara, e na qual ele deposita valores positivos/eufóricos, isto é, a vida do campo, a rotina da roça, o trabalho nos cafezais (*Cada casa tinha seu pastinho em tira, com uma vaca de leite, né, que o fazendeiro dava. E o*

café pagava em dinheiro, uma porcentagem, né). A axiologização positiva do objeto-valor *vida no campo* é, aliás, uma constante nos discursos dos quatro sujeitos da pesquisa.

Assim como o *informante II*, o *informante III* possui um nível de instrução – de formação acadêmica – diferenciado, que se reflete em seu discurso e em sua identidade. Formado em Ciências Sociais, ele foi atraído ao município sul-mato-grossense, há mais de trinta anos, por uma oportunidade de emprego na, então, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Tendo chegado aqui no final da década de 1970, ele desenha, sucintamente, o cenário com o qual se deparou.

TRECHO 9

Só eu que vim dar aula no curso de Agronomia.

[...]

IXE, ERA RUA DE BARRO ALI PERTO DO CEUD. Era tudo... Não tinha casa, não tinha nada. Era rua de terra (P. 13).

Ao contrário do contexto de vinda da *informante I*, por exemplo, para a cidade de Dourados, o que atraiu o *informante III* para esse novo espaço, para um espaço distante daquele que lhe é de origem, não foi a oportunidade de dar continuidade às práticas e valores que, outrora, lhe foram imputados por seus pais e avós (as práticas da vida no campo, os valores da posse de terras). Naquele momento, ele estabeleceu para si um novo programa. Um programa de busca do objeto-valor *carreira acadêmica*, programa este, que passou a dar-lhes (tanto para o sujeito como para o objeto) nova existência. É nesse sentido que Barros (2007, p. 17) afirma que “a relação transitiva entre sujeito e objeto dá-lhes existência, ou seja, o sujeito é o actante que se relaciona transitivamente com o objeto, o objeto aquele que mantém laços com o sujeito”. Sabemos que “um programa narrativo deve ser interpretado como uma mudança de estado efetuada por um sujeito (S₁) qualquer, que afeta um sujeito (S₂) qualquer” (GREIMAS & COURTÉS, 2008, p. 389). Nesse caso, o mesmo sujeito que opera a mudança de estado (*informante III*) é aquele que sofre as consequências de tal mudança. O *informante III* é o sujeito que, uma vez *atualizado* com valores modais como a capacidade de trabalho (o *querer*), busca entrar em conjunção com esse objeto-valor – baseado, é claro, em sua competência para fazê-lo. Temos, portanto, um programa cuja natureza de sua função é a *aquisição por apropriação*.

Mas o fato do *informante III* ter buscado novos objetos-valor em um lugar distante, e distinto, daquele que lhe é de origem, não implicou o enfraquecimento dos laços que ele sempre manteve com certos lugares significativos (psicológicos e físicos), os quais nunca deixaram de compor sua identidade.

É certo que a representação que ele faz do lugar de origem de seus antepassados, dos bisavós e avós italianos, bem como de seus pais⁴⁴, é marcada com maior nitidez por traços patêmicos que indicam um sentimento de pertencimento mais intenso a esses outros lugares e, inclusive, a outros tempos. Isso não implica, no entanto, o não advento do *aqui – agora*. Questionado a respeito de seu sentimento em relação a sua cidade natal, o *informante III* não somente assevera a não existência de qualquer vínculo sentimental para com ela, como passa a abordar a relação que estabelece para com o lugar que, hoje, suporta suas práticas. O **trecho 10** ilustra a situação em que o sujeito em questão aborda essa relação.

TRECHO 10

INFORMANTE: Ah, eu gosto dela, mas não tenho mais nenhum vínculo com ela.

ENTREVISTADORA: Não tem aquele sentimento de pertencimento?

INFORMANTE: Não, de pertencimento não. Eu pertenço mais a DOURADOS.

[...]

Não, não me considero um estrangeiro. O meu pertencimento É AQUI. Embora Dourados é uma cidade cosmopolita... MAIS QUE CAMPO GRANDE ATÉ. Eu acho. Aqui tem paraguaios, italianos... A colônia gaúcha do CTG é de italianos e alemães. Tem índios, tem portugueses... Tem...Então tem bastante (p. 24-25).

Percebe-se que a discursivização do sentimento que o enunciador reserva para o município douradense é mais explícita, mais direta (*Eu pertenço mais a DOURADOS*). Seu discurso, agora, assume um caráter mais pragmático (*curto e grosso*, como diz a expressão popular), eliminando aquele tom saudosista que, antes, se deixava transparecer pelo emprego de recursos como a construção/representação de pessoas, de lugares, de situações, de tempos. Perguntado sobre a auto-imagem que constrói aqui, e se sentia-se um *estrangeiro* em meio às práticas desse lugar, o enunciador procura fazer seu enunciatário *crer verdadeiro* seu sentimento de pertencimento à cidade de Dourados argumentando que este é um lugar culturalmente heteróclito (*Aqui tem paraguaios, italianos... A colônia gaúcha do CTG é de italianos e alemães. Tem índios, tem portugueses... Tem...Então tem bastante*). O curioso é que, ao argumentar que seu pertencimento a este local está ligado ao fato dele ser composto por etnias diversas, o *informante III* acaba assumindo – inconscientemente – o papel “daquele que é de fora”.

É forçoso colocar que não estamos contradizendo o declarado sentimento de pertencimento do *informante III* ao município douradense. Estamos apenas apontando para uma situação peculiar, que é, inclusive, colocada por Landowski (2002, p. 77) em sua discussão acerca da presença para si e para o mundo:

⁴⁴ É válido apontar ao fato de que o *informante III* é da segunda geração de brasileiros de sua família, enquanto seus pais foram da primeira geração.

Uma “estada”, por definição, só poderia ser um certo prazo para passar, um pequeno pedaço de existência inscrito entre dois limites bem definidos. E a se supor até que, por uma razão ou outra, como acontece por vezes, a visita se prolongue para lá de todas as previsões iniciais, não é seguro que, afinal, o visitante, mesmo transformado ao cabo de um tempo em alguém quase do lugar, terá jamais na realidade feito outra coisa, no local, senão se habituar – cada vez mais – a não se habituar .

O que mais nos chama a atenção nas palavras de Landowski é o fato, por ele explicitado, de que um sujeito⁴⁵, mesmo que transformado, com o tempo, em alguém “quase do lugar”, tende a encontrar maneiras de diferenciar-se daqueles sujeitos que são naturais desse determinado lugar. Isso não significa, necessariamente, que ele não tenha cultivado um sentimento de pertença às práticas e tradições dali. O *informante III*, por exemplo, encontrou, sim, os seus pontos de referência neste que não é seu lugar de origem (a família, a culinária, a religião), atribuindo-lhe, assim, valores que o fazem significar. Entretanto, apesar de declarar sua pertença maior à Dourados, observa-se que ele não deixa de enxergar-se enquanto parte da heterogeneidade cultural que, como ele próprio afirma, compõe a essência da cidade sul-mato-grossense.

2.4. Informante IV

A *informante IV* destaca-se dos outros sujeitos da pesquisa em decorrência de três importantes fatores: sua idade (é consideravelmente mais jovem que os outros informantes), seu tempo de residência na cidade de Dourados (ela aqui reside há, aproximadamente, dez anos), e, por fim, seus itinerários (os caminhos que a trouxeram para o município douradense passaram, antes, por um outro país). Independentemente de qualquer variante, contudo, a *informante IV* não se distancia dos demais sujeitos da pesquisa no que concerne aos fortes laços afetivos que ela mantém com suas raízes, sobretudo suas raízes italianas. Assim, como nos outros depoimentos analisados, a construção de sua narrativa oral também revela um discurso atravessado por traços patêmicos que apontam para os seus estados de alma; um discurso que, ao deixar transparecer a sua subjetividade, permite a manifestação de seu Eu, isto é, de sua(s) identidade(s).

A *informante IV* nasceu no estado de Santa Catarina, em uma pequena cidade, que faz fronteira com o Paraná e com a Argentina, chamada Dionísio Cerqueira. Sua cidade natal foi

⁴⁵ Um sujeito que não é natural daquele local onde se encontra.

colonizada por imigrantes italianos e alemães que, vindos de colônias gaúchas da proximidade, ali se estabeleceram, deixando as marcas de suas tradições e práticas culturais.

TRECHO 1

Eu nasci em Dionísio Cerqueira, em Santa Catarina. E nós morávamos em uma localidade que chamava Campinho, e lá só morava, numa parte, italianos, né, e na outra parte, alemães.

Então, aí eu lembro que existia uma certa rivalidade, porque os italianos são católicos, né... Eles cultivam a religião e as tradições. E os alemães eram... Eles cultivavam as tradições deles, tanto quanto os italianos, né.

Então havia uma rivalidade muito grande.

Quando nós íamos para a escola, mesmo, eles falavam... Chamavam a gente, assim, de *gringa polenteira* (risos) (p. 5).

No **trecho 1**, a *informante IV* conta que morou, durante sua infância e adolescência, em uma colônia de italianos chamada Campinho, localizada nos arredores de Dionísio Cerqueira. A intensidade de seu contato com todos os segmentos da cultura italiana (sua língua, sua culinária, seus costumes e tradições, sua religião) desde muito jovem, ditou, nitidamente, o desenvolvimento de sua identidade; ou seja, determinou o estabelecimento de seu *ser/parecer* italiana. E é exatamente esse o contrato que a enunciativa espera que seu enunciatário aceite, o de *crer verdadeira* a sua identidade italiana. O seu discurso constrói-se, essencialmente, em torno da representação dos valores relacionados à (ou, melhor dizendo, depositados na) cultura italiana.

Ainda referente ao **trecho 1**, é interessante notar como a *informante IV* levanta o tema da rivalidade existente entre os italianos e os alemães residentes da colônia onde vivia. Essa rivalidade não nasceu de um simples conflito de tradições, de uma diferença trivial e insignificante dentro da colônia de Campinho, mas sim de um longo contexto histórico, que culminou com a Segunda Guerra. Assim como a *informante I*, a informante agora em questão assume os valores dessa rivalidade, que, curiosamente, originou-se muito antes de seu nascimento. Isso ocorre porque, para ela, essa rivalidade estará sempre intimamente relacionada aos sentimentos de *sofrimento* e de *superação* que marcaram profundamente a história de seus antepassados italianos. O discurso da *informante IV*, retratado no **trecho 2**, ilustra bem essa situação.

TRECHO 2

ENTREVISTADORA: Mas por que eles deixaram a Itália?

INFORMANTE: Porque na Itália, foi na época, assim, que aconteceu a guerra, né, e eles estavam passando muitas dificuldades. Era problema de saúde, né, que meu bisavô ficou paraplégico na guerra, que... Ele... Assim, levou um tiro na coluna, e ficou na cadeira de roda. E minha nona, Francesca, ela faleceu antes dele voltar da guerra. Não! Ela não faleceu antes dele voltar da guerra, mas... Ela teve problema de saúde, e faleceu; e ele, paraplégico, ainda ficou, né. Aí ficou o meu nono – eles eram em seis irmãos. E quem tinha a responsabilidade maior, assim... Sempre caiu sobre ele, no caso. Por isso que ele decidiu vir para cá, né (p. 1).

A representação que a *informante IV* faz do triste panorama da guerra (*eles estavam passando muitas dificuldades*), reforçando-o com as dores e perdas dela decorrentes (*Era problema de saúde, né, que meu bisavô ficou paraplégico na guerra*), não somente surge de maneira a afirmar o estopim da rivalidade que existia com relação aos alemães, mas, sobretudo, para reforçar os valores positivos/eufóricos da difícil trajetória de seus familiares, que por conta da guerra – e da escassez por ela provocada – foram obrigados a deixarem sua pátria-mãe.

Pelo fluir da narrativa da informante, é possível constatar que a temática da *guerra* estabelece uma espécie de “gancho” com a questão da *terra*, e do *modus vivendi* a ela ligado, uma vez que a própria busca desse objeto-valor por seus familiares imigrantes foi instigada, em primeira instância, pelos efeitos da guerra sobre a Itália.

TRECHO 3

Então, ele escolheu ficar no Brasil porque... É... O meu avô não aguentaria também a viagem para a Argentina, né. Para ir até a Argentina, ele iria falecer no navio, e seria jogado no mar, né. Aí, por isso, que eles se separaram, né, no caso. Ficou o irmão mais velho, porque os outros cinco se reuniram, e decidiu qual que iria ficar. Não podia ir até lá... Para a Argentina... Ele iria falecer.

Aí ele decidiu ficar. Ficou ele e meu nono em Nova Prata.

[...]

Então eu acredito que seja, talvez, o governo que deu uma terra... Eu não sei como que funcionava isso na época, né, mas... A terra sempre foi deles.

Só que, quando eles chegaram, automaticamente, acho que não tinha terra, né. Não sei como que foi que eles se ajeitaram, só sei que sempre foi na terra que eles trabalharam (p. 4-5).

No **trecho 3** a destinadora constrói, para seu destinatário, uma representação do início da busca do objeto-valor *terra* por seus familiares italianos. Para fazer sobressair o valor de *superação* que atravessa a trajetória de seus avós rumo ao Brasil, e rumo à conjunção com o objeto-valor *terra*, a informante desenha o panorama da partida deles por meio de um discurso patemizado, no qual ela prioriza os valores da *perda* (o possível falecimento de seu avô durante a viagem de navio) e da *separação* (o desmembramento de uma numerosa prole). A *informante IV* conta, então, que, ao estabelecerem-se no município rio-grandense de Nova Prata⁴⁶, seus avós logo trataram de se “ajeitar”, ou seja, de adquirir um pedaço de terra onde pudessem iniciar e perpetuar de suas tradições campestres.

É notável como os valores positivos/eufóricos das práticas campestres, da vida da agricultura de subsistência, são caros à *informante IV*, assim como o são para os outros três

⁴⁶ O desenvolvimento dessa região do Rio Grande do Sul foi marcado, em grande escala, pela criação e execução de um projeto de povoamento. Através de tal projeto, inúmeros imigrantes (entre eles, os italianos) puderam fixar-se no local, onde tiveram a oportunidade de trabalhar na terra (com a agricultura).

sujeitos da pesquisa. O **trecho 4** deixa claro que as tradições e valores campestres trazidos por seus familiares da Itália foram repassados para as gerações subsequentes, chegando, inclusive, à sua própria geração

TRECHO 4

Mas olha como era a nossa vida lá no sítio: nós levantávamos quatro horas da manhã, aí nós tirávamos leite de trinta vacas, porque os peões tinham um horário para começar, então era nós que fazíamos isso... Eu, minhas irmãs, né... Porque depois dos sete anos, já entrava na dança, né. Aí, seis horas a gente tomava banho, e ia para... Para nós podermos fazer o ensino fundamental, nós caminhávamos cinco quilômetros... Nós caminhávamos cinco quilômetros para ir, e cinco para voltar. Foi lá que eu terminei o ensino fundamental.

TRECHO 5

É... Meu pai trabalhava, assim... É... Na agricultura... É... Ele vendia leite para o laticínio, e ele vendia o leite, e pegava todo o leite na colônia, né... Das pessoas que produziam... É... E pegava de casa em casa e levava para o laticínio em São Miguel do Oeste, e já levava o dele junto, né. Aí produzia soja, milho... É... Cana... Porque fazia o melado e o açúcar mascavo... É... Uva, pêra, pêssego... É... Eles produziam de tudo lá – pêra, pêssego – o quê mais? Maçã, né, porque lá produz... Lá... Nossa é incrível quando eu começo a lembrar, porque se produzia de um tudo, assim, que não precisava nem você vender nada, assim, se você não quisesse, porque você tinha tudo lá, sabe?

O fato da *informante IV* ter vivenciado por si própria os valores do trabalho braçal, da vida na lavoura, serve para intensificar o grau de influência que esse aspecto possui sobre sua identidade. Nos **trechos 4 e 5**, vemos uma descrição detalhada sobre a vida de subsistência que a informante levava (os produtos cultivados, a rotina de trabalho). Observa-se que as práticas agrícolas inicialmente empregadas por seus avós na terra, quando estes residiam no estado do Rio Grande do Sul, continuaram a ser perpetuadas, mesmo anos mais tarde, pelos pais da *informante IV*, quando já residiam em Santa Catarina.

Em seu discurso, retratado no **trecho 4**, pode-se constatar como a informante em questão estabelece uma rede de oposição entre a *dureza* (*E pegava de casa em casa e levava para o laticínio em São Miguel do Oeste, e já levava o dele junto, né*) e a *fartura* (*porque você tinha tudo lá, sabe?*) da vida na lavoura. Se atentarmos bem às situações descritas pela informante, veremos que, na realidade, a relação que ela estabelece entre essas duas categorias semânticas é mais uma relação de implicação, à medida que, para ela, na ordenação sequencial natural das coisas, ter-se-ia a *fartura* como consequência do trabalho duro. Essa lógica, que tanto lhe significa, é apenas uma das inúmeras referências que ela absorveu da cultura de seus pais e avós; referências que ela sempre carrega consigo, e que são base de seu intenso sentimento de pertencimento.

Outra importante base desse sentimento é – como vimos anteriormente – a língua. No caso da *informante IV*, o contato com a língua italiana durante sua infância e adolescência foi um dos fatores que lhe inspirou o orgulho por suas raízes italianas. Os **trechos 6** e **7** retratam a natureza da relação que ela mantinha (e mantém) com o italiano.

TRECHO 6

Porque a gente já tinha um sotaque diferente do deles, e eu acredito que lá naquela região se chocou os sotaques dos italianos e dos alemães. Porque eles falavam alemão, e daí a gente... Os avós falavam italiano... E... Em casa, só falava italiano, aí, a gente, criança, ia para a escola e tinha que falar português, né. Não falava italiano (p. 6).

TRECHO 7

Mas as tradições, assim, e os costumes, as festas... Aí... Eles costumavam... Meu pai costumava cultivar, e até hoje, em casa, ele... Era assim, ele reunia toda a família, e... Cantava as músicas italianas... Ele cantava a *Verginella*, *La bela polenta*... Lembrei, menina, o nome da música!

[...]

Essa *La bela polenta*, ele cantava: “*Quando se mangia La bela polenta, polenta cosi, se pianta cosi*”... “*se pianta*” quer dizer quando planta ela ainda, né; porque como eles cultivavam tudo... Tinha significado, né.

Aí... “*se mangia cosi*”... daí eu não lembro! (risos)

[...]

daí, a *Verginella*... a *Verginella*, deixa eu cantar um pouquinho para você: “*La verginella non posso trovar*”.... (risos) Não vou cantar o resto... Vou mandar para você depois (risos) (p. 10).

Essa língua com a qual ela se identifica afetivamente, língua que fundou, em grande escala, sua subjetividade, lhe permite identificar-se com os italianos. Apesar da passagem do tempo e dos deslocamentos espaciais terem se encarregado da significativa redução do contato da *informante IV* com a língua italiana, a presença desse objeto nunca perdeu intensidade para ela. No **trecho 7**, ela, inclusive, assevera para seu destinatário que o cultivo das tradições e costumes herdados de seus familiares italianos nunca se perdeu em sua família (*Meu pai costumava cultivar, e até hoje...*).

A absorção e assimilação das configurações e práticas culturais tipicamente italianas pela *informante IV* deu-se no ato, na vivência de situações ordinárias mas extremamente sensíveis e significativas para ela; como, por exemplo, no simples, e até rotineiros, ato de sentar-se com sua família após uma refeição para ouvir canções italianas. Observa-se que, do mesmo modo que a *informante I*, a informante em foco está presente numa dimensão sensível de sentidos que ela relaciona a um espaço físico (neste caso, à colônia onde residiu por muitos anos de sua vida) e a um tempo passado. Abaixo, o **trecho 8** explicita bem essa questão.

TRECHO 8

[...] Tem mais músicas, mas essas são as que eu mais lembro... Ficou gravado na minha memória, porque depois, né, eu fiz uma grande mudança na minha vida (p. 11).

Ainda na adolescência, a *informante IV* teve de deixar o estado de Santa Catarina para fixar residência, com seus pais, no município mato-grossense de Paranatinga, onde conheceu e casou-se com um descendente de japoneses. Foi a partir de então que teve início a *grande mudança* à qual ela refere-se no **trecho 8**. Uma vez casada, e com filhos, seus itinerários a afastaram (fisicamente) daquele lugar no qual ela deposita, até hoje, seus valores mais sensíveis e significativos. Passando, então, pelas cidades de Campo Grande, Jardim e Dourados em Mato Grosso do Sul, ela acabou deslocando-se com seu marido para o Japão, em busca de melhores oportunidades de emprego. Para ela, os constantes deslocamentos espaciais, somados ao contato com outra cultura (a japonesa), caracterizaram a “perda” das tradições e costumes italianos.

TRECHO 9

Eu fui perdendo por causa disso, porque eu casei com uma pessoa completamente diferente de mim... E... E uma cultura completamente diferente, e difícil de aceitar o outro, entende?

Então foi assim que aconteceu (p. 19).

TRECHO 10

É... É que o (**nome do marido**) tem uma cultura totalmente diferente da minha, né... Então... Tudo, né... Comida... Aí eu fui para o Japão... Lá... Tipo assim, eu tive que viver a cultura dele, né. Então... Se eu tivesse ficado aqui no Brasil, talvez não, né. Mas como eu fui para lá... Eu tive... Eu abri mão, né, da minha (p. 20).

TRECHO 11

Eles são... Muito rígidos né. São rígidos, são disciplinados, são sistemáticos... E não abrem mão da cultura deles.

Eu comprei... Por exemplo, assim... Eu comprei uma briga muito grande. Eu deixei de viver a minha cultura para viver a dele. Tipo assim... Antes, eu não sentia tanto, só que hoje, que eu sou assim... Mais... Que já estou... Assim, vou fazer quarenta, né, estou chegando nos ‘enta’... Parece que está vindo tudo à tona, agora. Mas assim... Por que... Ele não aceita... NUNCA ACEITA. Tipo assim, eu sempre aceitei, né, por causa dele, mas ele não aceita.

Ele acha que aceita (levantando a voz), mas no fundo não aceita (p. 22).

É curioso notar, nos **trechos 9, 10 e 11**, como a *informante IV* atribui um sentimento de *perda* – de tradições e costumes, de traços de identidade – ao contato com a cultura do Outro (aqui, papel assumido por seu marido). O discurso da informante assume mesmo um tom pesaroso quando ela se refere à sua experiência de contato intercultural (*tive que viver a cultura dele*, ou, *Eu deixei de viver a minha cultura para viver a dele*), ou quando ela diz ter renunciado sua própria cultura (*eu abri mão*).

Ela chega a atribuir a suposta “perda” de suas tradições de outrora à diferença que a coloca em uma relação de oposição ao seu Outro. Ela o faz, é claro, sem perceber que o contato com a diferença delinea com fortes contornos os traços que a identificam como o Eu, que marcam toda sua subjetividade. Afinal, a diferença é condição essencial para a existência. É, pois, no contraste com a cultura japonesa que sua identidade italiana sofre um processo de semiose.

O contato com os vários segmentos da cultura japonesa (a indumentária, a culinária, a religião, a língua), e o *dever* ajustar-se a eles criam a sensação de *perda* de seus traços identitários na informante, à medida que ela sente-se privada de vivenciá-los. No **trecho 12**, o engendramento discursivo de oposições semânticas surge, novamente, para consolidar o contrato fiduciário que a *informante IV* estabelece para com o seu destinatário.

TRECHO 12

E aqui (começa a sussurrar, pois o marido está por perto)... Da parte dos japoneses, eles são frios... Japonês é frio. Eles são... Tipo assim, não é que eles... É... Eles são criados de uma forma diferente.

Italiano não... Italiano escancara, e fala alto... NOSSA, O QUE EU ME POLICIO... Já me políciei na vida... Por que é assim, você começa a falar, e HORA QUE VOCÊ VÊ, VOCÊ JÁ ESTÁ CANTANDO.

(Risos).

E é alegre, e se abraça... ITALIANO É FORA DE SÉRIE! E te passa, assim, um calor humano muito grande, assim, lá (p. 20).

Ao opor a personalidade *alegre, calorosa*, dos italianos à personalidade *fria* dos japoneses, a enunciativa discursiviza uma espécie de resistência – de *querer resistir* – à completa laminagem das tradições e costumes herdados de seus pais e avós. É importante apontar para o fato de que a informante não *exclui* e nem *segrega* a cultura de seu marido, uma vez que ela não visa nem a eliminação, nem a manutenção, à distância, das diferenças que constituem a alteridade. Ela, ao invés, vivencia as práticas dessa alteridade. O que a informante faz é não criar pontos sensíveis de referência que tornem a cultura japonesa tão significativa para a sua identidade quanto a cultura italiana.

O discurso da *informante IV* deixa transparecer, em alguns momentos, um sentimento de *ressentimento*. É o que se pode observar pelo **trecho 13**.

TRECHO 13

Hoje eu posso dizer que os meus filhos gostam muito da cultura italiana... E, também, da cultura japonesa. E eles RESPEITAM as duas, entende?

Porque, no caso do meu marido, ele procurou sempre preservar A DELE... E, talvez, não respeitando tanto a minha. Mas... Não sei se eu devia falar isso... (p. 26).

O Dicionário Houaiss define o *ressentimento* como “mágoa que se guarda de uma ofensa ou de um mal que se recebeu”. Esse sentimento trata-se, com efeito, de uma paixão que se

confunde com a *amargura*, a *inveja*, o *rancor*, a *decepção* (FIORIN, 2007, p. 14), e, por isso mesmo, deve ser analisado em seu percurso modal, o qual o define.

O *ressentimento* é uma *paixão complexa*, sendo, portanto, resultado do encadeamento de outros percursos passionais. No contexto da *informante IV*, vemos que o seu *ressentimento* em relação à referida “falta de respeito” de seu marido para com a sua cultura – italiana – nasce de uma *decepção* que é seguida pelo sentimento de *mágoa*. A *decepção* da informante é consequência de uma ruptura de contrato, pois ela *espera*⁴⁷ que o outro sujeito (seu marido) cumpra o contrato de *crer verdadeiro* o valor de um objeto que lhe é muito caro, ou seja, a sua cultura italiana.

A espera por parte da informante decorre do contrato implícito que o matrimônio firma entre dois sujeitos. Ao ato de casar-se subjazem algumas expectativas, como a da confiança, do respeito, da aceitação mútua dos aspectos individuais e pessoais do cônjuge. É por essa razão que o não cumprimento, por parte de seu marido, de um dos aspectos que constituem o contrato tácito estabelecido pelo matrimônio (*ele procurou sempre preservar a DELE*) gera, então, uma *decepção*, que, por definição, trata-se de “um descontentamento ou frustração pela ocorrência de um fato inesperado”. Ao sentimento de *decepção* segue uma espécie de desgosto recolhido, cujas marcas são transparecidas por suas palavras, as quais revelam uma autocensura que é consequência daquele mesmo contrato tácito que, para ela, teve uma de suas “cláusulas” quebrada por seu marido (*Não sei se eu deveria falar isso*). Para ela, o casamento implica a obrigação de resguardar certas questões para a intimidade com seu marido, e, portanto, o fato de ela ter discursivizado – mesmo que brevemente – algo de teor tão pessoal indica uma ruptura contratual por parte dela própria. Em seguida à *decepção*, seu estado de alma é invadido pela *mágoa*. Esse percurso modal de seus estados de alma culmina com uma sensação de *ressentimento*.

Após doze anos de residência no Japão, e de intenso contato com as práticas culturais desse país, a informante conta que resolveu voltar ao Brasil com sua família. Seus caminhos, então, a trouxeram novamente à cidade de Dourados, no ano de 2002.

Citamos, no início da descrição da *informante IV*, alguns fatores que a diferenciavam dos outros sujeitos da pesquisa, entre eles a sua idade e o seu tempo de residência no município douradense. A influência desses fatores sobre a maneira como sua identidade foi sofrendo

⁴⁷ *Espera* denominada “espera fiduciária” (FIORIN, 2007).

(re)arranjos ao longo do tempo, e ao longo de seus itinerários, fica nítida em seu discurso sobre a sua identificação, sobre o seu sentimento em relação a este lugar, que hoje sustenta suas práticas e configurações. O pouco tempo de residência na cidade de Dourados (dez anos) faz com que sua relação para com esse lugar não seja atravessada pela mesma carga sentimental e eufórica que perpassa, por exemplo, sua relação com o seu lugar de origem.

PARTE II

O LUGAR DAS INTERSEÇÕES E DISJUNÇÕES: ANALISANDO OS DEPOIMENTOS COMO UM TODO

Não somente o sensível “se sente” (por definição), mas ele próprio *faz sentido*, assim como, inversamente, o sentido articulado incorpora alguma coisa que emana diretamente do plano sensível: enquanto, por um lado, a significação está *já presente* naquilo que os sentidos nos permitem perceber, por outro, o contato com as qualidades sensíveis do mundo fica *ainda presente* no plano onde o sentido articulado se constrói (LANDOWSKI, 2005, p. 95).

Eric Landowski (2005) refere-se, acima, a uma visão dualista “que coloca diante do sujeito um mundo-objeto visto como pura exterioridade, alheia e distante”. Trata-se, com efeito, do dualismo entre o *sensível* e o *inteligível*, o qual vigorou, com relativa hegemonia, no âmbito dos estudos semióticos até a década de 1980, quando novos estudos emergiram com novas propostas para a apreensão da relação SUJEITO-OBJETO-MUNDO. Dentre as propostas que emergiram a partir de meados da década de 80, destacou-se aquela presente na obra intitulada *De l’Imperfection*⁴⁸, através da qual Algirdas Julien Greimas levantou a discussão sobre o encontro entre o homem e o mundo – um encontro que, para ele, se caracteriza por ser uma experiência sensorial. Surgida em um momento em que a significação e os valores dos objetos eram tomados e fixados de maneira demasiada instrumental, o que, segundo Landowski (2005, p. 94), deixava

⁴⁸ A. J. Greimas. *De l’Imperfection*, Périgueux: Fanlac, 1987.

“por princípio os seres e as coisas no estatuto de realidades, por assim dizer, *sem alma*”, *De l’Imperfection* conseguiu explicar e estabelecer as dimensões *sensível* e *inteligível* enquanto duas dimensões, complementares entre si, de nossa apreensão do real.

É exatamente essa uma das principais premissas sobre a qual o presente trabalho baseia-se. Sobre a inevitável, e indissolúvel, união entre as dimensões *sensível* e *inteligível*, que influencia a emergência e a existência de um sentido que não se restringe nem somente à *sensação* e nem somente à *cognição*. Buscamos atentar, nas narrativas de experiências vivas de cada sujeito informante, momentos em que tal união sensorial encontra-se manifesta em discursos apaixonados que apontam explicitamente para as identidades desses mesmos.

Os depoimentos dos sujeitos informantes foram abordados, até este momento, de maneira individual, visando à representação de suas trajetórias, impressões, paixões e sensações dentro de um panorama próprio de cada um, o qual pudesse permitir ao leitor experimentar um primeiro contato mais íntimo com as vivências de cada um desses sujeitos – um contato privilegiado dentro de qualquer relação, lugar onde se estabelecem manipulações e contratos que dependem do conhecimento, e da confiança, que enunciador e enunciatário reservam um para com o outro.

A partir de agora, entretanto, partir-se-á para a análise dos lugares onde esses depoimentos encontram suas interseções e suas disjunções. As narrativas serão, dessa maneira, abordadas de modo a traçar um percurso que vai da teoria à prática; ou seja, buscar-se-á desenvolver, nos últimos tópicos que constituem esta dissertação, uma discussão de cunho teórico que será reforçada com exemplos retirados dos depoimentos dos quatro sujeitos que, com suas narrativas orais, compõem o *corpus* da pesquisa. Por termos em mãos um extenso *corpus* de narrativas orais transcritas⁴⁹, pareceu pertinente utilizar esse trajeto *teoria – exemplificações (prática)*, em detrimento de uma análise que fosse percorrer, parágrafo por parágrafo, a totalidade de cada depoimento.

A atenção recai, nas próximas páginas, sobre aqueles aspectos recorrentes nos relatos dos quatro informantes. Os simulacros construídos – e fixados em redes de oposições semânticas – para os termos *estrangeiro* e *imigrante*; a temática do *ser* e do *parecer*; as fronteiras (físicas e psicológicas) que separam esses sujeitos de *lugares* e/ou *não-lugares*. O olhar será voltado para segmentos, discursivizados pelos sujeitos informantes, que compõem – com maior ou menor intensidade – sua própria identidade. Cada um desses aspectos funde-se em identidades que

⁴⁹ As transcrições – presentes nos anexos – somam mais de noventa páginas.

transparecem um sentimento de (não)pertença. Um sentimento sobre o qual buscamos esmerar-nos ao longo do trabalho de análise que propusemos na pesquisa em questão.

Sendo o aparato teórico-metodológico da semiótica aquele que sustenta todas as discussões postas, é importante salientar que nos movimentamos, aqui, no interior da alternância que se dá entre a instância *profunda* e a instância de *superfície* do *Percurso Gerativo do Sentido (PGS)*, isto é, entre a *imanência* (nível propriamente semiótico) e a *aparência*. Como aponta Barros (2002, p. 14), “imanência e aparência são níveis diferentes de abstração e dependem, portanto, da perspectiva adotada, o que dificulta ou mesmo impede a tarefa de precisar o que são instância profunda e instância de superfície”. Dessa maneira, o leitor poderá notar que não nos propomos percorrer linearmente cada patamar, cada nível do *PGS*; isso quer dizer que não seguimos o sentido canônico do *PGS*: nível *fundamental* > nível *narrativo* > nível *discursivo*. Esse sentido ascendente, que vai do nível mais abstrato e simples ao nível mais concreto e complexo, tem um “caráter puramente operatório” (GREIMAS & COURTÉS, s.d., p. 352 *apud* BARROS, 2002, p. 14.). Ao contrário, portanto, procuramos visualizar as articulações da linguagem, criadoras de sentido(s), dentro da flexibilidade oriunda da alternância entre essas duas instâncias.

1. O simulacro do *Imigrante*

[...] Porque há momentos em que se é o outro para ser mais completamente a si mesmo, porque o *eu* é essa coisa globalizante, porosa, aberta (LIMBERTI, 2009, p. 34).

Falar sobre a construção da imagem que um sujeito faz de si próprio, a construção de seu *eu*, implica a abordagem da construção da imagem do *outro*, bem como da imagem que esse *outro* atribui para o *eu*. Esses constructos vão se desenhando, como já vimos na segunda parte do capítulo II, com base em oposições que se instauram entre o *eu* e o *outro*. Se, como diz Landowski, “o que eu sou é o que você não é”, então é óbvio que minha imagem é projetada a partir daquela que faço de outrem. Mas essa imagem, a qual é – para utilizar a terminologia semiótica – um simulacro, isto é, uma representação, depende, principalmente, de aspectos contextuais presentes no invólucro sócio-ideológico de cada sujeito.

A observação dos depoimentos dos *informantes I, II, III e IV* evidencia a emergência de uma figura recorrente, e significativa, qual seja, a do *imigrante* (ou, melhor, a do *ser/parecer imigrante*). Os mecanismos de representação da figura do imigrante, os quais estão ligados aos valores a ela atribuídos, apresentam-se similares em todas as narrativas orais até aqui descritas. O que se pôde observar foi, portanto, certas regularidades (modais, principalmente), nos discursos de cada um dos sujeitos da pesquisa, que parecem reger o funcionamento do plano da enunciação e, por conseguinte, o engendramento e a apreensão da significação dessa figura em cada uma das narrativas. Landowski (1992, p. 169) explica que esses mecanismos são responsáveis pela “organização do ‘narrado’ discursivo (ou da narrativa enunciada)”.

O simulacro recorrente do imigrante destaca-se, sobretudo, por apontar, em última instância, para a existência semântica dos próprios sujeitos da pesquisa, uma vez que, “quando os simulacros encontram quem os adote, ‘nascem’ os sujeitos que os assumem” (LANDOWSKI, 1992, p. 172).

Mais do que somente averiguar a recorrência da representação da figura do *imigrante* nos discursos dos três informantes, é necessário atentar-se para o curioso fato de que tal representação acaba estabelecendo uma relação de oposição com o simulacro que esses sujeitos traçam para a figura do *estrangeiro*. Na progressão das narrativas de cada um dos sujeitos da pesquisa, observa-se uma representação romântica para a figura do imigrante, ao passo que à figura do estrangeiro são atribuídos valores que a fazem assumir um caráter relativamente negativo (ou disfórico, se pensarmos na axiologização dessa categoria no quadrado semiótico). Seus discursos, quando analisados para além da superfície – isto é, em seus aspectos tácitos –, mostram-se atravessados por traços patêmicos que acabam por revelar as impressões positivas que reservam para o simulacro do imigrante.

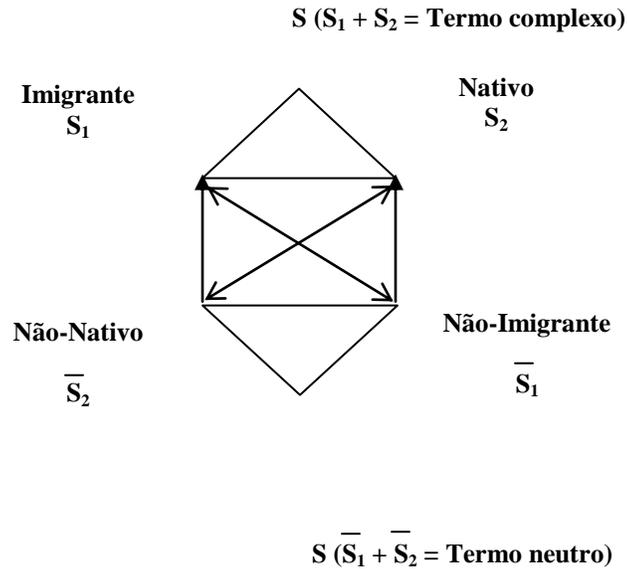
Nos momentos mais fluidos de suas falas, quando não havia o direcionamento explícito das entrevistas por parte da pesquisadora, observou-se que os informantes buscavam mobilizar os objetos mais sensíveis e, por conseguinte, mais significativos de suas vivências (bem como das vivências, que lhes foram oralmente transmitidas, de seus familiares italianos) para delinear ao seu enunciatário o simulacro que construíram, ao longo de suas vidas, para a figura do imigrante. Os informantes, enquanto *migrantes* que são, demonstram deslocar esse simulacro sensível do *imigrante* – e os valores positivos/eufóricos a ele acoplados – para suas próprias identidades.

Enquanto os sujeitos informantes parecem, portanto, reservar ao estrangeiro a imagem “daquele que não pertence, que não é daqui, ou que não se encaixa”, ao imigrante é atribuída a imagem – abordada anteriormente – do “batalhador”, do sujeito cuja trajetória é marcada por perdas e superações. É essa imagem, construída e cristalizada com base no passado de seus ancestrais italianos, que os informantes internalizaram em seus âmagos, e a qual influencia os modos de apreensão da presença de cada um deles na cidade de Dourados; presença que, para eles, se dá enquanto *(i)migrantes*, e não enquanto *estrangeiros*.

O termo *imigrante* – assim como o termo *estrangeiro* – pode, contudo, assumir diferentes valorizações semânticas, resultantes dos distintos modos de apreensão e convívio dos sujeitos (que assumem o papel de imigrantes) com as práticas e segmentos culturais do local que os recebe. Isso significa que a maneira com que os sujeitos informantes se movimentam em relação às configurações e às práticas do município de Dourados influencia, definitivamente, o *status* de suas presenças – enquanto *(i)migrantes* – aqui.

As distintas valorizações para a categoria *imigrante* podem ser mais bem representadas no quadrado semiótico.

No quadrado semiótico, os termos obtidos são resultantes das relações constitutivas que surgem na intersecção de três tipos de relações: a contrariedade, a contradição e a complementaridade. Fontanille (2008, p. 69) esclarece que “entretanto, nos discursos concretos, são as figuras mistas que ocorrem mais frequentemente, as figuras compostas que se apresentam dominantes”. Na representação abaixo, tem-se a associação de dois contrários, S_1 e S_2 , formando um *termo complexo*. A associação dos dois subopostos (ou subcontrários), \overline{S}_1 e \overline{S}_2 , forma, por sua vez, o *termo neutro*.



A projeção no quadrado semiótico da categoria S_1 (**Imigrante**), em oposição à categoria S_2 (**Nativo**), permite a identificação da totalidade das relações possíveis de serem travadas entre esses dois elementos.

O ponto de partida para a projeção, no quadrado semiótico, de uma determinada categoria é o eixo dos contrários. A contrariedade é a “relação de pressuposição recíproca que existe entre os termos de um eixo semântico, quando a presença de um deles pressupõe a do outro e, vice-versa, quando a ausência de um pressupõe a do outro” (GREIMAS & COURTÉS, 2008, p.99). Os dois termos de um eixo serão denominados *contrários* somente quando o termo contraditório de cada um deles implicar o contrário do outro. No quadrado acima, são termos contrários – e nosso ponto de partida – os termos primitivos S_1 (**Imigrante**) e S_2 (**Nativo**). A relação de oposição entre os termos contrários S_1 (**Imigrante**) e S_2 (**Nativo**) é responsável por atribuir um sentido para cada um deles, uma vez que o imigrante caracteriza-se por ser aquilo que o nativo não é.

O quadrado semiótico compreende um eixo comum S e a negação do eixo S . As linhas centrais do quadrado, que se cruzam em x , representam dois esquemas possíveis: S_1 (**Imigrante**) vs \bar{S}_1 (**Não-Imigrante**) e \bar{S}_2 (**Não-Nativo**) vs S_2 (**Nativo**). Os dois esquemas representados pelas linhas cruzadas em x no centro do quadrado traduzem uma relação de contraditoriedade. Representadas pelas setas laterais, tem-se duas dêixis depreendidas: \bar{S}_2 (**Não-Nativo**) implica S_1 (**Imigrante**) e \bar{S}_1 (**Não-Imigrante**) implica S_2 (**Nativo**). Observe-se que, se dois termos são

contrários quando o contraditório de um implica o contrário do outro, se tem uma relação de implicação.

A partir das combinações que as dêixis iniciais S_1 e (**Imigrante**) e S_2 (**Nativo**) sofrem, quando projetadas no simulacro teórico-metodológico que é o quadrado semiótico, tem-se algumas representações distintas.

Da relação de implicação que se estabelece entre S_1 (**Imigrante**) e \bar{S}_2 (**Não-Nativo**) nasce a figura do *imigrante puro*. No dicionário Houaiss, o termo “puro” aparece definido como aquilo (ou, para nós, “aquele”) sem mistura, não alterado pela presença ou inclusão de elementos estranhos. Deslocando essa definição para o nosso contexto de análise, o imigrante puro seria aquele sujeito que, vindo de fora, esforça-se por manejar os traços que lhe caracterizam como sendo parte da alteridade, de modo a – supostamente – conservá-los intactos. Para ele, as marcas que o apontam como sendo de fora lhes são mais caras, e, por isso, ele tenta mover-se dentro das práticas que o identificam como tal.

Num mesmo movimento, a relação de implicação entre as dêixis S_2 (**Nativo**) e \bar{S}_1 (**Não-Imigrante**) faz surgir o simulacro do *nativo puro*, o qual, mesmo na convivência com a alteridade (mesmo em contato com o imigrante), busca agir de modo a não confundir-se com esta alteridade presente em “seu” espaço. O sujeito nativo puro empreende um esforço para comportar-se somente dentro das práticas e configurações de seu espaço de origem, de sua cultura.

Os simulacros do *imigrante puro* e do *nativo puro* baseiam-se na mesma tendência para com si e para com o Outro; baseiam-se no reconhecimento e na manutenção das diferenças. Tanto o *imigrante puro* quanto o *nativo puro* são simulacros de sujeitos que compartilham a intenção de preservação de um “eu original”, mas que não miram, por isso, a transformação da alteridade em uma mesmidade, nem o isolamento ou a negação do Outro. Para estes sujeitos, as diferenças são manejadas com o intuito de que as marcas que os identificam como sendo apenas imigrantes, ou apenas nativos, sejam as marcas que significarão com maior intensidade dentro dos segmentos que compõem suas identidades.

A análise da projeção dessas duas figuras nos leva a refletir, no entanto, sobre a real possibilidade de existência de um sujeito *puro* (imigrante ou nativo). Tendo por base tudo o que foi discutido anteriormente – os processos de contato intercultural e as hibridizações deles resultantes –, poder-se-ia afirmar que a existência desse sujeito puro em meio a um ambiente

multicultural (como é o caso do município de Dourados) está mais para uma utopia, já que o *ser* de qualquer sujeito é a soma das condições sócio-ideológicas, das configurações culturais que o cercam.

Interessam-nos, em específico, as inferências que podemos fazer a partir da combinação entre os termos contrários: **S₁ (Imigrante)** e **S₂ (Nativo)**, a qual resulta em um termo complexo; bem como da combinação dos termos subcontrários: **S₂ (Não-Nativo)** e **S₁ (Não-Imigrante)**, a qual resulta em um termo neutro.

Mais dois sujeitos resultam dessa situação: um *sujeito complexo*, capaz de, simultaneamente, agir como imigrante e nativo, e um *sujeito neutro*, o qual não consegue assumir nem o papel de imigrante, nem o de nativo. Vemos que os informantes da pesquisa colocam-se na posição do termo complexo, pois asseveram ao seu enunciatário pertencer à cultura douradense sem, no entanto, deixarem que os traços que os marcam como parte da alteridade desvançam na subjetividade que os constitui. Em seus discursos, observa-se a manifestação de um sentimento de orgulho e de pertença em relação às suas raízes italianas que é concomitante a uma sensação de conforto, de familiaridade em meio às configurações sócio-ideológicas douradenses. São, desse modo, sujeitos que, mesmo sendo “de fora”, consideram-se incorporados aos vários segmentos da sociedade local, assumindo, também, a condição de nativos. Lembrando, é claro, que o grau de intensidade do pertencimento dos informantes aos segmentos identitários sul-mato-grossenses apresenta variações.

Dessa maneira, percebe-se que o sujeito imigrante pode adquirir os hábitos e costumes do sujeito nativo, *e vice-versa*. Dependendo da intensidade da convivência, e dos modos com que eles apreendem os aspectos que compõem a cultura alheia, ambos os sujeitos (nativo e imigrante) podem adquirir o comportamento um do outro, fato que não implica, necessariamente, a perda de traços identitários.

A assunção da condição de neutralidade, por seu turno, parece não encaixar-se ao caso dos sujeitos informantes, uma vez que se trata de uma situação incômoda e desprovida de significação. A condição de sujeito neutro, o qual, além de não assimilar a cultura receptora (douradense), não estabelece vínculos sensíveis para com a sua cultura de origem, implica a inexistência de uma relação estésica para com os objetos presentes nesses dois espaços. Se, como vimos anteriormente, a existência semiótica depende da relação do sujeito com um objeto-valor

qualquer, então o sujeito neutro é aquele incapaz de projetar sua existência – e sua presença –, nem para si, nem outrem.

Outra importante variante que nos leva a crer que os informantes desta pesquisa não assumem em seus atos – e, por conseguinte, em seus discursos – a condição de sujeitos neutros é a constatação de que o sujeito neutro é aquele que, por força das circunstâncias, não apresenta, de forma marcada, os traços identitários que lhes são próprios. O trabalho com os sujeitos informantes, ao contrário, revela uma forma de relação para com os traços identitários da cultura italiana que os afasta dessa condição de neutralidade, uma vez que eles manifestam de maneira marcada os traços que os apontam como pertencentes à tradição italiana. É interessante notar, inclusive, que a manifestação do pertencimento dos informantes da pesquisa à cultura italiana demonstra vestígios (discursivos) de um sentimento de orgulho, o qual possui suas raízes em certos valores que se estabilizaram no senso comum e que são responsáveis pela atribuição de um relativo prestígio social aos traços identitários do imigrante italiano, e, de modo geral, à imigração de pessoas brancas advindas de um país europeu.

2. Lugares, espaços, tempos: Ferramentas para a construção da presença do sujeito para si e para outrem

Semioticamente falando, só há espaço-tempo em função da competência específica de sujeitos que, para se reconhecerem, e antes de mais nada, para se construírem a si próprios enquanto tais, têm de *construir* também, entre outras coisas, a dimensão “temporal” de seu devir e o quadro “espacial” de sua presença para si e para o outro (LANDOWSKI, 2002, p. 67).

O *espaço* e o *tempo* com os quais lidamos aqui são, antes de meras referencialidades espaciais e temporais, objetos semióticos, cuja existência está intimamente ligada à maneira como, e à intensidade com a qual, significam. Em cada depoimento sobre o qual lançamos nosso olhar, vimos erigirem-se, discursivamente, objetos de sentido que, inscritos por seus enunciadores numa dimensão temporal e numa dimensão espacial, transformam-se em ferramentas de *presentificação*. Essas citadas ferramentas de *presentificação* auxiliam-nos a visualizar, e a

melhor compreender, os modos de existência de cada um dos sujeitos informantes, e, ulteriormente, a apreender as múltiplas articulações de segmentos identitários; articulações as quais afetam as relações que esses sujeitos mantêm com seu entorno e consigo próprios.

Nos quatro depoimentos analisados, observamos sujeitos que, em busca de construírem a si próprios, isto é, de projetarem sua imagem para si e para o Outro (neste contexto, para sua destinatária, a pesquisadora), recorrem à representação de certos objetos (de tempos, de lugares, de pessoas) com os quais mantêm uma interação que é da instância do sensível – ou *estésica*. Da união estésica entre sujeitos e objetos nasce, segundo Landowski, a oportunidade destes mesmos experimentarem o sentido enquanto presença.

Antes de prosseguir, é importante abrir, neste ponto, um breve parêntese para explicar a noção de *união*.

No fluxo das discussões acerca da natureza da relação entre o sensível e o inteligível, Landowski, inspirado na obra *De L'imperfection*, de Algirdas Julien Greimas, levantou o debate a respeito de uma noção que implicava a integração de “dimensões perdidas da significação” à teoria semiótica (BUENO; FERNANDEZ; SILVA, 2010, p. 24). Landowski referia-se, justamente, à noção de *união*, e às dimensões sensíveis – e estésicas – da significação por ela implicadas. O estudioso propõe, com isso, outro tipo de interação (entre sujeito e objeto, ou entre sujeitos) que não somente a da *junção*. O regime da *junção* parte de um princípio de redução, já que supõe que os actantes não podem agir diretamente uns sobre os outros, a não ser por meio de objetos-valor. Tal mudança epistemológica enredaria, segundo Landowski, uma aproximação do olhar – então objetivante – do semiótico de um outro tipo de objeto: a interação, compreendida em toda sua dinamicidade e porosidade.

A abordagem desse conceito de interação atrai-nos, já que ele, associado à noção de união, envolve a produção de um “sentido *sentido*”, que é experimentado pelo sujeito no ato. A interação assim tomada permite o trato daquelas “dimensões perdidas” da significação, às quais se refere Eric Landowski.

Essas dimensões perdidas são, antes de tudo, as da presença imediata das coisas diante de nós, antes da aparição de alguma forma de articulação e de reconhecimento convencional, e as do experimentar, definíveis como a experiência de um sentido que procede diretamente de nosso encontro com as qualidades sensíveis imanentes às coisas apresentadas (LANDOWSKI, 2004, p. 2 *apud* BUENO; FERNANDEZ; SILVA, 2010, p. 23).

O que mais nos chama a atenção no excerto de texto acima é a palavra “presença”. No contexto deste trabalho, dentro do qual nos movimentamos, é necessário direcionar nosso olhar para a questão da presença das coisas diante dos sujeitos, atentando para o(s) sentido(s) que, nascidos dos valores sensíveis depositados nos objetos, apontam para o interior dos sujeitos – para as suas identidades. Esses objetos, invariavelmente, compõem as suas práticas ordinárias.

Voltamos, portanto, ao ponto de partida deste tópico: os objetos que são sensíveis e significativos aos sujeitos informantes. No interior de cada depoimento analisado, observamos, em específico, objetos como *tempos*, *lugares* (que se opõem aos *espaços*), *pessoas*, *práticas*, que são representados por seus enunciadores como uma forma de representarem-se a si próprios. Contemplamos, pois, como essas representações assumem o papel de ferramentas de percepção e de construção de um mundo significativo, presente para cada sujeito.

[...] o mundo percebido, que reconstruímos como mundo significativo, a cada instante nos solicita “energeticamente”, pelo grau de intensidade variável de sua presença ao redor de nós; mas tais variações pressupõem em todos os casos a presença de *alguma coisa* a perceber, quer dizer, de certos objetos caracterizados por determinadas propriedades inerentes, e perceptíveis. Dito de outro modo, não é a quantidade mensurável mas a qualidade sensível e significativa das coisas que é primeira (LANDOWSKI, 2005, p. 99).

Trataremos, a seguir, da variação de intensidade da presença que certos *lugares* (físicos e psicológicos) e *tempos* assumem para os sujeitos da pesquisa, observando, desse modo, os reflexos dessa presença sobre o sentimento de pertencimento que lhes atravessa.

2.1. Onde os sujeitos realmente estão

No *Dicionário de Semiótica* (2008, p. 177), Greimas e Courtés já advertiam seus leitores sobre a “grande cautela” que o semioticista deve tomar ao utilizar o termo *espaço*. A Semiótica tenta recobrir algumas das acepções de *espaço*, mas a realidade é que este termo pode sofrer variações em decorrência do olhar lançado sobre ele pelo semioticista. Apesar da dificuldade em delimitar o conceito de *espaço*, Greimas e Courtés (*Ibidem*) apontam para alguns sentidos atribuídos, no âmbito da Semiótica, para essa noção. Por exemplo, o *espaço*, num sentido mais restrito do termo – numa acepção típica da semiótica da arquitetura e do urbanismo – “só é

definido por suas propriedades visuais” (*Ibidem*, p. 178). Aqui, vemos uma concepção reducionista, a qual toma o *espaço* como uma forma, um volume, apenas. Em outra definição, encontramos o termo *espaço* relacionado à chamada semiótica do mundo natural, que “trata não somente das significações do mundo, mas também das que se referem aos comportamentos somáticos do homem” (*Ibidem*, p. 178). Para os autores, aqui, a exploração do espaço não seria senão a construção explícita dessa semiótica.

Para nós, contudo, a noção de *espaço* adquire outros contornos. Contornos que se delineiam por oposição a uma outra noção: a noção de *lugar*.

O *lugar* de que tratamos ao longo das discussões é definido em seu caráter sensível. Tratamos do *lugar* não enquanto uma posição geográfica, não enquanto uma localidade despida de sentidos (que é, justamente, o que tomamos por *espaço*), e sim enquanto um constructo sensível, ou seja, enquanto aqueles simulacros carregados de significados, que vão sendo enredados discursivamente pelos sujeitos da pesquisa em seus depoimentos. O *lugar*, para nós, está, portanto, intimamente ligado ao corpo e aos estados de alma do sujeito.

A opção por diferenciar as noções de *lugar* e *espaço* (geralmente postas como sinônimas) surgiu da necessidade de se colocar em evidência o fato de que cada sujeito – sobretudo o sujeito migrante – estabelece distintas relações com os diferentes espaços de seu itinerário, os quais, de acordo com os valores neles investidos, poderão vir a transformar-se em *lugares*. Por esse motivo, optou-se por estabelecer a oposição: LUGARES (os espaços que significam) vs. ESPAÇOS (meras localidades geográficas despidas de sentidos sensíveis, ou, os *não-lugares*).

Feitos os devidos esclarecimentos terminológicos, passamos, agora, ao exame de dois objetos frequentemente construídos pelos informantes em suas narrativas orais, os quais representam um sentimento que lhes atravessa o corpo e marca a subjetividade que lhes compõe as identidades. Referimo-nos aos diferentes *lugares* e *tempos* que marcam as falas e os estados de alma dos sujeitos da pesquisa.

Assim, com a condição de relativizar meu “ser”, isto é, de descobrir o ser do outro, ou sua presença, ou de me descobrir eu mesmo como parcialmente outro, eu faço nascer o espaço-tempo, como suporte de diferenças posicionais entre mim mesmo e meus semelhantes, como efeito de sentido induzido pela distância que percebo entre meu aqui-agora e todo o resto – lugares distantes, tempos distintos –, ou ainda, como resultante da relação que me liga, eu sujeito, a um objeto cujas formas discretas, à medida que as recorto, me revelam a mim mesmo (LANDOWSKI, 2002, p. 68)⁵⁰.

⁵⁰ É de extrema importância alertar o leitor para o fato de que Eric Landowski (2002) não faz distinção entre os termos *espaço* e *lugar*. No entanto, o emprego que o autor faz do termo *espaço* parece encaixar-se com a concepção que atribuímos, nesta dissertação, para o termo *lugar*, ou seja, de espaços que significam para os sujeitos.

A fala de Landowski nos chama a atenção, no excerto de texto acima transcrito, quando ele se refere ao nascer do espaço-tempo como efeito de sentido induzido pela distância que o sujeito percebe entre o aqui-agora e os *lugares* distantes e os *tempos* distintos. A percepção de tal distância é influenciada pelos laços que conectam o sujeito a certos objetos que compõem esses *lugares* e *tempos*, e é condição para o “descobrir-se a si mesmo” desse sujeito. O que Landowski explica é o fato de que os *lugares* e os *tempos* são construídos no fluir das experiências cotidianas de sujeitos em busca da significação – e em busca de si próprios.

Em cada depoimento analisado, pudemos observar a representação da relação que os sujeitos informantes mantêm com *espaços/lugares* e com *tempos* que de alguma forma marcaram seus caminhos, e os quais constituem um sentimento integrante dos diversos segmentos que compõem a totalidade de suas identidades. Falar das categorias *tempo* e *espaço/lugar* implica falar do estar no mundo enquanto mundo significativo.

Para abordar os modos como os sujeitos *I, II, III* e *IV* apreendem as modalidades *tempo* e *espaço*, é necessário compreender, em primeiro lugar, o estatuto de sua presença na cidade de Dourados. Migrantes, assim como os seus ancestrais italianos que deixaram sua pátria em busca de uma nova vida em terras brasileiras, os sujeitos da pesquisa compartilham uma crucial característica: são sujeitos que parece não *estarem completamente* aqui, inteiramente presentes onde seus corpos (no sentido físico da palavra) se encontram.

Ao longo dos caminhos que os trouxeram ao estado de Mato Grosso do Sul, esses sujeitos foram aglutinando em seus âmagos certas pessoas, lugares e práticas com as quais puderam interagir, com maior ou menor grau de intensidade. E para cada pessoa, para cada lugar, para cada prática, eles criaram pontos de ligação aos quais, vez ou outra, retornam em busca de si próprios. É nesse sentido que se pode afirmar que os sujeitos não estão *inteiramente presentes* no lugar que hoje sustenta suas práticas (isto é, no município de Dourados). No caso dos depoimentos analisados, percebemos que *não estar* inteiramente presente em um dado lugar não implica a rejeição dele; apenas indica a natural variação da apreensão das modalidades do *espaço* e do *tempo*, através das quais os sujeitos constroem sua relação consigo mesmos (LANDOWSKI, *Ibidem*, p. 71).

Abaixo, nos **trechos 1** e **2**, o depoimento da *informante I* ilustra a questão sobre essa espécie de *presença parcial*.

TRECHO 1

Ah... E gosto, por que... É SÓ ESSE PROBLEMA que... Não tem mais de se unir. Mas, no final, eu gosto também daqui. Minha família está toda aqui. Mas se fosse dizer “Você está livre, não tem mais compromisso nenhum... Vai morar aonde quiser”. Eu escolheria um desses dois lugares (*Informante I*, p. 20).

TRECHO 2

Perderam tudo porque aqui já é outro costume de viver, de... E eu posso dizer que perderam tudo. Muitas coisas que a gente poderia ter, ainda hoje... Mas não. Não tem mais. Acho que é por causa que Dourados já é grande, né. Então vão se criando e... Que nem naquele lugar... O shopping... Já vão andar no shopping. A gente não tinha essa coisa de ir andar em shopping. É tudo uma coisa diferente do que eu me criei, do que a mãe falava, do que a mãe deixou. O pai também, porque o pai era neto de italiano. Então é isso aí. A minha família perdeu quase tudo (*Informante I*, p. 20).

No **trecho 1**, a informante, ao ser questionada a respeito de seu sentimento em relação a Dourados, recorre a um dos pontos de ligação que ela estabeleceu para outros dois lugares significativos (para o seu lugar de origem, ou seja, Santa Catarina, e para o Paraná). Ela, ao atribuir a esses dois lugares o valor da *união familiar*, cria um elo ao qual ela pode recorrer sempre que necessita encontrar-se a si mesma. A *informante I* não nega os valores que o *aqui- agora* possui para ela, uma vez que reconhece que este *aqui* não é apenas um lugar de passagem (*eu gosto também daqui. Minha família está toda aqui*). Mas, simultaneamente, ela não deixa de enunciar um sentimento de pertencimento a outro lugar e a outro tempo – um sentimento que, agora, surge em toda sua completude, e sobre o qual ela baseia a essência de sua identidade.

É interessante observar a maneira como ela constrói os laços que a ligam à cidade de Dourados. A *informante I* relaciona sua permanência aqui a uma falta de liberdade (*Mas se fosse dizer “Você está livre, não tem mais compromisso nenhum... Vai morar aonde quiser”. Eu escolheria um desses dois lugares*). Ela justifica, no **trecho 2**, que a vinculação que faz de sua permanência em Dourados à falta de liberdade é condicionada pela diferença de costumes deste lugar para os daqueles que lhe são de origem (*é outro costume de viver*), reforçando, assim, o seu apego a certos pontos de referência inscritos por ela num tempo e espaço anteriores.

O caso da *informante IV* é similar ao da *informante I*, à medida que o *status* de sua presença no município douradense também pode ser denominado *parcial*. Aqui, no entanto, percebe-se que a variável *tempo de residência* faz com que sua projeção das modalidades *espaço* e *tempo* adquira certa nuance. O tempo relativamente curto de contato com as práticas e configurações de Dourados faz com que os seus pontos sensíveis de referência – que ela inscreve para o seu lugar de origem e para o tempo lá vivenciado – ganhem maior intensidade na enunciação de sua subjetividade, em detrimento das referências por ela projetadas para o seu

aqui-agora. O vazio de sentidos sensíveis, de pontos de referência em seu discurso sobre a cidade de Dourados pode ser apreendido no **trecho 3**.

TRECHO 3

Mas, assim... Eu... Gosto daqui hoje. E, assim, um lugar que... DE TODOS os lugares que eu morei... Eu morei em Campo Grande, morei em Jardim, morei em Mato Grosso... Igual cigana (risos).

É um lugar que eu não acho... Não acho uma cidade muito grande... E... Um lugar bom de morar, assim, né.

SÓ QUE o povo daqui tinha uma certa rejeição ao gaúcho, né. Até hoje, quando você fala o “tu”... É assim... Como que fala? SEI LÁ... Não sei (*Informante IV*, p. 26).

Os *informantes II e III*, em contrapartida, têm uma forma inconscientemente inusitada de abordar sua presença no município sul-mato-grossense, e de engendrar discursivamente a apreensão dos diferentes espaços e tempos significativos de seus itinerários. Na superfície de suas narrativas, eles discursivizam um suposto sentimento de desapego, de desvinculação para com os seus respectivos lugares de origem (o qual pode ser observado, abaixo, no **trecho 4**); um sentimento que é, no entanto, contradito por seus discursos quando analisados em um nível mais profundo, isto é, quando são analisados com o foco para os aspectos implícitos que atravessam, antes, os seus corpos, revelando toda subjetividade que marca suas identidades.

TRECHO 4

ENTREVISTADORA: E quanto a sua cidade natal? Qual é a sua cidade natal mesmo?

INFORMANTE: Presidente Bernardes.

ENTREVISTADORA: E qual o seu sentimento em relação à cidade?

INFORMANTE: Ah, eu gosto dela, mas não tenho mais nenhum vínculo com ela.

ENTREVISTADORA: Não tem aquele sentimento de pertencimento?

INFORMANTE: Não, de pertencimento não. Eu pertenço mais a DOURADOS (*Informante III*, p. 24).

TRECHO 5

[...] a minha ligação com Borborema é apenas uma ligação de... De... Registro civil... E os meus parentes que estão lá, né... Essa é a ligação (*Informante II*, p. 13).

Quando perguntados, de maneira mais direta, sobre o sentimento que reservam, hoje, aos seus respectivos lugares de origem, os *informantes II e III* apresentam a mesma postura: asseveram um não pertencimento, em favor do sentimento de pertença que reservam à cidade de Dourados. Mas, ao observar a progressão de suas narrativas, é possível constatar o contrário, à medida que ambos recorrem com frequência, e, talvez, inconscientemente, aos seus lugares de origem (ou, melhor, às práticas e configurações desses lugares). Ao longo de suas falas, os informantes buscam incessantemente objetos de valor, inscritos nesses lugares, como uma garantia de retorno a si, como um mecanismo de projeção de suas identidades para outrem. Seja pela retomada da rotina do campo, das práticas religiosas e culinárias, ou, ainda, pela busca da

reconstituição de certas pessoas e situações, seus discursos não negam o estado eufórico (estésico) que os informantes assumem ao referir-se aos seus lugares de origem.

Parece que, ao negar um maior vínculo sentimental com os lugares onde nasceram e viveram por certo período (por menor que tenha sido esse período), os *informantes II e III* tentam convencer seu enunciatário de sua *total presença*, de seu real pertencimento às configurações culturais de Dourados. A realidade, no entanto, é que a relação sensível com o *aqui-agora* não transforma, necessariamente, os seus lugares de origem em *não-lugares*. Ao contrário, à relação com *aqui-agora* somam-se os vários espaços que ao longo de seus itinerários foram adquirindo o caráter de lugares significativos. Por mais que os informantes discursivizem o contrário, suas enunciações evidenciam os diversos lugares e tempos com base nos quais suas identidades puderam se redefinir – em um processo ininterrupto – até que assumissem as características que hoje os definem. É a isso que se refere Eric Landowski, quando afirma que:

[...] toda construção identitária, toda “procura de si” passa por um processo de *localização do mundo* – do mundo como alteridade e como presença (mais ou menos “presente”) em relação a si. E inversamente, toda exploração do mundo, toda “viagem”, enquanto experiência da relação com um aqui-agora sem cessar redefinível, equivale a um processo de *construção do eu* (LANDOWSKI, 2002, p. 71).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Porque o semioticista, enquanto tal, não tem nada a dizer sobre o ser último das coisas; sua ambição se limita a descrever a organização e o funcionamento destas, contanto pelo menos que as “coisas” a serem levadas em consideração existam também (ou primeiramente – pouco importa) “na linguagem”, isto é, desde que elas signifiquem. O “sujeito” é bem dessa ordem (LANDOWSKI, 1992, p. 169).

Esta epígrafe traduz, concomitantemente, um objetivo e um objeto deste trabalho de pesquisa. Traduz um objetivo à medida que nossa proposta não é a de dizer sobre “o ser último das coisas”. Ao nos apoiarmos no aparato teórico-metodológico da Semiótica, nosso objetivo maior foi observar os mecanismos que fazem um objeto, incompleto por essência e inscrito nos vastos limites da linguagem, significar. Da mesma forma, a epígrafe traduz um objeto nosso, uma vez que trabalhamos com o sujeito não enquanto o reflexo de uma substância primeira que lhe seria exterior e determinante, mas com um sujeito cuja existência é produto das articulações que se desenrolam a partir de seu contato com o seu invólucro sócio-ideológico. Um sujeito que para existir deve, antes, significar.

Tendo por premissa inicial a proposta de averiguar, através de registros de histórias orais, a manifestação discursiva de um sentimento de (não)pertencimento de sujeitos migrantes – e descendentes de imigrantes italianos – residentes no município de Dourados, constatamos os diversos desdobramentos que este objeto adquiriu diante de nossos olhos. Pudemos observar que a apreensão dos modos de articulação e de manifestação discursiva desse sentimento, em cada um dos sujeitos informantes, passa por algumas questões que são cruciais, como o reconhecimento do *status* de sua presença, para si e para outrem, nos diversos lugares de seu itinerário; a relação sensível que ele estabelece para com tempos passados; a constante reconstrução de objetos significativos, inscritos nesses lugares e tempos; o frequente deslocamento de valores dentro do universo de sua identidade. Todas, questões que influenciam diretamente a representação que esses sujeitos fazem da realidade e, conseqüentemente, de suas próprias identidades.

Na segunda parte do capítulo 3 – sobretudo, nas descrições feitas para cada sujeito informante – a observação da recorrência com que os sujeitos trazem o passado como forma, inconsciente, de afirmar os traços que suas identidades assumem no tempo presente, nos leva a

refletir sobre a apreensão do presente. Se pensarmos bem, perceberemos que nos movimentamos sempre ou na nostalgia, na recordação do passado, ou na potência, na tensão do futuro. Isso ocorre porque enquanto o passado está sempre carregado de sentidos *sentidos*, de experiências sensíveis, o futuro é sempre repositório das expectativas, dos planos, do *querer*, do *dever* de um sujeito para quem o presente, na realidade, é inapreensível. Quando dizemos que o presente é inapreensível, referimo-nos à fugacidade que lhe é intrínseca e que não lhe concede tempo suficiente para significar – e, portanto, para existir – com a mesma intensidade que o passado e o futuro significam para um sujeito.

Junto aos modos de reconhecimento e de apreensão do tempo, foi averiguada a relação, igualmente relevante, que os sujeitos da pesquisa estabelecem para com as dimensões espaciais. Essas duas dimensões (TEMPO-ESPAÇO) são, aliás, mutuamente pressupostas. A reflexão acerca da relação dos sujeitos para com a dimensão espacial, por sua vez, mostra-se de extrema relevância para a observação dos incessantes (re)arranjos identitários sofridos pelos sujeitos no contato, na convivência com os costumes, com os hábitos, enfim, com as configurações dos vários lugares que acabam por se fundir em seus âmagos.

Lidamos nesta pesquisa com sujeitos cujos perfis podem ser considerados complexos, já que se trata de pessoas cujos deslocamentos espaciais – que, anteriormente, as trouxeram a Dourados – foram gerando deslocamentos dentro do universo de suas identidades, e produzindo, dessa maneira, novos sujeitos; novos sujeitos os quais, ao projetaram sua auto-imagem ao seu enunciatário, deixam (consciente ou inconscientemente) transparecer os modos através dos quais eles buscam se movimentar dentro das várias culturas que os atravessam (seja a cultura italiana, seja a cultura de seus respectivos lugares de origem, seja a cultura sul-mato-grossense).

A complexidade das identidades dos *sujeitos I, II, III e IV* está impressa, marcadamente, na totalidade de seus discursos, os quais, mais que somente apontar para a forma como cada um deles exterioriza sua própria imagem para outrem, revelam pistas que nos dão acesso aos seus estados de alma e, por conseguinte, ao *sentir-se* de cada um deles. É neste ponto que encontramos alguns dos aspectos que os tornam seres complexos; porque esse *sentir-se* dos informantes está vinculado, como vimos, a lugares, tempos, pessoas e práticas distintas, o que os faz, por vezes, assumir mais de um papel, mais de uma identidade.

Um traço comum a todos os informantes é o deslocamento que executam, para suas próprias identidades, dos valores investidos no *ser/parecer* imigrante italiano. Seja com maior,

seja com menor grau de intensidade, os sujeitos da pesquisa imprimem em suas identidades uma imagem do imigrante italiano não enquanto “o forasteiro”, enquanto o “estrangeiro em busca de oportunidades, e cuja presença representa uma ameaça aos nativos”. Essa imagem negativa (disfórica), que, frequentemente, se baseia no preconceito e na intolerância, é aquela que pode emergir de uma espécie de jogo de relações assimétricas (sociais, ideológicas, políticas, culturais) que é inerente ao contato intercultural. As assimetrias oriundas desse jogo podem ser averiguadas, por exemplo, a partir das relações que se estabelecem entre estadunidenses e seus vizinhos mexicanos. Apesar dos movimentos de resistência que foram se instaurando dentro do território estadunidense contra a completa laminagem de seus traços identitários, alguns dos mexicanos, na condição de imigrantes dentro dos Estados Unidos, acabam convivendo com a incômoda situação da neutralidade, à medida que, em determinados contextos, eles se vêem levados a acobertar alguns dos traços de identidade que os caracterizam como pertencentes à cultura mexicana. Tal situação reflete a complexidade que marca as relações fronteiriças – bem como as assimetrias delas oriundas – as quais determinam, em uma escala variável, as formas de percepção e convivência entre uma identidade e a sua alteridade. Trata-se, com efeito, de relações complexas que vão acunhando estereótipos identitários.

No caso dos imigrantes italianos, em contrapartida, vemos que sua presença no Brasil é, historicamente, marcada por um prestígio social advindo de seu *status* de europeu branco. Os traços identitários que apontam para a cultura italiana não foram silenciados; ao contrário, foram, frequentemente, motivo de orgulho para eles – assim como o é, hoje, para muitos de seus descendentes, que, ao longo do tempo, foram instalando certos pontos de referência aos quais eles retornam para, então, afirmarem suas raízes italianas (ou seja, os centros de tradições, os clubes ítalo-brasileiros, as festas comemorativas, etc.).

Para os sujeitos da pesquisa, somam-se, ainda, a esta imagem historicamente construída, e já gravada em uma memória discursiva, todos os valores que lhes foram transmitidos pela prática da tradição oral dentro de seus âmbitos familiares. Os, já citados, valores da perda, do trabalho, da partida, da saudade, da superação – que delineiam as histórias de seus antepassados italianos –, são, também, pontos de referência a partir dos quais os informantes foram internalizando uma imagem para o imigrante italiano.

Se pensarmos no *imigrante italiano* enquanto uma categoria semântica representada pelo quadrado semiótico, podemos verificar a axiologização positiva dessa dêixis, gerada pela

projeção da categoria tímica *euforia* sobre ela (gerada, portanto, pela relação de conformidade dos sujeitos informantes para com esse termo do quadrado). No quadrado semiótico, no entanto, a dêixis *imigrante* ganha existência em relação ao seu contrário, ou seja, o *nativo*, sobre o qual seria projetada – por oposição ao termo eufórico – a categoria tímica *disforia*. Acontece que os informantes não mantêm para com o *ser/parecer nativo* uma relação de não-conformidade; eles não atribuem valores negativos a esse termo. Como vimos no tópico “O simulacro do imigrante”, os informantes, ao contrário, assumem os dois papéis (o de (i)migrantes e o de nativos). Tal fato serve para ilustrar nosso ponto inicial, sobre a complexidade que as identidades dos informantes apresentam.

Mas e quanto à presença dos informantes nos lugares dos quais são *naturais*? Afinal, enquanto os *informantes II* e *III* alegam um completo desligamento dos significados que seus lugares de origem outrora lhes imprimiam, as *informantes I* e *IV* mantêm, até hoje, fortes laços estésicos para com eles. Pudemos constatar na progressão das narrativas de cada um deles (inclusive nas narrativas dos *informantes II* e *III*) que os vínculos para com os lugares de onde são naturais podem até perder intensidade em decorrência da passagem do tempo e dos deslocamentos espaciais, mas dificilmente se desvanecem por completo na subjetividade que lhes constitui, porque *ser natural* de um determinado lugar não tem o unívoco significado de “ser oriundo” desse lugar, de “ser nascido” nesse lugar. Se pensarmos para além desse sentido ontológico tomado pela expressão *natural de*, quando presente no certificado de nascimento de um sujeito, podemos apreender, também, um sentido simbólico. O termo *natural* evoca a ideia de algo que é intrínseco a um sujeito, e que, por esse motivo, não se questiona – aliás, a natureza não se questiona. É, pois, um termo que carrega em si um significado que aponta para fora de si próprio.

A identidade, bem o sabemos, é essencialmente porosa, lacunar, complexa – assim como os seus sujeitos –, e, por esse motivo, apreendê-la em sua totalidade é algo impraticável. A opção por apoiar-nos no aparato teórico-metodológico da semiótica vem, justamente, de encontro a tal incompletude intrínseca à identidade, já que, com base nele, não nos iludimos com a possibilidade (melhor dizendo, a impossibilidade) de apreendê-la enquanto um objeto acabado, dado *à priori*. A semiótica, ao contrário, assume nesta pesquisa o papel de ferramenta de observação dos mecanismos discursivos que apontam para as várias articulações que fazem da identidade, e de seu sujeito, essencialmente heteróclitos.

A análise semiótica dos processos de manifestação de sentimentos, de sensações e de paixões, aponta para sujeitos que são, com efeito, a soma de lugares, de pessoas, de situações. O poema de Fernando Pessoa, intitulado “Não sei quantas almas tenho”, expressa com excelência o *ser* dos sujeitos que compuseram, com suas narrativas orais, o *corpus* desta pesquisa.

Não sei quantas almas tenho.
 Cada momento mudei.
 Continuamente me estranho.
 Nunca me vi nem acabei.
 De tanto ser, só tenho alma.
 Quem tem alma não tem calma.
 Quem vê é só o que vê,
 Quem sente não é quem é,

Atento ao que sou e vejo,
 Torno-me eles e não eu.
 Cada meu sonho ou desejo
 É do que nasce e não meu.
 Sou minha própria paisagem;
 Assisto à minha passagem,
 Diverso, móbil e só,
 Não sei sentir-me onde estou.

Por isso, alheio, vou lendo
 Como páginas, meu ser.
 O que segue não prevendo,
 O que passou a esquecer.
 Noto à margem do que li
 O que julguei que senti.
 Releio e digo: "Fui eu?"
 Deus sabe, porque o escreveu.
 (Fernando Pessoa)

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: A construção do ethos*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- ADAM, Jean-Michel. Imagens de si e esquematização do orador: Petáin e De Gaulle em junho de 1940. In: AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: A construção do ethos*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 13ª ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2007.
- _____. *Teoria do Discurso: Fundamentos semióticos*. 3ª ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.
- _____. “Sintaxe narrativa”. In: Oliveira, Ana C., Landowski, Eric (org). *Do inteligível ao sensível: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas*. São Paulo: Educ, 1995.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Os pensadores*. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983 [Trad. José Lino Grünnewald].
- BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Trad. Grupo CASA. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- BERTONHA, João Fábio. *A imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Saraiva, 2004.
- BUENO, Alexandre Marcelo; FERNANDEZ, Clauco Ortega; SILVA, Maria Rita Arêdes da. Reflexões sobre o conceito de “união” na teoria semiótica francesa. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: [http://www.fflch.usp.br/dl/semiologica/es i](http://www.fflch.usp.br/dl/semiologica/es%20i). Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 6, Número 2, São Paulo, novembro de 2010, p. 22–29.
- BUSATTO, Cléo. *A arte de contar histórias no século XXI: Tradição e ciberespaço*. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- CORRÊA, Valmir Batista. *Coronéis e bandidos em Mato Grosso*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1995.
- _____. *Fronteira oeste*. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 1999.
- FIORIN, José Luiz. *Semiótica das paixões: O ressentimento*. Alfa (ILCSE/UNESP), v. 51, p. 9-22, 2007.
- _____. *Linguagem e ideologia*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007.
- _____. *As astúcias da enunciação: As categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2010.
- FONTANILLE, Jacques. *Semiótica do discurso*. Trad. Jean Cristus Portela. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- FONTANILLE, Jaques; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.
- GREIMAS, Julien Algirdas. *Da Imperfeição*. São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- GREIMAS, J. A.; COURTÉS, J.. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

- GUBERT, Renzo; POLLINI, Gabriele (orgs.). *Cultura e desenvolvimento: uma investigação sociológica sobre os imigrantes italianos e alemães no sul do Brasil*. Porto Alegre: EST, 2005.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. Tradução Betriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- _____. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. 1ª ed. atualizada. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2009.
- HÉNAULT, Anne. *História concisa da semiótica*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Trad. J. Teixeira Coelho Netto, 2ª ed. da 2ª reimpressão de 2003. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 1995
- LANDOWSKI, Eric. *A sociedade refletida: Ensaio de sociosemiótica*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.
- _____. *Presenças do outro: Ensaio de sociosemiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- _____. Para uma semiótica sensível. *Educação e Realidade*. Revista da Faculdade de Educação da UFRGS. Porto Alegre, RS. v. 30, n. 2, p. 93-106, jul./dez. 2005.
- LARA, Gláucia Muniz Proença; MATTE, Ana Cristina Fricke. *Um panorama da semiótica Greimasiana*. Alfa: Revista de Linguística (UNESP. São José do Rio Preto. Online), v. 53, p. 339-350, 2009.
- LIMBERTI, Rita de Cássia Pacheco. A identidade em situação de contato intercultural. *Raído*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD. Dourados, MS. v. 2, n. 4, p. 9-20, jul./dez. 2008.
- _____. *Discurso indígena: Aculturação e polifonia*. Dourados, MS: UFGD, 2009.
- MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: A construção do ethos*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- PENNA, Maura. Relatos de migrantes: Questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. In: SIGNORINI, Inês (org.). *Língua(gem) e identidade: Elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.
- RAMALHO, Maria Irene; RIBEIRO, António Souza (orgs.). *Entre ser e estar: Raízes, percursos e discursos da identidade*. Porto: Edições Afrontamento, 2001.
- SANTOS, Boaventura de Souza. Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade. In: RAMALHO, Maria Irene; RIBEIRO, António Souza (orgs.). *Entre ser e estar: Raízes, percursos e discursos da identidade*. Porto: Edições Afrontamento, 2001.
- SANTOS, Vicência Deusdete Gomes dos. *A contribuição da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND) no processo de ocupação e desenvolvimento do Mato Grosso do Sul Meridional*. Monografia (Curso de Especialização em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados, 2000.
- TEIXEIRA, Lucia. A pesquisa em semiótica. In: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lúcio de Souza (orgs.). *Ciências da linguagem: O fazer científico*. Dourados, MS: Mercado de Letras, livro no prelo.
- VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. *Diversidade: territórios estrangeiros como topografia da alteridade em São Paulo*. São Paulo: EDUC, 2003.

VOLLI, Ugo. *Manual de semiótica*. Trad. de Silva Debetto C. Reis. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

ANEXOS

DEPOIMENTO

INFORMANTE I

ENTREVISTADORA: Quem eram os seus familiares que eram italianos?

INFORMANTE: Era a mãe, que ela veio da Itália mesmo, com dezoito anos, e... E ela nasceu em mil novecentos e quatro.

ENTREVISTADORA: Em que região da Itália?

INFORMANTE: Milão, Milan.

ENTREVISTADORA: E o seu pai não era italiano?

INFORMANTE: O pai... O avô dele era italiano, mas ele não, e nem o... Nem o... É... Os avôs dele, os dois, veio da Itália mais ou menos no tempo que a mãe veio.

ENTREVISTADORA: E o que sua mãe fazia na Itália, antes de vir para o Brasil?

INFORMANTE: Olha, lá na Itália, que... Que ela... ela... Eles moravam tudo que nem fosse uma comunidade, né. Mas eles tinham que, no tempo que era quente, que... Não tinha neve... Então lá tinha aquelas montanhas que subiam, né... Então cada família lá ia ganhar, colher o sustento do... Inverno.

[interrupção]

ENTREVISTADORA: A senhora estava falando...

INFORMANTE: É... Bom, aí como que a mãe era a mais velha, depois demorou uns quantos anos para... para... Daí chegou o meu irmão... Então era a mãe que ia trabalhar. Ia ela com dois tios dela, porque o pai dela trabalhava num outro país, que agora esse país eu não sei te falar. Mas já naquele tempo já tinha falta de...

O cachorro atrapalha?

ENTREVISTADORA: Não, pode falar

INFORMANTE: E... Então já tinha naquele tempo lá... Tinha falta de trabalho, lá onde que eles moravam, né.

Então, o meu avô... Para... Para... Dizer como os meus netos me chamam, o meu nono, né (risos), ele trabalhava em minas de carvão. E a mãe, então, ia lá. Então subiam de manhã, e desciam de tardezinha.

Então lá eles colhiam tudo, tudo. Era batata, batatinha, mandioca... Eu nunca ouvi a mãe falar... E... Esse negócio de... Também tinha uma que dava tipo uma verdura que daí aquela guardavam e...

[interrupção]

ENTREVISTADORA: Pode falar...

(...) e eles, daí, guardavam. E lá, então, quando começava o calor, o que era... Que eles contavam que era saudável naquele tempo, era aqueles... Sabe aqueles... **NÃO É CARAMUJO**. Aqueles que entram lá dentro e dá... Dá assim por baixo, por causa que no inverno eles se acomodavam

ENTREVISTADORA: cogumelo, não é?

INFORMANTE: É tipo isso. E daí a mãe falou que então aquilo começava quando o calor aparecia. Aí, eles colocavam, assim, os tambores assim (gesticulando) de cinza – cinza, assim, que queimava a lenha – e colocava eles lá dentro, e quando chegava no inverno...

ENTREVISTADORA: Tinha o que comer.

INFORMANTE: É, porque ela falou que às vezes passava até **CINCO, SEIS DIAS** que a porta da casa não abria **DE TANTA NEVE**.

ENTREVISTADORA: NOSSA.

INFORMANTE: É. E... e negocio assim de doer, e ir em médico, de um ficar doente, assim, pouco falava... Pouco ela falou, porque o que eles se cuidavam na comida, negócio de carne de porco... Criança, ah... Pouco eles comiam... Criança, **NEM FALAVAM EM COMER**, até certa idade. Café, então de manhã cedo, levantava primeiro a... Primeiro, assim, era o...

NÃO, era um bolinho de café.

Só aquilo, também, porque depois, durante o dia, não dava mais nada.

E que ela falou de doença... Ela tinha acho que uns nove anos. Que então, que ela subiu no... Que elas estavam trabalhando lá em cima dos... Aqueles tios que eram irmãos da mãe dela – da minha avó... E ela disse que chegaram lá, e ela começou a falar que... “Mas está me doendo essa unha do dedo do pé”. Aí foi indo, que estava doendo o dedo. E quando foi por ali umas dez horas, então, ela falou que ele chamou ela: “Augusta, vamos para casa, que eu estou vendo que eu não

vou conseguir chegar em casa”. Só que ERA LONGINHO... ERA LONGE, ela falava... era uma puxada todos os dias.

E foi que deu dele chegar em casa, e já fizeram o remédio de banha, né, que até, quando a mãe morreu, alguma coisa era banha, que ela fazia, assim. E... E daí quando foi ali para as três horas, antes da noite, esse tio – foi a ÚNICA VEZ que eu ouvi a mãe falar de médico – esse tio, então tiveram... Foram para....

Para o médico. O médico... Ele já ficou internado.

No outro dia, tiraram o... Tiraram o pé. Quando foi à tarde, antes da noite, então tiraram quase toda a perna. E no outro dia, quando tiraram no... No joelho, então falaram que o câncer já tinha passado daí.

Então a mãe falou, A PRIMEIRA VEZ que ela viu esse nome de câncer. Ela tinha uns nove anos. E depois disso, então, uma mulher lá da comunidade, então deu o tumor assim na perna (mostrando a perna). Mas aquela, diz que durou, durou, durou.

Então naquele tempo, não existia, acho, calmante. E o calmante que tinha em todos os vizinhos, na comunidade toda era... Colocava um quilo de carne, de noite, e ela dormia a noite inteira. Quando acabava a carne, pronto, AQUELA DOR, AQUELA DOR. O calmante, naquele tempo, era isso aí.

ENTREVISTADORA: Carne na perna?

INFORMANTE: CARNE. DE GADO, porque daí o câncer... Essa já era uma mulher, né... De tão grande que estava o tumor, que não foi tirado... E, sabe, quando dá, assim, por fora, não prejudica os órgãos. Vai enfraquecendo, mas demora, sofre muito mais, né.

NÃO TINHA CALMANTE.

ENTREVISTADORA: E vocês usavam a carne

INFORMANTE: ERA A CARNE. O médico, mesmo, USAVA A CARNE. Era o calmante que ele dava, e pronto.

Carne de gado.

Então, colocava aqueles quilos de carne, e dormia a noite inteira.

Aí, quando era demais, demais, então eles colocavam... Conforme que... A comunidade ajudava, e conforme que eles podiam comprar... Então, colocavam de dia para se acalmar. ERA DESSE JEITO. Tinha que aguentar NA DURA SORTE. Só com o calmante da carne de gado. Era assim... Carne mesmo.

ENTREVISTADORA: E a senhora sabe em que ano a sua mãe deixou a Itália?

INFORMANTE: Olha... Acho que foi, foi no ano... Desde nova, porque isso dá pra nós fazermos as contas bem. Ela nasceu em dois mil e quatro... Mil novecentos e quatro (risos). É... Dia vinte e nove de fevereiro. E ela veio para o Brasil com dezoito anos. Ela veio em mil novecentos e vinte e dois, depois da Segunda Guerra Mundial.

ENTREVISTADORA: Depois da Segunda?

INFORMANTE: É, eles enfrentaram duas guerras lá.

ENTREVISTADORA: E foi por esse motivo que eles deixaram a Itália?

INFORMANTE: Deixaram a Itália por esse motivo, porque eles tinham tudo, assim, tudo no... Tudo no baixo... Tinha... Todo mundo tinha casa, assim, que nem lá no... Em casa lá do meu irmão, tem as fotografias, tem tudo, tudo, né... Todos tinham casa, com as parreiras. Até disse que quando a neve vinha, tinha aqueles cachinhos, os cachos de uva... Assim, lá no baixo, perto das casas, e de tanta neve, quando começava a derreter a neve, o cachinho tava que nem fosse congelado, né. Aí eles tinham que aproveitar a uva.

E então ela... Duas guerras que eles aguentaram lá. Mas foi por causa da guerra, da última Guerra Mundial, que foi com a Alemanha. Agora, a primeira, eu não sei também. Não me lembro da mãe ter falado, ou que fosse as duas com a Alemanha.

Mas só que, quando a última Guerra Mundial, deixaram todo mundo meio... Os navios CHEIO, CHEIO, tudo de italiano de lá, por causa que a última Guerra Mundial foi MUITO... Ah, soldado da Alemanha para a Itália. E lá, então, nas casas...

...ELES TOMAVAM. Que nem, vamos supor, aqui... Eles deixavam – nós somos em duas pessoas, com o (**nome do filho**), três – eles deixavam um quarto, porque o quarto lá é grande, para eu e o (**nome do filho**)... E os três dormir naquele quarto. E o resto, eles colocavam... Colocavam os soldados deles.

ENTREVISTADORA: Eles tomavam a casa para eles?

INFORMANTE: Tomavam a casa para eles. E assim mesmo o soldado da Alemanha tava muito... Eles eram fracos, por causa que eles eram muito mal alimentados, né. Aí, onde eles achavam um pouco, aí tiravam, tiravam.

É. E quando que estavam (?), que essa guerra vinha, vinha, eles tinham por baixo, assim...

ENTREVISTADORA: tipo um túnel, né...

INFORMANTE: Um túnel cavado, que era o que os armazéns, naquele tempo, – que hoje é mercado – quando a guerra começava, estava quase tudo vazio, porque todo mundo se prevenia. Mas, que nem, em muitos lugares, que nem aconteceu na casa do nono, lá, e da mãe... Então, eles descobriram isso daí.

Até eles passaram fome depois.

E nesse tempo que... Nesse tempo que... Da última viagem... Só que diz que os soldados que entravam NÃO DESRESPEITAVAM . A mãe já era...

ENTREVISTADORA: Mocinha....

INFORMANTE: CLARO. É, não desrespeitavam NINGUÉM. Lá dentro não maltratavam ninguém.

E no tempo mesmo da última guerra, então a nona tinha um... Que era irmão da mãe, uma nenê. Ela tinha acho que um ano – não tinha dois anos ainda. Deu aquela meningite, mais daquelas meningites fulminantes, que é vinte e quatro horas, começa e...

Mas a mãe não falou que eles foram no médico, porque ela disse que estava tudo acabado. A mãe... Não ouvi a mãe falar que levaram no médico.

Eu sei que deu, e aquela febre alta, e ela chegou a falecer. Então, quando ela faleceu, aí só três soldados ficaram acompanhando tudo, até que foi enterrada a nenê. Os outros, ninguém entrou.

ENTREVISTADORA: Ela era filha de quem?

INFORMANTE: Era irmã da mãe. Era filha do nono e da nona, dos meus avós.

É, aquela, então, eles deixaram lá.

E daí, então foi que a Itália ficou muito fraca, não tinha ajuda de ninguém, e naquele tempo os países não se ajudavam... Não se ajudavam, né. E talvez ajudavam, um pouquinho que ajudava ajudavam por ajudar, não, assim, por interesse acho que nenhum. Aí, eles tiveram que vender a casa. Tiveram que vender tudo lá que eles tinham, e turma vinha para o Brasil. VINHA TODO MUNDO PARA O BRASIL. E daí, então foi que o nono vendeu a casa, e vieram de navio.

Demoraram TRINTA E DOIS DIAS DE ÁGUA. E nesses trinta... E estava, o navio, CHEIO, CHEIO. Ali não tinha onde... Tinha, assim, naqueles navios, parte mais, melhor para... Era tudo igual, porque ali não tinha escolha. O navio pegava e trazia.

E nesses trinta e dois dias, jogaram uma mulher, que morreu – ali não tinha onde –, jogaram uma mulher, e uma nenezinha também.

E lá vinha, e de lá eles saíram em Rio de Janeiro.

Para chegar até o Rio de Janeiro eram TRINTA E DOIS DIAS.

ENTREVISTADORA: E do Rio de Janeiro para onde eles foram?

INFORMANTE: Daí, do Rio de Janeiro eles pegaram e vieram para... Saíram ali em Porto Alegre.

ENTREVISTADORA: E eles se instalaram ali?

INFORMANTE: Não. Daí, então, já tinha, assim, conhecido de lá, do tempo que vieram os navios, antes, e depois mandava carta. E então eles vieram para Farroupilha.

É. Eles se instalaram ali, nesse santuário de Nossa Senhora do Caravajo, que tem lá em Farroupilha. Só que, agora esse santuário não é na cidade, é retirado, né. É retirado, mas é pouco.

Acho que uma hora e meia, assim, de carro, a gente chega lá.

Então foi esse navio... Essa turma lá da Itália que vieram. Que eles eram muito devotos, e que trouxeram essa imagem e fizeram a capelinha. Então a comunidade deles ia no domingo para rezar, para... Era lá nessa capelinha.

Daí, então, fizeram uma maior. E agora, então, está lá para ver. É um santuário enorme.

Mas foi em três famílias. Eu sei que foi a família, os bisavós (**sobrenome da família**), e mais dois sobrenomes de duas famílias. Mas agora eu não tenho na lembrança, mas trouxeram.

Trouxeram no (?)

E daí, então, ali em Caxias do Sul, trabalhou, trabalhou, até que eles falaram “É bem igual, é parecida”.

Faziam uma e não acertavam o rosto, daí foi que acertou, e está lá para ver... Até hoje é para ver que nome do santuário. E ficou um santuário de fé.

E, sabe, daí, todos que vieram, eles se instalaram para o trabalho deles. Era, acho que quase não precisa falar, era... Parreiral, marmelo, e coisa... Pêra, e... AI, aqueles que aqueles lá existem demais. Aqueles...

ENTREVISTADORA: Morango, não é morango?

INFORMANTE: Não, a coisa do chocolate

ENTREVISTADORA: CACAU...

INFORMANTE: Não, CAQUI... CAQUI.

E lá tem. E depois, sabe, começaram a entrar com queijo, depois, sabe, foi... Eles foram, talvez os filhos, assim, com negócio de porco, assim. Que lá, naqueles lugares lá, era o lugar do vinho, lugar de queijo, é lugar de salame. É tudo essas...

DOCE. Doce, assim, que eles fazem caseiro, e não tem tempo para...

ENTREVISTADORA: Para estragar...

INFORMANTE: NÃO, NÃO, não tem.

E dali, então quando a mãe casou, aí quando eles já foram morar lá, onde que fica lá, então o pai – o pai, o meu avô – eles já moravam por ali, eles já estavam se criando, porque a mãe é quase cinco anos mais velha do pai. E daí, foi indo, foi indo, que no final a mãe disse QUE NEM ERA NAMORO, porque ela, ela falava assim “EU NUNCA TE NAMOREI”, “Você que estava me namorando”, correndo atrás (risos). “Mas hoje você está aqui por quê?” (risos).

Aí saiu, com cinco anos de diferença. Mas aí, já o... Eles ficaram morando lá, porque o que os italianos têm... Os que trabalhavam, assim, na lavoura, os agricultores e tudo... O filho casava, e já tinha um pedaço de terra para ele, né. Casinha lá, nem sei de que jeito, mas era lá. Mas ó que a terra lá era pouca, e depois começou abrir ali em Santa Catarina.

Ali foi onde que, que o pai e a mãe já tinham o (**nome do irmão**) – aquele meu irmão velho. Já tinha aquele, e quando eles venderam a terrinha deles lá, deu para comprar muito mais em Santa Catarina, e já tinha uma casinha em cima. Aí, então eles saíram de lá e foram morar perto do (rio do peixe?).

E lá, então, nasceu o (**nome do outro irmão**), meu irmão, e no dia que nasceu – a mãe já veio grávida do Rio Grande –, aí, no dia que ele nasceu, a mãe não entendia a parteira, e a parteira não entendia a mãe. Mas o nenê nasceu igual (risos).

ENTREVISTADORA: Elas falavam línguas diferentes.

INFORMANTE: É, porque A MÃE ERA SÓ ITALIANO, só italiano. E elas não se entendiam.

DEPOIS de uns dias que a mãe... Porque naqueles tempos, elas ficavam sete dias na cama, nem que fosse... ERA PARTO EM CASA. Eram quarenta dias... Quarenta dias, era a dieta. Lá, dessa turma que veio da Itália, e lá por Santa Catarina, que eu conheci assim, que nós nos criamos, nós víamos, né. Então eram QUARENTA DIAS de dieta. Quando chegava quarenta dias, então a mãe pegava o nenezinho com uma... Levavam uma sacolinha de roupa assim, com uns... Não era fralda, era cueiro. Naquele tempo era cueiro, né.

Então ia. Passava, às vezes, na frente de comadre, de vizinha conhecida... NEM... Ia na igreja, depois na volta, então, ia cumprimentando. É, daí na volta ia parando. Mas A PRIMEIRA VISITA ERA NA IGREJA. Não saía de casa por quarenta dias. Agora, as visitas que iam lá eram bem recebidas, né. CLARO, iam ver o nenê, tudo, né.

E hoje eles levam um, assim, uma lembrancinha para o nenê. Naquele tempo não. Naquele tempo, porque as famílias todas tinham criança meio pequena, né... Então levavam às vezes um pão, ou uma cuca grande, ou uma galinha assim, que era... Mas era para a mãe, por causa do leite (risos).

Era isso que levavam naquele tempo. Não era roupinha.

ENTREVISTADORA: E, só para ficar claro, então... Eles foram para Farroupilha, e aí alguns de vocês, seus irmão, nasceram lá?

INFORMANTE: Não. Só o (**nome do irmão**), né – o mais velho.

ENTREVISTADORA: Aí eles foram para onde, então?

INFORMANTE: Ah, foram para Santa Catarina, Joaçaba.

ENTREVISTADORA: E ali nasceram os outros irmãos.

INFORMANTE: É. É assim, agora Joaçaba é um município. Bem, ali são dois municípios.

Mas não era município, lá não era município. Eu ia falar isso daí.

Onde que iam fazer as compras – que era cinquenta quilômetros longe –, que o pai ia fazer as compras, a mãe, tudo para negócio de... Sabe. NÃO PASSAVA MUITAS MERCADORIAS, mas sempre tinha que ir lá. Mas, agora, nós, todos os filhos lá da mãe e do pai, são todos registrados em Campos Novos.

ENTREVISTADORA: Campos Novos?

INFORMANTE: É, Campos Novos. Então era LÁ LONGE.

ENTREVISTADORA: Em Santa Catarina?

INFORMANTE: Em Santa Catarina, É CLARO.

Aqui, Bianca (mostrando a identidade dela)

Todos foram registrados lá.

E, agora, lá daí ficou os avós, o pai e a mãe, os avós dos quatro... Não, dos dois. Os nonos tudo ficaram para lá. Mas eles já estavam estabilizados quando a mãe casou e tudo. Eles já tinham tudo, porque eles tinham em casa, fruta eles tinham em casa, leite eles tinham em casa, e tudo é leite. Era pouca coisa que comprava, porque a terra naquele tempo era boa. E hoje, mesmo no Rio Grande, a terra é melhor que a daqui.

ENTREVISTADORA: E a senhora sabe por que eles escolheram vir para o Brasil, e não para outro país?

INFORMANTE: Olha, o que eu sei, que naquele tempo lá falavam que o Brasil era um país, que... Está atrapalhando? (se referindo ao barulho)

ENTREVISTADORA: Um pouquinho, mas pode continuar.

INFORMANTE: Bom, que era um país, assim, de futuro, né. E o dinheiro da Itália lá – que o nono vendeu lá – aqui no Brasil valia mais que em todos os outros países. Então, porque demoraram TRINTA E DOIS DIAS de navio, e chegaram e ficaram lá em Farroupilha, onde eles ficaram morando, o dinheiro abaixou. Aí, então, o nono ficou com dinheiro lá, e sem comprar, porque já tinha, onde que ele estava morando, já tinha um amigo dele que já tinha plantado ali, e já tinha um lugar para ele. Mas ele ficou sem poder pagar porque já tinha onde que ele estava morando, já tinha o amigo dele de lá que já tinha plantado ali um lugar para ele. Mas ele ficou sem poder pagar, sem poder quase trabalhar, sem dinheiro, né. Aí foi que passando uns tempinhos ali, que, pelo o que a mãe falava, passaram aí uns quatro ou cinco meses, NÃO RESOLVIA NADA, aí o meu avô foi lá onde fazia troca de dinheiro – de segunda-feira – e trocou, para poder começar a trabalhar, né. Aí, quando foi para o fim da semana, subiu tudo de novo

ENTREVISTADORA: O dinheiro.

INFORMANTE: É.

Aí, então, ele ficou. Porque ele não era de MUITA saúde, porque diz que quem trabalha na mina de carvão. É, ele perdeu a saúde no tempo que ele trabalhou na mina de carvão. Aí a mãe falou que ele ficou mais, assim, de cama uns QUARENTA DIAS. Que ele desanimou, que se fosse hoje, diriam que é depressão, né. Mas diz que ele levou uns quarenta dias para se recuperar, para poder dar um ânimo para ele poder trabalhar.

Aí, então, era a mãe, porque tinha dois irmãos mais... Bom, tinha um irmão, mas ele era, ele não era... No final, ele era bem... Uma boa diferença da mãe. E eles vieram da Itália com o casal, a mãe, o tio... Então são quatro, né... Mais uma tia, que ela DEU MENINGITE MESMO, só que ela ficou meio... E o nenê da casa.

Eram quatro irmãos e seis pessoas da família.

ENTREVISTADORA: E isso tudo aconteceu quando eles estavam em Farroupilha, ou já em Santa Catarina?

INFORMANTE: NÃO, NÃO. Ali era a família do nono, dos meus avôs lá em Farroupilha.

Agora, quando foram para Santa Catarina, o pai e a mãe, então, lá eles começaram a trabalhar com alface, e daí, então, nasceu o **(nome do irmão)** esse que... Então ficaram dois meninos. Precisava de uma menina para ajudar, ficar com eles em casa, porque a mãe tinha que ir à roça, porque era só o pai. Lá não era mato, era enxada. Aí, então, eles pegaram lá uma menina. Diz que ela tinha uns onze anos assim mais. Também eles davam as roupas, tudo, assim. Ela não ia para casa, ela ficava lá.

Mas a mãe falou... E LÁ ERA DIFÍCIL, tinha que atravessar rio de peixe, ir não sei aonde para comprar negócio de açúcar e café.

E ali em Santa Catarina, o pai já começou uma vereda grande, também, né, como fosse lá no Rio Grande. E tinha bastante formiga. Então, o pai tinha aqueles coisinhas para pôr para...

ENTREVISTADORA: Matar as formiginhas.

INFORMANTE: MAS SÓ QUE A MÃE FALOU que a casinha, lá tinha o açúcar, e bem para baixo, assim, que o pai tinha um, eles falavam um galpãozinho, um galpão para guardar as tranqueiras que precisa para remédio, assim, de animal, tudo. O pai colocou uma latinha lá, distante de pegar, fechada. Até, assim, parecia enferrujada, a latinha velha. Então colocou lá na prateleira. E começou que NÃO TINHA MAIS AÇÚCAR QUE CHEGASSE. Aí, então, um dia... Daí a mãe levantava cedo, e já fazia um café. E o pai tomava um gole do café, e já ia... Não tinha pão, e ela fazia aqueles bolinhos de chuva, e daí, então o... Aquele dia a mãe ficou fazendo bolinho de chuva, só que QUANDO ELA FEZ O CAFÉ, ela notou que em cima parecia um pouquinho de trigo, que não abaixava. O pai tomou o café e foi. E naquilo se acordou o meu irmão mais velho, e... Mas ele tinha uns três anos – que os dois primeiros vieram com pouca diferença de idade. Aí ela pegou e sentou ele ali, e deu um bolinho, porque só tinha apanhado o açúcar. Deu o bolinho. Aí, ele comeu dois, daí a mãe deu mais uma, e ele começou, assim, sabe, lá derrubar no chão assim (gesticulando). De repente ele BUFT lá no chão.

Quando a mãe foi lá para pegar ele, e ela tinha tomado o café também.

ENTREVISTADORA: Ela também caiu.

INFORMANTE: Aí deu AQUELA TONTURA NA CABEÇA DA MÃE. A menina tinha pegado daquele veneno e tinha colocado na lata do açúcar

ENTREVISTADORA: ACHANDO QUE ERA AÇÚCAR.

INFORMANTE: ACHANDO, de certo.

Aí, chega a menina. Ela mandou chamar... Que naquele tempo já tinha chegado uma italiana. Não, uma viúva. Então a mãe já estava bem de vizinha, e mandou chamar ela, e quando ela chegou ali, então ela pediu “O que você colocou no açúcar?”. A menina não respondeu nada, porque a mãe também não viu mais nada. Daí, essa mulher ela já mandou chamar o pai. Chegaram lá, e o pai estava deitado. Aí “Me diga o farmacêutico”. FARMACÊUTICO, é, farmacêutico. Atravessaram o rio de peixe, e foram buscar. Ele ficou CINCO DIAS lá. E só com um remédio, assim, que ele trouxe, sabe, uns remedinhos da farmácia e LEITE. E nenhum morreu. (risos). Me diga só.

OS TRÊS. Não precisou soro, não precisou nada. Leite e os remedinhos que deram. E depois, quando eles se recuperaram um pouco, ele começou a fazer, ferver... Ah, não, colocava o leite fervendo em cima do (?). E em cinco dias, mas diz também que foi uma recaída lá para o pai, porque ele passou um tempo sem trabalho.

E depois vê a dificuldade de hoje, que é da gente se queixar.

Mais outra. Depois, passando, que teve esses dois meninos, que eram o (**nome do irmão**) e o (**nome do irmão**), que eram os mais velhos, a mãe se recuperou de tudo isso, ela teve o outro nenê, e era homem. O pai queria menina desde a primeira, mas esse não, foi homem. Então esse, o (**nome do irmão**)... Porque eles costumavam por o nome do pai, DOS PAIS. Primeiro era dos pais, então esse era (**nome do irmão**), e esse – o terceiro nenê – era (**nome do irmão**), porque o pai da mãe era (**nome do avô**). Aí, diz que esse menino se criou tão gordo, gordo assim, COM SAÚDE, que foi só para ver. Ele tinha um ano e oito meses, e que ela chegou da roça e foi para dar banho, ela notou que ele estava com um pouco de febre. Aí, na hora que ele costumava dormir, ela não quis a mamadeira. Onze horas se acordou e a mãe se acordou, e ele estava... Que ele tinha se acordava gemendo. Aí pegaram já, tinha que atravessar de barca o rio, o rio de peixe, numa barquinha assim (mostrando que o barco era pequeno), e lá sempre tinha um com dois cavalos... Do lado de lá tinha uma casinha com um que já tinha dois cavalos, para quem precisasse ir à farmácia.

Aí chegaram lá na farmácia, aí o farmacêutico falou “Não, JÁ, JÁ para a...”. Então aí que foi em (?) do Oeste, lá tinha médico. Cinquenta quilômetros de noite. Chegaram lá mais ou menos, a mãe falava que era umas quatro, três e meia da manhã. Aí, então, o hospital muito pequeno naquele tempo, né, MAS SEMPRE TINHA UM QUE POUJAVA NO QUARTINHO. Aí bateram ali, ele levantou e falou “O médico está ali jogando, mas eu já vou chamar”. “Mas vai

depressa”, porque o nenê estava mal, porque era aquela coisa que dava na garganta, como é que é? Você lembra?

ENTREVISTADORA: Ai! era o CRUPE.

INFORMANTE: ERA, ERA ASSIM, que atacava a garganta.

É. Era um negócio... É ISSO AÍ SIM.

Aí, então, esse rapaz, ele já veio “Está terminando a partida e já vem”. E lá já vem. E o rapaz, e “Ele já vem”. Quando foi nove horas o nenê FALECEU, e o médico não tinha vindo. E a hora que ele apareceu para eles poderem levar o atestado de óbito, duas horas da tarde. Vê o que essa família passava. A mãe e o pai passavam...

Porque, olha, vendo o bebê morrendo, morrendo nos braços ou do pai ou da mãe, eu não sei com qual dos dois ele morreu. Nove horas, ficar com o bebê morto até duas horas da tarde para o médico vir dar o atestado de óbito, e depois...

ENTREVISTADORA: E o médico jogando.

INFORMANTE: JOGANDO BARALHO, viu. JOGANDO BARALHO.

ENTREVISTADORA: Se fosse agora, dava UM PROCESSO.

INFORMANTE: É, claro. E naquele tempo, pegava os cavalinhos e ia para casa com o nenê morto.

A mãe falava que lá só tinha que se apegar mesmo, pedir ajuda do céu. E então ela disse que desde a barriga dela eu estava tão miudinha, miudinha, que então ela fez a promessa para Santa Teresinha.

E depois lá de Santa Catarina, vamos supor, da mãe que saiu da Itália, daí foi para Santa.... Não, para o Rio Grande, de lá de Farroupilha. Depois de lá, a família dela teve, ela teve ONZE. Mas um, foi esse que morreu, outro, foi uma menina.

ENTREVISTADORA: Que morreu?

INFORMANTE: Que morreu ali em Santa Catarina, mas nós já éramos criadinhos, era, vamos supor, depois dela, teve mais dois: a irmã (**nome da irmã**), que está no convento, e o meu irmão, que está no Paraná. Então, depois dessa menina, ela teve mais dois: uma menina e um homem.

E daí, desde quando ela nasceu – essa também – a mãe passou.... Ela não gostava de.... ELA NUNCA nos acompanha a brincar. A mãe falava “PEGA o (?), mas ela era sempre, assim, perto da mãe. ELA NÃO INCOMODAVA, mas sempre se esfregando na mãe, pegando no vestido da mãe assim (mostrando como a menina se segurava no vestido da mãe). E dificilmente ela

brincava. Aí foi indo, que quando ela tinha uns quatro anos ela morreu... Ela tinha uns cinco anos.
ELA TINHA QUATRO PRA CINCO ANOS.

Então a mãe, dando banho assim, e daí ela foi enxugar e passou aqui e ela sentiu um caroço. Aí, bem de tardezinha, eu me lembro que o pai não tinha chegado e meus irmãos da roça. Mas estávamos eu, a **(nome da irmã)**, e outra minha irmã, ela chamou lá e falou “Experimenta ver aqui”. A gente colocava, e era, acho que era assim desse tamanhinho (mostrando com as mãos o tamanho do caroço), que aquele caroçinho parecia uma pedrinha lá. Ah, mas quando foi no outro dia, o pai já pegou o cavalo, e lá se faz cinquenta quilômetros para ir...

Do médico. Lá em (?) do Oeste. Mas **ESSE JÁ ERA MÉDICO...**

ERA OUTRO, mas era um médico bom, porque o pai já tinha quase toda a família já, mãe, todos os filhos, né. Daí, então, ele passou um... **UNS REMÉDIOS** lá. Mas ele **JÁ FALOU PARA O PAI**. Mas a mãe estava de dieta desde o meu irmão, que é o caçula. Então ele chegou em casa, e falou assim para a mãe que em dezesseis dias era para voltar lá. E a mãe ainda não tinha terminado a dieta nesses dezesseis dias, aí, então, ele mandou arrumar uma... Todas as roupinhas dele, tudo – a mãe fazia uma bolsa, assim, de roupa lá –, e que era para pôr tudo que talvez tivesse que ficar lá uns dias. Tinha que ir para Porto Alegre, porque o médico já falou aquele dia para o pai que podia ser câncer no fígado.

Aí foi para lá. Ela ficou... Ela ficou **VINTE CINCO** dias lá. Mas e quando ela saiu de casa e voltou, **VIXE**, ela tinha se acabado. Depois, durou ainda **QUARENTA E DOIS DIAS**. Ali não tinha, dizer, de dar uma calmante para diminuir a dor, que ficou quarenta dias. Mas quando ela voltou, a mãe, já tinha terminado a guerra.

Ali tinha, assim, os vizinhos, a comunidade que vinha de noite, assim, mas **SÓ QUE ELA QUERIA** só a mãe e a **(nome da irmã)**. E nisso, que o... Vou falar, depois se eu falei demais, quando chegar a hora fala.

(risos)

Mas nisso ali, então o médico lá de Porto Alegre falou para o pai que era para chegar em casa e dar bastante... É daquelas folhas, daquelas (?). A água que ela tomava tinha que ser só daquela, porque ele falou que nos últimos dias podia trancar a bexiga. E quando tranca a bexiga, mesmo que a pessoa esteja em coma, sente a dor na bexiga.

Então quem ia achar lá pra roça e tudo, para pegar o pezinho com a raiz, porque não podia ser um pé grande, porque tinha que ter um pezinho assim com umas quatro folhas, aí lavar bem, lavar raiz, para fazer o chá.

Então quem ia buscar essas folhas ERA EU. Por isso que até hoje eu tenho fé nela, por que, então, aquilo fazia o... ASSIM, os rins não paravam, e se a bexiga, vamos supor, parasse de funcionar, seria BEM NA PARTE TERMINAL mesmo. Não ficava dez, doze dias, e talvez mais, com a bexiga parada.

E naquele tempo era assim. Quando era desenganado era desenganado, lá em casa e pronto. Os da família, os parentes, e os vizinhos cuidavam, ajudavam ATÉ, até o final.

ENTREVISTADORA: E os seus pais mantiveram as tradições da Itália com vocês?

INFORMANTE: Olha, o pai e a mãe SIM. Eles morreram com isso.

ELES SIM, porque lá em casa, até que o pai e a mãe estavam vivos, aí, então, o pai, era o costume dele. A mãe, a mãe também. Porque naquele tempo, vamos supor, QUEM ERA que ia falar que, como estão falando hoje, que pode faltar água, né. Mas era tudo pouca água, tanto para o pai quanto para a mãe. Era tudo na medida certa, não podia esbanjar água. E nós tínhamos, tinha, assim, um rio que passava assim, que dava para a gente caminhar a pé, atravessar ele. Mas lá não tinha falta de água. A água, comida, tudo, tudo, TUDO de casa, tudo, tudo. O pão, é massa, era o queijo feito em casa, manteiga, e tudo, tudo colhido na roça. Até eu falei uma vez para o doutor. Ele contando, assim, conversando sobre esses lanches, tudo isso, eu falei que quando nós nos criamos... A gente, naquele tempo não, mas eu cheguei a pensar que NÓS NÃO COMIAMOS BEM. Mas tirava tudo lá da terra, e ele disse “Mas vocês que comem bem”, hoje é que não comem bem. Era tirado TUDO da terra. É, os arvoredos assim, as coisas NÃO FALTAVAM, mas era tudo lá da terra. A única coisa que não dava lá em Santa Catarina, onde nós morávamos, era a banana. Aí, quando o pai ia, assim, fazer compra e tudo, ele trazia o cacho assim (mostrando que era grande). Ai, quando não estava ainda bem madurinho, aí, então, cada um comia. Era de manhã e a tarde, ATÉ QUANDO TERMINASSE. Mas tinha uma turminha de... Naquele tempo era de nove, porque a minha irmã já tinha falecido, né, os dois. Era nove.

ENTREVISTADORA: E como eram as reuniões familiares.. Quando vocês se reuniam nas festas?

INFORMANTE: Ah, bom, as festas lá, então era... Vinha os parentes, assim, mas eu vou te falar uma.

Trabalhavam o dia inteiro... Eu vou contar de mim, porque contar de todos não adianta. Mas eu tinha que levar... Levantava de manhã cedo, subia uma ladeira assim (mostrando a altura), então levar o cestinho de vime, que fazia, branco, com uma toalha branca, levar o café para quem ia cedo trabalhar. Daí, e quando eu ia descendo, eu já via a turma LÁ, da escolinha, que estava para entrar, ou já estava entrando, ou quase todo mundo lá. E daí, então, eu ia para casa... Eu só deixava o café lá, pegava os meus dois cadernos e uma cartilha, e lá ia.

E daí, então a gente trabalhava o dia inteiro. Porque desde... Cada um tinha a tarefinha dele, por isso não precisava mandar todo dia. Quando era de noite, a mãe e o pai sempre tiveram. Quando não era colheita de grão, que perdia, então era café. Mas almoço e janta, ERAM TODOS NA MESA.

Depois, então, a mãe e duas maiorzinhas – desde Santa Catarina já ficavam comigo – a mãe lavava tudo a louça, nós secávamos, e guardávamos tudo lá no lugar. Depois, era o terço, TODO MUNDO DE JOELHO. TODA NOITE o terço. E de sábado, bom, de sábado então nem na roça a mãe não ia. Mas a Maria, naquele tempo – então ela já era mocinha –, ela cuidava bem da casa, a Maria. Então de sábado a mãe não ia na roça. E depois, no domingo, então, a mãe fazia um almoço diferente do de dia da semana. Mas era todo mundo almoçando, porque tinha visita. E depois, três horas, NÃO TINHA COMPROMISSO NENHUM. Era todo mundo lá na capelinha, na igreja. Aí, a reza que tinha era o terço. Tinha o catecismo, mas que nem agora, essas, depois, quando nós chegamos, viemos no... Que a família foi criando mais, foi se desenvolvendo mais, e que o pai veio morar no Paraná, aí nós morávamos seis quilômetros fora do município que tinha a igreja, né. E, só que Natal, na virada do ano, assim, vinha um padre celebrar a missa ali. Mas naquele tempo, lá em Santo Antônio, não se via... Tinha duas igrejas, aquela protestante, e essa católica... SÓ, SÓ. Aí, então, era na igreja que a gente ia. E a ceia do Natal ERA LÁ NA IGREJA, porque quando dava para chegar meia noite, nós cantávamos o glória, depois, aí que a missa ia terminar, de meia noite para diante... A missa do Galo... É, ISSO, era a Missa do Galo. Aí, a gente chegava em casa era duas horas, daí, então, festejava o dia de Natal assim. E depois, então, com isso, que foi, sabe... Hoje, já, a Missa do Galo mesmo quase não é mais falada... A assembléia dos bispos lá, eles passaram a... Já passaram dez horas, passaram as nove, e agora, acho que esse ano passado, era às oito horas. Para quem tem a fé da igreja, para ir e depois dar tempo de aproveitar a ceia, tiraram a Missa do Galo por isso. Mas não adianta.

[Interrupção]

ENTREVISTADORA: A senhora se considera sul-mato-grossense? A senhora acha que aqui é seu lugar, ou não? A senhora ainda

INFORMANTE: Não. Sabe, na verdade, na verdade... A gente fica porque tem que ficar. Na verdade mesmo, por que... Eu passei por Santa Catarina, Paraná... E TANTO FAZ... Paraná ou Santa Catarina. Passou das onze e meia... Você não acha mais lugar aberto para você comprar uma caixa de fósforo... O comércio... O mercado fecha e todo mundo vai almoçar. Então, até hoje, a turma se reúne e almoçam todos juntos.

ENTREVISTADORA: Isso lá em...

INFORMANTE: Santa Catarina e Paraná.

Só que... EU GOSTARIA MAIS... Por causa desse horário... SÓ.

ENTREVISTADORA: Mas como assim?

INFORMANTE: POR CAUSA DO HORÁRIO. Porque fecha tudo, a gente põe o almoço lá na mesa e está todo mundo almoçando junto...

ENTREVISTADORA: Ah, e aqui não tem isso...

INFORMANTE: E AQUI NÃO TEM. Não tem horário para almoço, não tem horário para... É ISSO... EU GOSTO SÓ DISSO AÍ.

ENTREVISTADORA: Mas o que a senhora sente em relação à Dourados? O que a senhora acha daqui? A senhora gosta?

INFORMANTE: Ah... E gosto, por que... É SÓ ESSE PROBLEMA que... Não tem mais de se unir. Mas, no final, eu gosto também daqui. Minha família está toda aqui. Mas se fosse dizer “Você está livre, não tem mais compromisso nenhum... Vai morar aonde quiser”. Eu escolheria um desses dois lugares.

ENTREVISTADORA: E a senhora acha que, por exemplo, sua mãe era italiana, não? A senhora acha importante essa raiz italiana?

INFORMANTE: EU ACHO. E também, na época que eu morava lá para Santa Catarina, Paraná... A maioria das pessoas tem. Mas só que, aqui, MEUS FILHOS PERDERAM TUDO.

ENTREVISTADORA: Perderam as tradições italianas?

INFORMANTE: Perderam (risos). Perderam tudo porque aqui já é outro costume de viver, de... E eu posso dizer que perderam tudo. Muitas coisas que a gente poderia ter, ainda hoje... Mas não. Não tem mais. Acho que é por causa que Dourados já é grande, né. Então vão se criando e... Que nem naquele lugar... O shopping... Já vão andar no shopping. A gente não tinha essa coisa de ir

andar em shopping. É tudo uma coisa diferente do que eu me criei, do que a mãe falava, do que a mãe deixou. O pai também, porque o pai era neto de italiano. Então é isso aí. A minha família perdeu quase tudo.

O mais é o **(nome do filho)**. Mas NA CASA DELES, na casa dos meus filhos... O **(nome do filho)** que fala bastante ainda das coisas da avó... Do nono e da nona.

ENTREVISTADORA: Mas eles conhecem a história dos seus pais? De como eles vieram para cá?

INFORMANTE: CONHECEM, CONHECEM TUDO. Só que, vamos supor, TODOS AQUELES DIAS DE NAVIO... Mas hoje é melhor, porque a gente vai de avião e num instante chega (risos).

É TUDO ASSIM, NÉ. É TUDO DIFERENTE.

Se por acaso eles descerem para lá, eles vão pear um navio? Eles vão de navio? NÃO VÃO.

Antes de vir para cá, a mãe não deixava comer melancia e uva porque fazia mal. Aqui não...

Come tudo misturado. Manga e leite faziam mal. Aqui, agora, eles fazem vitamina (risos).

ENTÃO É ISSO.

DEPOIMENTO

INFORMANTE II

INFORMANTE: Bom, então vamos lá.

O povo italiano... Você sabe fazer gravar nesse (Referindo-se ao mp3 que ele tinha)?

ENTREVISTADORA: Não sei. Esse não tem tela?

INFORMANTE: O povo italiano... Bom, depois você vai passar isso para o computador, aí você me manda uma cópia.

O povo italiano é muito rico em fábulas e em provérbios. É muitíssimo rico. E a minha família passou muito, essas fábulas e esses provérbios, que eu até, hoje, me surpreendo, me surpreendo usando, né.

Mas vamos falar primeiro então da vinda dos familiares, né.

Os meus tataravós paternos vieram da Itália em mil oitocentos e noventa e dois, né... mil oitocentos e noventa e dois... e já trouxeram uma família relativamente numerosa. E, entre eles, os meus bisavós paternos. Essa família, (**sobrenome da família**), eu tenho melhores condições de falar sobre ela porque eu fiz uma árvore genealógica da família (**sobrenome da família**), e então eu tenho todo... eu tenho UMA GRANDE ÁRVORE, né.

Agora, os meus... os meus ascendentes maternos, eu já tenho um pouco mais de dificuldade, né... os (**sobrenome da família**). E eu tinha um pouco mais de dificuldade, embora eu saiba que esse meu avô... esse meu avô, (**sobrenome da família**), ele, vindo da Europa para o Brasil, já não podia mais entrar pelo porto de Santos, ele entrou pelo Uruguai, desceu no Uruguai. Mas os (**sobrenome da família**) entraram lá pelo porto de Santos. E chegando aqui, eles se estabeleceram lá em Jaú. Jaú é terra... é região de terra muito fértil, terra para café. As terras de Jaú se assemelham às terras de Dourados, só que lá não geava tanto quanto aqui, e, portanto, os cafezais se desenvolveram muito mais lá do que aqui. Os cafezais aqui, a geada dizimava. Então eles se estabeleceram nessas regiões de Bocaina, Jau... para fazer o plantio de café... para fazer plantio de café. Naquela época – mil oitocentos e noventa, mil e novecentos, ATÉ MIL E NOVECENTOS, ATÉ a segunda metade do século vinte, né – o café era a maior riqueza

brasileira, o principal produto de exportação brasileira era o café. E os (**sobrenome da família**) se especializaram, né, em plantio, o cultivo, e na colheita de café. E quando deu a crise em trinta, deu uma grande crise, a queda da bolsa de Nova York, né, UMA GRANDE CRISE FINANCEIRA no Brasil, os fazendeiros de café não tinham como arcar com as obrigações que eles tinham assumido com esses colonos, que eram os imigrantes que vinham... que vinham, no nosso caso, da Itália.

Então, aí, como a terra era muita barata, eles distribuía em terra, faziam o pagamento em terra. Então os meus bisavós passaram a possuir GRANDES PROPRIEDADES, grandes áreas de terra, tanto o materno como o paterno. Só que também era assim, né, eles tinham grandes propriedades, mas tinham uma PROLE numerosa, né. A minha avó... a minha avó materna, ou melhor, a minha avó paterna, ela teve DEZOITO filhos. Uma vez trigêmeos, duas ou três vezes gêmeos. Só que também morria a metade, né, a mortalidade infantil era muito grande, né, e, enfim, ficaram NOVE filhos sobreviventes.

Mas o que eu quero dizer é o seguinte, da mesma forma que os nossos ancestrais conseguiram grandes quantidades de terra, com o tempo eles dividiram entre os filhos, e os filhos viraram pequenos sitiantes. Então, de imigrantes, né, de imigrantes sofridos, como todo imigrante, com a adaptação à vida, com todas as dificuldades do imigrante, eles passaram a ser proprietários e, mas também... Também, assim, com as dificuldades, né. O trabalho... o trabalho era... Eu me lembro que, ainda quando criança, que eu vivi até os sete anos na roça, eu morei até os sete anos – só os meus pais saíam da roça, para levar para estudar na cidade –, mas eu me lembro bem que a vida era do nascer do sol ao pôr do sol. Então alguns costumes que hoje seriam um, né. E eles saíam para a roça, de madrugada, antes de o sol nascer, aí as mulheres tinham um monte de roupa para lavar, então era uma roupa muito suja, né... O café fazia muita poeira na época de abanar, EM QUALQUER ÉPOCA, Tanto da capina como na época de abanação de café. Então só ficava o branco do olho, mesmo, porque o resto era tudo muito escuro. Então eu me lembro que saíam antes de o sol nascer, e aí as mulheres levavam – às vezes, as crianças maiores – levavam os caldeirões de comida para a roça. Aí, na roça, tinham os ranchinhos de sapé, e aí, lá mesmo, às vezes, eles almoçavam com os caldeirões, descansavam um pouco e continuavam o trabalho. Aí quando chegavam em casa, de tarde, chegavam em casa de tardezinha, aí tinha o poço, para tirar água, daí tiravam um balde de água – tinha umas bacias pequenas... Tinham umas bacias pequenas – então eles colocavam a bacia em cima de um banco, banquinho, desses bancos

de você sentar, colocavam as bacias em cima desses bancos, e aí, então, com aquela água limpa eles lavavam o rosto e as mãos. Aí, eles tiravam a baciuzinha de cima do banco, a bacia de latão, botavam no chão, sentavam-se no banquinho e lavavam os pés.

Aos sábados, então, os homens desciam para onde... Para onde tinham as minas, o cocho, era um grande cocho, com um batedor, uma tábua para bater roupa, para fazer, né, para lavar roupa. Então, aos sábados, os homens tomavam banho. E as mulheres... **AS MULHERES ERAM BANHO DE BACIA**. Crianças, né... Era banho de bacia. As crianças tomavam um pouco mais de banho, porque as crianças se sujavam mais, então todos os dias tomavam aquele banho de bacia, né... Banho de bacia. Então colocava água na bacia, era uma **BACIA GRANDE**, aí era uma bacia grande, aí botava água na bacia, dava o banho nas crianças, e aí, com um caneco de água morna, a criança ficava de pé...

Aí enxaguava (risos). Enxaguava.

Então era uma vida muito dura, uma vida muito... Uma vida de **FARTURA**, né... Uma vida de fartura, mas uma vida muito dura. Fartura como? Você tinha o arroz, você tinha o feijão, você tinha o milho, você tinha o porco, você tinha o leite, você tinha o queijo, você tinha a horta, você tinha... **VOCÊ TINHA** o... **VOCÊ TINHA UMA FARTURA**. O mel. Não que eles criassem o mel, mas eles tiravam, né. Não é que eles tinham lá, não eram apicultores ainda, mas tiravam o mel. Tinha muito mel. Então, apesar de ser uma vida dura, era uma vida farta, era uma vida, né, mais assim... Os moços, né... Os moços tinham alguma dificuldade. Os meus tios já tinham os seus ternos de linho. Quando ia sair para a cidade, tinha que ir de terno, paletó, gravata, tudo né. Mas você já pensou passar um terno de linho no ferro à brasa... Os ferros eram à brasa, os fogões, à lenha. Então o fogão era à lenha, onde a gente se aquecia na taipa do fogão, para... Para... Quando os dias estavam muito frios, né. A comida era muito saborosa. A comida... Cozida no fogão à lenha é muito mais saborosa, né, porque ela demora mais tempo a carne. **É, TUDO, TUDO**. Panela de ferro, ou de barro. Então assim era a vida.

E, e esses italianos que saíram lá da Itália, eles eram italianos com certo grau de instrução, não tanto, mas tinham um certo nível de escolaridade. A Itália, apesar de ter que mandar os seus filhos para fora, né, porque eles não tinham condições – porque **QUEM SAI DO SEU PAÍS É PORQUE ESTÁ EM DIFICULDADE** – então, não obstante a isso, os nonos tinham um certo grau de escolaridade maior. Aí o... o... Como eles se socaram nos sertões, né, as terras que eles tinham eram nos sertões, eram mais distantes do centro, eles não tinham condições de estudar os

filhos. Então, o que foi acontecendo? Foi acontecendo que essa sabedoria, que eu diria até entre aspas, né, mas a sabedoria dos mais antigos, ela foi sendo repassada para os mais jovens por meio das fábulas e dos provérbios, porque a escola formal mesmo, os nossos avós, os nossos pais, né... Eles tiveram dificuldade, justamente por causa deles se localizarem em sítios, em fazendas, né, distantes. A minha mãe, que passou uma boa temporada na cidade, quando chegou no sítio, ela que tinha um estudo – também o que? – naquela época, até a quarta série, se não me engano, ELA ERA UMA PROFESSORA, ensinava as crianças nas colônias. Ensinava a ler e escrever, né.

Mas enfim, a dificuldade era muito grande. Então... Então são... E os provérbios, as fábulas, elas aparecem. Elas aparecem... NÃO É ASSIM, que a gente tem na lembrança toda hora. É impressionante, mas elas aparecem nas circunstâncias adequadas, né. Coisas como *é de pequenininho que se entorta o pepino*. *É de pequenininho que se entorta o pepino*, né, *piando, piando, se vai juntando*. *Forte, forte se vá a la morte*. Então quando as crianças começavam a acelerar, e a, né, ou os jovens, OLHA, *PIANDO, PIANDO SE VAI JUNTANDO, FORTE, FORTE SE VA A LA MORTE*. Né, então vamos devagar, porque devagar a gente chega longe, e muito depressa a gente acaba morrendo, né.

Então são CENTENAS de provérbios, que eu vou ver se eu vou me lembrando ao longo da nossa conversa.

E AS FÁBULAS, NÉ. As fábulas, né, as fábulas eu teria UMA DEZENA, ou mais para contar para você, mas aí, só de fábulas, nós teríamos que fazer DUAS HORAS de gravação. As fábulas são MUITAS, as fábulas italianas, né. E essas fábulas, nós acabávamos tendo também um, tanto as fábulas como os provérbios, nós acabávamos tendo um fim educativo, um fim moralizante, né. E, talvez acostumado a esses provérbios e a essas fábulas, eles também acabavam IVENTANDO muita coisa. E a minha avó, por exemplo, era... A minha avó Antônia, ela era, por exemplo, CRAQUE, ela era CRAQUE em incentivar as crianças, né. Então, “Vai buscar alguma coisa para mim”, né... “Vai buscar alguma coisa para mim”... “NOSSA, você já voltou, pensei que você estava saindo”, né. Então, era uma forma de educação altamente positiva. Não tinha “VAI BUSCAR SENÃO EU TE MATO, TE ESTRAÇALHO, TE PICO”, né... “Te bato, te pico”, né... “te bato, te pico, te mato”. NÃO, O CONTRÁRIO (risos). Como que é? “Te bato, te mato, te pico” (risos). Não tem nada disso, então era “OLHA, você já voltou? Você já está aqui?”. Ou

“Olha, vai lá buscar, mas um pé lá e outro aqui”. E “NOSSA, MAS VOCÊ JÁ ESTÁ AQUI, MAS EITA ESSE MENINO, COMO É LIGEIRO, QUE É ESPERTO”.

Então a molecada toda se embalava por essas coisas.

Mas, eu disse que as mulheres levavam o café, e lavavam a roupa, né, mas às vezes as mulheres também – MUITAS VEZES, NÉ – trabalhavam na roça como os homens. Tanto para coroar o café, como para... Coroar o café era tirar os... Coroar é porque fazia umas coroas do pé de café, LIMPAVA, em forma de roda. É. Limpava em baixo do pé de café, para que o café depois caísse e eles pudessem recolher sem muita sujeira. Mas então abanar o café, por exemplo, cheio de terra, a minha... A minha avó materna ABANAVA CAFÉ COMO... COMO QUALQUER HOMEM. E abanar café, minha filha, é você pôr numa peneira lá um monte de, não sei quantos quilos de café, e abanar. Então, ESSA É A DUREZA DA VIDA DA ROÇA. MAS TUDO ISSO TINHA LÁ A SUA DIVISÃO. Tinha um tio, (risos) e sempre a família numerosa, então tinha um tio que tirava o leite, tinha um tio que... Que lidava com o carro de bois, né... Porque o café era assim, você guardava o café na (), e aí, quando você vendia o café, você levava o café no carro de boi para fazenda. Raramente se usava o caminhão, só quando era muito café mesmo, mas levava o café no carro de boi. E trazia a palha do café, porque a palha do café servia de adubo para o cafezal, para os cafezais.

OLHA, era... era... Tinha as suas durezas, mas tinha as suas belezas. Aqueles cafezais em flor, por exemplo, eram a coisa mais linda, a coisa mais linda do mundo, aqueles cafezais BRANCOS, pareciam, assim, UMA COISA MUITO LINDA. MUITO LINDA, a florada dos cafezais.

É. Tem uma música do Cascatinha e () sobre os cafezais em flor, quanto as flores nos cafezais. Mas os cafezais eram, assim, uma coisa muito linda, muito agradável de ver, muito... muito... né. A vida era uma vida muito sadia, eles tinham uma vida muito sadia. Se alimentavam bem, porque... porque... EMBORA... BANHA DE PORCO. Era, por exemplo, cozinhar com banha de porco. Embora comesse muita fritura, né, mas eles trabalhavam muito, então queimavam a gordura, né... Queimavam, porque o trabalho era muito pesado, né.

Bom, então eu estava falando das especialidades, né. Então tinha o... o... Que tirava o leite, e esse levantava mais cedo para tirar o leite, enquanto as mulheres ACENDIAM O FOGO, né. Acendiam o fogo, preparavam o café, e, já em seguida, vinha o leite, então fervia aquela... NÃO VENDIA O LEITE, né... Não vendia. Então, aí tinha a que fervia o leite, aí tinha, uma das mulheres, era especialista em pão, a outra era especialista em queijo – e muitas vezes os homens

também ajudavam nessas tarefas. Então o pão era feito em forno de lenha. Tinha, quer dizer... Muitas coisas eram em trabalho coletivo. Se preparava a lenha... Preparava a lenha PARA O ANO, né, às vezes dos cafezais velhos, às vezes da mata. Então preparava a lenha para o ano, e, para a semana, se preparava a lenha num coberto, né. Nunca faltava lenha seca, né. E era tudo no machado, era tudo no... né. As estradas... As estradas, né... Cada fazendeiro conservava na frente da sua... Da sua... OU faziam um mutirão, na época que não tinha... Que não tinha a colheita, ou outros trabalhos na roça, né. E aí tinha... SERVIÇO ERA O QUE NÃO FALTAVA. AS GALINHAS, né... As galinhas eram serviço das mulheres, né. Eu me lembro muito bem, a minha avó paterna colocava o milho no avental, né... O milho no avental, e segurava o avental pelas pontas, e o milho, e saía. E AÍ ERA UM MAR DE GALINHAS, né. Então conhecia tudo, via se não estava faltando nenhuma. Coletava os ovos, porque com os ovos se faziam as bolachas, os bolos, e ERA A BASE da alimentação também, né. E os frangos, quer dizer, era uma fartura, né. Os porcos, né, criavam-se os porcos também.

ENFIM, a vida na roça era muito... Muito... Muito dura, mas muito farta.

E, bom, eu disse que no início... No início os nossos ancestrais eles, quando teve a crise do café, eles conseguiram grandes áreas, né... E eu disse que essas áreas foram divididas com os filhos, né. MAS TAMBÉM, os filhos foram aumentando. Eu... Quer dizer, os nossos tataravôs tiveram muitos filhos, os nossos bisavôs tiveram muitos filhos, os nossos AVÔS tiveram muitos filhos. Então, conforme foi dividindo as propriedades, né, conforme foram dividindo as propriedades, o sítio foi ficando pequeno para aquela quantidade de filhos, então, à medida que os filhos iam se casando, né, eles iam se mudando. Se mudando PARA ONDE?

Bom, eu disse que, da Itália, os meus avós vieram para Jaú, Bocaina, essa região do estado de São Paulo, né, os meus... os meus tataravôs, e bisavós. Aí, dessa região, muitos desses... Desses filhos já vieram para a região de Borborema, por exemplo, né. Aí, de Borborema, de Borborema, ALGUNS de nossos ancestrais já foram para o norte do Paraná, na época que para o norte do Paraná – na década de cinquenta, de sessenta, não tenho muita noção exata da época, mas isso é fácil de ser confirmado. A EXPANSÃO DO CAFÉ, no norte do Paraná. Então, os nossos parentes também se espalharam lá por Londrina, por Maringá, Rondon, todo esse norte, porque A COLONIZAÇÃO do norte do Paraná está muito ligada à expansão do café, né. A HISTÓRIA de São Paulo está muito ligada à expansão do café, a história da ferrovias paulistas está muito ligada à expansão do café, e a história do norte do Paraná está muito ligada à expansão do café. Para

você ter uma idéia, Londrina, que é um centro aí de mais de quinhentos mil habitantes, ele... Londrina foi emancipada em dez de dezembro de mil novecentos e trinta e cinco, né. PORQUE que eu estou falando isso? Eu estou falando isso porque Dourados foi emancipada no vinte de dezembro de MIL NOVECIENTOS E TRINTA E CINCO. Então, Londrina e Dourados têm dez dias de diferença. Só que Dourados, ela veio... ela veio a se desenvolver, primeiro com a Colônia Nacional Agrícola, né. A Colônia Agrícola Nacional, né, CAND, né, em quarenta e três, – daí você vê a relação com Londrina - depois, com a soja, que entrou aqui nos anos SETENTA. E Londrina, e essas cidades mais do Norte do Paraná, Londrina, Maringá etc., elas começaram a se desenvolver no auge do café, que foi BEM ANTES da entrada da soja aqui no nosso estado.

Bom, ENFIM, peguemos os **(sobrenome da família)** como exemplo dessa:: dessa italianada que veio para o Brasil, e aí os FILHOS, né... Os filhos desses sitiantes começaram a procurar cidade, então foram se espalhando pelo interior de... De Borborema, ou mesmo de Jaú e tal. Foram se espalhando para São Carlos, São Paulo, né, e hoje nós temos **(sobrenome da família)** em tudo... tudo quanto é lugar (risos).

É (risos). Tinha o... Por exemplo, nós temos **(sobrenome da família)** no Rio Grande do Sul, nós temos em Santa Catarina, nós temos **(sobrenome da família)** no Paraná, MUITOS no Paraná. Em Mato Grosso do Sul nós temos **(sobrenome da família)**, então.... CAMPINAS, nós temos **(sobrenome da família)**, São Paulo, Rio de Janeiro, nós temos **(sobrenome da família)**... NA FRANÇA, que eu tenho contato, e tem os **(sobrenome da família)** na Itália, que, infelizmente, eu tenho contato com UM **(sobrenome da família)** da Itália, mas temos esse contato.

Então, é... Então foi assim que as famílias foram se espalhando. Primeiro, porque o sítio foi se tornando pequeno, e aí foram em busca de outra atividade. No meu caso, particular, quando eu completei sete anos, a minha MICRO família – a minha mãe e o meu pai só tiveram dois filhos, eu tenho um único irmão – então quando eu estava para completar sete anos, então, aí os meus pais venderam AS GALINHAS, OS PORCOS, O ALAZÃO, as vaquinhas, e tudo, e foram para a cidade, e por quê? Com o objetivo de estudar os filhos. Primeiro, porque o sítio se tornava pequeno para aquela filharada toda, né, e depois, esse sonho de estudar is filhos, né, porque aí já começa essa tentativa de recuperar a educação FORMAL das crianças, né.

Então, aí, aqueles VELHOS ANTIGOS, que eram mais cultos, né, hoje, são lembrados, assim, como uma espécie de patriarcas da família, né, e que passaram, passaram por... QUE TINHAM A OBRIGAÇÃO DE TUDO. Tinham a obrigação de ser pai, mãe, professor, professora, chefe da

família, né. E as mulheres tinham um papel importante também, as nossas avós tinham um papel importante na família, porque não era fácil DISCIPLINA, OS HÁBITOS ALIMENTARES, EDUCAÇÃO, né. Eu vou te contar uma historinha, que você vai rir, Bianca.

Então, quando eu era muito pequenininho, a família era NUMEROSA, né. Então... E era interessante alguns hábitos, né. Nós almoçávamos, por exemplo, todos juntos, quando... Quando não era na roça, quando não usava o caldeirãozinho. NÃO ERA MARMITA TÉRMICA, NÃO, era um caldeirãozinho, né. Então, nós almoçávamos todos juntos, e aí, por exemplo, tinha aquela MESONA, ENORME, e aí sentavam todos os tios, as tias, as avós, todo mundo sentava-se à mesa, sentava-se à mesa, e aí chegava a avó, por exemplo, aí punha o arroz, punha o feijão, punha O QUE TIVESSE, né – mas a base mesmo era o arroz e o feijão. Aí chegava a avó, e, por exemplo, se tivesse... SE TIVESSE OVO FRITO, TODO MUNDO SABIA QUE ERA UM OVO PARA CADA UM, não precisava nem perguntar. Mas se tivesse LINGÜIÇA frita, por exemplo, né, então a vó chegava com aquela BACIA de lingüiça frita e dizia “Olha”, porque ela sabia quantas pessoas tinha, ela sabia quantas pessoas tinha, então ela dizia “Olha, DUAS FETA CADA UM” ou “TRÊS FETA CADA UM”, né. “Feta” são pedaços, né, são fatias em italiano, né... A “feta”. “TRÊS FETA, DUAS FETA”. E isso era TÃO COMUM entre nós, que a gente pegava, comia aquilo que a vó determinava, né, e pronto. Aí, uma bela vez, foi o... O compadre Andrade foi almoçar lá na casa, né, e aquela mesona comprida e a vó chegou com a bacia de lingüiça, e eu, né, “Vó, quantas feta?” (risos) Porque era costume perguntar, né, “Quantas feta, vó?” “AH FILHO, pode comer quantas você quiser” (risos).

Se o meu tio não me cutuca... (risos)

Então, assim, uma vida de muita simplicidade também, né. De muita simplicidade.

ENTREVISTADORA: Mas muito alegre, né?

INFORMANTE: É. Eles tinham...TODA ÉPOCA, toda época tinha as suas... tinha o seu divertimento, tinha as suas coisas para as crianças, por exemplo, andar no carro de boi ERA UMA COISA MARAVILHOSA, né. Eu andei em carro de boi, e eu achava GOSTOSO andar em carro de boi. ANDAR À CAVALO, né... Andar à cavalo era gostoso. TREPAR em todas as árvores que havia, né, CORRER FEITO UM DESESPERADO. Quer dizer, ERAM ASSIM, e as brincadeiras das crianças eram brincadeiras muito pobres, mas o chuchu, por exemplo, com mais quatro pauzinhos enfiados, virava uma vaquinha, a batatinha virava o carneiro, naquele tempo a linha de costura ela vinha em carretéis de madeira, não vinha em retroz, como hoje, né, de

papelão ou de plástico, vinham em carretéis de madeira. Então, pegava-se um pedacinho de tábua, fazia-se um buraquinho na frente, um buraquinho atrás, colocava-se um carretel, um na frente e outro atrás, e PRONTO, estava feito o CAMINHÃO, O CARRO, né. Alguns pauzinhos fincados de uma forma, e estava feito o mangueirão dos porcos, estava feito o curral das vacas, o curral para o gado.

Então, eram brincadeiras, todas elas ligadas à vida no campo. Mas era assim, as crianças que eram fortes, né, DURMIAM BEM, porque se cansavam demais, né. DURMIAM CEDO. Então, assim era a vida.

ENTREVISTADORA: Eram nessas reuniões familiares que eles transmitiam os provérbios? Ou não, eram em várias situações?

Não, ERAM EM TODAS AS SITUAÇÕES. O QUANTO ERA POSSÍVEL. Eu fiz uma brincadeira com a mesa, mas, por exemplo, aos domingos, né... Aos domingos a mesa ERA MUITO FARTA, era muito farta a mesa. E era assim, não é como hoje. Hoje você vai fazer o almoço, e você faz um prato, né, uma especialidade, né. Não, A MESA, olha, então você tinha – vamos ver se nós conseguimos aqui – você tinha a sopa, que era O MACARRÃO... O macarrão, para começo de conversa, o macarrão era feito em casa. Comprava-se a farinha apenas, e os ovos e todo o restante que precisava. Então o macarrão era feito em casa. Fazia-se A MASSA do macarrão. Da massa do macarrão, fazia-se a sopa. A sopa era alimento... Assim, era alimento... Os italianos mais velhos até colocavam um pouco de VINHO na sopa, no prato de sopa. Os mais velhos, os mais novos não adquiriram esse hábito. O vinho, para os italianos, era ALIMENTO, porque na Itália se fazia bons vinhos, né. Então a sopa, né, no almoço tinha... Nessas refeições comuns. Tinha a sopa, aí, da mesma massa que fazia a sopa, fazia o macarrão. Aí tinha a pizza, que não era dessas pizzas RECHEADAS, COM BORDA, mas era uma pizza fina, com uma massa feita em casa, uma pizza fina, mas com recheio... Com recheio... Às vezes atum, às vezes carne. Então, olha, a sopa, o macarrão, a pizza, o NHOQUE, né, que também é uma massa, um RIZOTTO, que é um arroz. BOM, enfim, você deve saber o que é. É um arroz temperado, né, que é um tempero mais... O risotto, não faltava o feijão, FRANGO, frango... Normalmente frango. Às vezes o porco, ou a leitoa mais nova, ou então a carne de porco, o que mais que tinha? Basicamente era isso.

Nessas refeições, principalmente nas refeições de domingo, né, que reunia TODA A FAMÍLIA. Era uma coisa, assim, muito bonita. E vinho para os homens, e guaraná para as mulheres, né.

Isso... Isso nos tempos mais recentes, porque LÁ ANTIGAMENTE, quando você tomava um guaraná e comia uma azeitona no Natal... AZEITONA? Quando as crianças ganhavam uma azeitona, FORA DO RECHEIO DO FRANGO, por exemplo, AH, ERA UMA FESTA, GANHAR UMA AZEITONA. Então o guaraná, o guaraná e a cerveja, por exemplo, era no Natal, no Ano Novo, NUM CASAMENTO, né. E a cerveja, ela não vinha em caixas, como hoje, ela vinha EMPALHADA, ela tinha... Era uma... Vamos ver, vamos tentar explicar. Você sabe o isopor, hoje, que você coloca uma cerveja dentro, na forma da garrafa, né? Você tem o isopor na forma da garrafa, e você coloca a cerveja dentro para conservar a cerveja gelada. Naquele tempo, você substituía esse isopor por um... Por uma... Por uma armação de palha de arroz costurada, né. Então ela era EMPALHADA, a cerveja vinha empalhada, para não quebrar. Vinha num... E QUANDO DAVA MUITO TEMPO PARA OS HOMENS FAZEREM ISSO, eles colocavam a cerveja no córrego de água fresca, para refrescar, ou então NO CIMENTO, no chão de cimento, então para refrescar a cerveja. Ou então tomava-se cerveja quente. Por isso que talvez se preferisse o vinho, né, porque o vinho não tinha que.... Então tal. Bom, mas enfim, isso era em ocasiões muito especiais, e em tempos mais recentes. Nos tempos mais antigos, não se via um guaraná, não se via uma cerveja, eu já disse que a azeitona era UMA FESTA para a molecada, pegar um azeitona, ERA UMA FESTA.

E mas eu não falei que tinha fartura? Tinha uma fartura, mas não tinha QUALIDADE, não tinha uma VARIEDADE. A mesa era FARTA, mas era sempre a mesma coisa, né.

Bom, mas então essa mesa é muito interessante, porque as mulheres se esmeravam, né. AS MULHERES DE ESMERAVAM nesses dias. Então a avó, as tias... A avó era a grande comandante, né, era a grande matriarca. A avó e as tias se empenhavam muito nesses almoços e tal, nessas coisas. Aí, era um bom motivo para boas conversas. Mas, NORMALMENTE, os provérbios, eles eram ditos nas ocasiões necessárias. Olha, então, por exemplo, quando a pessoa... Quando uma pessoa comia demais, por exemplo, aí surgia naquele momento... Surgia um provérbio educativo para explicar que a pessoa não podia ser esganada, não podia, né. Quando precisava fazer economia, por exemplo, né, então eles contavam umas coisas, que eu nunca sei se é verdade. Pode ser que em algumas famílias tenha sido, na minha não foi. Mas quando precisava fazer economia, então falava assim “OLHA, quando os italianos chegaram aqui no Brasil, eles pegavam uma sardinha e penduravam sobre a mesa, né... Penduravam e amarravam a sardinha sobre a mesa, e aí o vó balançava a sardinha e os filhos tinham que bater a polenta na sardinha,

PARA PEGAR O GOSTO” (risos). Então, é mais lenda do que provérbio, ou qualquer coisa. Outra coisa “OLHA, as crianças não querem tomar óleo de rícino” – óleo de rícino era o remédio para tudo, HORRÍVEL, AMARGO, horrível, mas era o remédio para tudo. Se estava com dor de barriga, estava com.... “Ah, é óleo de rícino” – “OLHA, as crianças não querem... VÔ, NONO, as crianças não querem tomar óleo de rícino”. “AH, dá (), dá (), que não se pode jogar fora os gastos de Deus”. Agora comecei a falar italiano. “Dê-me aqui, dê-me aqui, que a gente não pode jogar fora os gastos de Deus”. Então o vô tomava óleo de rícino para não... Para não.... TINHA TUDO, ASSIM, isso já não é nem provérbio, nem coisa, são BRINCADEIRAS, que se faziam com os italianos aqui, porque os italianos tiveram uma vida MUITO SOFRIDA, né, então muitas vezes comiam, mais antigamente, mais para trás, no começo da imigração, então eles comiam POLENTA COM RAGIGI. Sabe, muita gente pensa que o ragigi é o almeirão, né, o ragigi é o almeirão. Mas o ragigi é uma planta selvagem, né, que dá nos campos, e tem uma aparência de almeirão, mas É MUITO AZEDO, MUITO AMARGO, né. Então, o que eles faziam? As mulheres saíam catando aquele ragigi, né, refogavam aquilo para COMER COM POLENTA. A vida no começo era muito dura, muito difícil.

Então, isso foi mantendo uma tradição de AUSTERIDADE. O meu pai conta, por exemplo, que o meu avô, ele ia para a roça, com aquela MONTOEIRA DE FILHO, né, então, naquele tempo, se fumava o cigarro de palha, né. ELES PLANTAVAM O FUMO, CURTIAM, ENROLAVAM, FAZIAM DE TUDO NO SÍTIO... Faziam de tudo, né. Eu me lembro de como faziam o fumo, enrolando aquelas folhas, fazendo o cordão GRANDE.

Bom, então quase todo mundo fumava, né, AQUELE CIGARRÃO DE PALHA, né. Palha do milho, que enrolava o fumo e fazia o cigarro. Então, o meu pai conta que uma caixa de fósforo do meu avô durava QUARENTA E CINCO dias... Quarenta e cinco dias por que ele chegava da roça – então tinham esses ranchinhos de sape, onde eles se escondiam da chuva, onde eles almoçavam, né. Então tinham esses ranchinhos, onde ele pegava o pau de café, chegava de manhã cedo, acendia um fogueiro... Acendia um fogueiro, fazia o fogo, e QUEM QUISESSE, os agregados todos que tinham lá, trabalhando com o café, iam acender o cigarro, porque normalmente eles faziam um (), capinando, né, e voltavam, e paravam um pouco, porque ERA LONGE O MATO (risos). Aí, paravam e iam acender o cigarro lá naquele fogo lá. Então, diz que até AMARRAVA, com um barbantino, a caixa de fósforo, que era para fazer economia, né.

Então, toda oportunidade, era oportunidade para ensinar alguma coisa, para falar alguma coisa.

ENTREVISTADORA: E surgiam personagens que eles traziam, por exemplo, “Não pode ficar até tarde fora, porque senão a mulher de branco aparece”. Ou então o Sasci Pererê?

INFORMANTE: Não, as histórias, assim, de... Tinha muita história de assombração. MUITA HISTÓRIA DE ASSOMBRAÇÃO. Assim, os meus filhos, por exemplo, nunca ouviram UMA HISTÓRIA DE ASSOMBRAÇÃO. Eu contei MUITAS histórias para os meus filhos, MUITAS HISTÓRIAS BONITAS, mesmo. Têm histórias muito bonitas, que os meus avós... O MEU AVÔ ainda lia romances, né. O meu avô ainda lia os romances, e EM ITALIANO, né, que eles trouxeram, né, dos livros. Então eles CONTAVAM A HISTÓRIA DE (), DOS PALADINOS DE FRANÇA, né, DOS CAVALEIROS DA TÁVOLA REDONDA. OS PALADINOS DE FRANÇA, contavam histórias de... PRÍNCIPES, DE PRINCESAS. Contavam histórias MUITO bonitas, muito bonitas.

E muito bonitas. E ESSAS histórias eu contava para as minhas crianças. Só que de reis e de princesas, e tal e coisa, né. Só que as histórias de assombração, NÃO. Eu não contei para elas não, porque, AH, EU TINHA MUITO MEDO quando eu era criança. Porque tinha as histórias eram muito... (risos) eram assombrosas mesmo. Então, de noite, a gente ia dormir com aquelas histórias que eles contavam. ELES CONTAVAM normalmente, assim, as histórias de assombração, depois do...

Mas, assim, história DE FADAS, tem. Mas nenhuma personagem. Nenhuma personagem como o Caipora e coisa. ESSES SÃO PERSONAGENS NOSSOS aqui do Brasil, né. O Caipora, o Sasci Pererê. Agora, as fábulas, né, AS FÁBULAS, AS PRINCESAS, OS PRÍNCIPES, essas são as histórias que nós ouvíamos, e eu posso até, num momento aí, contar para você UM MONTE DELAS, se você quiser recuperá-las.

ENTREVISTADORA: Nós comentamos que os seus familiares italianos vieram para o Brasil em cerca de 1892, já com uma família numerosa, entrando pelo porto de Santos. E, ao chegarem aqui, instalaram-se na região de Jaú, onde trabalharam em plantações de café. E nós falamos como eles foram se direcionando aqui no país. Bem, você veio do estado de São Paulo para a cidade de Dourados, na qual reside há bastante tempo. Então eu queria saber com qual lugar, qual cidade ou estado, pelo qual você já passou ou viveu... Com qual você mais se identifica, e por quê?

INFORMANTE: Bom, é claro que... Que... Eu nem sei exatamente porque, mas a gente tem um sentimento de pertencimento à terra aonde a gente nasceu. Mas eu... eu nasci em um sítio em

Borborema, não era na zona urbana. Saí desse sítio para ir para a cidade estudar quando eu tinha sete anos de idade. Portanto, a minha ligação com Borborema é apenas uma ligação de... De... Registro civil... E os meus parentes que estão lá, né... Essa é a ligação. Com sete anos fui até Itápoles, e fiquei lá até os quinze anos. Dos quinze aos vinte e sete fiquei em Catanduva, São Paulo. Dos vinte e sete até os sessenta e três, portanto a maior parte da minha vida, eu fiquei em Dourados. E... E embora eu tenha estudado em Itápoles, tenha estudado em Catanduva... Quer dizer... A maior parte da minha vida aqui. Então eu me identifico muito com essa cidade de Dourados. Dourados é uma cidade de imigrantes, EU SOU migrante, e, conseqüentemente essa identificação é muito maior.

ENTREVISTADORA: Bem, você comentou em algumas ocasiões sobre a história de seus antepassados italianos, e a maneira como as tradições e a cultura italianas lhes foram transmitidas pelos seus pais e avós. Então em que grau você diria que o passado dos seus ancestrais italianos influencia na sua identidade?

INFORMANTE: AH, MAS.... (risos)... Freud já explica que os... Os LAÇOS, né, são culturais. Então eu penso que essa identificação é muito profunda. Inclusive, HOJE, eu me surpreendo com os meus filhos falando alguma expressão italiana, porque eu uso em casa. NÃO que eu converse com eles em italiano... ABSOLUTAMENTE... Não tem nada disso. Mas, por exemplo: “Salutti palanqui a tutti a quanti”. Saúde e prosperidade... Saúde e dinheiro... Palanqui era uma moeda que existia na Itália. Saúde e prosperidade a todos... É uma expressão que ATÉ HOJE os meus filhos falam. O (expressão em italiano)... E outras expressões que os meus avós falavam e que eu vou repassando para os meus filhos... E os meus filhos vão perguntando. FÁBULAS italianas... As fábulas italianas são LINDAS. Quer dizer, todas as fábulas acabam sendo lindas (risos), mas... Mas essa TRADIÇÃO ORAL que me foi passada pela minha família, muitas delas eu escrevi e, inclusive, passei para os meus filhos. Então esses laços têm tudo a ver... Tem tudo a ver com a origem, né.

ENTREVISTADORA: E qual a imagem que você grava da Itália? Aquela que os seus avós e pais lhe passaram ou não? Você já tem uma outra imagem construída sobre essa Itália?

INFORMANTE: Não... Já tenho uma outra imagem construída. Não não. Quando os meus avós vieram para cá... Meus BISAVÓS, aliás... Quando meus BISAVÓS vieram para cá eles ainda ensinavam meus avós e meus pais: “Olha, um dia o carro ainda vai ser puxado sem os bois. Ele vai se mover por conta própria”. Então, ESSA é a Itália que eles deixaram, né. Uma Itália

empobrecida pelas guerras, uma Itália em dificuldade e tal. E... Não... A imagem que eu tenho da Itália é uma imagem atual... Uma imagem de um país unificado... Naquela época NEM ERA, quando eles vieram. Um país unificado, um país próspero. Mas assim, sabe... Eu até me relaciono com um (**sobrenome da família**) ou outro... Que a gente se encontra nos e-mails da vida... MAS NÃO EXISTE COM ELES... Não existe um LAÇO afetivo muito forte. Existe um sobrenome... Sabemos que um dia a gente possa até encontrar uma origem em comum na nossa árvore genealógica, mas não tem um LAÇO como o que eu tenho com os (**sobrenome da família**) aqui do Brasil, por exemplo. Mas a imagem que eu tenho da Itália é uma imagem atual... Não é uma imagem dos antigos não.

ENTREVISTADORA: E quando você chegou na cidade de Dourados quais foram as suas impressões sobre o local?

INFORMANTE: Olha, eu não sei se eu te contei... Eu não lembro exatamente o que eu te contei. Mas eu vou te contar uma coisa que talvez você não conheça, Bianca. Hoje, a UFGD, onde você está fazendo o seu mestrado, é uma universidade já reconhecida por todo país e tal. Agora, quando eu cheguei aqui... VOCÊ SABE POR QUE EU CHEGUEI AQUI? Porque, antes de mim, foi chamado um outro professor... Toninho, se chamava.... Da mesma cidade minha e tal. E esse Toninho pôs a mudança em cima de um caminhão... Ele era casado e tinha um filho... Ele pôs a mudança em cima de um caminhão e veio para Dourados com a mudança e veio de carro. Ele de carro e a mudança no caminhão. Hora que ele chegou aqui em Dourados, Dourados era TÃO FEIA, TÃO HORROROSA, TÃO ESBURACADA, TÃO POEIRENTA, que a mulher dele falou assim: “Não! Vamos dormir aqui e amanhã cedo a gente volta com a mudança”. Não descarregaram a mudança. Dourados era ainda uma cidade nova em setenta e quatro, quando eu cheguei... E ainda com muitos problemas de urbanização. Então, depois, naquela ÂNSIA de procurar professor é que eu vim. Por isso que eu vim à Dourados.... Porque a pessoa que veio antes de mim achou a cidade horrorosa. Agora, é INTERESSANTE, né... Como a VISÃO de mundo é diferente para as pessoas. Eu, quando cheguei aqui, ao contrário desse meu conhecido... Tinha se formado na mesma faculdade que eu... Quando eu cheguei aqui eu falei: “Nossa! Essa é a Ribeirão Preto do Centro-Oeste”... Porque Ribeirão Preto era considerada a Califórnia brasileira. E eu dizia: “Nossa, Dourados é a Ribeirão Preto do Centro-Oeste”. Tanto é que DESSA minha VISÃO de Dourados é que eu tive a idéia de transformar o CEUD em UFGD... LÁ ATRÁS... Em mil novecentos e setenta e poucos... Em mil novecentos e oitenta nós

já LUTÁVAMOS para transformar o CEUD, que era um campus da... Um campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul... Nós lutávamos para transformá-lo em UFGD. Então a minha visão da cidade era a de que já seria realmente uma cidade PÓLO... Uma cidade... Um PÓLO de desenvolvimento, um centro, uma METRÓPOLE regional, né. E minha visão de Dourados se concretizou, APESAR DE TODOS OS PESARES, apesar de todas as estripulias políticas dos últimos tempos... Dos desencontros políticos e tudo. Apesar de tudo, Dourados ainda é uma cidade FORTE, VIBRANTE... É uma cidade fraterna, é uma cidade – como eu já disse de migrantes – e é uma cidade que tem um futuro muito promissor.

ENTREVISTADORA: Bem, acho que você já respondeu, não... Porque eu ia perguntar se hoje isso mudou. Qual o seu sentimento hoje em relação à cidade. Se você já se sente à vontade em meio às práticas culturais daqui.

INFORMANTE: Então, a história ela não se faz... Ela não se faz num movimento linear contínuo e progressivo. A história é feita de avanços, de recuos, de RUPTURAS. E o que houve em Dourados, essas rupturas que aconteceram em Dourados, talvez até possa servir como aprendizado. Eu continuo acreditando nessa cidade... TEMOS algumas dificuldades, EU SEI que nós temos MUITAS dificuldades... Temos CONTRADIÇÕES imensas, né... Temos quatro instituições de ensino superior, mas temos uma mentalidade conservadora muito forte... Temos muitas contradições, mas eu penso que essas contradições vão impulsionar-nos para um futuro bem melhor do que nós já temos. Eu creio até que será retomado em breve um projeto que nós iniciamos lá atrás... Um OUTRO projeto que nós iniciamos lá atrás... Que chama-se *Cidade Educadora*. Eu ainda tenho MUITA fé de ver uma cidade educadora, de ver uma cidade onde TODOS NÓS não julgemos, ao mesmo tempo, educandos e educadores... Ao mesmo tempo, professores e alunos. Que nós possamos vier numa cidade onde haja um trânsito humanizado, onde haja uma convivência humanizada... Onde a gente seja feliz, e enfim.

ENTREVISTADORA: Então esse espaço, a cidade de Dourados, já é uma parte da sua identidade você diria.

INFORMANTE: AH, COM CERTEZA. Aqui eu constitui a minha família, aqui eu constitui os meus amigos, aqui muitos já me consideram inimigo, aqui a vida flui e aqui eu quero morrer.

ENTREVISTADORA: Minha última pergunta é se você se considera estrangeiro em relação à Dourados por não ter nascido aqui?

INFORMANTE: DE JEITO NENHUM... DE JEITO NENHUM. Eu me considero douradense e, inclusive, eu tive a felicidade de receber o título de cidadão douradense pela Câmara Municipal... Uma iniciativa naquela época dos vereadores Tetila, João Grandão... Em mil novecentos e não quanto... E é um dos títulos que eu MAIS ESTIMO é o de ser cidadão douradense.

ENTREVISTADORA: Obrigada.

DEPOIMENTO

INFORMANTE III

INFORMANTE: Eu conheci o avô materno, e a avó materna, né. Os dois vindos da Itália, um com treze e o outro com dezesseis anos.

ENTREVISTADORA: Eles já se conheciam?

INFORMANTE: NÃO, não. Vieram em anos diferentes.

E quem contava mais causos era o meu avô materno, que ele fazia balaio, sabe.

ENTREVISTADORA: Balaio?

INFORMANTE: Balaio, é.

ENTREVISTADORA: O que é balaio?

INFORMANTE: Balaio. (mostrando com as mãos)

ENTREVISTADORA: Ah, sim.

INFORMANTE: De bambu. E ele ficava contando essas histórias para mim – eu tinha nove, dez anos – em baixo do bambuzal, contando as histórias da Itália.

Eu só sei que o meu bisavô, ele lutou na guerra da unificação da Itália – meu avô contava. Na guerra do Garibaldi, ao lado das tropas do Garibaldi, para unificar a Itália. Era soldado. Chamava Oroncio.

E meu avô contava para mim também que a mãe dele morreu de desgosto de tomar um tapa na cara, do marido.

ENTREVISTADORA: Como assim?

INFORMANTE: Tomou um tapa na cara, do marido, não comeu mais, não... Morreu de desgosto.

Depressão, né. Falavam desgosto, mas não sei o que era.

E eles vieram no segundo piso do navio, não era na classe um não. Tinha a classe um...

ENTREVISTADORA: Era a mais...

INFORMANTE: Era a mais... E o porão. Mas nem no porão, nem na...

ENTREVISTADORA: Era na intermediária.

INFORMANTE: Intermediária, é.

E aí, diz que revistavam todo mundo, e que um primo do meu avô estava com febre – criancinha. Aí minha avó o pôs dentro de um baú e tampou, para não jogar no mar, porque eles atiravam no mar – meu avô dizia – os doentes, velhos, crianças.

ENTREVISTADORA: Não precisava estar morto? Eles atiravam?

INFORMANTE: ATIRAVAM NO MAR.

ENTREVISTADORA: VIVOS?

INFORMANTE: É.

ENTREVISTADORA: Nossa, achei que era só quando morria.

INFORMANTE: E quando chegou à casa dos imigrantes aqui – ele contou –, ficou QUARENTA dias esperando para ver se tinha alguma doença, para poder mandar para os cafezais. Eles iam trabalhar nos cafezais em São Carlos, onde minha mãe nasceu.

São Carlos do Pinhal falavam, né. Hoje é só São Carlos.

A minha mãe contava do meu tio anarquista essa historinha, e eu morro de dar risada. É, nunca casou. Solteirão. Morreu solteiro. E ele ruava café e cantava – já em português, aprendeu a cantar em português:

*“Adão, meu querido Adão,
Por causa da Eva você perdeu juízo
E nosso Mestre te expulsou do paraíso.” (risos)*
(risos)

Ele ruava café, né. Você sabe o que é ruar café?

ENTREVISTADORA: Ruar? Não.

INFORMANTE: Ruar.

É limpar, carpir, para poder (?) o café. Tem que (?) o café com as mãos, puxando dos galhos o café, né.

ENTREVISTADORA: Isso eu já vi.

INFORMANTE: É. É ruar e (?) o café, né.

E tinha... A parte do meu pai é portuguesa, (**sobrenome da família**). Mineiro, vem de Minas. Minha avó era ÍNDIA, minha bisavó por parte de pai.

ENTREVISTADORA: Índia?

INFORMANTE: Bisavó por parte de pai era índia. E ele português. (**sobrenome da família**) vem de Portugal, né.

Esse ERA O VALENTE. A turma dos valentões lá.

O meu pai contava que o meu avô era muito bravo. Se ele caísse, machucasse, NÃO QUERIA QUE NINGUÉM DESSE RISADA. Não podia rir, não podia brincar, não podia fazer nada com ele. Ele já CHEGAVA A CINTA.

ENTREVISTADORA: Nossa (risos).

INFORMANTE: Era um português BRAVO.

ENTREVISTADORA: Então a família do seu pai é descendente de português?

INFORMANTE: É. Português era o avô, o avô paterno.

ENTREVISTADORA: Ahhamn, o avô paterno.

INFORMANTE: O avô paterno, o (**sobrenome da família**). E a avó materna é italiana, de Milão.

ENTREVISTADORA: Uhm, da região de Milão.

INFORMANTE: De Milão. E esse meu avô materno é de Bária. Minha avó, que eu não conheci – porque morreu também –, que eu não conheci a avó materna, né, contam que ela era de Cosenza, na Itália. Cosenza, na Itália.

ENTREVISTADORA: E porque eles resolveram vir para o Brasil? O senhor sabe?

INFORMANTE: FUGIR DA GUERRA. Fugir da Guerra.

Meu avô, diz que comia polenta com pato lá. Meu avô ia caçar, que ele era soldado, então tinha a espingarda, tinha a arma de fogo, né. Ia ao mato e “Vamos, Antônio, comigo caçar uns patos para comer”. Comia PATO, do mato, com polenta.

Estava ruim, a escassez de comida na Itália.

ENTREVISTADORA: Tinha que caçar para poder comer.

INFORMANTE: Tinha que caçar para poder sobreviver. Aí ele pegou e falou assim “Eu vou embora para o Brasil”, “Vou pegar um navio...”. Ou Argentina ou Brasil.

E a mãe do meu pai, essa que chama (**nome**), ela contava, quando era velha, já de idade, que ela fugiu na noite que o meu avô foi para Argentina, que o meu bisavô foi para Argentina, com meu avô.

ENTREVISTADORA: Ela fugiu com seu avô.

INFORMANTE: Fugiu. Ficou no Brasil. A ÚNICA que ficou no Brasil.

ENTREVISTADORA: E o resto foi para a Argentina.

INFORMANTE: Para a Argentina. Não se deram bem no Brasil. MUITO QUENTE, eles acharam muito quente. Aí descerem em São Paulo de navio, e seguiram até a Argentina.

Foram para a Argentina.

Até ela morreu caducando, dizia “Eu quero ir para Argentina, meus parentes estão na Argentina”.

ENTREVISTADORA: E só eles ficaram aqui?

INFORMANTE: SÓ ELA com o português aqui.

ENTREVISTADORA: E ela se acostumou fácil aqui ao Brasil?

INFORMANTE: Ela não gostava de brasileiro. Negro, brasileiros, eram preconceituosos. Não gostava, não.

ENTREVISTADORA: E trabalhava em fazenda?

INFORMANTE: Trabalhavam em fazenda.

A fazenda em que meu pai e minha mãe moravam – meu pai nasceu em Santa Lúcia, São Paulo, e minha mãe em Santa Eudóxia, né – tinha colônia, EU FUI VER quando estudei em São Carlos. Eu fui ver. Levei minha mãe para relembrar o passado, para ver se ela contava alguma história – depois vou contar para você. É uma rua de casas dos dois lados assim, uma colônia portuguesa. Ainda está conservadinha, a italiana eles derrubaram, que era mais para o fundo da fazenda, né. Aí recebia uma vaca, um casal de galinhas, um casal de porcos, e a casa para morar. E tinha um pastinho que era reservado, assim, por tiras. Cada casa tinha seu pastinho em tira, com uma vaca de leite, né, que o fazendeiro dava. E o café pagava em dinheiro, uma porcentagem, né.

Mas meu avô dizia que andava sempre endividado na venda da fazenda. Não sobrava quase. Mas ele foi economizando, juntando, juntando dinheiro, até que vieram para Sorocabano. Aí ele comprou um sítio de vinte e um alqueires indo embora para Prudente, ali em Machado, Álvares Machado. TRINTA E DOIS, em mil novecentos e trinta e dois. Aí veio trabalhar no que era dele já.

ENTREVISTADORA: Aí ele já era proprietário.

INFORMANTE: Já era proprietário de terras. Conseguiu comprar um pedaço de terra. Trinta e um ou vinte e um alqueires, não sei se era vinte e um ou trinta e um.

E teve NOVE FILHOS. Minha mãe é a mais velha de NOVE filhos.

ENTREVISTADORA: Nove filhos?

INFORMANTE: Nove filhos. E nós somos em nove também.

ENTREVISTADORA: Os seus irmãos. Você e os seus irmãos?

INFORMANTE: Meus irmãos. É.

Aí a minha mãe eu levei ela na fazenda, chama Figueira Branca, era do Roberto Carlos, o Roberto Carlos que comprou.

ENTREVISTADORA: Roberto Carlos o cantor?

INFORMANTE: O cantor. É.

Quando nós fomos lá. Não sei se ele vendeu agora.

Figueira Branca, chama, porque tem uma figueirona branca na colônia portuguesa ENORME. Tinha igreja, sino, salão de baile. Sabe, a casa da fazenda eu entrei, e tinha a Cinderela e os sete anões no jardim. Era bem bonita, ERA BONITA A FAZENDA. Eles pintam, conservam, sabe. Só que a colônia italiana, derrubaram, mais simples, né, do que a colônia portuguesa.

Aí meu pai conheceu minha mãe em Prudente – Álvares Machado – e casaram.

E aí, minha mãe falava que ela vestida de noiva andava a pé, que ela foi casar a pé. De cavalo não quis vir de noiva. Quis vir a pé, QUATRO QUILOMETROS DA CIDADE.

ENTREVISTADORA: Ela andou quatro quilômetros para casar?

INFORMANTE: É, do cartório.

Aí, casaram dia sete de setembro de mil nove e trinta e seis. Aí ela pegou e...

Meu avô chamava (**nome**). OS DOIS AVÔS CHAMAVAM (**nome**).

ENTREVISTADORA: Os dois?

INFORMANTE: Os dois avôs. É. Aí diz que a italianada toda gritava “VIVA LA NOVIA” (RISOS)

ENTREVISTADORA: Eles gritavam no caminho? (risos)

INFORMANTE: NOVIA, NOVIA. “NOVIA, VIVA LA NOVIA”, tudo atrás dela, já bêbado e gritando. E puseram os noivos para andar na frente. Vieram a pé esses quatro quilômetros.

Iii... Ela contava que meu bisavô era um... Ficou viúvo – ela não conheceu a bisavó dela. E ela ensinava as cantigas italianas para ela. Tem uma que ela me ensinou, ela passou para mim.

“Cicerenella teneva nu gallo

e tutta la notte nce jéva a cavallo...

Essa nce jéva po' senza la sella...

E chisto è lo gallo de Cicerenella...”

Então, algumas musiquinhas ela passou para mim, mais o que ela lembrava.

ENTREVISTADORA: Ela falava mais em português ou em italiano?

INFORMANTE: Em português. O meu avô que falava em italiano. Minha vó, NINGUÉM ENTENDIA O QUE ELA FALAVA, ela misturava tudo. Veio com dezesseis anos da Itália, né, JÁ VEIO GRANDE. Meu avô com treze, fez o terceiro ano primário lá, estudou até o terceiro ano primário lá.

ENTREVISTADORA: E aí chegaram aqui e não estudaram?

INFORMANTE: Chegaram aqui e não estudaram mais. Pararam para trabalhar na roça.

E os meus dois avôs Antônio, e esse português por parte do meu pai – o (**sobrenome**) – levantava bandeira para Santo Antônio. Aí meu pai pegou a bandeira, e levantou por CINQUENTA E DOIS ANOS. E todo filho da minha família, tanto por parte de mãe quanto por parte de pai, tem um filho chamado Antônio.

É. O mais velho da minha casa é Antônio. O nome dos avós, né.

E tem Tinizinho, Tonhão, Tonho, tem o Toninho. Tem Tudo. Tudo Antônio. Cada um tinha seu apelido, né. Tunico, é Antônio. Por causa do nome, da devoção ao santo, e do nome dos meus avós, né. Meu pai e minha mãe continuaram erguendo bandeira. Agora está com o meu irmão, aqui. Até pedi um santo Antônio de Portugal, e me trouxeram. Você quer ver? Vou pegar lá para você ver.

(Vai buscar a imagem)

Ó, esse atravessou o mar (risos). Esse daqui atravessou o mar, olha aí ó.

Veio direto de Portugal. Minha família é portuguesa, devota de santo Antônio DE LISBOA, né. Uns falam de Pá... MAS É PÁDUA, porque o santo você guarda o nome de onde ele morre. Não de onde ele nasce.

ENTREVISTADORA: Ahn, não sabia.

INFORMANTE: É. Você guarda o nome de onde ele morre. Como ele morreu em Pádua, ficou santo Antônio de Pádua, mas ele é nascido em Lisboa. Português, não?

ENTREVISTADORA: Ah, tá. E o que significa levantar bandeira, que o senhor falou?

INFORMANTE: Você nunca viu levantar bandeira de junho?

ENTREVISTADORA: Não, nunca vi.

INFORMANTE: Pega... É um quadro com o santo assim (gesticulando), e tem um mastro, de uns cinco ou seis metros de altura, e você põe o santo lá no alto. E dizem que se o santo virar a

cara para o lado da casa, o ano vai bem, a colheita dá boa, o ano vai bem. Se o santo dá as costas para a casa, o ano vai mal (risos).

Essas histórias que eles contavam, né. Minha mãe olhava “Ah, santo Antônio, vira para o lado da minha casa para me dar fartura”.

ENTREVISTADORA: Isso em que cidade?

INFORMANTE: Aqui em Álvares Machado.

ENTREVISTADORA: E o seu irmão ainda faz isso?

INFORMANTE: MEU IRMÃO TROUXE AQUI PARA (?). Está aqui em Mato Grosso do Sul. Faz, e vai umas trezentas a quinhentas pessoas na festa.

É grande, é grande a festa.

Reza o terço, o padre abençoa os pãezinhos, eles distribuem os pãezinhos – um pãozinho para cada um – para a gente por na lata de arroz, de feijão, para não faltar comida o ano inteiro (risos).

E povo é devoto, o povo vai mesmo, pega um pãozinho. Depois da festa tem quentão, pipoca, amendoim torrado.

ENTREVISTADORA: E isso tem uma época do ano certa?

INFORMANTE: Dia doze de junho, porque dia treze é dia de santo Antônio. Na véspera, então, é que se faz o terço. ERA FINAL DE COLHEITA, por isso que aqueles santos – São Pedro, São João, Santo Antônio – ficam em julho, porque é final de colheita. É final de colheita na roça. É final de colheita dos produtos que o meu pai plantava. Porque o meu pai sempre foi sitiante, né. Ele plantava amendoim, algodão, feijão.

ENTREVISTADORA: E o senhor não chegou a viver, assim, nesse meio, que o senhor tinha que trabalhar?

INFORMANTE: Iii, tinha. A gente sentava no terreirão nas noites, para ver a lua. Era um terreirão de café. Meu pai tinha cinco mil pés de café, sempre teve café no terreirão assim. E ELES FICAVAM CONVERSANDO. A gente brincando, as crianças brincando em volta deles, e eles conversando, olhando para o céu, para a lua, na época de calor, né, nas noites de calor, em que não chovia.

ENTREVISTADORA: E aí que eles contavam as histórias...

INFORMANTE: AÍ CONTAVA A HISTÓRIA DO SASCI PERERÊ, do Boitátá, DO CAIPORA. Diz que o caipora tinha os pés grandes, virados para trás, assim, né, e PEGAVA

CRIANÇA. Não podia ir para o mato que ele carregava a criança para o mato. Se uma criança se perdia, ele carregava.

ENTREVISTADORA: Mas ele era o que? Uma pessoa normal?

INFORMANTE: É. Era um menino. Um menino com uns doze ou treze anos, com os pés virados para trás. Caipora, chamava.

O caipora.

ENTREVISTADORA: E o sasci pererê?

INFORMANTE: O sasci pererê era um negrinho arteiro. Era mais ou menos como Monteiro Lobato montou, né, eles contavam.

Eu tinha um tio meu, o tio, irmão do meu pai, que quando ele ia em casa ele contava a história de CARLOS MAGNO. Não sei aonde ele aprendeu isso.

ENTREVISTADORA: E vocês gostavam de ouvir?

INFORMANTE: Gostávamos. Ele contava, e sentava a molecada “Conta tio, conta”. Aí ele começava a contar dos reis da França, que teve um rei que implantou o catolicismo e... É muito católica a família (**sobrenome**), muito católica.

É os italianos também são muito católicos.

ENTREVISTADORA: E o senhor lembra da história?

INFORMANTE: Então, os doze pares da França. Do Carlos Magno. Ele contava a história dos doze pares da França.

Eu não lembro muito bem não. Eu já esqueci.

Mas ele contava a história de Carlos Magno para a gente.

PEDRO MALAZARTE. Os meus avôs contavam as historinhas de Pedro Malazarte, que fez sopa de pedra para as pessoas.

ENTREVISTADORA: Nunca ouvi.

(Risos)

ENTREVISTADORA: Como era?

INFORMANTE: Era um menino, Pedrinho Malazarte. E a mãe dele mandou ele cozinhar para a família, e ele fez sopa de pedra (risos).

ENTREVISTADORA: Ele fez sopa de pedra?

INFORMANTE: Sopa de pedra, de pedregulho. Aonde já se viu uma coisa dessas?

ENTREVISTADORA: E o boitatá? Eu nunca ouvi esse.

INFORMANTE: O boitatá não... É igual boto. Era um peixe grande, um peixe boi, que virava homem e fazia mal para as moças. Fazia mal, diz que fazia mal, né.

ENTREVISTADORA: Fazia mal (risos)

(risos)

INFORMANTE: Fazia mal para as moças, o boitatá.

ENTREVISTADORA: E ele virava homem em que situação?

INFORMANTE: Nas noites de lua cheia.

ENTREVISTADORA: Ah, igual ao lobisomem?

INFORMANTE: É. É.

É, mais o lobisomem vira lobisomem, e não homem.

ENTREVISTADORA: E devia ter histórias de assombração também.

INFORMANTE: TINHA, vixe, QUANTAS TEM.

ENTREVISTADORA: E o senhor lembra?

INFORMANTE: Tinha uma cruzinha... Mataram um homem num barranco assim, e puseram uma cruz. E as pessoas, quando quebram santo, não jogam fora. Se acontece de cair um santo que nem esse, e quebrar (mostrando o Santo Antônio), leva e põe uma cruz onde tem um túmulo. Nunca deixa em casa, nem joga no lixo. Leva para um túmulo, em respeito ao santo. Porque esse aqui, O PADRE BENZEU, jogou água santa. É tudo benzido.

Aí, tinha uma cruzinha. E VOCÊ ACREDITA QUE MISTÉRIO, eu vi um cavaleiro correndo NA LINHA DE TREM? Hoje que eu imagino, e falo MEU DEUS, MAS COMO QUE EU VI UM CAVALO CORRER NA LINHA DE TREM?

E EU VI. VI ISSO DAÍ.

ENTREVISTADORA: Com o cavaleiro...

INFORMANTE: Com um lenço, um chapéu, correndo com o cavalo na linha de trem. Passou por mim assim (mostrando que passou bem na frente dele). UM MISTÉRIO. Já pensou?

E NESSA CRUZINHA que eu vi.

ENTREVISTADORA: Que era onde estava enterrado o santo.

INFORMANTE: Quando faltava chuva na roça – e você sabe que faltou chuva, não tem colheita, né – aí as mulheres e as crianças iam rezar pra chover. Então tinha que lavar o santo, tinha que ir num rio lavar o santo, dar banho no santo para chover (risos)

Davam banho no santo, e aí chovia.

ENTREVISTADORA: E vocês viveram por quanto tempo ali na região de São Paulo, né?

INFORMANTE: São Paulo. Em trinta e dois. Meu avô entrou em mil novecentos e três no Brasil.

Três. Mil novecentos e três. Ele é de mil oitocentos e oitenta e nove, o ano da proclamação da República. Mil oitocentos e oitenta e nove.

Mil novecentos e três ele entrou no Brasil, veio da Itália com treze anos, né. E morou QUATORZE ANOS em São Carlos. Depois, em trinta e dois... Quatorze não, faz as contas, dá mais, vinte e poucos anos. Em trinta e dois ele veio para... Em mil novecentos e três, ele ficou em quarentena na casa do imigrante, né. Depois já foi para a lavoura do café, ruar café, e apanhar café. Em mil novecentos e trinta e dois ele veio para Sorocabano, aqui na região de Prudente que é a capital. Alta Sorocabano.

ENTREVISTADORA: Ele chegou a vir viver em Dourados? Ou não, foi só o senhor...

INFORMANTE: Só eu. Só eu que vim dar aula no curso de Agronomia.

ENTREVISTADORA: Há quantos anos o senhor está aqui?

INFORMANTE: Trinta anos. Esse ano faz trinta anos.

ENTREVISTADORA: Então o senhor chegou em Dourados quando era bem...

INFORMANTE: IXE, ERA RUA DE BARRO ALI PERTO DO CEUD. Era tudo... Não tinha casa, não tinha nada. Era rua de terra.

ENTREVISTADORA: E então nenhum de seus irmãos vieram?

INFORMANTE: Não. Só eu. Eu tenho um irmão que veio para o Mato Grosso também para dar aula, mas é em Taquarussu. Para Bataiporã, Nova Andradina, ali, sabe? Entrando por Nova Andradina, dá trinta e cinco quilômetros. Em Taquarussu.

Só vim eu.

ENTREVISTADORA: Aí o senhor conheceu sua esposa aqui?

INFORMANTE: NÃO. Já vim NOIVO de lá.

Já vim noivo de lá. Aí fui buscá-la, casei, e ela veio para cá.

Ela é de Presidente Prudente. Eu de Álvares Machado e ela de Presidente Prudente. Mas ela nasceu mesmo no Paraná. Eu nasci em São Paulo, Presidente Bernardes, ela nasceu no Paraná. Mas ela é família conhecida. Quem me apresentou ela foi o primo dela que era um amigão meu, nós éramos amicíssimos. Aí deu certo, né, de namorar, casamos e viemos criar família aqui.

A (**nome**) falou “Pai, quero que o senhor venda essa casa, já estou enjoada de morar aqui”. Faz VINTE E CINCO ANOS que eu moro nessa casa (risos).

(risos) Vinte e cinco anos.

ENTREVISTADORA: Nossa, aqui nesse bairro?

INFORMANTE: Nesse bairro.

Desde oitenta.

Tinha TRÊS CASAS aqui. O escritório do parque, a do Herbert, a do Antônio aqui... QUATRO, uma da Paloma ali, né, que casou-se agora, e a nossa.

ENTREVISTADORA: Ela nasceu aqui então?

INFORMANTE: Nasceu. Nasceu nessa casa. Só o (**nome**) que não nasceu aqui. Mas nasceu em Dourados. Nasceu na Ciro Mello, ali onde era o seminário Batista, a igreja Batista. Nasceu ali. Eu aluguei uma casa ali, tinha uma casa de aluguel, recém-casado. E resolvi construir aqui, porque é um dinheiro jogado fora dinheiro de aluguel, né. Não aproveita para nada.

ENTREVISTADORA: E quando o senhor era criança, ou mesmo adolescente, seus parentes contavam, por exemplo, histórias de algum personagem português ou italiano?

INFORMANTE: Não, minha mãe contava histórias de santo, porque ela era muito católica, católica. Ela contava a história de Santo Antônio, que ele, diz que foi tomar conta da roça, e o dia que ele tomou conta da roça do pai dele – ele tinha treze anos – não apareceu NENHUM PASSARINHO para comer o arroz.

Diz que nem para o trigo e o arroz. Milagre, ela falava que era “miráculo”, né, milagre é “miráculo”. Italiano fala “miráculo”. “Miráculo”, milagre, né. Essas historinhas ela contava.

ENTREVISTADORA: E as histórias daqui? Bem, as do caipora, do sasci, são daqui do Brasil, né.

INFORMANTE: São brasileiras, são daqui. Meu avô lia muito. Lia muito. Assinava um jornal que se chamava *Corriere de La Domenica*, da Itália, vinha sempre para ele, vinha sempre, né.

ENTREVISTADORA: E como eram as reuniões de vocês? Das famílias?

INFORMANTE: IXE, no Natal e no Ano Novo ia para casa do meu avô, e ficavam os nove filhos, todos casados, com filhos.

Era um mundo de gente. Família EXTENSA mesmo. E eles sempre... Era muito trabalhador o meu avô. Meu avô foi muito trabalhador, sabe. Morreu trabalhando, com noventa e dois anos.

Ele fazia cesto em casa. Cesto, balaio, essas coisas, tudo com bambu que tinha no sítio. Tinha horta, pomar enorme, vaca de leite. Tinha de tudo um pouco. Era agricultura familiar mesmo, para sustentar a família. Tudo o que ele fazia voltava para a família. Nós somos muito família, a minha família.

ENTREVISTADORA: Uhm, muito unidos.

INFORMANTE: Muito unidos. Até estou com um irmão, que estava aqui, ele está doente. Está em São José dos Campos. Eu preciso telefonar lá, para saber como ele está passando.

Mas nós somos muito unidos. Muito família. E a família da minha mulher também. Fizeram a proposta: cada ano o Natal é na casa de um.

Dividir. É. Cada ano, um arca com o Natal. E reúne todos os irmãos. Que eu perdi o meu pai e minha mãe, e aí perde a referência, né.

ENTREVISTADORA: Uhm. E os dois já faleceram?

INFORMANTE: Já faleceram. Minha mãe em mil novecentos e noventa e seis, e meu pai em dois mil. No ano de dois mil.

Meu pai VIVEU MUITO. Oitenta e seis anos. Para o Brasil é muito, né, porque a média de vida, quando ele era vivo, era de sessenta e cinco. Ele viveu até oitenta e seis, né. E morreu porque fumava, sabe.

ENTREVISTADORA: Porque trabalhando do jeito que trabalhava, né...

INFORMANTE: Não morria....

ENTREVISTADORA: Ficava saudável. Mas fumando...

INFORMANTE: Fumando... Fumava o cigarro.

Meu avô contava as histórias de Roma. Nero, que botou fogo em Roma, eu aprendi com ele, Átila, rei dos Hunos, e que tomou Roma. “Roma era o maior império do mundo”, ele falava para mim, “Nós construímos o maior império do mundo, a Itália”, que era o império romano, né. ELE TINHA ORGULHO DISSO, contava COM ORGULHO (risos).

Contava toda a história. Aí ele falava assim “Eu sou filho de três mães: a minha mãe biológica, a Itália, segunda mãe, e o Brasil, terceira mãe”, “Sou filho de três mães” (risos).

ENTREVISTADORA: Então ele gostava de viver aqui.

INFORMANTE: GOSTAVA DO BRASIL. NOSSA, ele começou fartura aqui. Ele falou que nunca viu, aqui planta e tudo dá, come à vontade. Porque a região de onde ele veio era estepes, né.

A região de estepes. Não é região de planície, planalto.

ENTREVISTADORA: Uhm. Era mais difícil de cultivar.

INFORMANTE: É. Era mais difícil de cultivar. Tinha muita pedra, muita seca.

ENTREVISTADORA: Ele que é de Milão?

INFORMANTE: Não. De Bária.

A minha avó era de Milão. A que casou com o português, filho de português com índia. O português se apaixonou por uma índia. Fomos descobrir esses dias, pesquisando a origem para fazer a árvore genealógica da família. Ela chamava (**nome**) (risos). A minha bisavó.

ENTREVISTADORA: A mãe do...

INFORMANTE: Por parte do meu pai.

ENTREVISTADORA: Que era índia?

INFORMANTE: Que era índia.

Maria de Jesus, que casou com esse português, o (**nome**).

ENTREVISTADORA: E aí teve o filho, que era...

INFORMANTE: Teve o Júlio, que era o meu pai. (**nome**).

Era (**nome**), meu avô, e (**nome**), o meu pai. E (**nome**), meu avô, por parte de mãe. E (**nome**), minha mãe, chamava (**nome**). (**nome**) e (**nome**), né. (**nome**), um nome italiano.

A minha mãe estudou num colégio de freiras, e ela contava que, diz que o padre era... Ficou em cadeira de rodas, velho, e ela tinha que cuidar desse padre. AI, ela não podia nem brincar. Ela saía para brincar no convento e “(**nome**), TRAZ GELO PARA MIM”. E aí vai ela, levar gelo para o padre (risos). Tinha que tratar o padre na boca.

ENTREVISTADORA: Esse colégio aqui de...

INFORMANTE: NÃO. Lá em São Carlos. Ela ficou até quinze anos lá, dos oito aos quinze anos. Aí vieram para Sorocabano, em trinta e dois.

E ela rezava TUDO EM LATIM, as rezas dela lá. Benzina, sabe, quebranto, mal olhado, sei lá, um monte de coisas. Rezava bastante. Ela confiava na trezena de Santo Antônio, que eu aprendi com ela.

ENTREVISTADORA: Trezena?

INFORMANTE: Trezena. TREZE DIAS. Você faz um pedido e faz uma trezena, que você consegue.

ENTREVISTADORA: Mas o que é um a trezena?

INFORMANTE: É rezar a mesma oração treze dias. Não tem novena, nove dias? Trezena são treze dias.

Santo Antônio são treze dias, a trezena de Santo Antônio. Ela rezava.

ENTREVISTADORA: E o senhor também chegou a fazer isso?

INFORMANTE: Não, ainda não. A minha mulher faz.

Faz. Para filho passar em vestibular ela fez (risos).

ENTREVISTADORA: Que bom que acredita, né. Tem muita gente que não dá muito valor a isso, hoje em dia. E essas histórias, que passaram para o senhor, o senhor passou para seus filhos?

INFORMANTE: Passei. O meu filho está pesquisando na internet nossos parentes do mundo inteiro. Que agora fica mais fácil, né.

Então, família nossa é italiana, espanhola, está na internet, mas meu avô era português, mineiro, por parte de pai – o (nome).

ENTREVISTADORA: De que cidade de Minas ele era?

INFORMANTE: Ah, não lembro muito bem, porque é meio obscuro. Esse lado é meio obscuro, da minha família. Eu não consegui decifrar, estamos decifrando agora. Tem uma tia minha que está com oitenta e sete anos, e ela lúcida. Ela conta que ele veio de Minas para São Paulo, ali para a região de Santa Lúcia, trabalhar no café. Mas não sabe se é de Tiradentes, ela não sabe, ela não sabe o nome da cidade. Perdeu, essa referência nós perdemos.

ENTREVISTADORA: Já da parte dos italianos vocês sabem tudo?

INFORMANTE: É. Fui criado no meio deles, né. A minha mãe não largava da barra da saia dos pais DE JEITO NENHUM.

ENTREVISTADORA: Mas o senhor chegou a NASCER em uma colônia de italianos?

INFORMANTE: Não.

ENTREVISTADORA: Naquela de italianos e portugueses...

INFORMANTE: A minha mãe. A minha mãe. A primeira geração. Minha mãe é a primeira geração brasileira, por parte de mãe. E eu sou a segunda. E minha mulher é italiana também, e já é da terceira. Terceira geração. Ela é da terceira, e eu sou da segunda.

ENTREVISTADORA: E o que mais que o senhor se lembra das coisas que...

INFORMANTE: Ah, não sei, minha filha. Não sei se eu lembro.

É difícil. Depois que a gente veio para cá, que começou a estudar, estudar, estudar, né...

ENTREVISTADORA: Perde o contato...

INFORMANTE: Perde o contato coma família, né.

Mas eu lembro muito da mina infância. Dos meus pais.

Meu pai tocava cavaquinho.

VEM VER AQUI.

(Vai ao quarto para mostrar o instrumento)

Olha ele ai (mostrando o cavaquinho encostado à parede). O violão é do meu filho (se referendo ao violão que estava ao lado do cavaquinho), é esse pequenininho aqui.

ENTREVISTADORA: Mas esse é um instrumento brasileiro?

INFORMANTE: É INSTRUMENTO BRASILEIRO. Ele aprendeu no Brasil, a tocar esse aí.

Olha a foto da minha avó, grávida de um filho (mostrando a foto). ESSA É MINHA MÃE, quando tinha cinco anos.

ENTREVISTADORA: E esses são os irmãozinhos dela?

INFORMANTE: Esses são os irmãozinhos dela. Foram um, dois, três, quatro, e o quinto na barriga, óh (apontando na foto). E o meu avô e minha avó. Ele me deu até com a coisinha que ele pendurava lá na parede, está até hoje. Eu guardo isso daqui de lembrança, da família da minha mãe.

ENTREVISTADORA: Um porta-retrato...

INFORMANTE: É um porta-retrato.

ENTREVISTADORA: Então esses são os seus tios.

INFORMANTE: Meus, meus tios.

Meus tios, só tem um vivo. Não está aqui não. Esse daqui é vivo (mostrando na foto), o segundo, esse. Está com noventa e três anos. Mas os outros já faleceram todos. Esse já faleceu, o tio (**nome**) faleceu. E a (**nome**), que é minha mãe.

Eu guardo isso aí com o cavaquinho do meu pai. Ele tocava o cavaquinho.

ENTREVISTADORA: E o senhor só guarda, ou toca também?

INFORMANTE: Só guardo (risos)

São muitos músicos na família. Tem muito músico.

Tem um que toca a sanfona, um tio meu. Os meus irmãos todos cantam e tocam, eu não.

Não. Eu canto. Cantar, eu canto, mas tocar, eu não toco não. Toco alguma musiquinha assim, porque aprendi com meu... PASSEI PARA O MEU FILHO, isso eu fiz questão de passar. Pôr ele na escola de música. Pus os três na escola de música.

ENTREVISTADORA: E aí o senhor pôs os três no violão?

INFORMANTE: Não. No teclado, as meninas.

ENTREVISTADORA: E os meninos...

INFORMANTE: Guitarra e violão.

ENTREVISTADORA: E nessas reuniões familiares vocês matêm as características bem italianas e portuguesas? Ou não, não tem muito disso, por exemplo, a culinária?

INFORMANTE: AH, AQUI PERDEU. Perdeu tudo. Viramos comedores de carne e mandioca. Viramos churrasqueiros (risos), perdemos o costume.

ENTREVISTADORA: Porque geralmente é muita massa...

INFORMANTE: Mas faz. Aqui em casa a gente faz bastante. Hoje EU COMI LASANHA. Lasanha, canelone, porpeta... Porpeta você sabe o que é?

ENTREVISTADORA: E os seus filhos gostavam de ouvir as histórias, ou eles ficavam assim...

INFORMANTE: GOSTAVAM...

ENTREVISTADORA: Ou não tinham paciência?

INFORMANTE: Gostavam, gostavam. Mais, o mais velho. O mais velho torce para o Milan, tem camiseta do Milan (risos)

Acompanha futebol italiano, torce pelo Milan, e gosta de vinho. Trouxe lá de Gramado vinho. Gosta de vinho, que nem eu.

Então, ele trouxe isso daqui óh (se dirigindo à estante, para pegar uma garrafa de vinho), um vinho personalizado. Comer massa e vinho, nós acostumamos viu? Não perdemos o costume, não.

Comer massa e vinho... Olha aí óh. (mostrando o vinho)

Óh, é personalizado, está vendo?

ENTREVISTADORA: Ahnhan. É produção de lá mesmo?

INFORMANTE: É produção de lá. Massa e vinho nós acostumamos. PÃO, muito pão.

A minha mãe... Eu aprendi a rezar no forno. Era forno de barro, sabe, no sítio, não era... COM LENHA. Era forno a lenha. Esses que faz a pizza. Forno a lenha. Aí ela tirava as brasas, colocava o pão e falava (fala em italiano) (risos).

ENTREVISTADORA: O que significa?

INFORMANTE: SEI LÁ, aprendi com ela. “Reza, meu filho, para o pão sair bom”. (Repete em italiano), EU LÁ SEI O QUE ERA ISSO, mas eu aprendi.

ENTREVISTADORA: Então ela falava bastante em italiano com vocês.

INFORMANTE: Falava. Ela falava.

ENTREVISTADORA: Então o senhor sabe falar?

INFORMANTE: Um pouco só.

ENTREVISTADORA: E eles mantinham contato com algum...

INFORMANTE: ESCREVIAM. Escrevia, meu avô escrevia para os parentes da Itália. Aí quando ele morreu, eu pedi para escrever uma carta, que o babo, el babo. Babo é avô, né. Nona, babo.

Babo. Avô é babo. O babo morreu, aí nunca mais escreveram. Também não escrevi mais.

ENTREVISTADORA: Ah, então O SENHOR também chegou a escrever.

INFORMANTE: Cheguei a escrever, ditando a carta para um italiano escrever em italiano. Sabe quem escreveu? O irmão Marista. Daqueles irmãos Marista, que tinha aqui. Escreveu a carta para mim. Eu dei o endereço, e ele escreveu.

Tem primas minhas que foram para lá. Até eu quero ir um dia, se eu puder, né.

ENTREVISTADORA: Ah, o senhor não conhece Itália?

INFORMANTE: Não conheço a Itália, mas eu quero conhecer Portugal, a Itália, né.

Viu, o meu avô era português, mas ele entendia tudo em italiano, aprendeu com a minha avó.

ELE ERA VALENTE. Ele vinha co o saco de compras nas costas, do empório para a fazenda, da colônia onde eles moravam, e passou um italiano a cavalo e falou para minha avó – minha avó ia à frente, com a sombrinha, e ele atrás – “Que femena bella”, quer dizer que mulher bonita, né. Aí meu avô sacou o revólver e PÁ, deu tiro no pé dele (risos).

ENTREVISTADORA: O cara em cima do cavalo, e o seu avô...

INFORMANTE: É, o cara em cima do cavalo. Quebrou o pé do cara. ERA VALENTE, não estou falando para você? ERA VALENTE.

ENTREVISTADORA: Mas também, naquela época, passar e elogiar a mulher do outro não podia.

INFORMANTE: NÃO PODIA, não. Corria risco de vida.

ENTREVISTADORA: Seu avô devia ter um monte de causos desses, que devem ter acontecido com ele.

INFORMANTE: É.

Ele contava. Ele tinha UM CIÚME.

A minha avó, meu pai contava, ela era vaidosa, sabe. Ela prevalecia, porque o meu avô gostava muito dela, ela se prevalecia. Aí ela fingia que desmaiava, e ele colocava pena no nariz dela. (?), ESTÁ DESMAIADA (risos). É nada, meu pai falava, era mais malandragem do que doença. Não tinha nada. VIVEU NOVENTA E OITO ANOS.

ENTREVISTADORA: Ele faleceu antes dela?

INFORMANTE: Ele faleceu. Ele bebia um pouco, né, o meu avô italiano... PORTUGUÊS. Bebia cachaça. Mas pegou cirrose, de beber, né. Morreu do fígado.

ENTREVISTADORA: Então seus filhos chegaram a ter contato com essa sua avó?

INFORMANTE: Não. Nenhum. Ela morreu em sessenta e quatro. Eu tinha nove, dez anos. Porque eu sou o caçula dos nove. Eu vivi pouco até com os meus pais. Quando eu tinha trinta e nove anos os meus pais... Minha mãe faleceu, e quando eu tinha quarenta e quatro meu pai faleceu. Se eu tivesse a consciência que eu tenho hoje, né, naquele tempo, AH, eu tinha feito tantas coisas para os meus pais, para minha mãe, eu falo. Mas eu não tenho. Com essa história de música, de baile, essas coisas, a gente não dá importância para a história da família. Só passa quando é pequeno, quando é pequeno passa, mas depois de adolescente em diante a gente quer mudar o mundo, revolucionar o mundo, né. Sonhador...

Idealista. Aí eu perdi um pouco o contato, e meu avô faleceu em mil novecentos e oitenta. Ele é de oitenta e nove. Noventa e um anos, né, para noventa e dois, ele ia fazer. Ele dizia “Meu neto, você que vai trabalhar com a memória, faça alimentação frugal, só com frutas e verduras”, ele falava, “Não come carne, não”.

Ele já sabia dos macetes. E eu GOSTO de carne assada aqui nesse Mato Grosso.

ENTREVISTADORA: Aqui tem muito gaúcho, né. Muito por isso, então.

INFORMANTE: Mas massa, nós comemos, viu? Tem até (levanta-se e vai em direção à cozinha), você conhece.

Olha, essas massas aqui, que nós compramos... Capelete de queijo, esse daqui, óh.

ENTREVISTADORA: Bem, então o senhor, que veio do estado de São Paulo para a cidade de Dourados, na qual reside há mais de trinta anos... É... Eu gostaria de saber com qual dos lugares pelos quais o senhor já passou, ou um lugar no qual o senhor já viveu... Com qual deles o senhor mais se identificou, e por quê?

INFORMANTE: Eu me identifico mais com Dourados, porque eu vivi mais aqui do que lá, né.

ENTREVISTADORA: É... Faz mais de trinta anos, não?

INFORMANTE: MAIS DE TRINTA ANOS.

ENTREVISTADORA: E por que o senhor diz que se identifica? Mais pelo tempo mesmo?

INFORMANTE: Pelo tempo, pelo número de amigos, né... Que eu fiz aqui, né.

ENTREVISTADORA: Certo. E o senhor comentou sobre a história dos seus antepassados italianos, e sobre a maneira como as tradições e cultura italianas lhes foram sempre transmitidas pelos seus pais e por seus avós, não? Então, em que grau você diria que o passado dos seus ancestrais italianos influencia na sua identidade hoje?

INFORMANTE: Ah, uns CINQUENTA por cento, hein.

ENTREVISTADORA: Cinquenta por cento? (Risos) E em que sentido?

INFORMANTE: COMIDA... Lasanha eu gosto, pizza eu gosto... VINHO. FALA.... Linguagem, às vezes, né.

ENTREVISTADORA: O senhor tem intimidade com a língua italiana. E qual imagem o senhor tem da Itália?

INFORMANTE: Da Toscana eu gosto.

ENTREVISTADORA: Sim. Mas é a imagem que os seus avós lhe passavam, ou você já tem uma outra imagem...

INFORMANTE: Não... A minha é da TELEVISÃO, né... Eu acompanho pela televisão.

ENTREVISTADORA: Então é uma imagem nova que o senhor construiu?

INFORMANTE: É uma imagem nova que eu construí. Milão, por exemplo, é uma Itália próspera, né.

ENTREVISTADORA: E quanto a sua cidade natal? Qual é a sua cidade natal mesmo?

INFORMANTE: Presidente Bernardes.

ENTREVISTADORA: E qual o seu sentimento em relação à cidade?

INFORMANTE: Ah, eu gosto dela, mas não tenho mais nenhum vínculo com ela.

ENTREVISTADORA: Não tem aquele sentimento de pertencimento?

INFORMANTE: Não, de pertencimento não. Eu pertenço mais a DOURADOS.

ENTREVISTADORA: E o senhor se sente à vontade em relação à cultura douradense? Às práticas culturais aqui de Mato Grosso do Sul?

INFORMANTE: Eu gosto muito do Almir Sater. Que é música raiz, né. Eu sou apegado a sertanejo também... Música raiz.

ENTREVISTADORA: Mais algum aspecto da cultura daqui que...

INFORMANTE: O CHIMARRÃO E O CHURRASCO. Todo domingo eu faço em casa.

ENTREVISTADORA: E você diria que esse espaço, que a cidade de Dourados, já é parte da sua identidade?

INFORMANTE: É... já é... É UMA MISTURA, NÉ... é uma mistura, né. Ontem nós fomos na Dio Santo.

ENTREVISTADORA: Bem, então, para terminar, eu queria saber se o senhor se sente um estrangeiro em relação a Dourados – por não ter nascido aqui – ou não?

INFORMANTE: Não, não me considero um estrangeiro. O meu pertencimento É AQUI. Embora Dourados é uma cidade cosmopolita... MAIS QUE CAMPO GRANDE ATÉ. Eu acho. Aqui tem paraguaios, italianos... A colônia gaúcha do CTG é de italianos e alemães. Tem índios, tem portugueses... Tem...Então tem bastante.

ENTREVISTADORA: Bem, por enquanto é só. Muito obrigada.

DEPOIMENTO

INFORMANTE IV

ENTREVISTADORA: E quem eram os seus familiares italianos?

INFORMANTE: Era o Maxiliano – que era o meu bisavô –, e o Silvio era meu nono, e a minha nona era a Francesca.

ENTREVISTADORA: Todos (**sobrenome**)?

INFORMANTE: É. O Silvio era (**sobrenome**), né... A Francesca já era de outra família. Que aí o sobrenome dela eu não me lembro, agora, né... Só se for puxar a documentação, que eu acho que nem tenho aqui.

ENTREVISTADORA: E eles viviam em que região da Itália?

INFORMANTE: Eles viviam em Treviso. Treviso... Agora deve ser a região, porque lá no papel estava escrito a região. Treviso... A única coisa que eu sei, né, que eles eram de Treviso.

ENTREVISTADORA: E na Itália, o que eles faziam?

INFORMANTE: Eles trabalhavam na lavoura, com enxada. Eles plantavam... Eles gostavam de cultivar batatinha, é... Cebola, essas coisas assim... Uva, né, e... Na agricultura, né. Depois, quando eles vieram para cá, eles passaram a cultivar as mesmas coisas... No começo.

ENTREVISTADORA: Mas, lá, eles plantavam, só para viver, para ter o que comer, ou não, era o trabalho deles?

INFORMANTE: Não, era o trabalho deles. Eles trabalhavam para sobreviver na agricultura, né, no caso. Sobreviver, e, também, para consumo próprio.

ENTREVISTADORA: E você tem noção de que época que era essa?

INFORMANTE: Então... Essa época eu não tenho noção, não, porque faz muitos anos. Não adianta falar assim... Precisamente um ano, porque eu vou falar uma data errada, no caso.

ENTREVISTADORA: Mas porque eles deixaram a Itália?

INFORMANTE: Porque na Itália, foi na época, assim, que aconteceu a guerra, né, e eles estavam passando muitas dificuldades. Era problema de saúde, né, que meu bisavô ficou paraplégico na guerra, que... Ele... Assim, levou um tiro na coluna, e ficou na cadeira de roda. E

minha nona, Francesca, ela faleceu antes dele voltar da guerra. NÃO! Ela não faleceu antes dele voltar da guerra, mas... Ela teve problema de saúde, e faleceu; e ele, paraplégico, ainda ficou, né. Aí ficou o meu nono – eles eram em seis irmãos. E quem tinha a responsabilidade maior, assim... Sempre caiu sobre ele, no caso. Por isso que ele decidiu vir para cá, né.

ENTREVISTADORA: Ele ouviu falar de alguma oportunidade aqui no Brasil?

INFORMANTE: É. Como eles mexiam com agricultura, e aqui tinha muita terra, né. E... E... A terra produzia bem... Principalmente na região Sul: batatinha, né; cebola, amendoim... Essas coisas, assim.

ENTREVISTADORA: E a uva, que você falou?

INFORMANTE: E A UVA! A UVA ERA A PRINCIPAL! Tinha uva de toda qualidade. Uva Bourbon, uva Isabel, aquela uva branca... Tinha uma bem pequenininhas, que eu não lembro por causa da idade, que ainda produzia aquelas coisas depois que eu nasci, né.

ENTREVISTADORA: E quando eles vieram para cá, eles tinham a intenção de só ficar temporariamente, e voltar para a Itália, ou eles vieram para ficar permanentemente?

INFORMANTE: Não, eles vieram para ficar... Ficar, mesmo.

ENTREVISTADORA: E quando eles chegaram, aonde eles se instalaram?

INFORMANTE: Eles se instalaram em Nova Prata, no Rio Grande do Sul.

ENTREVISTADORA: E foi lá que eles fundaram aquela colônia que você falou?

INFORMANTE: É, lá mesmo. Nova Prata é hoje uma cidade é... No Rio Grande do Sul, que se tu for pesquisar qualquer coisa sobre isso, você veria que hoje é uma cidade bem maior, né. E foi dessa colônia que... Quando eles...é... quando eles pararam em Nova Prata, e de toda a tripulação do navio que ficou, foi fundada a colônia que hoje é Nova Prata. Que ele parou, né. Aí, depois quando... Tem mais alguma pergunta ou pode continuar falando?

ENTREVISTADORA: Não, pode continuar.

INFORMANTE: Porque eu estou começando a embaralhar, né (risos).

ENTREVISTADORA: Não, pode falar! Como que surgiu aquela colônia que você falou?

INFORMANTE: É, então... Aí eles se instalaram lá... E... O meu vô faleceu... O Maximus, né... O Maxiliano. E ele começou a se sentir muito sozinho, porque só foi ele, dos seis irmãos, que ficou no Brasil, né, no caso – ele e o meu avô. Os outros seis irmãos foram para a Argentina.

Aí, depois que o vô faleceu, que ele se sentiu sozinho, e foi... É... É que não tinha mulher nesse lugar onde eles pararam, na época (risos). Aí, ele ficou sabendo que tinha mulher na colônia... Numa outra colônia... Que era a Guaporé.

Aí, era longe para ir para essa colônia, e era a pé, nessa época... A pé, ou a cavalo, né. E tinha um rio para atravessar, que o meu pai até falou o nome do rio, mas eu não lembro qual foi o rio que ele tinha que atravessar para ir para Guaporé. E aí, ele fez uma canoa... Sabe, para ele ir para o lugar conhecer... É... Conhecer a Francesca, né, no caso.

E aí ele conheceu a Francesca, e foi muito difícil essa viagem, porque era a pé, era mato, e de canoa ele foi conhecer ela. Aí, ele chegou lá e conversou com os pais dela, e falou que viria mais uma vez, mas para levar ela.

Não teve namoro, não teve nada assim.

ENTREVISTADORA: Combinaram de casar.

INFORMANTE: É. Ele combinou com os pais dela, e aí levou ela, e se casaram.

E os dois eram italianos. Um morava numa colônia, e a outra, em outra.

ENTREVISTADORA: A colônia em que seu vô morava, você lembra o nome?

INFORMANTE: Então, a colônia que ele morava... Eu não lembro assim o nome, mas eu acredito que seja Nova Prata mesmo. Porque a cidade, hoje, - Nova Prata – foi colonizada pelo pessoal que chegou de navio, né, naquela época.

Eu não sei exatamente o certo... Não tem como não ser, no caso, né.

ENTREVISTADORA: Mas então o seu vô conheceu a Francesca no Brasil?

INFORMANTE: No Brasil.

ENTREVISTADORA: E você sabe de que região da Itália ela era?

INFORMANTE: Então, a região que ela era eu não sei. Porque o meu avô era quem contava mais histórias, que era mais falante. Aí o que acontecia... Quando estava em casa, assim, que acontecia uma festa, a minha vó estava sempre na cozinha. Então a gente... Quem contava mais as coisas, contava mais da vida dele, era o meu nono, né.

Da vida dela, a única coisa que eu sei é que ela se chamava Francesca. Para você ver, e as comidas gostosas que ela fazia. Para você ver como é importante sentar também com a pessoa que está lá na cozinha, e chamar: Não, vem aqui, VAMOS CONVERSAR!

ENTREVISTADORA: Ou então ir lá e ficar ajudando na cozinha.

INFORMANTE: É, não sei nem de que região ele era... Só sei o nome porque... Eu, se fosse por mim, daquela época eu teria até esquecido.

Porque ele continuou contando as histórias. Por exemplo, eu poderia saber muito mais se não tivesse mudado ainda jovem de perto dele. Hoje, ainda, ele continua cultivando as tradições, e fazendo as festas, e mantendo e reunindo a família. Por exemplo, eu, por ter mudado há muito tempo, já fiquei fora disso, e já... né.

ENTREVISTADORA: E ele ainda está vivo?

INFORMANTE: Meu pai é. Bem de idade, mas ainda é vivo.

ENTREVISTADORA: Mas e o seu avô?

INFORMANTE: Não, o meu avô faleceu.

ENTREVISTADORA: O seu pai, então, continua contando as histórias?

INFORMANTE: Continua contando as histórias... O meu pai, né, porque o meu nono faleceu... Faleceu com cinquenta e dois anos, ainda muito jovem... E EU TINHA NOVE. Eu AINDA NÃO TINHA NOVE ANOS. Eu acho que... Eu não lembro, assim... Exatamente a idade, mas é de cinco para dez anos, ou nove.

Não vou afirmar: NOVE. Porque eu sei lá (risos). Mas eu tinha, mais ou menos essa idade... Então, para você ver, ele continuou contando essas histórias até hoje. Quando os meus filhos vão para lá, que eles ficam na fazenda, aí ele senta, e conta essas histórias... E eles adoram.

O (nome do filho) foi para lá, e ficou dois meses...

Bem, vamos lá, que senão a gente começa a detalhar, e foge do seu assunto (risos).

ENTREVISTADORA: E você disse que parte dos irmãos do seu avô foi para a Argentina, enquanto ele veio para o Brasil?

INFORMANTE: É, ele ficou no Brasil.

ENTREVISTADORA: E porque ele escolheu ficar no Brasil?

INFORMANTE: Então, ele escolheu ficar no Brasil por que... É... O meu avô não agüentaria também a viagem para a Argentina, né. Para ir até a Argentina, ele iria falecer no navio, e seria jogado no mar, né. Aí, por isso, que eles se separaram, né, no caso. Ficou o irmão mais velho, porque os outros cinco se reuniram, e decidiram qual que iria ficar. Não podia ir até lá... Para a Argentina... Ele iria falecer.

Aí ele decidiu ficar. Ficou ele e meu nono em Nova Prata.

ENTREVISTADORA: E eles comentavam como foi a adaptação deles aqui... Aos costumes?

INFORMANTE: Comentavam. Foi, assim, muito difícil a adaptação deles, porque era mato, né... Tudo longe, e eles tiveram que derrubar o mato... É... Cultivar as coisas, né; por exemplo, eles trouxeram muita semente, muita coisa da Itália, né... Para... No começo, ter o que plantar... Para comprar sal, por exemplo, que não se produzia, né... Essas coisas. Porque muitas vezes eles tinham que comer sem sal.... Polenta, ELES SEMPRE ADORAVAM COMER. Diz que tinha que comer a polenta sem sal, né.

E... Assim, diz que passaram muita dificuldade, mas... Aí trouxeram muda de uva... É... E começaram a cultivar, né, as coisas para poder sobreviver.... Mas com muita dificuldade, né.

ENTREVISTADORA: Eles trabalhavam em alguma fazenda, ou não, eles tinham uma terra deles?

INFORMANTE: Então, eles tinham... Quando eu era criança, a terra era deles, né. Agora como foi quando eles chegaram no Brasil, isso eu não sei, porque ele nunca comentou comigo. Mas eu acredito que eles chegaram, e tiveram alguma ajuda do governo, de alguém que deu alguma terra; porque sempre, ele conta, que eles sempre cultivaram algumas coisas para sobreviver e plantar. Então eu acredito que seja, talvez, o governo que deu uma terra... Eu não sei como que funcionava isso na época, né, mas... A terra sempre foi deles.

Só que, quando eles chegaram, automaticamente, acho que não tinha terra, né. Não sei como que foi que eles se ajeitaram, só sei que sempre foi na terra que eles trabalharam.

ENTREVISTADORA: Para ter uma noção da época... Eles vieram logo depois da Segunda Guerra?

INFORMANTE: Então, quando... É... O Silvio... Eles decidiram vir para o Brasil, foi depois da Guerra, porque foi depois que o meu nono tinha ficado paraplégico, então acredito que tenha sido logo depois da Guerra. Assim que teve a oportunidade, ele veio.

ENTREVISTADORA: E eles mantiveram contato com alguém da Itália, ou não?

INFORMANTE: Mantiveram contato com alguém na Itália, porque eu lembro que quando faleceu meu nono, veio um deles... Um italiano, né, que era... Devia ser... Irmão não, né, porque os seis foram para lá. Devia ser alguma coisa da família, mas o que ele era, eu não sei. Eu lembro que ele veio vestido de uma forma diferente, né, e daí, como a gente era criança, a gente ficava curioso... Ficava assim, né, pensando: NOSSA.

Daí todo mundo falava: Não, ele veio da Itália, e tal.

Esse detalhe eu lembro, assim. Mas não lembro o nome dele também.

ENTREVISTADORA: E em que ano você nasceu?

INFORMANTE: Eu nasci em mil novecentos e... QUE VERGONHA (risos). Eu nasci em mil novecentos e sessenta e oito.

ENTREVISTADORA: Vergonha do quê? (risos). E onde você nasceu?

INFORMANTE: Eu nasci em Dionísio Cerqueira, em Santa Catarina. E nós morávamos em uma localidade que chamava Campinho, e lá só morava, numa parte, italianos, né, e na outra parte, alemães.

Então, aí eu lembro que existia uma certa rivalidade, porque os italianos são católicos, né... Eles cultivam a religião e as tradições. E os alemães eram... Eles cultivavam as tradições deles, tanto quanto os italianos, né.

Então havia uma rivalidade muito grande.

Quando nós íamos para a escola, mesmo, eles falavam... Chamavam a gente, assim, de *gringa polenteira*. (risos)

ENTREVISTADORA: *Gringa polenteira*? (risos) Eles chamavam vocês?

INFORMANTE: É, eles chamavam a gente de *gringa polenteira*, porque italiano como polenta, né, e gringo, é porque ... Não sei porque.

É gringo que eles chamam os italianos... Não sei se... Gringo... Porque é gringo, EU NÃO SEI

ENTREVISTADORA: Gringo é estrangeiro.

INFORMANTE: Estrangeiro, né. Gringo... Que se fala que americano, às vezes de gringo, né.

Aí, eu sei que eles falavam: *Vai gringas polenteiras!*

Porque a gente já tinha um sotaque diferente do deles, e eu acredito que lá naquela região se chocou os sotaques dos italianos e dos alemães. Porque eles falavam alemão, e daí a gente... Os avós falavam italiano... E... Em casa, só falava italiano, aí, a gente, criança, ia para a escola e tinha que falar português, né. Não falava italiano.

ENTREVISTADORA: Mas na sua casa você tinha que falar italiano?

INFORMANTE: Não, eu não... Eu... A gente entendia e falava, mas, por exemplo, eu deixei de falar... Eu entendo as coisas, assim... Difícil, mas eu não falo, porque... Vai falar com quem, no caso? Mas se vem um italiano para falar, eu não passo apertado, assim... Eu entendo tudo, no caso.

ENTREVISTADORA: O mais difícil é falar.

INFORMANTE: Não, eu acredito que não, porque, quando você começa a falar, é... Você EMBALA JUNTO! O difícil é se você nunca ter contato com a língua, né... Aí é difícil.

Mas que nem eu... Não é difícil, tanto que quando eu vim do Japão, eu vim sentada com um italiano, e vim conversando com ele de lá até aqui – ele ia para Criciúma, e Santa Catarina.

ENTREVISTADORA: E como era o nome da colônia em que você viveu?

INFORMANTE: Então, eu vivi em uma localidade chamada Campinhos, né, e lá era... Assim... Tinha... Vivia assim, italiano com italiano, e alemão com alemão. Nesse lugar que eu vivi. Hoje, é um lugarzinho, assim... Você vai lá, e tem as casa de madeira... É... De porão, porque italiano gosta muito de comer salame. Então, meu pai fazia, assim, três, quatro, taquara, assim, e colocava de salame, vinho, vinagre... Tudo, assim, para o consumo próprio e vendia também, né, no caso. E fazia açúcar, melado, né... Açúcar de cana, aquele açúcar mascavo, né, que se fala? Fazia muito lá.

E... Faz uma pergunta por que EU ESQUECI O QUE EU TINHA FALADO (risos) É tanta coisa que VEM TUDO DE UMA VEZ.

ENTREVISTADORA: E do que vocês viviam lá, o que vocês faziam?

INFORMANTE: É... Meu pai trabalhava, assim... É... Na agricultura... É... Ele vendia leite para o laticínio, e ele vendia o leite, e pegava todo o leite na colônia, né... Das pessoas que produziam... É... E pegava de casa em casa e levava para o laticínio em São Miguel do Oeste, e já levava o dele junto, né. Aí produzia soja, milho... É... Cana... Porque fazia o melado e o açúcar mascavo... É... Uva, pêra, pêssego... É... Eles produziam de tudo lá – pêra, pêssego – o quê mais? Maçã, né, porque lá produz... Lá... Nossa é incrível quando eu começo a lembrar, porque se produzia de um tudo, assim, que não precisava nem você vender nada, assim, se você não quisesse, porque você tinha tudo lá, sabe?

Então... Assim, vivia do leite, né, que entregava para o laticínio, às vezes. Era todo o dia uns duzentos litros (?)

Aí eles sempre se levantavam cedo, e nós, assim... Até sete anos não ajudava, porque era criança, né, e depois de sete anos começava a ir para a escola e ajudava a trabalhar. Sempre tinha quatro ou cinco peões junto, né... E ele... E aí... Como fala? Por que nós éramos em oito irmãos, né... E... Então todo mundo ajudava.

Mas olha como era a nossa vida lá no sítio: nós levantávamos quatro horas da manhã, aí nós tirávamos leite de trinta vacas, porque os peões tinham um horário para começar, então era nós

que fazíamos isso... Eu, minhas irmãs, né... Porque depois dos sete anos, já entrava na dança, né. Aí, seis horas a gente tomava banho, e ia para... Para nós podermos fazer o ensino fundamental, nós caminhávamos cinco quilômetros... Nós caminhávamos cinco quilômetros para ir, e cinco para voltar. Foi lá que eu terminei o ensino fundamental.

Só que era outro lugar... Uma vila que se chamava São Pedro Tobias.

Então, em São Pedro Tobias tinha até ensino fundamental. Aí, às vezes, a gente ia a cavalo, né, e daí, depois... Assim, de uma certa época, começou a melhorar... Daí tinha, assim... Por exemplo, o pai tinha o carro, – era um daqueles bem antigo, era um Toyota – aí ele... Só que ele ocupava para trabalhar... Levava o leite, né, então não tinha como a gente ir... Aí, às vezes a gente ia a cavalo. Nós amarrávamos o cavalo lá no quintal da escola, e assim, era.

AI, DEMORAVA, DEMORAVA PARA CHEGAR NA ESCOLA. Tinha que ter muita força de vontade para terminar.

Aí eu fui até o final! Eu me lembro que eu terminei o ensino fundamental com quatorze anos... NÃO. Quinze né? É... Com quatorze para quinze... Estava bem novinha.

ENTREVISTADORA: E aí não tinha o ensino médio?

INFORMANTE: Não, lá não tinha o ensino médio, e para fazer o ensino médio... Aí o que aconteceu... Quando os meus pais... É... As minhas irmãs mais velhas, que elas são pedagogas, hoje, né... Colocou elas para morar numa cidade chamada Dionísio Cerqueira... que minha irmã mais velha mora lá até hoje.

Aí... É... Nós morávamos, assim, num... Numa pensão. Daí, quando foi a terceira, aí meu pai comprou uma casa, e aí colocou elas para morar. Aí, elas terminaram o ensino médio por lá, mesmo.

ENTREVISTADORA: E você não?

INFORMANTE: Eu não, porque daí... Na época que eu terminei o ensino fundamental, aí meu pai mudou para... Paranatinga, né... Aí foi dessa época que eu sai da colônia, né, no caso.

Você quer saber de mais coisa de lá da colônia? Porque se eu começar a contar outra história, vai dar num rumo diferente (risos).

ENTREVISTADORA: Você falou que você fazia vinho lá na colônia? Você ajudava a fazer?

INFORMANTE: É, então... Nós fazíamos... Pönhava a uva... Levantava cedo, né! Tudo era cedo! Ai, dá até saudade... Nós falar... Daquele fresquinho da manhã, no parreiral de uva...

AQUELE CHEIRINHO, BIANCA

Aí pegava o cesto, né... Ponhava... Aí uma ficava para... Para... Amassar, aí era assim, uns ficavam apanhando a uva... Meu pai vinha com o cesto e despejava dentro daquele negócio de madeira... Tipo uma caixa de madeira com umas ripas, que aí descia, né... Ia descendo o vinho, a semente e tudo, e depois passava por outro processo. Aí pisava na uva.

NOSSA, EU ADORAVA AQUILO (risos)

ENTREVISTADORA: Você falou que o seu pai checava o pé de todo mundo?

INFORMANTE: É, checava o pé para ver se estava limpinho, porque ia pisar na uva, e depois a gente ia tomar o vinho, né... Tomava, vendia. (?) Lavava bem, limpava a unha, E TUDO (risos).

Aí... Que engraçado, né? (risos)

E você acredita que ainda tem, hoje, lugares que fazem lá... O vinho? E é o melhor vinho que tem, O MAIS GOSTOSO. Quando eu vou para lá, eu sempre trago.

Aí ele fazia... O processo era assim: fazia esse vinho, ele tirava e deixava num barril bem grande, porque era muito vinho, né, então tinha, às vezes, barril de cento e cinquenta litros... ERA GRANDÃO.

Aí ficava lá num processo três dias, né, dentro de um barril, aí ele separava aquele monte de... Era semente, a casca, né... E separava o vinho e o vinagre... E era assim: o vinho ficava doce durante cinco dias... Você podia ir lá e abrir a torneirinha, e tomar o vinho assim... ERA MUITO GOSTOSO. Nossa... Hoje... Nunca mais eu fiz isso, porque só naquela época fazia, né.

ENTREVISTADORA: E você era criança, nessa época?

INFORMANTE: É, eu era criança nessa época.

Aí, nós tomávamos vinho que nem suco, assim, sabe? (risos) Porque era docinho, né.

Nossa, era tão bom abrir... Ir no porão e abrir aquela torneirinha e tomar o vinho, E SENTIR O CHEIRINHO DO SALAME.

ENTREVISTADORA: Vocês comiam bastante...

INFORMANTE: NOSSA. Era, assim, uma fartura de tudo. Hoje, você não se vê mais, assim, aqui, né?

Lá, eu vou de vez em quando... Quando eu vou lá sempre tem essas coisas, né. Porque aí a minha mãe faleceu, né.

O único que mora lá naquela região, da minha família, é a minha irmã mais velha, né. Só que mudou, assim, muita coisa.

Ela ainda tem o sítio dela lá, né. Por que foi assim, o que aconteceu... Quando a minha mãe faleceu... É... Ela faleceu depois que o meu pai tinha vindo conhecer o Mato Grosso, né... E ele já estava lá, assim... Morando. Aí ela faleceu, e aí oi vendido, né, o sítio lá, e foi dividido.

Aí minha irmã continua lá, morando... Ela tem um sitiozinho lá. Ela mora na cidade, porque ela é professora... Aí ela dá aula o dia inteiro, e de fim de semana eles vão para o sítio. Ainda eles produzem uva lá, porque quando eu vou para lá no Natal, se for a época... AI QUE DELÍCIA. Tem o parreiral de uva, né.

Ainda... É... Produz, assim, tudo, né – a geléia caseira de figo, de uva.

A minha irmã foi para lá e trouxe, né, para mim, geléia de uva... AI QUE DELÍCIA.

Aí... Mas, assim... Aquele sítio foi vendido, né, que nós morávamos.

ENTREVISTADORA: E na época que você estava na colônia tinha bastante festa?

INFORMANTE: Então, as festas, né. (risos) Tinha bastante festa.

Geralmente, Ano Novo era assim: meu pai levantava... Ele já deixava o vinho, né, tudo separado que ia... É... Tomar nas festas. Aí eu tinha um costume assim: eu levantava quatro horas da manhã, no Ano Novo, né, e ia de casa em casa com um garrafão de vinho e... Desejar Ano Novo para os amigos, aí, depois, é... Voltava, né, e ele que assava o carneiro... ele sempre deixava tudo preparado um dia antes... É... O carneiro... Ai, EU NÃO GOSTAVA DE VER ELE MATAR O CARNEIRO (risos).

ENTREVISTADORA: Deve ser HORRÍVEL.

INFORMANTE: É, nossa... Uma ovelha chora igual a uma criança.

Aí eles matavam o carneiro... É... Porco, né... Faziam um churrasco, né.... Churrasco e.... Não podia faltar nunca, né.... Salame eles também tinham o costume de assar... Eles assavam o salame... Era churrasco, maionese e... Assim, verduras.... Quando eles cultivavam muito, então sempre tinha assim, né... De um tudo. E daí, também teve uma época que já começou a fazer parte das festas a cuca, né, por causa da... Dos alemães, né.

Porque a gente é... Ia para a escola, e começou a conviver com eles, né... Aí, MISTUROU.

Tanto que hoje... Eu, aqui na minha casa, sempre tem cuca.

Você gosta?

ENTREVISTADORA: Eu gosto.

INFORMANTE: Então, é... A gente aprendeu a fazer com eles, né.

ENTREVISTADORA: Eu não sabia, a cuca é alemã?

INFORMANTE: A cuca é alemão... É.... A cuca não é da Itália. Os alemães que trouxeram... Ela é original da Alemanha, né, no caso.

Daí a gente aprendeu com eles, e aí misturava... E era cuca, massa, né... Muita massa... É... Italiano gosta de comer muita massa... Lasanha, tortelle, né.... o que mais? Ixe, É TANTA COMIDA QUE A GENTE ATÉ ESQUECE.

Mas as tradições, assim, e os costumes, as festas... Aí... Eles costumavam.... Meu pai costumava cultivar, e até hoje, em casa, ele... Era assim, ele reunia toda a família, e... Cantava as músicas italianas... Ele cantava a *Verginella*, *La bela polenta*... LEMBREI, MENINA, O NOME DA MÚSICA. Fui procurar na internet, e não estava conseguindo lembrar a *La bela polenta*... VAI DAR PARA EU PROCURAR.

Essa *La bela polenta*, ele cantava:

“*Quando se mangia La bella polenta, polenta cosi, se pianta cosi*”...

“*Se pianta*” quer dizer quando planta ela ainda, né; porque como eles cultivavam tudo... Tinha significado, né.

Aí... “*se mangia cosi*”... DAÍ EU NÃO LEMBRO (risos).

Ah... É um pouquinho... Eu vou procurar o restante. Só que eu procurei, e não achei. Vou ver se minha sobrinha lá manda por e-mail... Já mandei recado, né, para ela.

Essa música... Saí, a *Verginella*... a *Verginella*, deixa eu cantar um pouquinho para você: “*La verginella non posso trovar*”.... (risos)

Não vou cantar o resto... Vou mandar para você, depois. (risos)

ENTREVISTADORA: E nas festas... Como é que era, assim... Vocês sentavam em uma mesa...

INFORMANTE: A gente... É, depois, né, que comia e tudo, aí meu pai... Não se tocava ou se fingia que tocava, aquele violão lá (risos)... E cantava a *Verginella*. Mas são... Tem mais músicas, mas essas são as que eu mais lembro... Ficou gravado na minha memória, porque depois, né, eu fiz uma grande mudança na minha vida (?)

Mas ele canta até hoje, quando nós vamos lá... Os meninos, quando vão para lá... NOSSA... Adoram, ficam encantados, porque é completamente diferente, por exemplo, Da... Como a gente vive hoje, né... Na correria e tal... Nem pára para esse tipo de coisa.

ENTREVISTADORA: Não mesmo. E ele contava alguma... Da vida dele na Itália, né... Dessas festas?

INFORMANTE: Então, aí... Assim, ele... Eu não lembro, assim, dele ter contado alguma coisa que o meu... Como que é... Bis nono, né... Tenha falado. Ele deve ter contado, mas eu não lembro, né, assim, no caso.

ENTREVISTADORA: Era nessa época que ele contava aquela história que você comentou?

INFORMANTE: Era nessa época que ele contava. Era nessa época, quando nós morávamos lá... quando era criança ainda, né. Que ele contava do macaco de cera, né.

ENTREVISTADORA: E como é que era?

INFORMANTE: Então, diz que era assim: Tinha uma senhora, né.. Aí, ela.... É... Uma senhora que morava sozinha. E... Ela sempre tinha o costume de... É... Como que fala... Colher as bananas, e deixar penduradas num... Num arame, né, que passava do lado do fogão... do lado da chaminé. Aí... Eu acredito que esse fogão devia ser daqueles fogões econômicos, que se usava muito, né, lá... Até hoje, tem casas que tem esse fogão econômico. Aí, ela pendurava essas bananas, aí ela saía... Como ela morava sozinha, né. Aí ela chegava em casa, E AS BANANAS TINHAM SUMIDO. Sumia as bananas, né. Aí ela estava inconformada, né, com aquilo, e ela falou – Como eu vou fazer para descobrir quem está roubando as minhas bananas? (risos) Aí, ela pensou, pensou, pensou, e ela falou – Vou fazer um macaco de cera... Um macaquinho de cera. Aí ela fez aquele macaco de cera, colocou... É... Pendurou do lado do cacho de bananas... Madurinho, né. Aí, ela saiu de casa, e falou – É HOJE QUE EU TE PEGO (risos). Aí ela saiu. Quando ela voltou, tinha um macaquinho pendurado no macaco de cera.

ENTREVISTADORA: Um macaco de verdade pendurado no macaco de cera?

INFORMANTE: É... Um macaco de verdade pendurado no macaquinho de cera.

NÃO, BIANCA. Era um boneco de cera, E NÃO UM MACACO. Eu estava confundindo o macaco com o boneco.

E agora?

(risos)

Então... Ela fez um boneco de cera. Aí... (risos) EU COLOCO A CABEÇA NA FRENTE DA HISTÓRIA. Vou fazer que nem aquele dia.

Aí, esse macaco de cera... Ela colocou o... Boneco de cera... Do lado do cacho de banana... Deixe eu ver aqui (risos)

Aí quando ela chegou em casa, estava... Daí... O..... Macaco de cera.... NÃO. AI MEU DEUS DO CÉU. O boneco de cera... O macaco veio para roubar as bananas, né. Veio para roubar as bananas, e... Aí o... O boneco de cera... Agarrou o macaco. Daí ele falou assim – ME SOLTA QUE SENÃO EU VOU TE DAR UM TAPA... Né... Para o boneco.... FALANDO PARA O BONECO DE CERA. E o boneco de cera sério, né... Lógico... Ele não fala. (risos) Aí ele falou – Me solta, SENÃO EU VOU TE DAR OUTRO TAPA. Aí ele falava assim.... (falando baixo) O BONECO DE CERA ERA PRETO (risos). Aí o boneco... Aí ele falou assim – Me solta, negrinho, SENÃO EU VOU TE DAR UM COICE. Olha só... ‘me solta negrinho, senão vou te dar um coice’. Aí, ele deu outro coice. Aí, ele já estava com as duas mãos penduradas no boneco, e daí... Com o pé pendurado... Ele falava – Me solta, negrinho, SENÃO EU VOU TE DAR UM COICE. E ele não chamava de boneco... Era o ‘negrinho’, né... O macaco... O macaco falando. (risos) Aí ele falou – Me solta, negrinho, SENÃO EU VOU TE DAR UM COICE. Aí ele deu o coice, e pronto... Ele ficou pendurado no boneco de cera. Aí, quando a... A senhora chegou... Meu vô contava até o nome da senhora, mas não me lembro o nome dela. Aí ela chegou e ficou... Chegou lá, e o... O MACACO ESTAVA COMPLETAMENTE GRUDADO NO NEGRINHO DE CERA QUE ELA TINHA FEITO.

Inteligente ela, né? (risos)

Aí, ela pegou, e diz que deu uma surra nesse...

ENTREVISTADORA: No macaco?

INFORMANTE: No macaco. E NUNCA MAIS O MACACO VEIO ROUBAR BANANA (risos).

Eu lembro dessa história. Será que serve? (risos)

ENTREVISTADORA: Serve (risos)

INFORMANTE: Eu achava engraçado quando ela... Quando ele falava assim... MAS ELE CONTAVA COMO SE FOSSE VERDADE AQUILO.

Só que, quando eu era criança, eu acreditava naquilo, sabe. Nós ficávamos ao redor do fogão imaginando o... As bananas. Até hoje eu imagino.... Da forma como ele contava, assim. Como tinha lá... O fogão nosso... Sempre, né... Até hoje lá na minha irmã tem o fogão econômico, com aquele chaminé, que sobe.

Aí a gente ficava imaginando as bananas penduradas, e o negrinho de cera, e o macaco, né... Pendurado. Imaginação... É fora série da criança.

Aí depois, hoje, como eu cresci... Hoje, que eu sou grande, né (risos), que já tenho uma idade (risos).... Aí fico imaginando, nossa... **COMO É A IMAGINAÇÃO.**

ENTREVISTADORA: E essa era uma história que ele inventou, ou era típica lá na Itália?

INFORMANTE: Então, isso eu não sei. Eu só vi, assim, ele contou essa história, aí depois eu contei para os meus filhos, quando eles eram pequenininhos, né... E.... Tem mais. Eu lembro que ele contava uma da abóbora, também, sabe... Que envolvia uma abóbora.

E... Assim, também que antigamente, eles... É... Como lá na Itália já falavam que no Brasil tinha muito ouro – e no Brasil tinha mesmo, né –, aí eles falavam assim que... É... Só que lá na região que eles foram, eu acredito, assim, que não teve muito ouro. Sempre teve mais na região de Minas, né... É... Mato Grosso. Mato Grosso até hoje tem garimpo, né.

E lá nessa região, acho que se o sonho de alguém era cavar ouro, ou alguma coisa, que veio junto esse sonho, talvez com alguém da Itália, né... Mas, aí tinha, assim, que – Ai... Que onde tivesse uma luzinha no meio do mato, bem distante... **QUE LÁ TINHA OURO.**

Assim, uma coisa quase que impossível, né.

E eu ouvia eles falarem, assim... De vez em quando, né.

(?)... Não era nem uma coisa direta para nós... Esse negócio do ouro, né. Mas quem poderia falara muita, muita coisa para você era o meu pai, por que ele é... Que conviveu mesmo, né... Assim, com o (?) italiano... Tudo né.

ENTREVISTADORA: E você tem contato com o seu pai? Você liga sempre para ele?

INFORMANTE: Eu ligo, e ele liga sempre para mim. Por que ele é muito... Meu pai é... Italiano é assim, é muito festeiro, é muito alegre. Ele está sempre pedindo como você está, mesmo se estiver junto com você, na sua casa.

Ele era assim com a gente... É... Nós chegávamos, e ele – Como que foi de aula, minha filha? Como chegou? Minha mãe também, né.

Minha mãe também é descendente de italiano, e a gente nem falou dela... Só falou do meu pai (risos).

(risos) Coitada!

Mas é que ela... Que nem eu digo, a mulher ficava mais na cozinha, e acabava, né... Para você ver, quando reunia, ela ainda cantava um pouco, né... E a minha nona já sentava menos ainda, né.

ENTREVISTADORA: E qual era o nome da sua mãe?

INFORMANTE: O nome dela era Assunta... Um nome bem diferente, né... Assunta (sobrenome)... Era de Fáveres.

Era italiana também, ela.

ENTREVISTADORA: Mas ele que era o contador de histórias...

INFORMANTE: É, ele que era... O meu pai... Foi meu nono, e depois passou para ela.

E a minha mãe era assim, é... Ela dava aula, né... lá na localidade onde a gente... É... Morava, né. E daí, depois, nessa cidade, onde eu estudava também, né, ela dava aula. Por isso que da minha família, na verdade, a única que não é professora sou eu. Minha família toda é... A gente... É uma família de professores, né. As minhas irmãs mais velhas... Uma já está aposentando, a outra daqui a três anos, né... Tudo, assim, por causa dela, né, no caso. Por que ela era professora, né daí... É... Minhas irmãs também.

Então ela dava aula o dia inteiro, então tinha, na verdade, menos... Assim... Ficava menos, ela ficava menos com a gente.

Ela estava sempre com livro em cima da mesa, e caderno... Então era... Às vezes vinha aluno lá em casa, por que naquele época dava aula as vezes em casa, e não conseguia entender direito aquilo... Sabe? E às vezes ela saía, fim de semana, que... É... Ela saía para fazer um curso lá em... Numa cidade chamada Marmeleiro. Aí ela fazia, acho que de certo era curso... Graduava... De certo era alguma coisa que não sei como que era naquela época.

Dáí ela ia para essa cidade, e... estudava... Ia lá estudar. Então, quem ficava com a gente era o pai, né.

Por isso que ele sempre contou mais histórias, na verdade. Por causa da profissão dela, ela esteja mais... Ela sempre foi mais ausente.

Assim, não tinha, na verdade, tempo, né. Porque, você vê e até hoje acho o professor é assim, né... Tem que estar sempre estudando, e correndo atrás, e às vezes até a família fica meio de lado, né.

Então, eu sempre... Tipo... Sentia até falta, né, de ficar mais junto. E como o meu pai trabalhava mais no campo, com os peões – por que ela não trabalhava no campo, né, por que ela era professora, né. Então... Ela ficava o dia inteiro fora, e a gente ficava mais com ele, a gente trabalhava com ele. Então quando se trabalhava, ele estava contando alguma coisa, por que ele era muito falante, né.

ENTREVISTADORA: E mesmo ali... Na hora que vocês estavam trabalhando?

INFORMANTE: É, mesmo na hora que nós estávamos trabalhando. Por que lá... Fazia de tudo, né. Aí, ele contava.

Ela já... Não sei... É... Só sei que a família dela veio também da Itália, mas não sei de onde, não sei... O contato, assim... Não tive com a família dela, né.

E... Também... É... É, não consigo lembrar nada dos italianos da parte dela, no caso.

Nunca contou nada, e... Que nem o meu... O nono, né, que era Silvio, ele... Estava sempre presente, né, fazia mais parte da... Assim... Da vida ali, do que o nono... Ai, tenho que ver se eu lembro o nome do pai dela.

Não lembro. Eu sabia, mas não lembro... Me fugiu da memória.

ENTREVISTADORA: Ele não tinha tanto contato com você...

INFORMANTE: É, não tinha tanto contato. Praticamente que nada, né, por que ele... É... Depois que... Por que foi assim, eles se casaram, em Descanso, né... Uma cidade chamada Descanso em... Em... Santa Catarina, né, daí já. E dessa cidade chamada Descanso, o meu nono, da parte dela, morava perto dessa cidade, né. E... Eles cultivavam mais uva mesmo, assim, vinho, né, que eu lembro que, quando eu ia lá, tinha... Que eu fui algumas vezes nesse sítio, né, mas... Uma ou duas vezes foi, durante todo o tempo, né.

E... Os filhos dele... Ele era, assim... Tipo assim, como se fosse hoje, ele estudou todos os filhos, e meu pai não tinha estudo, então quando eles se casaram, ele... O meu... Meu nono, da parte dela, né, no caso, ele não queria que eles se casassem por que, tipo assim... Meu pai trabalhava na agricultura, e ele considerava, tipo assim, pobre para ela, né. Daí, quando ela... Decidiram que iam se casar e construir uma família, aí eles mudaram de lá, por que... Família de italiano é tudo grande, né. Imagina, nós somos em oito... Oito mulheres... Não veio nenhum homem.

Aí eles mudaram, aí eu lembro que a única coisa que ouvia eles falarem, né, por que eu era criança naquela época, que o meu nono tinha dado para ela, que ficou tão desgostoso que tinha casado com um homem que era pobre – nós éramos pobres, mas éramos honestos, éramos trabalhadores, né – que ele... né.

Aí ele... Diz que ele deu esse sítio que eles tem lá... Tinham em Santa Catarina. Uma parte foi ele quem deu, né... E... Mais... Uma égua (risos).

(risos) Naquela época andava muita a cavalo, né.

Daí esse que foi o começo da vida deles, né. Minha mãe, já quando conheceu meu pai, já era professora... Ela já dava aula.

Então essa era... aí, ela dava aula o dia inteiro, e daí ele começou a trabalhar no sítio, na lavoura, e foi... e ele foi crescendo, assim. Era um pedacinho de terra, e aí ele comprou mais... e assim foi indo, né. Aí então... Por isso... Por isso que eu... Na verdade... A gente não teve contato, por que eu... Assim... Por isso foi que ela sempre falava.

Ela falava... Ele, né.

Foi uma coisa assim... Foi tão... Eles não queriam que, acho que, eles nunca conseguiram perdoar, na verdade, por que... Quando eles fizeram a... Quando eles fizeram uma... Quando começou a falecer os mais velhos da família da minha mãe – isso tudo de boca, né... Nem vi... É... Foi assim... Eles fizeram uma (?) lá no cemitério, para a família, né... Que tem família que aquela grandona para a família; daí quando ela faleceu... É... Quando ela faleceu, eles mandaram falar que era para enterrar ela lá, para a gente. E a gente falou, mas nunca... Procurou conviver enquanto estava viva, então não vai enterrar lá. Tipo assim, então... Esse... Isso, por eles não terem procurado, não ter vindo e procurado quando... É... Ela faleceu, né, querer enterrar junto com a família, seria injusto, né.

Quer dizer, eles não participaram da nossa vida... E queriam enterrar ela com a família... A gente achou meio estranho, né.

Daí, ela foi enterrada em outro lugar... Longe da família, né, no caso.

ENTREVISTADORA: E em que ano você veio para Dourados?

INFORMANTE: Eu... para Dourados... Ai, foi assim, daí... Como eu conheci o (**nome do marido**) lá em Paranatinga, que eu saí do Mato Grosso, e conheci lá em Paranatinga... Já fazia... Tempo que eu morava, né... TEMPO NÃO. Uns três anos, né, assim.

Aí, eu conheci ele, casamos... E ficamos um ano em Paranatinga, até o (**nome do filho**) nascer, né. Aí, mudei para Campo Grande... Ele era gerente de uma empacotadora de açúcar... É... Arroz, essas coisas. Daí, depois de um ano, ele ficou sem serviço, e daí já nasceu o (**nome do filho**), né. E o (**nome do filho**)... Foi assim, como o meu pai não teve filho homem, o (**nome do filho**)... É... Foi colocado para ter o nome dele, né... Ele ficou com o nome do meu pai.

Aí o (**nome do filho**) nasceu, e nós mudamos de Campo Grande... Depois de... Depois de um ano e pouquinho que a gente estava em Campo Grande. Por que o (**nome do filho**)... Logo depois de um ano, o (**nome do filho**) nasceu, né... Aí eu mudei para Jardim, e lá em Jardim nós fomos trabalhar com... Nós compramos um sítio em Jardim, né... Eu e o (**nome do marido**). E como eu

já morava no sítio, também gostava, né, de... Sempre gostei, na verdade, até hoje eu gosto. Só que a vida tomou um rumo bem diferente.

Aí, lá a gente plantava verdura. E moramos três anos lá no sítio, e falamos – Ah, não dá não! Não estava dando. Aí o que nós fizemos... Vendemos o sítio e viemos para Dourados. Daí... Que nós resolvemos ir para o Japão, né.

Aí fomos para o Japão.

Lá, nesse vai e... Ficava três anos, voltava... Vai e vem, menina... Quando foi, passou-se doze anos!

Aí, nós viemos... Dá para se dizer que nós moramos mais tempo no Japão, né, depois que mudou para Jardim, né. Mudamos de Jardim – moramos três anos em Jardim –, daí fomos para o Japão... Não dá para falar que nós moramos em Dourados, por que a gente estava no Japão, né.

Aí, nós moramos no Japão... Como que era o nome da cidade?

A primeira cidade em que nós moramos foi Nagoya, Nagoya Shi, né.

Aí, depois de um tempo, eu levei os meninos para lá, e nós mudamos de cidade... Ficamos em (?).

Depois de... De um tempo que a gente resolveu voltar. Vou lembrar que ano que foi...

Acho que já era 2002, né. Quando nós chegamos e compramos o carro... Acho que era 2002. Faz pouco tempo. Porque eu casei, né... Quando eu casei, daí eu morei no Japão. Nós ficamos doze anos, né.

Aí, lá... É, daí eu casei com o (**nome do marido**), que tem a cultura completamente diferente da minha. Aí, o que aconteceu... AH, Também tem o chimarrão também, que a gente não falou. O meu pai tinha o costume... Ele fazia a erva, né – a gente esquece muitas coisas, porque se for contar tudo, precisa... né...

Aí, ele produzia a erva, também, lá. MUITA ERVA. Para vender e para consumir. Então se tomava muito chimarrão. Era de manhã, era de meio dia, era a noite, né... O chimarrão...

Agora, o chimarrão eu não sei se é... Um costume que já veio da Itália, ou... Do Sul, mas eu acredito que já veio com eles, POR QUE ALGUÉM TROUXE UMA MUDA DE ERVA PARA CÁ.

Então, isso que... Não sei... Tem que ver agora. Não vou falar... Sei que eles tinham essa tradição, de tomar o chimarrão.

E, também, na Páscoa tem.. É... Sempre, na Páscoa, fazia o ovo, né... Casquinha de ovo nas festas. O ovinho... Você sabe qual eu estou falando?

ENTREVISTADORA: Não.

INFORMANTE: É assim... É... Quando faz bolo, pão, tira o... A gema e a clara, e lava bem a casquinha, né, e deixa. Aí depois... Na semana santa... Por que, geralmente, a gente fazia isso na quinta-feira, né, que ele preparava, e matava o carneiro... Preparava a festa, lá... A parte dele. Daí, a minha mãe fazia... É... Cuca, que já foi influência da... Origem dos alemães, né.. A cuca. Aí a casquinha...é ... Na semana da Páscoa agente pintava tudo. Pintava, fazia coelhinho, com algodãozinho, colocava chapeuzinho. Mas agente fazia, assim, DE MONTE. TREZENTAS, QUATROCENTAS CASQUINHAS.

Aí tinha aquela... Por que o coelhinho vinha, né, daí cada um deixava um prato, assim, na sala, né, aí o coelhinho vinha e enchia de ovinho de chocolate... E agente, assim, ACREDITAVA QUE TINHA O COELHINHO MESMO (risos).

Hoje já não tem mais isso, as crianças.

Mas era muito bom, porque era... UMA FANTASIA, UMA IMAGINAÇÃO.

Aí, o meu pai e minha mãe faziam tão, assim, é... Eles enfeitavam tanto aquilo, é... Para ter na imaginação da gente, tipo assim, quem não obedecer, o coelhinho não vem, né... Eles falavam – Quem não obedecer, O COELHINHO NÃO VEM.

Aí a gente se comportava, né, para ganhar presente (?)

Daí, todas as casquinhas vinham no prato, né, os ovinhos que a gente preparava... Que colocava amendoim lá dentro, né, amendoim com açúcar, amendoim com chocolate... Eles inventavam, lá. Aí o coelhinho vinha enquanto a gente estava dormindo. E sabe o que eles faziam? Eles deixavam os pratos com os presentes e as casquinhas de chocolate uma cenoura mordida, e pegava trigo, e faziam o pé do coelhinho bem assim, ó (fazendo com as mãos o pé do coelhinho)... Eu aprendi a fazer por que eu fazia para os meus filhos também.

Aí, como eles passaram para a gente... Que fazia parte da cultura, né... Aí... É... Eu também fazia. Pega trigo... Pegava um prato de trigo, né, fazia assim (fazendo com as mãos o pé do coelhinho) e deixava os restinhos dos coelhos, e escondia ovo pela casa, é... E diretamente nos pratos, né, a cenoura. A casa amanhecia... Nós levantávamos cedo, assim, cinco horas da manhã, PARA VER SE OS COELHINHOS VIERAM. Aí, a primeira coisa que via era os restinhos, que vinham pela janela, assim... ERA FANTÁSTICO, SABE... AQUILO.

Hoje não tem mais isso.

Eu fiz... Consegui manter até meus filhos fazer cinco anos... Por que eu tive uma grande... Como que eu falo... Quando eu casei com o (**nome do marido**), que é de uma cultura muito diferente, aí eles não aceitavam, né... Tipo assim...

ENTREVISTADORA: Eles não queriam...

INFORMANTE: É, eles não queriam. Daí começou a se perder... Por exemplo, hoje, eu não consigo mais manter a minha tradição... Eu fui perdendo.

O meu pai, já, conseguiu manter.

Eu, fui perdendo por causa disso, porque eu casei com uma pessoa completamente diferente de mim... E... E uma cultura completamente diferente, e difícil de aceitar o outro, entende?

Então foi assim que aconteceu.

Mas é... É, assim... Nossa, É TANTA COISA, BIANCA. Se você for analisar da tradição... E você já deve ter lido alguma coisa, né.

E nas festas de fim de ano, do Natal... NOSSA. É assim... Eles começavam a se preparar primeiro na igreja, porque são... É... Os italianos são muito religiosos, né. Aí, sempre todo ano, a gente fazia o pinheirinho, que é o que todo mundo faz hoje, né. Mas montava aquilo com um entusiasmo que hoje não existe mais. Aquela alegria, sabe... AQUELA COISA.

Esperar o Natal... Aí, meu pai, ele... Lá em Santa Catarina tem muito pinheiro, muito pinho. E para você ter uma idéia, nós íamos lá no mato pegar o pinheirinho... Aquele pinheirinho mesmo, com espinho, o verdadeiro mesmo, né... O PINHO MESMO. Aí levava para... Apanhava o pinheiro, colocava na sala, enfeitava, e nós íamos no mato pegar aquela... Nas árvores... Aquela... Negócio verde. A gente falava 'barba de árvore'.

ENTREVISTADORA: Barba de árvore?

INFORMANTE: É, 'barba de árvore'... Ele falava 'barba de árvore', mas eu acredito que tem um nome, né (risos), quem faz biologia sabe, né. Aí... Só que eles falavam, né, 'barba de árvore'. Aí a gente ia lá no mato e... Arrancava da árvore para fazer o enfeite, em baixo do pinheirinho, para colocar o presépio.

E TUDO GRANDE. Ele colocava... A nossa casa era de madeira, né... Daí colocava o pinheirinho no canto da sala e fazia (?).

Nossa, festa de Ano Novo e Natal... E Páscoa, né. Na Páscoa tinham os ovinhos que a gente... E esperava o coelhinho, e no Natal... É... Papai Noel vinha... NOSSA, ERA MARAVILHOSO.

ENTREVISTADORA: Alguém se vestia de papai Noel?

INFORMANTE: Então, ele não chegava a se vestir, por que o papai Noel vinha sempre, né... que ele falava que ele vinha de noite e saía, né. Mas nunca se vestiu de papai Noel. Assim, que nem, hoje já se veste de papai Noel. Na verdade, era uma fantasia na cabeça da gente. A gente criou uma fantasia, quando criança, né. Daí eu passei, por exemplo... A fantasia do coelhinho e do papai Noel... Para os meus filhos.

Daí quando... Depois quando eu vim para Dourados, depois que mudamos para o Japão, essas fantasias acabaram (a voz da informante foi, progressivamente, abaixando).

Por que... Tipo... Eu tinha costume, também, de tomar chimarrão... E parei.

ENTREVISTADORA: Não toma mais?

INFORMANTE: Não tomo mais. É... É que o (**nome do marido**) tem uma cultura totalmente diferente da minha, né... Então... Tudo, né... Comida... Aí eu fui para o Japão... Lá... Tipo assim, tive que viver a cultura dele, né. Então... Se eu tivesse ficado aqui no Brasil, talvez não, né. Mas como eu fui para lá... Eu tive... Eu abri mão, né, da minha.

ENTREVISTADORA: E você percebe que os seus filhos vão mais para o lado da cultura japonesa...

INFORMANTE: Tipo assim, é... Como que eu falo para você? Por que quando eles vão lá para... Eles adoram passear lá na... Em Paranatinga, onde mora a minha família, hoje, que é, assim... Continua... Eles continuam as festas, ainda... É... Se reunir a família toda quando... Desde de criança, né.” Era duas mesas, uma para as crianças, depois a dos adultos, né. Então eles cresceram, assim, sempre comigo indo, levando. Meu pai, buscava eles às vezes para passar as férias dois, três meses. Então eles gostam muito de lá. Eles não viam a hora de... Por exemplo, chega o fim de ano, o (**nome do filho**) foi para lá no fim de ano e ficou dois meses... e não queria mais voltar (risos). Por que eles são mais alegres, eles te dão mais carinho. Nossa, eles adoram as tias dele, assim e tal.

E aqui (começa a sussurrar, pois o marido está por perto)... Da parte dos japoneses, eles são frios... Japonês é frio. Eles são... Tipo assim, não é que eles é... Eles são criados de uma forma diferente.

Italiano não... Italiano escancara, e fala alto... Nossa, o que eu me policio... Já me policieei na vida... Por que é assim, você começa a falar, e hora que você vê você já está cantando!

(Risos).

E é alegre, e se abraça... ITALIANO É FORA DE SÉRIE. E te passa, assim, um calor humano muito grande, assim, lá.

Então eles adoram ir lá.

Menina, o (**nome do marido**) teve que dar dura no (**nome do filho**), e falar assim – “ “VEM EMBORA, MENINO””.

Ele ligou para as minhas irmãs e disse “Vocês estão segurando ele aí!” Daí elas ligam “Ai... A gente te adora... e não sei o quê.” Daí, tipo assim... Com a... Família japonesa não tem... Eles não são de expressar os sentimentos, assim, para fora. Eles não... São quietos, calados, fechados, né.

Então, segui demais a dele por que... Por que eu fiquei longe da minha família, e eu tive que optar, entendeu? Por que... Tipo... Eu gostava dele, né. Igual ainda gosto... Se não gostasse não estaria aqui até hoje, né?

Daí então, na verdade...

Só que na minha família, todas as minhas irmãs... Uma ficou em Santa Catarina, e... É... Seis moram tudo lá, é assim, lá eles vivem assim... Meu pai chegou lá e comprou uma quadra, né, e as minhas irmãs foram construindo. Tanto que quando eu estava no Japão, ele me perguntou se eu não ia construir lá, que ele queria todo mundo ao redor dele. Italiano é assim... Gosta que a família fique toda unida, né. Aí... É... Então estava todo mundo lá.

Não era isso que eu ia falar, Bianca... Diminui alguma coisa (risos).

(risos) Não sei...

ENTREVISTADORA: Você estava falando dos costumes, que você já não consegue manter tanto.

INFORMANTE: É, eu já não consigo por que fiquei longe, né. E, tanto assim, que meu pai não se conforma até hoje.

ENTREVISTADORA: É? (risos)

INFORMANTE: (risos)

(Falando baixo) Qualquer coisinha que eu e meu marido brigamos aqui, ele quer que eu vá embora (risos).

ENTREVISTADORA: Quer aproveitar.

INFORMANTE: É, ele quer aproveitar a oportunidade. Nas férias ia eu e os meninos junto, né. Nossa, quando eu fui para o Japão, ele quase teve um troço. Começou a chorar, chorar, no café da

manhã. Daí, quando eu levei os meninos, foi pior, por que os meninos ficaram lá um tempão, né, com ele.

ENTREVISTADORA: Ah, enquanto vocês estavam lá.

INFORMANTE: Daí, menina, eu nunca esqueço esse dia, porque foi tão triste. Ele começou... Ele levantou da cama e começou a chorar. Ele chorou o dia inteiro. Italiano é muito chorão, né. Os sentimentos... Eles expressam os sentimentos. Você que é descendente de italiana, tu sabe, né.

ENTREVISTADORA: Eu sei.

INFORMANTE: Então.... Sua mãe era italiana?

ENTREVISTADORA: A família inteira.

INFORMANTE: Então... Chora muito fácil, né.

ENTREVISTADORA: Chora.

INFORMANTE: MEU DEUS. Parecia que o mundo tinha acabado para ele.

ENTREVISTADORA: E é bravo ainda, né? Italiano é tudo meio bravo.

INFORMANTE: Bravo... Italiano é tudo meio bravo. Só que eles são bravos, e logo se amansam.

ENTREVISTADORA: É. É bravo de fachada. Por que gosta é de gritar, mesmo.

INFORMANTE: Gosta de gritar. E perdoa fácil, né. Não tem dificuldade para perdoar. Japonês já é... Diferente. Japonês é mais calado... é...eles não expressam os sentimentos fácil, e eles não perdoam fácil. Se eles ficar com... tipo assim, se fizer alguma coisa para eles que... Na verdade eles não perdoam.

Assim... É bem complicado.

Eles são... Muito rígidos né. São rígidos, são disciplinados, são sistemáticos... E não abrem mão da cultura deles.

Eu compreí... Por exemplo, assim... Eu compreí uma briga muito grande. Eu deixei de viver a minha cultura para viver a dele. Tipo assim... Antes, eu não sentia tanto, só que hoje, que eu sou assim... Mais... Que já estou... Assim, vou fazer quarenta, né, estou chegando nos 'enta'.... Parece que está vindo tudo à tona, agora. Mas assim... Por que... Ele não aceita... NUNCA ACEITA.

Tipo assim, eu sempre aceitei, né, por causa dele, mas ele não aceita.

Ele acha que aceita (levantando a voz), mas no fundo não aceita.

Complicado!

ENTREVISTADORA: E quando vocês voltaram do Japão, por que vocês escolheram vir para Dourados?

INFORMANTE: Então, nós escolhemos vir para Dourados, por que... Por que a batchan estava... Por que foi assim, quando nós estávamos lá, nós conseguimos arrumar uma casa aqui, que aí a batchan já estava morando aqui na minha casa.

ENTREVISTADORA: O quê é batchan?

INFORMANTE: A batchan é... A batchan é a avó. É a mãe do meu marido... Era a batchan, né. Porque eles falam a 'batchan' para vó, e o 'dissan' para o avô, e o 'tossan' para o pai. Como eu fui para o Japão, né, eu falo...

ENTREVISTADORA: Fala bem?

INFORMANTE: (risos) Eu nunca falo que falo bem... eu falo que não falo. (risos)

Aí... É... É o 'tossan'... O 'tossan' é pai, o 'cassan' é mãe, a 'batchan' é avó, né. Que eu já falava nona, para você ver como que é as nossas culturas, eu nem falava brasileiro para... Para avó, né, que brasileiro fala avó. Até hoje a gente chama o meu pai de nono, né. Daí aqui tinha que chamar 'batchan', né, ou de 'tchan', né. Daí... o 'cassan' é mãe, né, e... O 'nissan', irmão, 'codomo' é criança. Completamente diferente, 'condomo' é criança.

Aí então... Por isso que eu perdi, na verdade. Por que se eu tivesse casado com um... Descendente... Que nem as minhas irmãs, elas casaram com descendentes de... Um é alemão – o pai do (**nome**), o menino que mora aqui comigo para fazer faculdade, que é alemão – e os outros eram italianos. Italiano também... Os que vieram naquela época, eles eram um pouquinho racista. Por exemplo, lá em Santa Catarina, na região onde eu estava, não tinha japonês. Não tinha japonês, e nem negros, né. Então eles sempre foram racista, né... MUITO RACISTA.

Minha nona então, quando eu... Que eu casei para cá para o Mato Grosso, que eu conheci o Nelson, e que eu fui lá com o meu marido... MEU DEUS. Ela ficou inconformada, que eles dizem que era macaco.

ENTREVISTADORA: Porque macaco? (risos)

INFORMANTE: (Risos) Era igual ao macaquinho de cera. (risos)

Porque ela era já bem de idade, né. Aí, por que tem os olhinhos puxados, não sei, né.

Ela falava... Ela ficava inconformada, por que ela falava italiano, né, ela não falava que nem eu estou falando agora contigo. Ela falava italiano, que onde eu tinha encontrado esse homem, e não sei o quê... Que era parecido com um macaco. Porque lá não tinha, né, então FICOU TODO

MUNDO ASSIM. Por causa que lá é uma colônia, né. Até hoje é assim, sabe, quando tu vai para lá. Ele foi para lá, e só foi aquela vez... Nunca mais quis ir.

Porque ele ficou assim... É... Que nem hoje, já não, né, que tem o mundo dentro de casa, com a internet, mas as pessoas bem de idade, que estão lá hoje, acredito que seja a mesma coisa daquela época.

Porque quando eu vou para lá... Não mudou muito, assim, aquele lugar... O lugarzinho, sabe. A localidade. Na verdade era uma colônia... E era uma localidade, e chama Campinho até hoje. As casas estão a mesma coisa, aqueles porões. Parece que não... O lugar, a localidadezinha, não evoluiu muito, assim, sabe. Continua sítio, né. Que nem, se fosse uma cidade que nem Dionísio Cerqueira, que nem, que mora minha irmã hoje. Mas só que os costumes e as tradições, eles mantêm...

Porque lá é só descendente de alemão e italiano. E misturou, né, os alemães e os italianos.

E japonês eu fui conhecer lá no Mato Grosso.

ENTREVISTADORA: E aí foi para o Japão, e veio para Dourados...

INFORMANTE: É, aí eu fui para o Japão, porque os pais do (**nome do marido**) são japonês... é japonês os dois, né.

ENTREVISTADORA: Então vocês ficaram lá com os pais dele.

INFORMANTE: Não, não. O pai dele tinha falecido, né... aí só tinha a 'batchan', no caso. Aí ela morou aqui em casa até os últimos anos, por que daí morava comigo, né. E... assim foi...

ENTREVISTADORA: E aqui em Dourados, você, pelo menos a festa, alguma coisa assim, você mantêm?

INFORMANTE: Como era... não. Assim, aí nas festas... quando... que nem, no começo, quando a 'batchan' estava viva a gente fazia sushi, sashimi – a gente faz ainda, né. No Natal, né, faz churrasco... faz churrasco e sushi. A gente faz mais a comida japonesa, na verdade. Sushi, por que... por que a gente morou no Japão, a gente gosta muito, né. Tem até as forminhas, tudo, né... para fazer o sushi. Sushi, kare, né.

ENTREVISTADORA: Bem, você é do sul do Brasil, já viveu no Japão, já viveu em outras cidades do Brasil... Com qual lugar você mais se identificou? E por quê? De onde vem essa identificação?

INFORMANTE: Eu me identifico mais com a cidade de Dionísio Cerqueira, que é lá em Santa Catarina, que é onde eu nasci, cresci. Eu acredito que seja, porque são pessoas da mesma cultura. Então, têm os mesmos costumes.

MOREI EM VÁRIOS LUGARES, mas o lugar que com o qual eu mais me identifiquei foi lá.

E... Assim... Falam a mesma linguagem, né... **EU GOSTO MUITO DAQUI,** da região... Mas eu me identifico mais quando eu vou para lá, né.

Aí lá... Assim... **HOJE,** que eu já me formei em Letras e que eu já vejo assim... Ficou **MUITO** viva dentro de mim a questão das raízes.

Eu percebo que, **ATÉ HOJE,** na minha fala... Tem algumas questões que eu quero corrigir... Eu quero fazer fonologia... Porque... Hoje eu vejo qual é problema disso para mim... Foi que os meus nonos me ensinaram a falar em italiano **ANTES** de eu ir para escola. E aí, quando chegou lá na escola, foi um impacto, porque não só tinha italiano, mas tinha os alemães. E os alemães falavam mais em alemão. E daí, nós, italianos, queríamos falar a **NOSSA** língua. E a gente não era alfabetizado nem em italiano, nem em alemão. Nós fomos alfabetizados em português. E, **ATÉ HOJE,** eu acho que eu tenho alguns problemas devido a esse... Esse... **CHOQUE** cultural. E **LÁ,** talvez, os professores não souberam lidar com isso.

HOJE, depois de fazer o curso de Letras, de eu fazer várias pesquisas... Por causa do problema da educação... De eu **PARTICIPAR DISSO,** ativamente, eu consegui perceber qual é o meu problema.

ENTREVISTADORA: Você volta com frequência para Dionísio Cerqueira?

INFORMANTE: Com **FREQUÊNCIA, FREQUÊNCIA,** não. Mas de dois a três anos... Quando eu morava no Japão, eu cheguei a ficar **MUITO** tempo sem ir. Mas hoje eu já vou mais, a cada dois ou três anos.

ENTREVISTADORA: E é um lugar que ainda te lembra muito aquele lugar onde você nasceu?

INFORMANTE: Me lembra.

ENTREVISTADORA: As tradições continuam bem fortes...

INFORMANTE: **PRINCIPALMENTE** a comida, a fala. Por isso que eu me identifico muito. Porque, se você for lá, ver como eles falam hoje, você vai ver, conversando comigo, que eu perdi muito. **PERDI MUITO...** Da cultura... Assim... **PERDI MUITO.** Mas ainda procuro **MANTER,** lógico, né. Tanto que eu me identifico muito quando eu vou lá.

Mas, **PELA LINGUAGEM,** você vai falar assim “Nossa, **QUE LINGUAGEM**” (risos).

ENTREVISTADORA: Ainda tem muita gente que fala italiano lá?

INFORMANTE: Aqueles que os avós conseguiram passar... OS DA MINHA GERAÇÃO AINDA FALAM. Que nem a minha irmã. As vezes, ela está falando alguma palavra em português, mas ela fala em italiano. Que é a mais velha da família.

Você vê que, DEVIDO AS MUDANÇAS QUE EU FIZ, EU JÁ PERDI MUITO... Das raízes, né. Imagina, eu morei no Japão, conheci os Estados Unidos... Fui para VÁRIOS PAÍSES JÁ. Então... VOCÊ VAI PERDENDO. O SOTAQUE, então... Já é diferente.

ENTREVISTADORA: Você comentou sobre a história dos seus antepassados italianos, e como o seu pai sempre buscou passar isso para você (a história e a tradição italianas). Em que grau você diria que o passado dos seus ancestrais italianos influencia na sua identidade hoje?

INFORMANTE: Influencia muito, eu acho. Devido ao meu pai ter mantido muito esse questão de passar as tradições. Quando eu vou para lá... São as comidas, as músicas. E ele tenta passar isso não só para mim, MAS PARA OS NETOS. Muitas coisas, por meus filhos terem ficado muito tempo com ele, eles têm. Quando eu estava no Japão, eles ficaram morando com ele por um ano e meio. Então ele passou MUITO da cultura dele para os meninos.

Hoje eu posso dizer que os meus filhos gostam muito da cultura italiana... E, também, da cultura japonesa. E eles RESPEITAM as duas, entende?

Porque, no caso do meu marido, ele procurou sempre preservar A DELE... E, talvez, não respeitando tanto a minha. Mas... Não sei se eu devia falar isso... Mas eu consegui fazer com que eles PENSEM de outra forma, entende?

Não dá para comparar, né... Já é uma geração bem diferente... Eles estudam. Eles já têm uma formação diferente.

Eu procurei colocar o quanto é importante respeitar... Tanto a minha quanto a dele. E PROCURAR LEVAR, né... Para as próximas gerações tanto a minha quanto a dele... E não perder, né. Mas aí, o que vai virar isso (risos)? Às vezes eu fico pensando.

ENTREVISTADORA: Mas você consegue manter as tradições italianas com os seus filhos...

INFORMANTE: Consigo.

ENTREVISTADORA: Você passou por vários lugares. Quando você chegou a Dourados, você lembra quais foram as suas impressões? O que você achou do lugar?

INFORMANTE: (silêncio)... Muito sujo, eu achei.

(Risos)

Porque a PRIMEIRA vez que eu vim a Dourados... Você quer saber da primeira vez que eu vim, ou de quando eu vim para ficar?

Porque, assim, quando nós fomos para o Japão, nós ficamos lá... E... Assim... Nesse tempo que nós ficamos lá, estava construindo a casa aqui. Então, eu já conhecia Dourados ANTES de ir para lá, né. Então, NA ÉPOCA que eu conheci, a impressão que deu foi essa... De sujo. Porque em vários bairros que hoje têm asfalto, não tinha asfalto. E até hoje é meio...

Mas, assim... Eu... Gosto daqui hoje. E, assim, um lugar que... DE TODOS os lugares que eu morei... Eu morei em Campo Grande, morei em Jardim, morei em Mato Grosso... Igual cigana (risos).

É um lugar que eu não acho... Não acho uma cidade muito grande... E... Um lugar bom de morar, assim, né.

SÓ QUE o povo daqui tinha uma certa rejeição ao gaúcho, né. Até hoje, quando você fala o “tu”... É assim... Como que fala? SEI LÁ... Não sei.

ENTREVISTADORA: Fazem cara feia?

INFORMANTE: Não. Eles já reconhecem que é... Não sei. NÃO POSSO FALAR O QUE A OUTRA PESSOA ESTÁ PENSANDO, mas... Assim...

ENTREVISTADORA: E o que você achou das práticas aqui em Dourados? Da cultura? Teve algo diferente?

INFORMANTE: TEVE. Por exemplo... Eu sempre falo muito da comida, porque eu gosto muito de comer (risos). Porque já é OUTRA CULTURA... Já tem a influência do Paraguai. QUANDO eu vim aqui eu não sabia ao certo o que o douradense gosta de comer. Porque a chipa era do Paraguai (risos)... E a sopa paraguaia também... Que era o que mais se falava... E eu aprendi a fazer chipa. Daí tem o pão de queijo, que aqui comem muito, né. Já não se come tanto no Mato Grosso e nem no sul.

CHIPA? Se você falar isso para o pessoal do sul, eles nem conhecem. Vão falar “CREDO. Chipa? O que é chipa? É um palavrão? A GENTE NÃO CONHECIA.

Então, a questão da cultura... É algo só daqui mesmo. Por exemplo, o tereré.

